

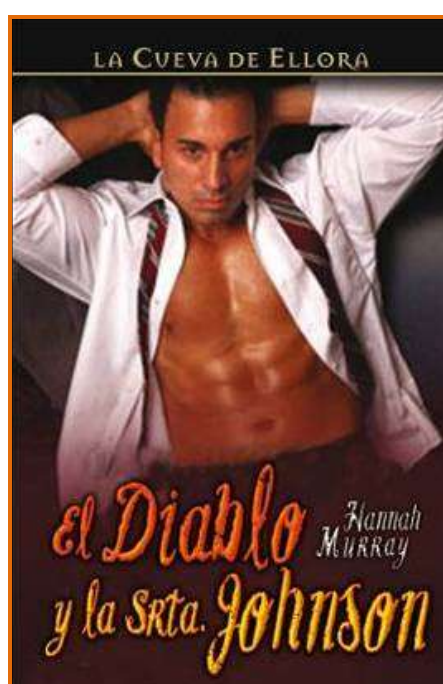


Hannah Murray
Segurança de Chicago 02

TIAMAT-WORLD APRESENTA:

Hannah Murray
Segurança de Chicago 02

O Diabo e a Srta. Johnson



Resumo:

Devon Bannion, agente do governo, está queimado. Só quer retirar-se e unir-se com seu melhor amigo e ex-companheiro Ian no negócio de segurança de Chicago; mas o Tio Sam exige que complete um último trabalho. Chega muito tarde a Chicago para ser o padrinho no casamento de Ian, mas bem a tempo de descobrir a dama de honra adormecida em sua cama.

Lacey Johnson, desenhista web e assessora sobre hackers para o FBI, acabou um pouco confusa no casamento e caiu no quarto errado. Uma sorte, pois de outra forma seu primeiro encontro com Devon, homem ao que só conhecia por fotos e as fantasias que lhe inspiravam, não teria acabado com uma aposta e sexo selvagem e suarento. Porque na manhã seguinte, Devon descobre que a companheira para seu último trabalho é Lacey, e não o faz feliz.

Tê-la como companheira “civil” não é o que mais gosta, mas decide que há firmes vantagens em que ambos se façam passar por um casal feliz em um complexo turístico. Mas o que se supunha que ia ser um simples trabalho converte-se de repente em algo retorcido e perigoso, que exigirá toda a destreza de Devon e toda a ingenuidade de Lacey para que saiam com vida.





Hannah Murray
Segurança de Chicago 02

Disp. Em Esp.: Passionate Novels

Envio / Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Tessy

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Táai

TIAMAT-WORLD

COMENTÁRIOS:

Nota da Revisora Tessy: **Uauuuuu...** Meninas este livro e TDB... É uma dessas histórias que ti prende desde o início: é hot, divertido e bem escrito. Já aviso! Leia com o ventilador ligado, mas cuidado para não engasgar com o gelo de tanto rir!... kkkkkkkk.

Nota da Revisora Danielle Aguiar: Adorei.....muita aventura, confusão e sexo.....rssssssssssss O livro tem diálogos divertidos e você se diverte com o casal.....vale a pena.....

Capítulo 1

Washington D. C.

Devon Bannion olhou seu relógio pela quarta vez nos últimos quatro minutos e soltou uma boa fileira de maldições. Ia perder o avião.

Estava esperando sentado fora do escritório do homem que agora mesmo o estava fazendo perder o avião, comodamente sentado em uma poltrona de amplos braços. Por fora parecia



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

tranquilo, inclusive um pouco aborrecido, com um de seus pés, coberto por uma bota, apoiado indiferentemente sobre o joelho da perna oposta e a gasta boina dos **New York Mets** no colo. Tinha os olhos ocultos por uns óculos de sol espelhados, a mandíbula coberta por uma barba de três dias e necessitava um corte de cabelo desde fazia pelo menos seis semanas.

Para os empregados de escritório que trabalhavam em excesso a seu redor como abelhas atarefadas em uma colmeia lotada de casas de abelha, ele não parecia mais que um homem sonolento, aborrecido e com a roupa enrugada que provavelmente tivesse viajado uma longa distância. Olhavam-no ao passar apressadamente a seu lado com suas pastas de papel manilha, seus documentos ou os lanches que traziam da cantina e depois afastavam a vista e seguiam com seus assuntos. Algumas das mulheres o olharam com um pouco mais de insistência e uma inclusive tropeçou consigo mesma quando ele se estirou na poltrona, mas além dos olhares intensos ou de adoração das mulheres, que eram inevitáveis estivesse onde estivesse os parasitas daquela colmeia com forma de escritório o ignoravam.

Mas isso não incomodou Devon absolutamente. O fato de que ninguém o estivesse olhando com suspeita ou de forma calculada era uma mudança refrescante. Não havia balas que esquivar nem selvas das que escapar, nem contrabandistas, assassinos ou traficantes de armas que apanhar. Podia tombar-se, relaxar-se e deixar-se levar.

Mas os maus costumes nunca se perdem. Sem se dar conta já estava examinando automaticamente às pessoas que havia ali em busca de ameaças potenciais e havia escolhido a única poltrona da zona de recepção que o colocava de costas contra a parede e oferecia uma rota aberta e sem nenhum obstáculo até a saída. Suspirou resignado. Provavelmente necessitaria várias semanas para que fossem tirando as manias paranoicas que os discípulos do Tio Sam lhe tinham ensinado tão bem.

A porta que havia depois da mesa da recepção se abriu, o que o separou de seus pensamentos e ativou o modo de alerta automática de seu cérebro. Um homem de cabelo escuro estava de pé na soleira.

— Devon.

Devon revirou os olhos atrás dos óculos de aviador diante a rígida formalidade da saudação. Conhecia esse homem fazia quinze anos e ainda seguia soando mais como um mordomo em um jantar de ornamento que como alguém que uma vez se ocupou de limpar o sangue depois de uma de suas missões.

— Preston. — respondeu arrastando as sílabas.

A expressão de Preston Smythe-White não mudou nem um ápice.

— Entre, por favor.

Devon baixou a perna, pegou a boina e ficou em pé devagar. Passou junto à recepcionista, que o tinha estado observando sub-repticiamente do mesmo momento em que tinha cruzado a porta e a que agora só faltava mostrar a língua. Incapaz de resistir abaixou um pouco os óculos pela ponte do nariz para poder olhar por cima da armação. Piscou um olho, dedicou-lhe um sorriso preguiçoso e depois riu para si quando a ela deixou cair à caneta na xícara de café.

Passou por diante de Preston e seu olhar de desaprovação para entrar em que provavelmente era o escritório mais insípido e aborrecido do planeta. Os arquivos metálicos de cor cinza, as estantes de aglomerado envernizado e as cadeiras estofadas de um vinil esquadrejado contrastavam notavelmente com a zona de recepção, modernamente calma e com pinta de cara.

— Por Deus, Preston. — Disse voltando-se para seu velho amigo — É que não tem antiguidade?

[A1] Comentário: É uma equipe da [MLB](#) (Major League Baseball, é o nível mais alto de jogo em [beisebol](#) profissional nos Estados Unidos da América) sediada em [Nova Iorque](#), [Nova Iorque](#), [EUA](#). Eles estão na [National League](#) (Liga Nacional).



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sim. — Preston rodeou seu escritório, cinza metálica que combinava com os arquivos, desabotoou a jaqueta do traje, levantou um pouco as calças com movimentos precisos e econômicos e se sentou em uma cadeira de vinil cor Bordeaux. Que provavelmente datava dos tempos em que J. Edgar Hoover dirigia o FBI.

— Bom, e então por que não pode conseguir uns móveis decentes?

— Mas o que acontece com meus móveis?

Devon riu entre dentes.

— Usa um traje de oitocentos dólares, mas se sinta em uma cadeira que vale, como muito, cinquenta centavos.

Preston piscou e cruzou as mãos sobre o escritório.

— Minha mulher escolheu o traje.

Devon sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não vai mudar, não é?

— E por que deveria? — Fez um gesto para assinalar para uma das cadeiras de vinil rachado que havia do outro lado da mesa — Sente-se, Devon.

Ele se sentou com um suspiro.

— Por que acredito que o que tem que me contar não são boas notícias?

— Há uma situação que nos chamou a atenção. — Começou Preston.

Devon entreabriu os olhos.

— Não.

— Esta situação implica a certos membros de um conhecido sindicato do crime da Europa do Leste.

— Não.

— Nossos serviços de inteligência nos informam que estão preparando para entrar nos Estados Unidos e, uma vez que o consigam, tentarão...

— Maldição, Preston! — Devon golpeou a mesa com o punho. Preston nem sequer pestanejou — Que parte do "não" não entende?

— Não é um pedido, agente Bannion.

Devon se recostou na cadeira.

— Já não sou um agente. Retiro-me, recorda? O de Ucrânia foi meu último trabalho.

— Esse era seu último trabalho. Agora será este outro.

— *Nanai*.

— Nada de *nanai*.

Se não estivesse tão furioso, Devon teria divertido ver um tipo que se chamava Smythe-White utilizar uma palavra como "nanai".

— Estou retirado, Preston.

— Ainda não.

— Por quê? — Passou os dedos pelo cabelo em um esforço por evitar estrangular a um dos oficiais de maior fila da comunidade internacional de inteligência — Tem dúzias de agentes bem qualificados que poderiam ocupar-se disso e a maioria são mais jovem que eu e por tanto terão uma melhor atitude.

— Isso é óbvio. Mas acreditam que suas habilidades especiais e sua experiência poderiam ser uma boa vaza nesta operação.

A opinião de Devon sobre esse particular era curta, sucinta e anatomicamente impossível.

— Além disso. — Continuou Preston imperturbável — Você tem experiência no trato com



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

estes indivíduos em concreto. O FBI o coordenará e o Departamento do Tesouro nos deu carta branca para a operação...

— Espera um momento. — Devon se incorporou no assento — O que tem que ver o Departamento do Tesouro com tudo isto?

— Trata-se de um caso de falsificação e, portanto entra na jurisdição do Departamento do Tesouro.

— E por que não deixamos que eles se arrumassem?

— O Tesouro não tem meios para administrar esta situação. Nós sim. Ou, melhor dizendo, você sim.

— E o Tesouro nos vai deixar administrá-lo a nossa maneira?

— Sim. Já o têm feito.

— E sabem que vou ser eu o que me ocupe?

— Sim, sabem.

— E não têm problemas com isso?

— Resignaram-se.

Devon riu.

— Mentira. Os do Tesouro me odeiam.

— É certo que certos membros do Departamento do Tesouro estão muito pouco entusiasmados com seu histórico e com o fato de que vá participar da operação...

— Mas como se supõe que ia saber que era sua sobrinha?

— ... Mas decidiram, depois de pensar atentamente, confiar em nosso maior conhecimento da matéria. E como você é nosso agente com mais experiência neste tema, queremos que participe. Inclusive embora seja "o Diabo".

Devon fez uma careta; odiava esse apelido. Depois sorriu incrédulo e olhou atentamente a cara de Preston.

— Diz a sério, não é?

— Totalmente.

— Oh, Deus, Preston. — Disse Devon impaciente — Tire o pau do traseiro um momento e me diga a verdade.

— Não tenho nenhum pau no traseiro e estou dizendo o que há. Terá que ir de incógnito com uma companheira do escritório local do FBI como apoio e sua missão será evitar que um traficante de armas a nível mundial se converta também em um falsificador internacional.

— Oh, merda. — Grunhiu Devon — Se supõe que tenho que estar em um casamento dentro de... — Olhou seu relógio — Seis horas e meia. E teria que estar subindo a um avião dentro de quarenta e cinco minutos.

Preston colocou a mão em uma gaveta do escritório e tirou uma pasta de papel manilha tão cheia de papéis que tinha uma borracha elástica ao redor para segurá-los. Deslizou-a por cima da mesa em direção a Devon.

— Aí tem todos os dados que necessita para esta operação.

— Que possibilidades tenho de não me ver metido nisto?

Preston simplesmente ficou olhando-o sem piscar. Devon amaldiçoou entre dentes.

— Me dê um minuto. — Murmurou com má vontade e procurou seu celular no bolso.

Marcou o número. Enquanto esperava a que respondesse seu amigo, foi tirando a borracha da pasta e folheando os papéis.

— Domino's Pizza, me diga?



Hannah Murray
Segurança de Chicago 02

Devon sorriu diante a tola e alegre saudação de Ian.

— Quero uma de presunto e abacaxi, com pimenta malaguetas e extra de queijo.

— Cara, isso é uma asquerosidade.

— Ouça, sobre gostos não há nada escrito, amigo.

Ian só respondeu com uma risada zombadora.

— Já está no avião?

Devon fez um gesto de dor.

— Não exatamente. Estou no escritório de Preston e está me coagindo para que me ocupe de um último trabalho.

— Acreditava que te retirava depois de que acabasse em Ucrânia...

A boca de Devon formou um sorriso amargo.

— Sim, eu acreditava nisso também. Mas o senhor Smythe-White, aqui presente, é de outra opinião.

— Típico dele. Do que vai o trabalho?

— Não sei ainda. — Devon seguia passando as páginas da pasta com ar ausente enquanto falava — Mas têm um dossiê aqui com suficiente papel como para que a um amante das árvores lhe desse um ataque ao coração. — Voltou uma página e examinou distraidamente uma cópia imprecisa de um fax. Estava a ponto de passar à seguinte quando ficou gelado e voltou atrás rapidamente — Merda!

— Vá, isso não soou muito bem. — Devon ignorou Ian e olhou ao Preston.

— Estão seguros disto?

A expressão de Preston se voltou um pouco altiva.

— Não cometemos enganos, agente Bannion.

— Sim que os cometem.

— Bom, sim. Mas não nesse tipo de coisas.

— Devon? — A voz do Ian soou forte junto a sua orelha fazendo que voltasse bruscamente à conversa — O que ocorre?

— É Devereaux.

— Está de saca... — A voz do Ian se voltou grave e dura como a pederneira — Está de novo em circulação? Depois do desastre de Praga de recentemente mais de um ano pensei que se tirou do meio...

— Sim, eu acreditava nisso também. — Devon passava as páginas mais rápido agora, lendo a informação a toda velocidade — Mas a Interpol seguiu a pista um tempo e o viram em vários lugares ultimamente.

— Agente Bannion. — Interrompeu Preston — Isso é informação classificada que está sujeita a...

Devon o olhou um segundo.

— Preston, vai à merda. — Sorriu brevemente para ouvir a risada de Ian e voltou a atenção as páginas que tinha diante dele — Pelo que se vê só estive um tempo fora da vista.

— Merda. — Disse Ian.

— Sim. Todo aquilo ocorreu faz uns dezoito meses. A boa notícia é... — Disse enquanto lia as páginas de um relatório da CIA — Que já não anda com armas.

— E quais são as más?

— Que agora passou à falsificação.

— Oh, bem. E com sua agenda de contatos estou seguro de que não há feito muito trabalho



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

encontrar mercado.

— Sim. Assim que o sinto, Ian, mas parece que não vou poder assistir o casamento.

— Tenho suposto isso, cara. Não se preocupe, arrumaremos algo.

— Seguro? A sua noiva não vai fazer nenhuma graça. Ouvi que as mulheres ficam muito suscetíveis com isso de casamento e um padrinho que não vai se apresentar pode que o pareça um problema grave.

Ian riu.

— Jane só quer que tudo isto acabe de uma vez. Sua mãe a está deixando louca. E suponho que seu irmão mais velho poderá fazer perfeitamente o papel de padrinho.

— Fantástico. Eu não gostava da ideia de arruinar seu grande dia. Mesmo assim me chateia. Tinha vontade de voltar a ver Jane e de explorar um pouco Chicago antes que volte de sua lua de mel e eu tenha que ir trabalhar.

— Chicago?

Devon olhou ao Preston.

— Sim, Chicago. Vou mudar ali e vou pôr um negócio. Para ali me dirigia quando obrigou a me apresentar aqui.

— Dá a casualidade de que ali é onde deve ir encontrar-se com sua companheira para este trabalho. — Preston sorriu muito amigavelmente.

Devon entreabriu os olhos.

— Casualidade, sim...

— Devon?

— Me perdoe Ian. — Devon voltou sua atenção a seu amigo ao telefone — Provavelmente não chegarei para as bodas, mas estarei em Chicago. Aparentemente o FBI de Chicago é quem coordena toda esta confusão.

— Oh. Curiosa coincidência.

Devon sorriu com malícia diante a expressão empertigada de Preston.

— A sim?

— Quanto tempo vai levar para pôr em dia com o relatório?

Devon jogou uma olhada à pasta.

— Três ou quatro horas, pelo menos.

— Nossa, e se a isso somamos o trabalho preparatório e os trâmites, estará aqui sobre a meia-noite, não acredita?

— Com sorte sim. — murmurou Devon.

— Bem. Então pode ficar em nossa casa.

— Você acredita?

— Sim. Não vamos ao Havaí até manhã, mas Lacey nos reservou a suíte nupcial do hotel Drake como presente de casamento, assim não vamos passar a noite no apartamento.

Devon assobiou baixinho.

— Nosso presente de casamento... Mas espera, está vivendo no apartamento de Jane? E a casa que compraram?

— Vamos fazer umas reformas enquanto estamos fora da cidade: renovar os banheiros e trocar a cozinha. O pedreiro se atou com as datas e começou uma semana antes, assim estamos temporariamente no apartamento. De todas as formas, o contrato de Jane não acaba até finais do mês que vem e temos ainda muitas coisas ali.

— Ainda têm a cama ali?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ian riu.

— Sim.

— Certo então aceito sua oferta. Onde posso conseguir a chave?

— No apartamento não há nenhum lugar seguro onde deixar uma. Pediria a Lacey que dê a você, mas pode que não a encontre. Certamente ficará no lugar do banquete até tarde, fazendo alguma coisa de dama de honra da que prefiro não saber nada. Mas suponho que segue tendo certas habilidades que lhe serão úteis nesta situação, não?

Devon sorriu.

— Quer que arrombe seu apartamento?

— Não me ocorre nenhuma forma de te fazer chegar uma chave. — Ian ditou o endereço do edifício de Jane e o número do apartamento — Ouça, se chegar logo, passe pela festa.

— Farei.

— Mas não passe pela suíte nupcial do Drake sob nenhuma circunstância que não seja de vida ou morte.

Devon riu e desligou. Levantou a vista para olhar o Preston.

— Bem, começa a me informar dos detalhes.

Capítulo 2

Chicago

Lacey bocejou abrindo tanto a boca que sentiu que lhe rangia a mandíbula e notou que os olhos enchiam de lágrimas. Teve que piscar para afastá-las e poder colocar a chave na fechadura. Não estava em seu melhor momento a essas horas da madrugada nunca nem quando estava sóbria, e agora mesmo estava tudo menos sóbria embora ainda se mantivesse em pé. Fez alguns malabarismos com a garrafa de champanhe que acabava de agenciar-se enquanto brigava com a fechadura. Graças ao que ela qualificou de verdadeira força de vontade ao fim conseguiu colocar a chave na fechadura, abrir a porta e meter-se no portal.

Empurrou a porta para que se fechasse com um pouco mais de força da que pretendia lhe imprimir e esta deu uma portada que ressonou no vestibulo. Fez uma careta e depois encolheu de ombros. Não terei que preocupar-se pelos vizinhos. A senhora O'Malley estava visitando sua irmã em Gary, Jane e Ian estariam desfrutando da suíte nupcial do Drake e celebrando-o com sexo de recém-casados, e o outro apartamento do edifício estava vazio, assim não havia ninguém por ali para ouvir a portada.

A ideia era tão deprimente que se apoiou contra a parede e quase deixa cair o champanhe.

Esteve ali um momento desfrutando-se na autocompaixão que tinha estado ameaçando apoderando-se dela toda a noite. Sua melhor amiga acabava de se casar e ia se mudar longe dela que sempre pensaram que iam dividir seu apartamentinho de solteiras. De agora em diante já não ia estar no andar de cima e ia fazer falta algo mais que subir a escada para falar, comer ou ver filmes maus da televisão com ela, embora Jane fizesse o juramento de manter seus encontros fixos para ver A Ala Oeste da Casa Branca e Sobreviventes. Mas depois Jane subiria a seu carro e voltaria a cruzar a cidade para ir-se a casa.

Lacey apoiou a cabeça contra a parede e pestanejou para afugentar umas lágrimas

[A2] Comentário: É a maior cidade do Condado de Lake, Indiana, nos Estados Unidos da América.

[A3] Comentário: The West Wing. É uma série de televisão americana muito popular e amplamente aclamada pela crítica. Foi criada por Aaron Sorkin e emitiu-se desde 1999 a 2006. Foi produzida e, em seus últimos anos, co-escrita por John Wells após que Sorkin deixasse a série depois de sua quarta temporada. A série está ambientada na asa oeste da Casa Branca, onde se localiza o Despacho Oval e os despachos dos principais membros da equipa do presidente, durante a fictícia administração democrata de Josiah Bartlet (Martin Sheen).

[A4] Comentário: Survivor. É um reality show competitivo popular nos Estados Unidos e produzido em vários outros países. No programa, participantes são isolados em um local remoto onde competem por um prêmio em dinheiro e outros prêmios.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

sentimentais. Sabia que estava bêbada, emotiva e se comportava como uma egoísta. Estava muito feliz por sua amiga. Ian era um tipo estupendo e amava Jane de verdade. E não só isso, compreendia-a, entendia seu mundo e sabia levá-la muito bem; conhecia seus mecanismos de defesa e sabia superá-los e apartar os escudos que ela utilizava para manter as pessoas à distância. Até esse momento nenhum homem tinha marcado Jane e tinha saído de todos seus anteriores relacionamentos facilmente porque seus namorados tinham estado tão preocupados com dizer ou fazer o que eles acreditavam que ela queria que ao final Jane se aborrecesse e mandava a merda.

Mas Ian fazia o que ela esperava e Jane não tinha podido o mandar a merda. E agora os dois estavam quase de caminho ao Havaí e seriam felizes e comeriam perdizes. Lacey estava encantada pelos dois. E muito ciumenta.

Fez uma careta, ergueu-se e se olhou no espelho do portal.

— Você. — Disse a essa loira com pinta de ordinária que levava um vestido rosa de dama de honra — É uma bruxa indesejável. O mundo não gira em torno de ti, sabe? — Mostrou a língua ao reflexo do espelho, meteu a garrafa de champanhe sob o braço, recolheu-se o vestido e começou a subir as escadas que levavam ao apartamento de Jane.

— Tenho que regar as plantas. — Murmurou para si — E dar de comer aos peixes. Espera, mas se não tem peixes! Como vou dar de comer? — Franziu o cenho e cruzou o patamar pensando — Tampouco têm gato. Nem cão.

Fechou um olho e tentou colocar a chave na fechadura, conseguindo-o da primeira tentativa por pura sorte.

— Talvez me haja dito que dê de comer às plantas. Mas então o que é o que tenho que regar? — Girou a chave e empurrou a porta para abri-la, fechando-a atrás de si e jogando os ferrolhos automaticamente.

Deixou cair as chaves na mesa que havia juntado à porta e não se incomodou em acender as luzes. Conhecia o apartamento de Jane tão bem como o seu próprio e as luzes fariam que lhe doesse a cabeça. Deu três passos e tropeçou com uma pilha de caixas de embalar, caiu e, girando-se no segundo último, conseguiu aterrisar sobre seu quadril para manter a salvo o champanhe.

— Merda de coisas da mudança... — Murmurou e deu um bom chute a um cilindro de plástico de bolhas. Saiu voando pela habitação e acabou golpeando a uma violeta africana, não muito forte, ao fim e ao cabo não era mais que plástico de bolhas, mas fez que a planta cambaleasse em seu precário apoio do batente da janela e um par de segundos depois, caísse ao chão.

Deu um bote ainda dentro de seu vaso de barro de plástico e caiu, com as violetas para baixo, sobre o plástico de bolhas.

Lacey deu de ombros.

— Uma menos que dar de comer. Ou regar. Ou o que seja.

Ao fim conseguiu ficar de quatro, amaldiçoando como um marinheiro quando se enganchou com o vestido. Não ficou mais remédio que apoiar o champanhe no chão para poder levantar-se e teve que agarrar-se ao respaldo do sofá quando a habitação começou a girar como louca a seu redor. Quando se reduziu a velocidade dos giros o suficiente como para que pudesse ter-se em pé sem ajuda, agarrou o champanhe, voltou a metê-la debaixo do braço como se fosse uma bola de rúgbi e se dirigiu à cozinha.

Regar as plantas levou o dobro de tempo do que lhe teria levado se tivesse deixado a garrafa, e quatro vezes mais que se o houvesse feito estando sóbria. Inclusive regou a violeta



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

africana depois de voltá-la para meter no vaso de barro com a maior parte da terra, porque se sentia mal de que a planta tivesse caído vítima de sua depressão de dama de honra. Procurou comida para planta, mas como não encontrou, supôs que quão único tinha que fazer era regar e a parte das instruções de dar de comer era algo que só estava em sua imaginação.

Não pôde conseguir que o regador entrasse em seu lugar, sob a pia da cozinha, assim que o deixou apoiada contra a parede junto ao grifo e se dispôs a voltar a descer a seu apartamento.

Mas a habitação começou a fazer esses giros de novo e desta vez não pareciam ter intenção de diminuir sua velocidade para que ela pudesse atacar o lance de escadas. Então disse que as escadas não iam ser uma boa ideia nesse momento e por isso se encaminhou ao dormitório com uma mão apoiada na parede para manter o equilíbrio e a outra agarrando a garrafa de champanhe, é óbvio.

Voltou a tropeçar com outra pilha de caixas que tinha empilhado junto à cama. Como já estava ao lado, desta vez conseguiu cair sobre o colchão. Aterrissou com meio corpo dentro e meio fora, os pés pendurando por um lado da cama e a garrafa de champanhe apanhada sob seu corpo. Revolveu-se um pouco porque a cortiça lhe estava cravando justo debaixo do seio esquerdo. Três tentativas necessitou para tirar a garrafa de debaixo dela. Depois agitou os pés para desfazer-se dos sapatos que já penduravam dos dedos, fez-se uma bola em meio do colchão e ficou adormecida instantaneamente com o champanhe fortemente abraçado contra seu peito.



Devon pagou o táxi e começou a caminhar pela calçada brigando com o que lhe parecia uma quantidade ridícula de bagagem: uma mala com rodas e um porta trajes. Teria deixado à porta trajes em casa, mas ia caminho do aeroporto com o smoking para as bodas quando lhe chamaram e depois não tinha dado tempo a passar por seu apartamento a deixá-lo antes de agarrar o último voo que saía de Washington D. C.. A mala com rodas levava uma muda de roupa e suas coisas de barbear o que, em sua opinião, era tudo o que necessitava, além de sua arma. Agora mesmo não a levava, porque desde 11 de setembro tentar cruzar a segurança de um aeroporto com uma arma de fogo era complicadíssimo, inclusive tendo todos os papéis como deve ser e a autorização. Tinha pensado que já lhe pediria o que necessitasse ao agente com o que tinha que reunir-se ao dia seguinte para finalizar os preparativos do trabalho.

Deixou as malas na entrada e abriu a zíper da porta trajes para tirar uma fina caixinha de um bolso interior. Olhou a fechadura um momento, selecionou as ferramentas e colocou ao trabalho. Sorriu quando o fechamento se abriu em menos de cinco segundos.

— Ainda não perdi o toque. — Disse para si, recolheu a bagagem e entrou.

As paredes eram desse branco típico de qualquer portal de edifício de apartamentos, mas o chão era de um quente pinheiro dourado sob um colorido tapete. Havia delicados **spots** nas paredes que derramavam uma luz suave no portal. Subiu as escadas de dois em dois e sorriu diante a foto autografada de **Abbott e Costello** com uniforme de beisebol que tinha pendurada na parede do patamar. Encontrou a porta que tinha o número 4 e notou, arqueando uma sobancelha, que tinha uma fechadura dupla. Tirou de novo suas ferramentas.

Levou-lhe trinta e sete segundos, mas conseguiu abri-la. Deixou as malas junto à porta e

[A5] Comentário: Pontos.

[A6] Comentário: É uma dupla cômica estadunidense, celebrizada internacionalmente pelas performances humorísticas no cinema e televisão.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

jogou uma olhada ao apartamento a tênue luz do patamar. Só tinha visto à prometida, melhor dizendo, a já mulher, de seu amigo uma vez, mas pelo que sabia dela pelo Ian, o apartamento ia como anel ao dedo a sua personalidade: colorido e cheio de arte interessante que competia pelo espaço com livros, adornos e plantas. Os móveis eram modernos e pareciam cômodos, desses nos que se podia pôr os pés em cima sem que ninguém montasse uma bronca. Havia caixas e cilindros de plástico de bolhas por todo o salão e, por isso podia ver da cozinha, esta também estava no mesmo estado de desmonte.

Fechou a porta com o pé. Deixou as malas ao lado da porta no momento e foi à cozinha. Uma olhada à geladeira revelou meio sanduíche de almôndegas e uma só garrafinha de cerveja Rolling Rock. Devon teria preferido uma Guinness, mas os pobres não podem escolher assim se sentou à mesa da cozinha e examinou o sanduíche. A etiqueta do plástico tinha data do dia anterior, assim supôs que ainda estaria bem e o escondeu em um momento, baixando-o com a cerveja.

Devon se fixou nos números luminosos do relógio do forno: a uma da madrugada.

Estava cansado, mas anos de treinamento lhe tinham ensinado a ignorar o peso que as viagens e a tensão jogavam sobre o corpo, assim não precisava ir-se dormir imediatamente. Mas tinha que estar no escritório local do FBI às dez da manhã e, por uma vez, não tinha que manter-se acordado para seguir vivo, assim cruzou o salão para recolher a bagagem e foi ver o dormitório.

Mais caixas alinhadas no corredor, algumas já cheias, fechadas com fitas e etiquetadas para a mudança, outras a meio encher e outro grupo ainda vazias em montões. Esquivou-as com facilidade porque seus olhos já se acostumaram à escuridão e procurou o dormitório. Olhou ao interior da primeira habitação que encontrou: o banheiro. Fixou-se com alívio em que não teria que agachar-se para poder tomar banho e seguiu adiante. A seguinte porta levava a um armário embutido que cheirava levemente a baunilha e que guardava meia dúzia de toalhas de banho com pinta de esponjas. Que sorte que seus anfitriões ausentes não tivessem tido tempo ainda de guardar as toalhas nas caixas... Continuou para a seguinte porta ao final do corredor que supôs que seria a que tinha a cama, já que era quão única ficava.

Girou o trinco com dois dedos, empurrou a porta com o pé e ficou ali de pé, olhando assombrado à loira que dormia feita uma bola na cama.

— Bem, parece que isto vai ser interessante. — Disse e deixou cair às bolsas ao chão com um ruído seco.

Capítulo 3

Devon esfregou os olhos com as mãos, mas ela não desapareceu. Estava vendo coisas.

Entrou na habitação deixando a porta aberta a suas costas; o costume de deixar sempre uma rota de escape. Não acreditava que fosse uma espiã internacional enviada para lhe seduzir e desbaratar seu último trabalho para depois matá-lo quando ficasse adormecido depois do sexo, mas preferia não correr riscos.

Filtrava-se bastante luz da lua para que pudesse ver bem, assim não se incomodou em acender o abajur. Afastou com o pé mais caixas e se aproximou sem separar os olhos da loira. Para ser tão pequenina, provavelmente não mais de um e sessenta, embora fosse difícil de dizer vendo-a nessa postura, roncava como um caminhão, tanto que se surpreendeu não havê-lo ouvido da



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

entrada. Ignorou o estrondo e olhou à pessoa que o emitia. Era jovem, algo mais de vinte e cinco, e de constituição frágil. O que levava, uma espécie de vestido rosa pelo que podia deduzir, não tinha alças e deixava nus os magros braços e os ombros ligeiramente arredondados. Podia ver a clavícula que se sobressaía um pouco e os delicados ossos dos pulsos e as mãos. Umas mãos que seguravam... Uma garrafa de champanhe? Sorriu. A Bela Adormecida não estava dormindo somente... Estava dormindo bêbada.

Inclinou-se para ela, agora mais curioso que precavido. Tinha a cabeça cheia de cachos loiros do tipo que as mães põem a suas meninas pequenas para ir no domingo à igreja: grossos, ostentosos e elásticos. Parecia que esses cachos tinham estado recolhidos atrás da cabeça, alguns ainda o estavam, mas a maioria tinha escapado de seu confinamento e agora caíam sobre a cara. Riu baixinho ao ver que ela, ao exalar, levantava a cortina de cabelo que tampava as feições, que depois voltava a cair em seu lugar quando inspirava ruidosamente. Franziu o cenho: a enorme garrafa de champanhe e a forma em que a tinha agarrada lhe impediam de ver a maior parte de seu corpo, o que o chateava bastante. Inclinou a cabeça para um lado, mas sua vista não melhorou nada. Devon sacudi a cabeça.

— Está se fixando na coisa errada. — Murmurou. Deixou de tentar adivinhar o tamanho do sutiã e se concentrou em descobrir quem seria. Por isso lhe tinha contado Ian da melhor amiga de Jane, que vivia um anda mais abaixo, supôs que se encontrava diante Lacey Johnson. Se sua memória não ia mal, ela ia ser a dama de honra de Jane, o que explicava seu vestido; parecia algo típico de dama de honra, ao menos para um olho masculino inexperiente, e o champanhe obviamente teria saído do banquete de bodas. Mas o que estava fazendo no apartamento de Jane em vez de no seu?

Tinha pinta de haver-se passado um pouco com a celebração, para a que, por isso havia podido deduzir dos grunhidos chateado de Ian durante as últimas semanas, a mãe de Jane tinha atirado a casa pela janela já que se tratava das bodas de sua única filha. O que Jane e Ian pretendiam que fosse uma reunião reduzida e singela de família e amigos íntimos se converteu em um circo de três pistas: jantar servido por um bufê para quatrocentos, vestido de alta costura e um bolo de casamento que havia gastado mais do que ele pagava de aluguel ao ano.

Tendo em conta todo isso, supôs que também teria havido bebida livre. O que explicaria que a dama de honra fosse agora mesmo um novelo sobre o colchão, abraçada a uma garrafa de espumante, e também provavelmente por que tinha acabado no apartamento equivocado.

Mas em sua maneira de trabalhar não entrava o de fazer hipóteses. Assim decidiu despertá-la e descobrir o que estava acontecendo. Afastou bruscamente qualquer remorso que pudesse sentir por fazer isso, depois de tudo ela estava roncando em que se supunha que tinha que ser a cama em que ele ia passar a noite, e estirou o braço para sacudi-la e que despertasse.

Pôr-lhe uma mão no ombro, deu-se conta distraidamente, embora lhe produzisse um interesse automático, da suave e fina textura de sua pele, e afastou o cabelo da face com a outra mão. Suas feições se viam relaxadas em seu sono. Surpreendentemente suas largas pestanas jogavam sombras sobre suas bochechas ruborizadas e os horríveis roncos saíam de uma boca delicada que parecia ter a forma do arco do Cupido. Sacudiu-lhe os ombros tentando ignorar o fato de que cheirava fabulosamente.

— Lacey...

Nada. Só que os roncos aumentaram ligeiramente de volume.

Voltou a sacudi-la um pouco mais forte, pronunciou seu nome a dez centímetros de sua orelha, ali seu aroma quente e algo picante era ainda mais forte, mas conseguiu o mesmo



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

resultado. Deixou-se cair sentado no bordo da cama e só viu como ela ricocheteava pelo impacto, mas isso não reduziu nem um pouco a potência de seu ronco. Por Deus, estaria em coma? Passou-lhe pela cabeça que tinha que estar posta de algo, embora não acreditava que lan se casasse com uma mulher cuja melhor amiga era uma **yonqui**. Mesmo assim comprovou suas pupilas. Íris marrons rodeando pupilas iguais e reativas.

[A7] Comentário: Drogada.

Bom, pois não tinha tomado drogas e não parecia estar ferida nem doente. Só estava profundamente adormecida. Muito profundamente. Suspirou e se resignou a passar a noite no sofá. Não importava que lhe tivessem convidado a ficar ali; sua avó sulina teria puxado fortemente das orelhas se tivesse informado de que tinha obrigado a uma mulher a sair da cama.

Ficou de pé preparado para encaminhar-se de novo ao salão e a um sofá que seguro seria pequeno para ele, mas baixou a vista um segundo para olhá-la, divertido a seu pesar pela forma em a que ela estava enroscada sobre a garrafa de champanhe. "Não pode ser muito cômodo dormir assim", pensou. Não importava que tivesse um porre de medo, seguro que se levantava dura, dolorida e provavelmente com algum outro hematoma. Parecia ter uma pele delicada que certamente mostraria facilmente os hematomas. Quase seguro. Assim que o menos que podia fazer era lhe tirar a garrafa para que não se fizesse mal com ela. Para protegê-la, claro. Dos hematomas. Não tinha nada que ver com que ao lhe tirar a garrafa talvez pudesse lhe ver o seio.

Então se sentiu como um perverso da pior índole. Que tipo de psicopata tentava dar uma olhada aos seios de uma mulher que roncava tão forte que estava a ponto de tragar seu próprio cabelo? O mesmo psicopata, disse-se com um pouco de repugnância por si mesmo, que já tinha um princípio de ereção só pensando nos seios da mulher que roncava. Devon caminhou para a porta, enojado de si mesmo e decidido a ser um cavalheiro embora isso lhe matasse.

Mas... Se deteve junto à porta com as mãos já segurando a alça da mala. Seguia estando o assunto de sua pele delicada e a possibilidade muito certa de que se amassasse como um pêssego. Soltou as bolsas e se voltou. Ela seguia tombada exatamente como a tinha deixado, enroscada sobre a garrafa e roncando como uma locomotiva. Só tinha que... Arrancá-la de seu abraço. Nada mais. Depois se iria, voltaria para salão e por-se-ia a dormir no sofá.

Esse era o plano. Mas aparentemente o universo não acreditou o argumento de "é porque se fará mal, não porque queira ver que como são seus seios".

Capítulo 4

Seus reflexos o salvaram de sofrer uma comoção cerebral. Estava seguro disso e inclusive se alegraria quando lhe baixasse o inchaço.

Tudo o que fez foi inclinar-se, lhe pôr uma mão no pulso, suavemente..., e, com a outra mão no pescoço da garrafa, tentar deslizá-la para tirá-la de entre suas mãos. Se não tivesse tido os olhos fixos em sua cara, ou melhor, dizendo, no que podia ver dela através do cabelo, não teria visto que os olhos se abriam de par em par. Embora também, por outro lado, se não estivesse observando sua face e hipnotizado por sua beleza e pensando em quão incrível seria quando estivesse acordada e não roncando como um búfalo ferido teria notado que suas mãos se crispavam e agarravam com mais força a garrafa.

Mas não se deu conta. A única advertência que teve foi o brilho de consciência que viu nesses olhos marrons de cerva que se abriram de repente e o reflexo de cristal verde que pôde



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

vislumbrar pela extremidade do olho. O instinto fez que se afastasse e o fundo da enorme garrafa ricocheteou em um lado de sua cabeça e depois lhe golpeou o ombro. Grunhiu pelo impacto e tentou tirar do meio, mas seus pés tropeçaram com uma pilha de caixas vazias, perdeu o equilíbrio e caiu para frente. Desgraçadamente caiu justo em cima de Lacey.

A experiência e o treinamento lhe tinham ensinado que à maioria das mulheres, por muito independentes e perfeitamente capazes de cuidar-se a si mesmas na vida cotidiana que fossem, entravam-lhes ataques de pânico em situações de perigo extremo e perdiam a cabeça. São produto de uma sociedade aonde lhes dizem que não é de boa educação gritar, que uma dama não golpeia as pessoas, que não é apropriado montar em escândalo. Assim sempre esperam até que já é muito tarde para agir. Mas não acreditava que essa mulher tivesse esses mesmos referentes.

Começou a gritar tão alto que lhe apitaram os ouvidos.

— Saia de cima, depravado filho da puta! — Recalcou cada palavra com um golpe, empunhando a garrafa de champanhe como se fosse um taco de beisebol. Ele tinha caído justo sobre seu torso, com a cabeça enterrada em seu pescoço. Com esse ângulo ela não podia lhe alcançar a cabeça, mas sim as costas e os ombros e não se mostrou muito seletiva com os objetivos para seus golpes.

— Perverso! — Golpe — Sádico! — Golpe mais forte — **Zoofílico!**

— Zoofílico? — Levantou a cabeça para ouvir isso e a olhou. Depois soltou um xingamento quando ela deu um golpe em um lado do pescoço — Maldição! Dê-me essa garrafa!

— Não! — Disse lhe mostrando a língua e lhe deu outro golpe enquanto ele a olhava incrédulo.

— Deus! — Apoiou-se em uma mão e agarrou a garrafa de champanhe com a outra. Deu-lhe um forte puxão, esperando que ela colocasse resistência para mantê-la agarrada, mas em vez disso a soltou imediatamente e sua própria força fez que perdesse o controle do braço pela falta de resistência e ele mesmo bateu o nariz com o traseiro da garrafa.

Afastou-se, cego temporalmente pela dor que acabava de explodir em sua cara. Tentou manter sua precária posição sobre a cama, agitando os braços freneticamente. Então ela pôs o pé em meio do peito e empurrou. Ele saiu disparado por cima dos pés da cama com um grito.

Nesse ponto decidiu que o melhor seria ficar quieto. Se ela chamava à polícia, ele mostraria seus créditos e isso poria tudo em ordem. Levaria um pouco de tempo, teriam que chamar o escritório local e verificar sua identidade, talvez inclusive contatar com o escritório do Preston em Washington para assegurar-se, porque ninguém do escritório de Chicago lhe conhecia ainda... Mas ao menos não lhe prenderiam.

E se ela decidia tentar lhe rematar, estava seguro de que poderia detê-la.

Piscou para tentar afastar os pontos negros de seus olhos e se aproximou uma mão cuidadosamente ao nariz para comprovar se estava quebrado. O estava movendo um pouco com cautela, chiando pela dor, quando a cara dela apareceu de repente em seu campo de visão.

— Ai! — Não pôde evitar dar um pulo.

— Não te ocorra se mover. — Grunhiu empunhando um dedo acabado em uma unha com manicura francesa perigosamente perto de sua cara — Vou chamar à polícia e já explicará a eles o que pretende penetrando nos dormitórios de outra pessoa para lhes tirar o champanhe.

— Certo. — Respondeu com a vista fixa no dedo que lhe mostrava. Estava perigosamente perto de sua cara já danificada e não estava muito seguro de que ela não pretendesse lhe agredir de novo.

[A8] Comentário: Aquele que é amigo dos animais.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Certo. — Murmurou ela satisfeita e se aproximou um pouco mais para olhá-lo — Ouça, não o conheço?

— Não, não me conhece. — Não apartava os olhos de seu dedo.

— Pois me resulta muito familiar. — Estirou-se um pouco mais por cima do bordo da cama, abatendo-se sobre ele como uma Campainha desalinhada. Já tinha o dedo quase justo entre seus olhos.

Devon se deixou cair de tudo no chão com os olhos quase entortando os para não perder de vista o dedo.

— Não, não me conhece. Não nos apresentaram. Não vai chamar à polícia?

— Agora vou. — Afastou-lhe a mão da cara para uni-la à outra e agarrar-se com as duas ao pé de cama. Ele deixou escapar o ar pouco a pouco, aliviado de que apartasse o dedo. Entretanto ela se apoiou no tabuleiro de madeira para aproximar-se mais a ele até que estiveram quase nariz com nariz.

— Não, de verdade que acredito que te conheço. Soa-me. — Franziu o cenho. Se não fosse pelo fato de que os seios que antes tentava olhar, ameaçavam agora perigosamente escapando de seu vestido, teria parecido que tinha doze anos — Mas por que te recordo com a cara suja?

Devon tentava manter os olhos afastados de seu decote, que, por certo, para uma mulher tão pequena, era bastante impressionante.

— Não sei. Então não vai chamar à polícia?

Ignorou-lhe e moveu a cabeça, lhe observando a cara desde vários ângulos.

— Sim, estou segura de que te recordo com a cara manchada de terra. E levando roupa estranha. Negra. Ou talvez verde. Verde e estranha.

Estava fazendo que se sentisse um pouco enjoado com tanto movimento de cabeça. E o fato de que seu vestido estivesse perdendo a batalha com a gravidade não lhe ajudava a manter a concentração.

— Sério, não nos vimos antes.

— Não, se não acreditar que nos tenhamos visto nunca. — Deixou de mover-se e esteve a ponto de lhe pegar a cara à sua — Mas estou segura de que te conheço de algum lugar.

Devon estava se fartando daquilo. Seu corpo, ainda machucado e recuperando-se do que tinha sido seu último trabalho, estava começando a sentir toda a dor que ela e sua maldita garrafa de champanhe lhe tinham causado. Teria sorte se não tinha quebrado o nariz e não acreditava que ir de incógnito com o nariz quebrado fosse o melhor para não chamar a atenção. Os agentes do escritório local do FBI iam se irritar, coisa que normalmente não lhe importaria, mas como lhe haviam quase coagido para que fizesse este último trabalho e seu retiro parecia depender de que se completasse com êxito, ia ser melhor que não o danificasse antes de começar. Além disso, seguro que lhe perguntariam como tinha quebrado o nariz e ele preferia não ter que explicar que tinha recebido um golpe de Campainha. Não poderia sobreviver a isso.

— Olhe, — Começou — vão-nos...

— Já sei! — Gritou — Já sei quem é! É o amigo de Ian! É o Diabo! — E com essas palavras lançou os braços ao ar para celebrar sua vitória, perdeu o equilíbrio e caiu sobre ele.

Capítulo 5



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey não acreditava que fosse justo que ele culpasse a ela do estado de sua face e assim o disse.

— Mas, bom... — Disse do interior da geladeira onde estava recolhendo gelo de para colocar no nariz dele — Como esperava que reagisse antes, um homem que me atira em cima em meio da noite?

Ele não respondeu por que tentava evitar que o sangue que acabava de começar a sair do nariz manchasse toda a cozinha.

Ela se voltou para ele enquanto colocava o gelo em um pano de cozinha.

— Tem sorte de que quão único tenha quebrado seja o nariz.

— Eu que não lha lota.

— O que?

Ele afastou os dedos com os que tapava os orifícios do nariz.

— Eu disse que acredito que não está quebrado. — Repetiu e depois soltou um juramento quando voltou a sair o sangue.

— Veem, sente-se e joga a cabeça para trás. — Lacey afastou uma cadeira da mesa, esperou que ele se sentasse e lhe pôs o gelo sobre o nariz e fez um gesto de dor quando ele gritou.

— Dói?

— Não, faz cócegas. — Disse olhando-a por cima do pano.

Ela bufou.

— Não tem por que ser rude. Já te disse que sinto o que te passou no nariz.

— Já sei. — Respondeu e logo disse algo entre dentes.

— O que?

— Eu disse que tem razão.

Ela piscou.

— Que tenho razão sobre o que?

Suspirou.

— Sobre que tenho sorte de que só tenha machucado o nariz. Suponho que podia ter-me dado um chute entre as pernas.

— Isso ia fazer, mas o vestido é muito apertado e não consegui encontrar o ângulo. — Admitiu.

— Que sorte.

— Além disso. — Continuou afastando outra cadeira para pô-la junto à sua e cruzar as pernas sobre ela — Tinha o champanhe na mão e a garrafa era uma arma magnífica.

— Sim que era. — Levantou com cuidado o gelo e examinou as manchas de sangue do pano.

— Volta a pô-lo. — Ordenou e ele obedeceu, suspirando quando o gelo fez que a dor diminuísse.

Lacey aproximou os joelhos ao peito, apoiou os calcanhares nus no assento da cadeira e rodeou as pernas com os braços enquanto o observava tentar ficar a vontade na cadeira que era muito pequena para ele. Agora que tinha conseguido reconhecê-lo, não entendia como podia havê-lo confundido com um ladrão ou um violador. Tinha visto sua foto inúmeras vezes, cada vez que tinha subido a casa de Ian e Jane. Fizeram a maior parte dos planos do casamento no escritório que Ian tinha em casa e a única foto pessoal que havia ali, em toda a casa, de fato, era uma de Ian e Devon em uma selva de alguma parte.

Tinha passado muito tempo olhando essa foto. Estava em uma estante ao lado da mesa de trabalho e cada vez que Jane e sua mãe atiravam as coisas à cabeça por algum detalhe das bodas,



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

ela se distraía olhando o bonito guerreiro da foto.

Usavam uma espécie de uniforme de combate, todo negro e verde, com as caras manchadas de algo que lhes tingia a pele da mesma cor que a roupa. Os dois homens levavam armas que impressionavam o bastante, que ela não poderia identificar embora tivesse uma lhe apontando à cara, penduradas do ombro com uma correia e ambos luziam uma espécie de cinto de ferramentas de que penduravam todo tipo de joguinhos com uma pinta aterradora: facas, balas de reposição e o que pareciam granadas de mão. Ela não podia estar segura porque nunca antes tinha visto uma, ao menos não fora de um filme de Arnold Schwarzenegger.

Tampouco tinha visto nunca antes um cara tão bonito como esse. Ian se aproximava, mas ao pouco tempo de conhecê-lo ele tinha estabelecido uma relação irrevogável com Jane e isso havia feito que perdesse muitos pontos quanto a seu atrativo; seguia sendo um monumento, mas um que não se podia tocar porque estava apaixonado por sua melhor amiga, assim tinha ficado automaticamente relegado à categoria honorária de irmão. Mas esse Adônis com juba de leão esteve a ponto de fazer uma careta diante a analogia, mas é que ficava muito bem, era farinha de outro saco.

Como pela foto não sabia se saía com alguém, não acreditou que fosse perigoso assumir que não e assim poder fantasiar com ele tudo o que quisesse.

E claro que tinha fantasiado... Enquanto Jane e sua mãe lhe davam voltas e voltas às flores, a quem se ocuparia do bufê, os centros de mesa, o bolo, os canapés, por todos os Santos, também os canapés... O vestido, a música, etc., Lacey tinha limitado a fixar-se na foto e a imaginar a si mesma de barriga para cima em uma barraca na selva, com a silhueta de seu guerreiro grande e esbelto sobre ela, percorrendo-a como se tratasse de um deserto decadente.

Ao olhá-lo agora, escancarado em uma das cadeiras de Jane, com o sangue lhe manchando uma camisa que já de por si tinha visto tempos melhores, parecia mais um vagabundo que um guerreiro da selva. Mas seguia estando bastante bom.

Ela levava muito tempo calada e Devon começou a ficar nervoso. O pano com gelo que tinha preparado para seu nariz maltratado tinha o tamanho de uma bola de boliche, assim ele não podia lhe ver a face. Quão único podia vislumbrar era seu cocuruto, onde o cabelo via um pouco de ponta, e seus pés nus pela extremidade do olho. Tinha os largos dedos dos pés encolhidos. Não todo o pé, só os dedos, como se estes fossem independentes do resto do pé. O que, francamente, resultava um pouco estranho.

Ao fim o silêncio lhe pareceu muito.

— O que acontece?

Viu que seu cabelo se movia e supôs que estava trocando de postura na cadeira.

— Não se supõe que você é um mercenário super perigoso ou algo assim?

Não poder lhe ver a cara enquanto falava o estava deixando louco, assim girou a cadeira para poder olhá-la sem ter que tirar o gelo.

— Um quê?

Ela deu de ombros.

— Um mercenário. O Diabo. Assim o chamam, não? O Diabo... — Tentou enrugar a cara o suficiente para franzir o cenho, mas o inchaço fez que não conseguisse fazer mais que uma careta estranha e teve que conformar-se com um olhar.

— Odeio esse apelido. E, não, não sou um mercenário.

— Ah, não?

— Não. Trabalho para o governo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey piscou com seus grandes olhos marrons.

— E que diferença há?

Desta vez se esforçou mais por franzir o cenho.

— Claro que há diferenças. Um mercenário é um pistoleiro a salário. Trabalham para qualquer que tenha suficiente dinheiro para contratá-los e fazem tudo pelo que lhes paguem.

— E isso é muito diferente do que você faz para o governo?

— Sim.

— Por quê?

— Eu não ganho dinheiro.

Ela soltou uma gargalhada.

— Vale. Assim é uma espécie de agente, não? Faz cumprir a lei, detém os maus... Essas coisas?

Ele suspirou e ajustou o pano com o gelo.

— Por desgraça, sim.

— Com múltiplas habilidades, treinado para o combate e bla, bla, bla... — Se tomou seu grunhido de dor como um assentimento — E então como pude te dar uma surra, eu sozinha?

Isso fez que lhe dedicasse toda sua atenção. Ergueu-se na cadeira e o pacote com o gelo caiu esquecido ao chão.

— Repete isso.

Lacey piscou, surpreendida. Bom, aí estava o guerreiro da foto. Sua voz havia voltado muito suave e soava perigosa inclusive com o leve tom nasal que ela atribuiu a seu nariz inchado. Tentou suprimir um estremecimento muito feminino ao ver toda essa testosterona, mas falhou estrepitosamente.

— Bem... Eu disse que como pude te dar uma surra eu sozinha então...

— Não me "deu uma surra". — Exclamou quase em um grunhido.

— Perdão, mas acredito que sim. Golpeei-te no pescoço e nos ombros várias vezes... — Disse começando a contar com os dedos.

— No pescoço e os ombros?

— Várias vezes. — Olhou-o com as sobrancelhas arqueadas e seguiu enumerando com os dedos — Fiz que sangrasse o nariz, dei-te chutes, atirei-me sobre você e fiz que lhe sangrasse o nariz outra vez.

Devon estava melhorando no do cenho.

— Deu um par de golpes afortunados com a garrafa de champanhe e sim que me deu chutes e caiu em cima de mim, mas fui eu o que fez o do nariz.

Ela franziu o cenho pensativa.

— Sim, fez isso você sozinho, verdade?

— Somente porque estava me defendendo e tentando te tirar a garrafa, mas você a soltou muito logo.

— Estava se defendendo porque estava te dando uma surra. — Quase pôde ouvir como lhe chiavam os dentes.

— Não é certo.

Ela levantou as duas mãos pedindo paz.

— Certo. Certo. Não te dava uma surra. Deu isso você sozinho e eu só estava ali olhando. — Olhou-a fixamente — Sabe? Parece um bolo de creme, mas a verdade é que é um tubarão... — Sorriu.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Que alegria que te tenha dado conta!

Ele grunhiu e recolheu o gelo do chão. Fez uma careta de asco ao agarrá-lo: o gelo tinha empapado o pano e todo o conjunto era uma massa molhada e sanguinolenta. Ficou em pé, levou-o a pia e desfez o pacotinho.

Lacey o observou enquanto punha um pouco de ordem.

— Ouça, por que estava dormindo aqui? — Perguntou lhe dando as costas.

— Acredito que me pus como uma Cuba no banquete. — Tinha um traseiro bastante bonito, decidi. Vibrava um pouquinho com o movimento de seu corpo enquanto lavava as mãos com o detergente para esfregar os pratos. Sentiu que a boca enchia de saliva e não era pelo aroma de limão do sabão.

— Supus isso por seus roncos. — Disse maliciosamente sem apartar a vista da pia — Mas se estava bêbada, por que não foi a sua casa em vez de subir um lance de escadas até aqui? De todas as formas, agora parece bastante sóbria.

— Não estava completamente bêbada, só um pouco mais que contente. E eu não ronco. — Disse automaticamente porque seguia tendo a atenção fixa em seu traseiro. Parecia tão firme como a polpa de uma maçã. Perguntou o que aconteceria lhe desse uma dentada — E como sabe você onde vivo?

— Neném, estava roncando como o motor de um transatlântico. — Surpreendeu-a ao lhe lançar um rápido sorriso por cima do ombro antes de lhe dar as costas de novo — E sei onde vive porque lan me disse isso.

— Ah. Por que pouco... — Sentiu que uma risada começava a formar-se o no peito e a reprimiu antes que pudesse escapar, tinha estado a ponto de pegá-la olhando o traseiro como se fosse um pastel na cristaleira de uma confeitaria... Inspirou lentamente para serenar e para tentar refrescar o sangue que tinha esquentado de repente.

— Então? — Seguiu perguntando olhando por cima do ombro de novo — Como é que acabou aqui e não em sua casa?

Lacey fez um gesto para o regador que havia junto a pia.

— Prometi-lhes que regaria as plantas.

Ele olhou o regador que estava apoiado precariamente contra a parede de azulejos e ela aproveitou a oportunidade para voltar a lhe olhar o traseiro. Baixou os pés ao chão outra vez e brigou um pouco com a saia do vestido, esfregando as coxas um contra outra no que esperava que fosse uma tentativa imperceptível de aliviar a dor repentina que sentia no lugar que havia entre elas. Só uma mordidinha... Bom, tá, uma boa dentada, talvez como um par de lambidas...

— Lacey...

Os olhos dela se fixaram nos seu e se ruborizou culpada.

— O que?

— Estava olhando meu traseiro fixamente.

Para sua total vergonha, suas bochechas avermelharam ainda mais.

— Mas o que diz?

— Estava olhando meu traseiro! — Sorria-lhe por cima do ombro enquanto terminava de enxaguar as mãos.

— Sabe? Surpreende-me que possa caminhar com o peso desse enorme ego sobre seus ombros.

Ele piscou um olho com um brilho divertido lhe brilhando no fundo das pupilas.

— Céu, não necessito nenhum pinga de ego depois de te pegar me olhando o traseiro como



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

se fosse à última bolacha do prato.

— Tá! — Lacey soltou uma breve gargalhada — É o que você gostaria.

— Não, você gostaria. — Estava claro que estava se divertindo. Agora se apoiava contra a pia com os tornozelos e os braços cruzados — Já você gostaria de poder me dar uma boa dentada.

Essa frase quase conseguiu dar no alvo. Como não tinha outra estratégia, decidiu que devia tentar sair daquilo o mais descaradamente possível.

— Por favor. — Grunhiu — Pode ser que me tenha fixado em que tem um traseiro melhor que o da maioria...

— Traseiro?

— Mas isso não significa que tenha vontade de lhe dar uma dentada, por Deus. — Revirou os olhos — Por favor...

— É a pessoa que pior mente de todas as que conheci.

Ficou boquiaberta e o olhou fixamente.

— E isso é o pior que alguém me disse na vida!

— Bom, pois é certo. — Devon riu — Nem sequer pode me olhar enquanto fala, está olhando além de meu ombro. O que disse é a mentira mais gorda do mundo.

— Certo. — Lacey entreabriu os olhos sem afastar os dos seus — Tem um traseiro horrível. Plano, estreito e caído. Tem traseiro de frango.

Devon soltou uma breve gargalhada.

— Fá-lo fatal.

— Mas se estava olhando nos olhos!

— Sim, mas eu já sei que não tenho traseiro de frango. Se quiser mentir, tem que fazer que ao menos pareça um pouco acreditável. — Sacudiu a cabeça sem deixar de rir.

— Que convencido! — Olhou-o e depois se levantou da cadeira, colocando o vestido enquanto se dirigia à porta — Não vou voltar a ter fantasias contigo. — Murmurou entre dentes.

— O que?

Ela se deteve e se voltou enquanto ele abandonava sua postura relaxada, apoiado contra a pia.

— Quanto o que? — Perguntou ela. Tinham escurecido os olhos ao olhá-la.

— O que disse?

Ela umedeceu os lábios com a língua e viu como seus olhos seguiam o movimento.

— Eeeeh... Nada.

— Como que nada? — Deu um passo para ela — Você disse algo de "fantasias".

— Não.

As comissuras de seus lábios se dispararam para cima.

— Sim.

Lacey suspirou.

— Certo, sim. Eu disse "fantasias", e o que?

— Me conte essas fantasias.

— Não.

— Não?

— Isso é o que disse. — Cruzou os braços sobre o peito — Foi um bobo comigo, me disse que minto mal e por isso não vou compartilhar nenhuma dessas fantasias contigo.

— Eu fui um bobo? Mas se foi eu o que recebeu a surra!

— Nossa! — Exclamou assinalando — O admitiu! Dei-te uma surra!



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Deus... — Devon olhou ao teto tentando controlar-se para não matá-la. Lacey simplesmente ficou esperando; estava acostumada a essa reação.

— Dá igual. — Murmurou sem deixar de olhar ao teto — De todas as formas não posso me deitar contigo...

Lacey pestanejou.

— Como?

— É a melhor amiga de Jane. — Explicou sem deixar de olhar o teto — Assim não importa que ache que tenho traseiro de frango. — Fez uma pausa e franziu a testa pela confusão— Quem pintou todos esses bebês gordos no teto? Brilham... — Ela franziu o cenho, furiosa.

— Pintou-os Jane e não são bebês gordos, são querubins; supõe-se que os querubins têm que brilhar. E não mude de tema. — Deteve-se um momento — Qual era o tema? — Perguntou.

— Meu traseiro de frango. — Respondeu ele, sem deixar de olhar os querubins brilhantes — E o que estão fazendo?

— Jogando boliche. Mas não estávamos falando de seu traseiro de frango, que você sabe perfeitamente que não é de frango. Deus, poderia se servir café nesse traseiro. — Acrescentou— Estávamos falando de por que não pode se deitar comigo.

— Isso. Jane pintou querubins brilhantes que jogam boliche no teto de sua casa?

Lacey deu de ombros.

— Aborreceu-se das cabras que montavam de moto. E o que quer dizer isso de que "não pode se deitar comigo"? Quem te pediu que se deitasse comigo?

Deu de ombros e afastou a vista dos querubins com o boliche.

— Ninguém. Mas não poderia de todas as formas, assim melhor.

— Por que sou amiga de Jane? — Ao ver que assentia, Lacey levantou ambos os braços — E o que tem que a ver isso?

— Ao lan não faria graça.

— E o que tem ele a ver com tudo isto? — Insistiu Lacey a ponto de gritar.

— Confia em mim. — Voltou a lhe sorrir, desfrutando de sua confusão — Não lhe faria nenhuma graça.

— Talvez não. — Admitiu de mau humor — E o que? Sempre têm em conta seus sentimentos antes de se deitar com alguém?

— Não. Mas acredito que há alguma norma sobre deitar-se com a melhor amiga de sua mulher. Assim que é uma sorte que não tenha que me preocupar por isso.

— Sim. — Reconheceu Lacey com um cenho franzido — Uma sorte...

— Embora tenha que admitir que tenha certa curiosidade por essas fantasias.

— Falecidas fantasias. — Corrigiu ela.

— Isso: falecidas fantasias. — Acomodou-se em uma cadeira da cozinha, colocando escarranchado sobre o assento e apoiando os braços no respaldo. Sorriu-lhe despedindo encanto, sexo e hormônios por todos os poros. Ela notou que essa combinação fazia que se sentisse um pouco tonta.

— Não deveria sorrir às pessoas assim. — Repreendeu, mas sua voz não soou tudo tão formal ela tivesse querido — Poderia causar um acidente ou algo.

— Vamos. — Animou — Conta me uma dessas fantasias. É o menos que pode fazer depois de me dar uma surra.

— Não, não posso. Não seria justo com você.

— Por quê? — Perguntou de uma vez que arqueava uma sobrancelha.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ela fez uma careta.

— Acabaria tendo uma vantagem terrível sobre você.

— E isso por que o acredita?

Deu de ombros.

— Se lhe conto minhas fantasias, então quereria te colocar na cama comigo e já me disse que não queria.

— Não é certo. — Disse levantando um dedo — Eu disse que não podia me deitar contigo, não que não quisesse.

Ela revirou os olhos.

— Detalhes... O resultado é o mesmo.

— Mas. — Continuou ele — Não sou fácil de seduzir. Assim duvido muito que possa consegui-lo só me contando uma fantasia.

— Oh, carinho. — Disse olhando-o com compaixão — Não tem nem ideia do poder que tenho.

Ele sorriu de novo, obviamente encantado, e ela voltou a sentir essa tontura. Esse sorriso era letal. Tudo.

— É uma mulher aficionada às apostas, Lacey Johnson?

Ela entreabriu os olhos. Adorava as apostas, era seu hobby favorito. Mas ele queria...

— Depende do que esteja em jogo.

Ele assentiu girando o corpo para um lado sobre a estreita cadeira da cozinha para procurar em um de seus bolsos dianteiros. Tirou um bolo de notas, extraiu um par deles e os jogou sobre a mesa.

— Cem paus a que não pode me seduzir.

Capítulo 6

Lacey ficou olhando o dinheiro que havia sobre a mesa e não soube se ria ou sentia-se ofendida. Olhou-o.

— Está como uma cabra.

Ele deu de ombros; o que dançava em suas pupilas era malícia pura.

— Se tiver tanta confiança em "o poder que tem", aceita a aposta. Se não... — Disse estendendo as mãos — Terei que supor que tudo isso não é mais que falatório.

Ela cruzou os braços e o olhou através das pálpebras entrecerradas.

— Bonito, poderia fazer que se esquecesse até de seu nome.

— Demonstra-o. Reforce com seu dinheiro o que dizem seus lábios. Claro, a menos que...

Lacey sabia que não devia perguntar, mas o fez de todos os modos.

— A menos que o que, traseiro de frango? — Ele deu de ombros.

— A menos que tenha medo.

Não havia forma de que ela pudesse deixar que uma afirmação como essa ficasse sem resposta.

— Certo, homenzinho, está perdido. — Meteu-se a mão no decote do vestido.

— Homenzinho? — Perguntou olhando a mão que acabava de desaparecer entre seus seios

— Neném se tem vontade de apostar me parece que terá que retirar isso. Mas o que faz?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Procuero... Merda! — Murmurou e colocou mais a mão no vestido. Depois de uns momentos de busca, ao fim soltou um "Encontrei!" triunfante e tirou a mão com um maço de dinheiro.

— Sempre guarda o dinheiro no decote? — Inquiriu olhando-a estirar os bilhetes enrugados.

— Tinha que dar gorjeta aos garçons das bodas. — Disse distraída, concentrada em contar — Sessenta, oitenta, cem. Aí estão. — Aproximou-se da mesa e pôs cinco maltratados bilhetes de vinte sobre seus dois bilhetes de cinquenta novinhos — Aceito a aposta.

Devon sorriu.

— Certo. Seduza-me. — Lacey levantou a mão.

— Devagar, apressadinho. Quais são as normas? — Ele voltou a encolher de ombros.

— As normas são que tem que me seduzir.

— Certo. Mas que se considera sedução?

— Tem que me convencer de que faça o que já disse que não queria fazer: deitar-me contigo.

— Não disse que não queria se deitar comigo; disse que não podia.

— **Touché**. Tem razão — Reconheceu sorrindo — Tem que me convencer de que faça o que disse que não podia fazer.

— Certo. — Assentiu saltitando como um boxeador em busca do título que acabasse de saltar ao ring — Alguma limitação?

— Não me pode tocar. — Decidiu Devon — E tem que me contar ao menos uma fantasia.

— Certo. — Voltou a assentir — Pronto?

— Pronto. — Abriu os braços e luziu um sorriso torcido — Faz o que possa.

— Tenho que te contar uma fantasia? — Perguntou. Quando ele assentiu, ela sorriu — Bem. Bom, sabe que Jane organizou as bodas com sua mãe, não?

Ele franziu o cenho.

— Se suas fantasias começarem assim acredito que vai perder esses cem paus.

— Você me faça caso. Como dama de honra tive que estar presente na maior parte dos preparativos. E não sei quanto sabe sobre mães, filhas e bodas, mas houve muitas discussões. Muitíssimas. Sobre tudo quando a senhora Denning queria croquetes de salmão e Jane aspargos envoltos em presunto. Ou quando sua mãe queria pomba assada com ervas silvestres e Jane queria roastbeef. Ou quando...

— Já entendi. — Disse Devon levantando uma mão para deter a contagem — São duas cabeças duras. Acredito que vou comprar umas entradas para ver os Blackhawks com seu dinheiro.

— Já te emprestarei meus abonos de temporada. — Respondeu ela — Como dizia. Que cada vez que ficavam a discutir sobre os entrantes ou o que fosse eu desconectava e procurava me distrair. E como fazíamos as reuniões no escritório de Ian, a única coisa com a que podia me distrair naquela habitação era a foto de vocês dois.

Devon franziu o cenho surpreso.

— Ian tem minha foto no escritório?

— Sim, você e ele em uma espécie de selva, vestidos com um algo parecido a um uniforme de camuflagem e com um par de pistolas.

Devon ficou olhando-a.

— Pistolas?

— Sim. E têm a cara pintada, suponho que para que fizesse jogo com os uniformes ou algo assim. Assim que cada vez que Jane e sua mãe se encetavam, eu me entretinha contigo.

[A9] Comentário: Na *esgrima*, 'touché' (em francês) "tocado"; (pronuncia-se tu-chê) é usado como um reconhecimento de um golpe, dito pelo esgrimista que está golpeando.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Certo, parece que já chegamos à parte boa. — Disse revolvendo-se na cadeira para poder olhá-la de frente e esticar as pernas — Demorou o bastante...

— Não fiz mais que começar... Assim começava a me montar todas essas fantasias, mas...

— Mas o que?

— Mas não levava tanta roupa nelas. — E dito isso procurou o zíper oculto em um lado do vestido, o desceu e deixou que caísse ao chão. Sorriu ao ver que seus olhos perdiam a expressão e que esticava a mandíbula. Agradeceu mentalmente à mãe de Jane que tivesse insistido naquele sutiã sem alças que desafiava à gravidade subindo os seios quase até o queixo e que agora centrava totalmente a atenção de Devon. E depois agradeceu a si mesma a minúscula tanga de tiras que tinha decidido colocar — E tinha na mão um telefone de ducha. — Disse despreocupadamente.

Pôde ouvir como tragava ele.

— Telefone de ducha? — Repetiu sem afastar os olhos de seu decote.

— Isso. — Jogou as mãos às costas e desabotoou o sutiã com indiferença. O objeto se soltou e caiu ao chão sobre o atoleiro de seda rosa do vestido — Sim. — Continuou — Este telefone de ducha não é fixo e tem sete posições diferentes. Tenho-o da universidade. Eu o chamo Raul.

— Raul. — Repetiu sem deixar de observar seus seios nus. Fazia uma boa temperatura no apartamento, mas a excitação esticava os mamilos e ao Devon faltava pouco para ficar a babar diante a visão — Por que o chama assim?

— Que por que o chamo Raul? — Viu-o assentir sem perder de vista seus seios. Sorriu — Bom, tendo em conta o que faz por mim, não lhe pôr nome seria um pouco... Impessoal.

Isso conseguiu que afastasse um segundo os olhos de seus seios.

— Ah, sim? E o que é o que Raul faz por você?

— Oh, é o substituto perfeito de um homem, suponho que sabe por aonde vou. — Lacey enganchou os polegares nas finas tiras que lhe rodeavam a cintura e brincou com elas enquanto ele a olhava — Mas bom, o importante é que eu desconectava do que falavam Jane e sua mãe e me concentrava nessa sua foto, para depois ir a casa, a minha cama solitária e vazia. E estava tensa. Custa-me dormir quando estou tensa, aconteceu-te alguma vez? — Perguntou enquanto começava a baixar as meias e a tanga de uma vez.

Ele, completamente centrado na descida da seda negra por suas pernas, só emitia um som que ela decidiu tomar-se como um sim.

— Quando estou tensa e não posso dormir, o normal é que vá tomar uma ducha quentinha para me ajudar a relaxar. — Sorriu e acabou de tirar as meias e a roupa interior.

E ficou de pé na cozinha de sua melhor amiga, nua como Deus a trouxe para o mundo e convencida de que olhá-la supunha um espetáculo fantástico. O spinning e os pesos, embora endemoniados tinham-na ajudado a manter um físico esbelto e firme apesar de seus hábitos alimentares próprios de uma adolescente. Quando começou a rondar os vinte e cinco se deu conta de que seu metabolismo tinha começado a trocar e que tinha duas opções: ir ao ginásio regularmente ou deixar as batatas fritas e os doces. Como não tinha intenção de passar à comida vegetariana e o tofu, investia suficientes horas no ginásio para que todo se mantivesse firme e em seu lugar.

E pela forma em que a olhava ele, com a boca aberta, disse-se que tinha merecido a pena. Passou as mãos pela pele, subiu-as pelo torso e por cima dos seios e soltou um leve gemido do fundo da garganta.

— Mas uma ducha quente não sempre é suficiente para fazer que desapareça toda a tensão.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Voltou a descer as mãos, deslizou-as pelos quadris e fez vários círculos sobre seu ventre. Introduziu um pouco os dedos na carne suave de seu sexo e isso fez que o olhar dele se fixasse aí e não se separasse. Sabia que na forte luz da cozinha não havia forma de que não visse a umidade que lhe cobria a carne.

— Bem... Ah... E o que é que faz que desapareça a tensão? — Ela riu ronronante diante quão áspera soava sua voz.

— Bom, eu acredito no alívio natural do estresse. As endorfinas.

— Endorfinas.

— Isso. — Disse em um sussurro sem deixar de acariciar com os dedos a carne úmida de seu sexo. A expressão de seus olhos combinada com a excitação de tocar-se diante dele estava fazendo que ficasse muito excitada.

Ele conseguiu afastar os olhos de sua entre perna e olhá-la no rosto; a luz selvagem que havia em seus olhos fez que o coração pusesse a mil.

— E como consegue essas endorfinas?

— Com o exercício, duro. Mas como não tenho nenhuma máquina de ginásio em casa e meu ginásio não abre vinte e quatro horas, às vezes é difícil conseguir suar um pouco. Mas Raul... Ele é fantástico com as endorfinas.

De novo estava passando os dedos pelo torso, deixando um rastro de seus próprios fluidos sobre a pele. Viu como Devon tragava com dificuldade e umedecia os lábios e não pôde evitar um estremecimento ao pensar nessa boca sobre ela.

Com muito esforço devolveu sua mente à tarefa da sedução.

— Raul... Mencionei que tem sete posições? — Ele assentiu com os olhos seguindo o caminho que iam riscando seus dedos, que brincaram um pouco com seus seios, só rodeando por debaixo sua curvatura e depois subindo para passar por cima do mamilo— E mencionei também que minha posição favorita é "pulsção"? — Sussurrou.

Ele não afastava a vista de suas mãos, que agora tinha levado até seu sexo.

— E quando o dirijo justo aqui. — Assinalou — E escolho a posição "pulsção"... — Ficou a mover os dedos imitando o jorro rápido da ducha. Gemeu e fechou os olhos quando os pequenos brilhos da excitação iam se transformando em relâmpagos enquanto se acariciava o clitóris — Quando faço isso. — Continuou com a voz pastosa pela tensão e o desejo — A tensão simplesmente parece desvanecer-se.

Ofegou, quase sem fôlego, e abriu os olhos para olhá-lo. Seus olhos seguiam pegos a suas mãos, ofegava irregularmente e se via tensão em todas as linhas de seu corpo apesar de sua postura relaxada na cadeira. Lacey arqueou uma sobrancelha ao ver um vulto mais que evidente em seu jeans.

— Bom. — Disse com o tom mais normal que pôde conseguir — Acredito que com isso será suficiente.

Deu dois passos, passou a seu lado e agarrou o dinheiro da mesa. Teve muito cuidado de não lhe roçar com os seios, porque isso ia contra as regras. Viu-o inspirar bruscamente quando chegou o aroma de sua pele, quente pela excitação.

Ergueu-se e aproximou os dedos, cobertos de seus fluidos fragrantos, a uns poucos centímetros de seu nariz enquanto dobrava os bilhetes pela metade. Voltou-se e afastou sem deixar de sentir seu olhar sobre ela como se fosse uma carícia. Deteve-se na soleira e o olhou por cima do ombro.

— Estou um pouco tensa, Diabo. Tem alguma endorfina que possa me emprestar? — Não



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

esperou a que respondesse, mas sim se girou e cruzou o corredor para o quarto. Lacey podia sentir esses olhos fixos em suas costas enquanto caminhava e lhe custou conter a excitação. Quando ouviu a cadeira roçando o chão e seus passos atrás dela, sorriu pelo triunfo e a antecipação.

Capítulo 7

Chegou à porta do quarto e a empurrou com o pé. Cruzou a habitação esquivando caixas e material de embalagem para chegar até a cama, deixou o dinheiro na mesinha, agachou-se e agarrou a garrafa de champanhe que estava jogada no chão. Ao voltar-se o encontrou de pé na soleira, olhando-a com os olhos cheios de desejo.

— Não acredito que vamos necessitar isto, verdade?

Ele mostrou um sorriso lascivo.

— Se você gostar do sexo duro, carinho, será melhor que vá desculpando já a partir de agora. — Ela riu, o que a surpreendeu até a ela mesma. Fazia muito tempo que não o passava tão bem com um homem.

— Oh, não se preocupe por isso. Sim que eu gosto de variar um pouco de vez em quando, mas meus gostos não incluem os hematomas. Nem tampouco tenho as fantasias de submissão que tem Jane.

Resultou-lhe divertidíssimo ver que sua face ficava totalmente sem expressão.

— Fantasias de submissão? Não tenho nem ideia do que está falando.

Ela riu e revirou os olhos.

— Por favor. Sei que os caras fofocam como velhas. — Assinalou-o com um dedo, uma faísca lhe dançando nos olhos — E se não tivesse nem ideia do que estou falando, não pareceria por sua expressão que lhe estão submetendo a um interrogatório.

Teve a decência de parecer envergonhado.

— Certo Ian me disse isso. Mas eu não gosto de nada disso de "fofocar como velhas".

— Pois isso é o que parecem. — Respondeu — De todas as formas, só queria deixar claro que, se isso for o que busca, não vai. Eu prefiro participar.

— Bom. — Disse lhe tirando a garrafa — A verdade é que vai mais o tipo de mulher participativa.

Lacey o olhou enquanto punha a garrafa na mesinha, incapaz de reprimir um calafrio ao pensar nessas mãos sobre seu corpo.

— Certo. — Conseguiu dizer respirando fundo — Parece que estamos de acordo.

Ele sorriu com essa expressão predadora tão masculina e ela sentiu que os músculos de sua vagina se esticavam pela antecipação. Ele acendeu o abajur da mesinha, acrescentando um suave resplendor à luz que chegava do corredor. Sentou-se na cama e apoiou as mãos no colchão.

— Bom, agora que me seduziu... — Disse quase em um grunhido — O que tem planejado fazer comigo?

Ela sorriu e tentou voltar a tomar o controle ao ver a luxúria em seus olhos. Deu um passo para aproximar-se.

— Parece-me que leva muita roupa, não acredita? — Ele a olhou com os olhos em chamas.

— É que não acredita nisso das preliminares?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Claro que sim. Sou uma mulher. Mas eu gosto mais das preliminares nus. — Deu outro passo para aproximar-se com um sorriso confiado e um pouco arrogante — E devo te advertir que minhas fantasias não são como as da maioria das mulheres.

Viu como seu pomo de adão se agitava convulsivamente ao engolia seco.

— Sim... Já vejo. — Conseguiu dizer.

— A maioria das mulheres fantasiam com histórias completas; veem todo o assunto em suas mentes, do momento do encontro até o final doce e orgástico.

— E você não? — Perguntou de novo lhe olhando as mãos que voltavam a subir e descer por seu torso.

Ela sacudiu a cabeça desfrutando da aceleração de seu sangue pela luxúria.

— Não, eu gosto de... Ir direta ao ponto sabe? — Passou-se os dedos de uma mão pela estreita franja úmida de seu sexo— Assim na maior parte das fantasias já estão nus. E não quereria representar essa parte sem você...

Ela gritou pela surpresa quando o viu saltar para ficar de pé.

— Mas o que...? — Começou a dizer ao vê-lo arrancar a roupa a uma velocidade incrível.

— Asseguro-te que não vai representar nada sem mim. — Sua voz soava amortecida pela camisa que tentava tirar-se pela cabeça. Ficou enganchada, provavelmente porque não se incomodou em desabotoar-lhe primeiro e ela pôs-se a rir diante a fileira de juramentos que começou a soltar.

Ao fim conseguiu sair dela e a lançou ao outro lado da habitação. Bateu em dos abajures das mesinhas com a suficiente força para fazê-lo cair, mas por sorte aterrissou em uma caixa aberta cheia de mantas e lençóis. Tinham-lhe posto os cabelos de ponta pela eletricidade estática resultado da briga com a camisa e respirava como se acabasse de correr uma maratona, o que indevidamente fez que se fixasse em seu peito.

— Nossa... — Sussurrou sem dar-se conta sequer de que tinha falado. Era melhor do que tinha imaginado. Tinha o peito fantástico: musculoso, mas não tanto como se fosse de ginásio. Não, esse era um cara que se mantinha em forma fazendo outras coisas que não eram levantar peso de ferro e isso se via. Também tinha muito cabelo, um bom arbusto de pelo escuro que se estendia por seus peitorais e depois formava um caminho que desaparecia pela cintura de seu jeans. O “caminho feliz” o chamava Jane. Lacey esteve de acordo; agora mesmo olhando-o estava muito feliz.

Viu como as mãos de Devon se dirigiam ao botão dos jeans e o desabotoavam com um rápido movimento.

— Espera!

— Que espere? — Repetiu com a voz cheia de incredulidade.

Ela riu.

— Sim, mas não que espere de tudo. Só que me espere. — Disse ficando de joelhos diante dele e lhe agarrando a cintura.

Ele emitiu um gemido quando passou a mão sobre o duro montículo de seu membro por cima do tecido e se umedeceu os lábios enquanto seguia com o dedo o zíper metálico que agora era quão único os separava.

Ele amaldiçoou entre dentes que ela se tomasse seu tempo, convertendo o simples ato de lhe baixar o zíper das calças em tal tortura que chegou o momento em que ele já não podia deixar de mover-se sob suas mãos. Os dentes metálicos foram se separando lentamente, revelando pele bronzeada, pelo escuro e nada de roupa interior.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ela levantou a vista e o olhou entre as pestanas.

— Vai por aí em pleno comando?

Ele mostrou os dentes em um sorriso tenso.

— Não pude ir à lavanderia esta semana.

Ela sorriu e tirou a língua para umedecer de novo os lábios que lhe tinham secado de repente.

Depois.

— Uma coisa menos que tirar.

Começou a descer as calças, devagar, muito devagar, mas ele de repente deu um passo para trás.

— Oh, não. — Disse sacudindo a cabeça— Não vou passar por tudo isso outra vez. — E as arrancou ele mesmo.

Ela se levantou e tragou com dificuldade; tinha a boca seca. Seu membro estava totalmente ereto, palpitando de uma vez que os rápidos batimentos de seu coração. Ela sentiu que seu coração também estava acelerado e que o sexo pulsava ao mesmo ritmo e lhe enchia de umidade.

— Deus... — Exclamou ele e a olhou.

— O que acontece?

Ele voltou a sacudir a cabeça, os olhos escuros entrecerrados e pegos aos seus.

— Posso ver realmente como vai molhando sua vagina. — Disse com voz grave. Seus olhos desceram até seu sexo onde os fluidos brilhavam na tênue luz — E também posso ver o clitóris.

Lacey molhou os lábios e se esforçou por não gemer. O olhar dele era como um contato físico e a fazia estremecer de uma vez que apertava o nó de desejo que esticava seu ventre. Inspirou trêmula, ergueu as costas e separou um pouco os pés deixando mais ao descoberto.

— Certamente agora o verá melhor. — Disse em um sussurro baixando uma mão por seu ventre e brincando com a ponta dos dedos entre a carne nua de seu sexo. Podia sentir a umidade acumulada ali e tanto calor que se surpreendeu de que não saísse vapor.

Devon grunhiu no mais fundo de sua garganta e ela sentiu que os músculos do sexo se esticavam para ouvir esse som. Desesperada por recuperar as rédeas da situação, exclamou:

— Quer ouvir mais coisas sobre essas fantasias?

— Oh, sim. — Disse com voz rouca. Deu um passo atrás e se acomodou na cama, estirando-se quão comprido era e apoiando-se contra os travesseiros com as mãos atrás da cabeça — Estou seguro de que quero ouvir mais. Se não recordar mal, começam com ambos nus.

Ela assentiu.

— Sim, sempre estamos nus e em algum tipo de barraca de campanha.

— Uma barraca?

— Na única foto sua que vi estava na selva, assim sempre imaginei em uma barraca na selva. — Explicou, encolhendo os ombros e sorrindo — Mas sou flexível com os detalhes, assim substituirei a barraca pelo quarto de minha melhor amiga.

Sorriu.

— Bem. Continue.

— Certo. — Caminhou até os pés da cama afastando caixas com o pé. Inclinou-se para frente e apoiou as mãos no painel de madeira— Em minha versão favorita, eu me ponho a engatinhar por cima de você.

Ele ficou quieto, mas sua respiração se fez mais profunda e seu membro se agitou um pouco.

— E por que é sua favorita?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey subiu à cama e ficou a quatro em cima das pernas de Devon.

— Porque assim... — Sussurrou — Consigo sentir todo seu corpo contra o meu, centímetro a centímetro, até que estou o suficientemente perto para te beijar. — Inclinou a cabeça — Que tal te soa isso?

Observou-a com os olhos meio fechados enquanto ela flexionava os braços e baixava o torso o suficiente para lhe roçar as panturrilhas com os mamilos.

— Ummmm... — Soltou — E a que está esperando?

Ela sorriu.

— É que tem pressa, bonito? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Se por acaso não o notaste, tenho aqui entre minhas pernas um bonito taco de beisebol.

Ela se surpreendeu para ouvir rir. Deus, que bem o estava passando.

— Sim, sim que o tinha notado. Mas já sabe, estas coisas requerem seu tempo. — E dizendo isso baixou a cabeça e lhe lambeu a parte interior do joelho.

Ele vaiou e amaldiçoou quando seu quadril se arqueou involuntariamente. Abriu mais as pernas.

— Dei-me conta de que você gosta de fazer as coisas muito lentamente. — Resmungou.

— Lento mais seguro. — Murmurou e lhe mordeu a perna.

Voltou a vaiar.

— Pois vai tão devagar como queira neném. — Murmurou e separou mais as coxas. Sorriu contra a pele coberta de pelo do interior da coxa.

— Obrigado, acredito que isso é o que vou fazer. — Disse e suspirou. Fechou os olhos e respirou o aroma excitado de sua pele. Suor, sexo e homem: esses aromas lhe encheram a cabeça e a deixaram louca de desejo.

Foi avançando por suas pernas, de cima e abaixo, alternando lambidas, dentadas e beijos que lhe foram arrancando grunhidos e suspiros. A ela já começava a acelerar também a respiração; seu sabor e seu aroma estavam subindo à cabeça como se acabasse de tomar meia dúzia de doses.

Ao fim alcançou sua entre perna, ronronando de prazer quando lhe chegou todo seu aroma. Era mais forte ali, mais profundo e mais intensamente masculino. Incapaz de reprimir-se enterrou o nariz ali e inspirou.

— Deus, cheira que dá medo. — Disse em um grunhido. Ele riu, mas a risada soou forçada e tensa.

— Espero que isso seja um elogio. — Disse entre ofegos.

Ela riu, sorrindo quando o roce de seu fôlego sobre seu testículo o fez revolver-se de prazer.

— Bom, isso era o que pretendia, asseguro-lhe isso. Pergunto-me... — Deixou a frase no ar e incorporou-se um pouco. Esperou a que ele levantasse a cabeça para olhá-la. O sexo se esticou pelo desejo ao ver a cega luxúria em seus olhos e teve que inspirar fundo para acalmar-se.

— Me pergunto... — E sua voz soou áspera e tremula por sua própria necessidade — Se o sabor é tão bom como cheira. — E o olhando nos olhos baixou lentamente a cabeça e envolveu a ponta de seu pênis com sua boca quente e úmida.

Ele deixou cair à cabeça com um gemido assim que sua língua lhe tocou a pele, mas voltou a levantá-la para olhá-la com as pálpebras meio fechadas. Ela gemeu e o sabor dele explodiu em sua boca ao lhe rodear a inchada ponta do pênis com a língua, recolhendo as primeiras gotas de sêmen que se acumulavam ali. Afastou-se com uma comprida e profunda lambida.

— Ummmm. — Murmurou — O sabor é bom. Posso tomar um pouco mais?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Se sirva. — Conseguiu dizer com os dentes apertados e ela riu divertida.

— Isso é muito generoso por sua parte. — Sussurrou e voltou a inclinar-se sobre ele uma vez mais.

O colocou muito dentro em um só movimento, desfrutando da excitação que lhe produzia seu sabor e seu gemido de aprovação.

Lacey sempre tinha pensado que o sexo oral era algo mais que preliminares. Nunca tinha entendido às mulheres que só dedicavam um par de lambidas superficiais e depois ficavam de barriga para cima e exigiam que agora as tocassem. Na opinião de Lacey, dar prazer era tão divertido, se não mais, como obtê-lo e ela tinha intenção de divertir-se muito com o Diabo.

Estabeleceu um ritmo utilizando as mãos, a boca, os dentes e a língua para levá-lo a limite e mantê-lo um pouco ali. Ele tremia sob suas mãos e de seu pênis seguiam saindo gotas de sêmen que ela lambia como faria um gato com uma tigela de leite. Ele aproximou as mãos para afastar o cabelo que caía sobre a face e ela se moveu e o encontrou olhando-a. Gemeu forte e sentiu que sua vagina se esticava e lhe formigava. O ver ali, olhando-a chupá-lo enquanto olhava nos olhos, fazia que esse ato, um dos mais íntimos que podiam ocorrer, fosse quase insuportavelmente intenso.

Fechou os olhos brevemente e depois se obrigou a abri-los outra vez. Queria vê-lo quando gozasse.

Acabava de começar uma carícia longa e profunda, metendo-lhe até a garganta e chupando com força, quando sentiu que as mãos dele se enredavam no cabelo e puxava ela para trás. Surpreendida, que homem para em meio de uma mamada? Liberou-o e sentiu como ele puxava seu corpo até que teve sua face junto à dele.

— Por que me parou? — Ofegou. Tinha as mãos apoiadas em seu peito e a face a só centímetros da sua. Estava tão perto que podia ver as pequenas bolinhas de negro e verde que flutuavam em sua íris marrom dourada — Estava muito perto. Por que não me deixou acabar?

— É essa sua fantasia? — Perguntou — A que tinha em mente quando utilizava o Raul para liberar tensões?

Ela se lambeu os lábios.

— Uma delas.

Ele pareceu surpreso.

— De verdade?

— Oh, sim. — Sussurrou entre ofegos — Você entra na barraca cansado e tenso e incapaz de dormir e eu... Relaxo-te.

Ele deixou escapar uma risada entrecortada.

— Se em suas fantasias o fazia só a metade de bem do que o faz na realidade, estaria morto para quando acabasse comigo.

Ela sorriu.

— Não me importaria continuar com a demonstração...

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Quero ouvir uma fantasia diferente. Uma em que participemos os dois.

— Certo. — Disse sentindo que o líquido quente produto de sua excitação começava a sair dela. Escarranchado sobre seu plano estômago duvidava que ele pudesse não se dar conta.

— Deus, está empapada. — Disse e ela não foi capaz nem de envergonhar-se porque ele tivesse notado. Estava tão quente, mais do que tinha posto ninguém recentemente, que em quão único podia pensar era em encontrar uma camisinha e meter-lhe dentro, nesse lugar onde mais o



necessitava.

Antes que lhe desse tempo a fazer outra coisa que pensar, viu-se voando pelo ar e aterrissando de barriga para cima com ele em cima. Piscou pela surpresa.

— O que...?

Ele dedicou esse feroz sorriso de guerreiro que ela recordava tão bem da foto. Agora o efeito era inclusive mais potente porque sabia que o desejo de seus olhos e a feroz determinação de sua face eram dedicados a ela.

— Participação, recorda? Você teve seu turno; agora é o meu. — Disse descendo por seu corpo.

Lacey abriu a boca para dizer algo, embora não estava segura do que. Mas fosse o que fosse, morreu em sua garganta quando ele fechou a boca sobre um de seus seios. Engoliu um grito provocado pela surpresa ao sentir sua boca sobre a pele. Arqueou-se contra ele, aceitando a onda de sensações, e sua cabeça caiu contra o travesseiro enquanto enterrava os dedos em seu cabelo.

— Oh, Deus, Devon. Oh, por favor, não pare. Seja o que for o que está fazendo, não pare!

Ele disse algo contra sua pele que soou como "nem louco!", mas o sangue que lhe rugia nos ouvidos impediu de saber exatamente o que havia dito. E tampouco se importava, sempre e quando deixasse sua boca onde estava.

Dedicou-se a seus seios como um homem faminto se dedicaria a um bufê livre de Las Vegas, um desses nos que pode comer tudo o que queira por três dólares e noventa e nove. Os devorou com grandes dentadas e foi passando de um seio a outro até que ambos brilharam pela saliva e seus mamilos começaram a parecer-se às gominhas do final dos lápis: duros e rosados. Tratando-se de uma pele tão sensível, inclusive em circunstâncias normais, o contato de seus dentes sobre sua superfície excitada teve o efeito de uma descarga elétrica e logo ela esteve sem sentido, soluçando pelo desejo.

Devon levantou a cabeça e seus dedos tomaram a substituição no lugar que antes tinha ocupado sua boca, beliscando, puxando e acariciando seus mamilos enquanto a olhava à cara.

— Está gostando.

Não era uma pergunta, mas Lacey respondeu de todos os modos.

— Sim. — Ofegou arqueando-se diante seu contato e movendo as pernas incansavelmente contra ele, tentando aproximar-se — Por favor.

— Por favor, o que? — Sussurrou ele.

— Por favor, o que? — Repetiu ela confusa e se obrigou a fixar-se em sua face. Olhava-a com essa feroz sensualidade que já ficava patente na fotografia. Molhou os lábios — O que quer dizer com "Por favor, o que?"

Sua voz soou tão baixa, tão grave pelo desejo, que teve que concentrar-se muito para entendê-lo.

— Estas fantasias são participativas, não? — Ela assentiu sem deixar de ofegar — Pois minha parte da fantasia é que eu quero que me diga o que quer. Quero que essa boca perfeita e sexy...

— Disse enquanto ia aproximando a face da dela até que esteve a um milímetro de seus lábios — Diga-me as palavras. Diga-me o que quer o que necessita. — Passou sua boca sobre seus lábios trêmulos uma vez, dois, suave como um sopro de brisa — Diga-me. — Pediu ele.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey acreditou durante um segundo que o coração ia explodir. Como não o fez, pensou que essa devia ser a forma que Deus tinha de dizer que seguisse com o que estava fazendo. Assim com um som que era meio gemido, meio grito, agarrou-lhe a cabeça e a aproximou da sua.

Devon a beijou como se queria comê-la inteira e ela respondeu com o mesmo ardor.

Quando ambos necessitaram ar, ele afastou a cabeça, mas só lhe deu tempo a uma inspiração antes de puxá-lo procurando mais.

Lacey choramingou e atirou de sua língua, desesperada por manter alguma parte dele dentro dela. Sentiu que ficava rígido sobre ela e seu gemido ressonou em seu peito e vibrou contra seus mamilos sensíveis. Afastou a boca ofegando.

— Diga-me. — Disse com voz rouca — Diga-me isso.

— Quero sua boca sobre meu corpo. — Ela sussurrou — E suas mãos. Quero-te dentro de mim.

Seus olhos cintilaram e dilataram as janelas do nariz.

— Onde? — Disse quase sem voz. Seu peito parecia um fole — Onde quer que ponha a boca?

— Em todas as partes. — Respondeu. Com os olhos abertos e sem deixar de observá-lo, soltou as mãos de seu cabelo e passou as palmas sobre os seios trêmulos — A quero sobre meus seios. — Foi descendo as mãos pela pele suarenta de seu torso — Sobre meu ventre. — Ele se incorporou um pouco para seguir com os olhos o caminho que ela estava riscando com as mãos. Abriu as coxas e seus joelhos se chocaram com os dele, que a aprisionavam a ambos os lados — Sobre minhas coxas. — Inspirou estremecida quando ele levantou a vista para olhá-la e seu ventre se esticou pelo desejo — A quero sobre meus clitorís e no sexo. — Introduziu os dedos na cálida cova de seu sexo, sentindo sua umidade. Subiu os dedos úmidos até sua boca e, tremendo, molhou-lhe os lábios com seus fluidos — A quero em todas as partes.

Devon gemeu junto às pontas de seus dedos e seu nariz se dilatou ao notar o aroma dela que subia dos mesmos. Tirou a língua para saboreá-los e seu férreo autocontrole saltou em pedaços.

Lançou-se contra sua boca com força, introduzindo a língua entre os dentes uma e outra vez. Ela não podia parar de retorcer-se sob seu corpo; estava-lhe fodendo a boca, imitando o ritmo do sexo e isso a estava deixando louca.

Justo quando pensava que ia perder o sentido, ele liberou a boca. Foi descendo por seu corpo começando por seu pescoço, mordiscando a garganta e a clavícula. Deteve-se em seus seios para lhe emprestar atenção à pele sensível de seus mamilos com uma combinação de lambidas e dentadas que a fizeram sofrer pelo prazer renovado e arquear as costas.

Não deu tempo a seu sistema para recuperar-se. Os músculos de seu estômago tremeram incontrolavelmente quando colocou a língua no umbigo e suas pernas também começaram a tremer quando percorreu com ela a sensível pele do lugar no que as coxas se encontram com o torso.

— Devon. — Gemeu — Não posso... Não posso...

— Sim que pode. — Assegurou com voz rouca e lhe abrindo a carne excitada com os polegares, enterrou a língua em seu sexo.

Lacey gritou; a surpresa ao sentir sua boca lhe provocou o primeiro pico do orgasmo. Ele soltou um grunhido grave de aprovação e passou suas mãos sob suas nádegas para lhe agarrar com força os quadris enquanto a golpeava o orgasmo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ela teria caído sobre a cama exausta quando ao fim pararam os espasmos, mas ele se moveu, colocou dois dedos profundamente em sua vagina que ainda se agitava, colocou a boca sobre seu clitóris e incrivelmente ela se viu envolta pelo orgasmo outra vez.

Ele a fez gozar duas vezes mais antes de afastar-se. Ela ouviu longe rebuscar na gaveta da mesinha e depois escutou com alívio o revelador som do plástico ao rasgar-se que significava que ele estaria dentro dela logo. Em um momento havia retornado seus largos ombros bloqueando a luz que vinha do corredor e sumindo sua face em sombras. Sentiu que deslizava os braços sob suas pernas para abri-las e as levantava enquanto se movia entre suas coxas. O roce de seu membro contra sua coxa a tirou de uma letargia satisfeita e começou a resistir.

— Espera. — Disse empurrando a imóvel rocha que era seu peito — Devon, espera. Por favor.

Ele a olhou com o cenho franzido, os músculos da face tensos pelo esforço que estava fazendo para não meter-se imediatamente em seu interior.

— O que? — Conseguiu articular.

Ela não respondeu, só seguiu o empurrando os ombros até que se afastou e se sentou. Não deixou de lhe empurrar enquanto ficava de joelhos e ele ao fim se rendeu e se tombou de barriga para cima.

— Se tiver mudado de opinião. — Resmungou — Será melhor que me dê um tiro e acabemos com isto. Será mais humano por sua parte.

Ela conseguiu encontrar a energia para soltar uma risada insegura enquanto ficava escarranchada sobre seu quadril.

— Não mudei de ideia. — Ofegou. Colocou a mão entre ambos, agarrou firmemente seu pênis coberto de látex e a manteve em seu lugar enquanto se erguia — É que tinha especial interesse em cumprir esta parte da fantasia — Molhou os lábios — Eu gosto de estar em cima.

Voltou a rir, mas soou um pouco forçado. Foi descendo pouco a pouco, o justo para introduzir a sensível ponta de seu pênis no interior úmido de sua vagina e depois se deteve. Estremeceu-se quando o início de seu membro alargou a abertura tenra cuja carne vibrou e se fechou sobre ele enquanto ela ajustava sua posição para senti-lo bem em seu interior. Baixou outro centímetro, mordendo o lábio para reprimir o gemido ofegante que ameaçava escapar.

— Nada disso. — Disse e ela o olhou. Observava-a com a respiração pesada e rápida, a face avermelhada e os olhos brilhantes — Não morda o lábio. Quero ouvir todos os gemidos, os ofegos e os gritos.

Ela soltou o lábio e desceu outro centímetro. Desta vez deixou que o gemido saísse e sentiu que os dedos dele se crispavam em seus quadris em resposta. Provavelmente ficassem hematomas, mas, quem se importava?

Alargou o momento da penetração tudo o que pôde, descendo centímetro a centímetro e depois parando, saboreando a sensação. Essa era sua parte favorita do sexo: o calor e a fricção da primeira investida penetrante. Podia sentir o pulso que pulsava na carne dura de seu pênis e a sensação que fazia estremecer de novo seus lábios hipersensíveis.

Desceu um pouco mais e deu um pulo ao notar o aumento na sensação de plenitude. Ele era grande, maior do que se precaveu no calor do momento e começou a preocupar-se de não poder meter-se todo.

— Não faça isso. — Sussurrou ele e lhe soltou os quadris para apoiar-se em um cotovelo — Não o danifique pensando. Pode colocá-lo todo, sei que pode. Se deixe levar, neném.

Ela umedeceu os lábios e continuou descendo. Soltou um tímido grito. Sentia-se cheia,



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

estirada até o limite.

— Não acredito que possa. — Conseguiu dizer.

Ele vaiou e lhe agarrou de novo os quadris. Ela se apoiou e fechou os olhos com força, esticando-se ao pensar que em um segundo ele voltaria a tombá-la sob seu corpo. Mas em vez disso sentiu que lhe acariciava o osso púbico com o polegar e ia descendo até seus clitóris. Pressionou-o com força em uma carícia brusca que a deixou sem fôlego e fez que sua vagina se fechasse com força sobre seu pênis. Ouviu-o soltar um gemido estrangulado através do rugido do sangue em seus ouvidos e conseguiu ver através das estrelas que começavam a levar seus olhos que ele jogava atrás a cabeça.

No momento seguinte a estava olhando enquanto seguia acariciando-a com círculos decididos.

— Lacey, desça a vista. — Disse apenas sem voz. Ela o olhou, sem compreender a princípio

— Nos olhe, a você e a mim. — Explicou e a rouca ordem que havia em sua voz fez que obedecesse automaticamente.

Olhou para baixo e seu corpo se inclinou um pouco para trás para tentar ver o que ele via.

— Oh, Deus. — Ofegou ao ver que a base de seu membro, com apenas um par de centímetros fora de seu corpo, e a pele escura sob a borracha da camisinha. Viu ela, aberta em cima dele como uma flor absorvente, rosa e úmida. Também viu que seu clitóris pulsava de uma vez que seu coração e sentiu que os primeiros sinais de um novo orgasmo começavam a encher seu ventre — Oh, Deus, Devon. — Sussurrou. Não afastou os olhos do lugar onde estavam unidos, mas estirou as mãos às cegas. Sentiu que ele as agarrava e as agarrava o suficientemente forte para quebrar os ossos e puxava ela para entrar os dois últimos centímetros.

Ficou ali, agarrada a ele enquanto lutava para tranquilizar a tormenta de sensações. Não podia fixar-se em nada, não podia concentrar-se; havia muitas coisas passando em seu interior. Sentia o sexo estirado além de sua capacidade, a carne tremendo e estremecendo-se ao redor de seu pênis enquanto seu corpo lutava por ajustar-se e relaxar-se diante a invasão. Sentia os seios pesados e os mamilos pulsando de uma vez como seu acelerado coração. Ouviu-o falar lentamente, palavras de ânimo e desejo que realmente não conseguiu distinguir. Só notou o tom, o desejo tão profundo em sua voz que soava como um ronrono que vibrava por todo seu corpo. Podia sentir a tensão nele; sabia que lhe estava dando tempo para adaptar-se e relaxar-se embora seu instinto pedisse que se movesse que investisse, que a fodesse.

Uns segundos depois a onda de desconforto diante essa penetração repentina se acalmou, ela inspirou fundo pelo alívio e isso a fez gemer porque inclusive o mais mínimo movimento que fazia contra seu membro provocava um espasmo em sua pele hipersensível.

Olhou-o e molhou os lábios.

— Esta. — Conseguiu dizer com a voz tensa e rouca — É minha fantasia. — E começou a mover-se.

Ambos gemeram quando ela se levantou sua vagina apertando forte seu pênis em um beijo úmido enquanto ela o tirava lentamente. Só permaneceu um segundo fora porque começou a descer de novo até que sentiu seu testículo contra seu traseiro. A sensação era tão deliciosa que quase não parou antes de voltar a fazê-lo de novo, o movimento fluido e tranquilo. E outra vez, uma e outra vez com o mesmo ritmo lento, sem afastar os olhos de sua face, agarrada a ele para manter ao equilíbrio enquanto saboreava todas as sensações que lhe provocava.

Lacey sabia que estava reprimindo. A força com que a agarrava era tremenda e os músculos de seu pescoço e seus ombros pareciam tensas cordas. Cada roce de sua vagina contra seu pênis



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lhe provocava gemidos afogados e maldições escapavam em sussurros de seus lábios. Levantava os quadris para encontrá-la cada vez que descia. Não sabia quanto tempo mais poderia continuar torturando-o com esse ritmo lento; já podia sentir a força de seu próprio orgasmo que começava a acumular-se em seu ventre e a necessidade de acelerar o final estava fazendo difícil de ignorar.

Deixou que seus olhos se fechassem e se centrou nas sensações que bombardeavam seu corpo enquanto subia e descia a um ritmo constante. A maravilhosa sensação de plenitude quando o introduzia ao mais profundo de seu corpo, a gloriosa fricção quando voltava a levantar-se, a ponta de seu pênis tocando e roçando as sensíveis paredes de seu interior quando apertava instintivamente para mantê-lo dentro. Sentiu que ia pondo um arrepio diante a sensibilidade que aumentava por momentos; parecia uma corrente elétrica que corria justo por debaixo da superfície, formigando e fazendo cócegas deliciosamente.

Quis sentir suas mãos sobre ela de novo e se inclinou um pouco para frente para pôr as palmas dele sobre seus seios estremecidos. Seus dedos se fecharam instintivamente sobre a pele sensível, massageando-os e acariciando-os. Parecia saber que, ao usar seus fortes dedos para massagear, puxar e acariciar, estava acrescentando pressão a sua já intensa excitação. A cabeça dela caiu para trás e um profundo gemido saiu de sua garganta.

De repente o ritmo lento e constante já não foi suficiente.

— Tenho que ir mais rápido. — Gemeu sem saber se era a ele a quem o estava dizendo, porque o certo é que não esperou a que desse sua aprovação para mover-se mais rápido, mas sim o fez quase antes de acabar de falar.

Acreditou ter ouvido que ele dizia "Graças a Deus!", mas as palavras soaram longínquas, como se as houvesse dito de uma grande distancia. Ela começou a mover-se ainda mais rápido, acelerando para conseguir chegar à culminação que já sentia muito perto. Sabia que a velocidade aumentada e a força de seus quadris que subiam e descia fariam que ambos se corressem em segundos e de repente quis olhá-lo, sentir-se conectada com ele com algo mais que seu corpo quando chegasse ao orgasmo.

Abriu os olhos, impossíveis de focar e cegos durante um momento enquanto tentava se localizar-se. Então apareceu sua face tensa pelo desejo, com as bochechas avermelhadas e os olhos chamejantes.

— Vou gozar. — Ofegou mordendo o lábio quando sentiu que lhe chegava o orgasmo.

Ele grunhiu o que fez que a atenção dela voltasse para sua face.

— Sim. — Disse com os dentes apertados — Sim, Goze para mim. Olhe-me enquanto te corre Lacey, não olhe para outro lado. — Ele empurrou com força com o quadril, o que claramente a levantou de seu apoio sobre o colchão. Esteve a ponto de pôr revirar os olhos — Não olhe a outra parte.

Lutou por voltar a focar e manter os olhos abertos, olhando os seus. Fechou as mãos sobre as suas, que seguiam sobre seus seios, agarrando-se a ele como ponto de apoio enquanto a investia uma e outra vez, empurrando-a para cima de forma que seus joelhos deixavam de tocar a cama, empalando-a totalmente sobre seu pênis.

— Oh, oh, Deus. — Gritou. Sentiu que sua vagina se fechava com força, o orgasmo fez que as bordas de seu campo de visão se fizessem imprecisos e começou a lhe faltar o ar no peito — Não posso... Não posso pará-lo. — Gemeu lutando por não deixar de lhe olhar a face. Agarrou-se a suas mãos, apoiando-se nelas quando o corpo arqueou pelas sensações — Vou a oh, Deus, Devon... Estou gozando! — Gritou com um som agudo e tudo a seu redor se rompeu em mil pedaços.

Sentiu que se partia pela metade, que seu sexo se estremecia com espasmos rítmicos



quando o orgasmo correu por suas veias como um trem sem freios. Seus gritos se foram convertendo em um gemido lastimoso que pareceu alargar-se durante horas enquanto o orgasmo a percorria. Durante todo esse tempo não separou os olhos de sua face.

Esta era uma máscara de agonia: os dentes apertados e os músculos tensos enquanto ia entrando em seu próprio orgasmo. Seu pênis estava fortemente seguro por seu corpo enquanto ele seguia investindo, abrindo passo em sua vagina espasmódica sem compaixão. A fricção acrescentada fez que seu orgasmo fosse mais à frente e quando ela gritou e se agarrou a ele com mais força, ele deixou escapar um rugido, investiu com tanta potência que temeu por um momento que ela acabasse voando pelo ar e impactando contra o teto e ao fim explodiu.

Capítulo 9

Ficaram ali tombados como sobreviventes de um naufrágio, com o corpo frouxo pela extenuação e vencidos pela tormenta. Lacey estava segura de que teria hematomas pela manhã e recordava vagamente ter cravado as unhas em Devon nas mãos com a suficiente força para lhe fazer sangue. Pensou que deveria comprovar se necessitava algum curativo ou vendagem, mas não tinha energia suficiente para levantar a cabeça. Ficou ali tombada e concentrada em fazer funcionar seus pulmões e escutando o coração lhe pulsando nos ouvidos.

Momentos depois o ouviu revolver-se, estirando-se e grunhindo debaixo dela, o que a obrigou a agarrar-se se não queria acabar no chão.

— Deus. — Disse ele — Seguro que um homem menos preparado que eu estaria morto agora mesmo.

Ela riu fracamente.

— Os melhores cem paus que ganhei.

Ele ficou muito quieto debaixo dela. Lacey fez uma careta e amaldiçoou essa letargia que embotava o cérebro e que fazia que sua língua fosse além de seu sentido comum.

— Sinto muito. — Começou a dizer e então se deteve — A verdade é que não sei o que dizer agora.

Sentiu que ele girava a cabeça para ela e fez o esforço de abrir os olhos e olhá-lo. Sua face estava muito perto, tão perto que podia ver o nascimento dos cabelos de sua barba.

— A verdade é que estava pensando que devia ser eu o que me desculpasse contigo. — Ela franziu o cenho.

— Por quê?

— Bom. — Explicou — Eu fiz a aposta.

Ela bocejou.

— E eu aceitei a aposta e nos deitamos.

— Enganei-a para que se deitasse comigo.

Ela voltou a rir e apoiou a cabeça na curva de seu ombro.

— Se quer acreditar isso, você mesmo. — Suspirou. Adorava o cansaço insensível que sempre parecia seguir ao bom sexo e se preparou para deixar-se levar pelo sono.

— Espera um minuto. — Ouviu murmurar e de repente sentiu que a empurravam longe do cômodo apoio de seu peito para a cama.

— Ouça... — Protestou franzindo o cenho e olhando-o com um só olho aberto.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sim que te enganei para que se deitasse comigo.

— Claro que o fez. — Disse lhe dando leves golpes no braço e se perguntou se teria a energia suficiente para tirar a colcha de debaixo de suas pernas entrelaçadas.

— Propus-te uma provocação que sabia que não poderia recusar e você o aceitou.

— Sim. — Decidiu que não necessitava a colcha e em vez disso se rodeou com o braço de Devon e se aconchegou junto a seu calor — Me enganou muito bem. Não sei se saberei viver com essa vergonha. — Murmurou.

— Sinto muito. — Ele disse, e a tensão em sua voz fez que abrisse os dois olhos.

— Ouça. — Disse o olhando na penumbra — De verdade está preocupado por isso? Ele pareceu muito incômodo.

— Não me sinto orgulhoso de ter te enganado.

— Não o fez. — Insistiu ela.

— Sabia que não seria capaz de não aceitar a aposta.

— Oh, carinho. — Pôs-lhe uma mão na bochecha e o olhou profundamente aos olhos — Claro.

— Claro? — Piscou.

— Claro. — Repetiu e sorriu com ternura — E eu sabia que você sabia que não seria capaz de recusar a aposta. Por que acredita que a aceitei?

Devon sacudiu a cabeça.

— Estou confuso.

— É muito fácil. — Explicou — Você disse que não podia se deitar comigo porque sou amiga de Jane. E eu queria me deitar contigo. Você pensou que estava me enganando. Mas como é impossível enganar a alguém para que faça o que quer fazer, não estava me enganando. E eu sabia que você ia arder, porque não se pode seduzir a alguém que não quer que o seduzam. Assim não me enganou já que eu me deitei contigo porque queria e você se deitou comigo porque queria. Mas pode dizer a Ian que não foi sua culpa porque eu te seduzi, embora não acredito que se importe de todas as formas. E eu, além disso, ganhei cem paus. — Sorriu — Todo mundo à vontade.

Ele ficou olhando-a.

— Então você tem que me pedir desculpas.

Ela revirou os olhos e se tombou.

— Claro. Sinto por todo este sexo incrível. — Disse fechando os olhos.

— E deveria me devolver meus cem paus. Ela riu e não se incomodou em abrir os olhos.

— Nem o sonhe. Vou comprar uns sapatos com esse dinheiro.

Ele se queixou e se tombou junto a ela que imediatamente se aconchegou a seu lado, suspirando quando seu corpo lhe esquentou a pele fria.

—Sigo acreditando que me deve uma desculpa. Manipulou-me.

Ela se aproximou um pouco mais.

—Não vou me desculpar. Mas pode ser que volte a te seduzir pela manhã.

Ele guardou silêncio um momento.

—Acredito que poderei viver com isso.

Ela voltou a rir, notou que a rodeava com os braços e se deixou levar pelo sono.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02



O som de um telefone celular a despertou à manhã seguinte. Pode-se ignorar um despertador durante horas, mas que um telefone soe em meio da noite normalmente significa que algo vai mal. Despertou de repente, desconcertada ao não reconhecer imediatamente a habitação. Recordou que estava no quarto de Jane segundo meio antes que Devon se incorporasse de um salto a seu lado. Dedicou uns segundos a procurar freneticamente no bolso de suas calças o telefone, abriu-o e ladrou:

— Bannion.

Como a crise, se é que havia alguma, não ia com ela, voltou a recostar-se sobre o travesseiro e o viu esforçar-se por despertar rápido.

— Nossa. Sim. Certo. — Bocejou e quase lhe saiu à mandíbula — Claro. Não, ali estarei. Adeus.

Fechou o telefone, deixou-o cair sobre a manta e levantou os braços por cima da cabeça para estirar-se, o que fez que os músculos de suas costas marcassem e se movessem de uma forma que fez que Lacey tivesse a boca cheia de água.

— Nossa... — Murmurou e lhe dedicou um sorriso sonolento quando ele a olhou por cima do ombro.

— Bom dia. — Disse e se inclinou para lhe dar um beijo.

O suave beijo de bom dia se esquentou rapidamente. Lacey estava agarrada a suas costelas gemendo quando ele a afastou de repente.

— Ouça! — Protestou.

— Sinto muito. — Murmurou lhe dando uma rápida dentada a seu lábio inferior que não contribuiu precisamente a lhe baixar a libido — O do telefone eram do trabalho. Adiantaram minha reunião das dez e não tenho mais que vinte minutos para tomar banho, me barbear e chegar ao centro.

Ela franziu o cenho.

— Que pena. Queria voltar a te seduzir.

— E eu te ia deixar fazê-lo. — Reconheceu. Levantou, desceu da cama e se dirigiu a sua mala que estava apoiada ao lado da porta do quarto. Procurou nela e tirou suas coisas de barbear antes de voltar-se a olhá-la — Quer que comamos algo?

— Claro. — Disse fixando-se em sua ereção matutina, que era bastante impressionante — Bem... Quer que te ensaboe as costas? — perguntou.

Ele riu.

— Se te colocar aí comigo, não conseguirei sair depois. Comer. — Repetiu — Quer que nos encontremos aqui outra vez, por volta de meio-dia?

— Certo. Ao meio-dia. — Inspirou fundo — Vou descer a minha casa e tomar uma ducha. Se mande.

Ele piscou um olho.

— Não dê muito trabalho ao Raul. — Disse e se encaminhou ao banho.

Lacey se fixou em seu impressionante traseiro até que desapareceu pelo corredor.

— Deus, — Disse — que traseiro...



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Saiu da cama e estirou seus músculos doloridos. De repente notou todas as dores provocadas pelas atividades noturnas. Recolheu o dinheiro da mesinha e se dirigiu à cozinha. Se não queria ter câimbras, precisava dar uma ducha quente o antes possível.

Ouviu que ele abria a ducha enquanto se metia de novo em seu vestido cheio de rugas. Pegou os sapatos, as meias e a roupa interior, localizou suas chaves junto à porta e saiu do apartamento.

Os músculos cansados se queixaram quando desceu as escadas fazendo gestos de dor e agarrando-se ao corrimão para manter o equilíbrio. Ao fim conseguiu chegar ao patamar e colocar a chave na fechadura justo no momento em que começava a soar o telefone.

Perguntando-se quem chamaria tão cedo em um sábado, correu para chegar até o sem fio da cozinha. Agarrou-o olhando o número na tela e bufou. Pulsou o botão para desprender.

— Gordon, é muito cedo.

— Bom dia, Lacey! — A exclamação da voz grossa fez que Lacey fizesse uma careta. Ninguém deveria ter tanta energia, especialmente recém-amanhecido um sábado.

— Gordon, enviei-te a papelada no último correio de faz três dias. Não é culpa minha que esses lerdos não o encontrem. — Deixou a roupa interior e o dinheiro sobre a bancada e atirou os sapatos ao chão enquanto se sentava na poltrona de pele que havia junto à geladeira.

— Não, não, não é isso. Encontrei os informes; o correio os tinha posto na bandeja incorreta. Ela bocejou.

— Sabe Gordon? Para ser do FBI seus meninos não têm muito em conta a segurança.

Gordon riu um som que conseguiu ser jovial e pegajoso ao mesmo tempo.

— Oh, não se preocupe. Sempre temos muito cuidado com as coisas.

Lacey murmurou algo que Gordon aparentemente tomou por uma forma de assentimento, porque seguiu falando.

— Mas te chamava por outra coisa. — Virtualmente podia lhe ouvir esfregando-as mãos nas calças como fazia sempre quando estava entusiasmado. Nunca tinha conseguido decidir se isso era adorável ou asqueroso — Te chamava por outra coisa. — Quando se emocionava também estava acostumado a repetir-se — Olhe, temos algo novo, um trabalho novo. Está livre? Quero dizer: está disponível?

Lacey suspirou e voltou a ficar em pé. Ia necessitar de verdade essa ducha.

— Sim, Gordon. Esvaziei minha agenda para as bodas e não tenho nada até dentro de duas semanas.

— Ah, bem. Certo, então necessito que venha ao escritório. Necessito que venha ao escritório esta manhã.

Ela franziu o cenho.

— Por quê? Mande-me os detalhes por correio eletrônico, como sempre, ou utiliza um mensageiro se trata de algo que vem de acima.

— Não, desta vez não pode ser, não pode ser. É um trabalho completamente diferente, muito diferente. Tem que vir aqui a conhecer homem que o leva.

— Certo, certo, não se altere. — Lacey revirou os olhos enquanto percorria o corredor. Gordon era um molho de nervos. Era surpreendente que tivesse acabado no FBI; esses organismos deveriam fazer algum tipo de teste de personalidade para que não entrassem os loucos.

Terei que dizer em defesa de Gordon que provavelmente não era um louco, só parecia ter um transtorno obsessivo compulsivo, e isso às vezes o fazia parecer um louco...

Voltou a bocejar quando entrou no banheiro.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Me dê um momento para tomar banho e me vestir e vou para lá.

— Certo, mas ande depressa, certo? Ande depressa. Este assunto, este encargo novo, é importante.

— Já o entendi, Gordon. Irei o mais rápido que possa certo?

— Certo. Certo. Vejo-te aqui.

— Certo. — Disse Lacey e desligou. Ficou olhando o telefone um segundo e depois inspirou fundo e se olhou no espelho.

— Oh, nossa. Que má pinta!

Tinha a metade do cabelo fora de seu recolhido de dama de honra; as forquilha se sobressaíam por todos os lados e o cabelo lhe disparava em todas as direções. Não se tinha incomodado em tirar a maquiagem antes de dormir, assim tinha rímel caindo pelas bochechas, o perfilador parecia haver-se expandido e com esses olhos injetados em sangue parecia um mapa ressecado.

Ou melhor, dizendo, disse olhando o vestido rosa: um mapa com resaca o dia depois de sua graduação. Tentou tirar algumas enrugando a parte de cima e soube que a mãe de Jane desmaiaria se visse o estado em que tinha acabado o vestido. Passar a noite atirado no chão da cozinha não era o que recomendava a etiqueta para cuidá-lo, seguro. Entretanto Jane ria e lhe teria perguntado na parte de trás de que carro tinha estado pulando. Sorriu ao pensar que a sua amiga teria gostado tanto ouvir a resposta como a ela soltá-la.

Decidiu deixar o vestido ao gênio do senhor Wong, da tinturaria rápida, e o tirou. Abriu o grifo para que se fosse esquentando a água enquanto se tirava as forquilha que ficavam e atirava-as ao cesto de papéis. Não as ia voltar a necessitar. Uma vez estiveram todas fora, tentou passar os dedos pelo cabelo e fez uma careta quando ficaram enganchados nas capas de laquê.

Acionou o botão que punha em marcha a ducha e entrou, deixando que o vapor e a água quente a envolvessem. Ficou quieta um minuto para que a água lhe molhasse o cabelo e depois procurou o xampu.

Enquanto se massageava o cabelo, sua mente voou até a noite anterior. Devon já era bastante sexy quando sorria para a foto, mas agora que tinha provado de primeira mão a força da personalidade que havia atrás desse sorriso, sexy era pouco.

E esse corpo... Ombros largos, quadris estreitos e músculos fortes. Cair sobre ele tinha sido como cair sobre cimento. Cimento quente que cheirava a homem corrigiu estremecendo-se pela lembrança. Com um membro mágico que o sabor melhor que cheirava. Franziu o cenho e se olhou os mamilos, incrédula. A pesar da água quente, o ar cheio de vapor e o fato de que fazia poucas horas que tinha tido sexo, de repente se haviam posto duros.

— Deus, que fácil sou... — Murmurou agarrando uma esponja e um bote de gel da prateleira. Começou a esfregar-se com energia, estremecendo-se diante o contato da áspera esponja sobre sua pele suave que intensificou o formigamento de seus mamilos.

Colocou a cabeça sob o jorro para tirar o xampu e depois se deu o aparelho de ar condicionado.

Depois de todo aquele laquê ia necessitar muito. Enquanto se desfazia os nós, sua mente voltou para Devon Bannion e a como podia voltar a levá-lo a cama, desta vez preferentemente sem parecer à rainha do baile com cara de velocidade. Riu ao pensar na pinta que ela devia ter quando Devon entrou no dormitório e a encontrou ali, com um vestido de noite rosa, abraçada a uma garrafa de champanhe, com os cabelos cada um para um lado e sim, roncando como um urso em hibernação, na privacidade de seu banheiro podia admiti-lo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Fez uma careta diante a imagem e depois deu de ombros. A ele não pareceu se importar muito uma vez que se tirou o vestido. Isso era algo refrescante sobre os homens; se pode contar com que vão ignorar um cabelo desastroso ou a maquiagem deslocada sempre e quando houver algum nu comprometido.

Mas de todas as formas seria agradável que a próxima vez parecesse mais uma mulher e menos uma extra descartada do filme Carrie. Ao menos isso era o que lhe pedia sua vaidade; era uma mulher e a vaidade era um direito divino. Entretanto, seu humor lhe dizia outra coisa. Imaginou quanto riria Jane quando o contasse.

Suspirou; sentia falta da sua amiga. Normalmente nesse ponto, depois de conhecer um homem que lhe produzia essa reação física imediata e com o que além se deitou por uma aposta, teria que estar pendurada ao telefone com Jane. Mas Jane estava caminho do Havaí, ou talvez já ali, sujeita à diferença horária, assim parecia que, pela primeira vez da universidade, Lacey estava sozinha.

Deu-se um esclarecido final, rindo-se ao recordar a expressão da cara de Devon quando ele tinha perguntado como tinha sido capaz de lhe dar uma surra ela sozinha. Só o havia dito para encher o silêncio. Ele estava ali sentado, sangrando, de mau humor e queixando e ela sabia que acabaria dizendo alguma tolice se alguém não rompia o gelo, assim disse o primeiro que lhe veio à cabeça. Mas ele tinha tido uma reação tão típica masculina ao ver que ficava em questão sua força, que não tinha podido resistir a fazer um pouco mais de sangue da situação.

Mas não se ofendeu ao menos não como alguns homens que se teriam visto obrigados a levantar a geladeira ou a fazer alguma coisa assim de ridícula para restaurar sua imagem de virilidade. Mas ele não; só a tinha olhado. E lhe acontecia algo raro, decidiu ao notar que ao recordá-lo seus mamilos ficavam ainda mais duros e essa imagem fazia que voltasse a surgir umidade em seu sexo.

— Bom, há duas formas de tratar com isto. — Disse em voz alta — A opção um é ignorá-lo e esperar a comida, enquanto embarco no novo projeto que o FBI tem para mim e dedico aos Estados Unidos à vantagem da repressão de minhas necessidades sexuais em forma de vício ao trabalho... — A opção um, embora muito patriótica, não soava nada divertida — Ou a opção dois: Raul. — Disse olhando o telefone de ducha e pensando Raul, o telefone de ducha, levava com ela da universidade, como lhe havia dito a Devon, e tinha passado por quatro apartamentos. Já não o fabricavam. Não estava fixo, mas sim se podia segurar com a mão, tinha um tubo de longitude extra e sete posições, o que lhe havia feito ver Deus mais vezes do que uma católica não praticante deveria admitir.

— Por muito patriótica que goste de ser. — Murmurou — Seguro que é muito melhor para minha saúde não reprimir todas essas sensações em meu interior. Poderiam infectar-se. E as infecções não são boas. — Estirou a mão para pegar o Raul.

Passou à posição de "pulsção", a que Jane tinha chamado uma vez, depois de uma ducha particularmente longa que se deu ali porque a sua estava quebrada, o "maremoto sexual".

Como não tinha muito tempo, não se entreteve com posições menos interessantes.

Provavelmente Gordon já estaria caminhando de cima a baixo por seu escritório, perguntando-se repetidamente onde estaria.

Fez uma careta e afastou os pensamentos sobre o Gordon de sua cabeça. Não eram nada excitantes. Nada de Gordon.

Melhor pensar em Devon.

— Oh, isso está muito melhor. — Murmurou. Segurou a ducha com a mão frouxa e deixou



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que a água golpeasse e acariciasse a pele repentinamente sensível enquanto evocava a imagem de Devon na mente. Normalmente quando para isso, a imagem que lhe vinha à cabeça era a da foto com o Ian: uniformes militares e essas armas tão extremamente sexuais, a pintura de camuflagem espalhada pela cara que o fazia parecer um estranho exótico...

Mas desta vez a imagem que lhe veio à mente foi do homem da noite anterior. Um pouco cansado depois de um dia de viagem, com barba de mais de um dia na mandíbula e os dourados olhos que faziam de tudo: rir, brilhar e soltar labaredas de calor e desejo.

Sentiu que o sexo se enchia de calor e umidade, ouviu que a respiração se acelerava e baixou um pouco o jorro.

Deixou que os olhos se fechassem. Acariciou o pescoço com a mão livre, também a suave e úmida pele dos ombros e recordou a sensação dessas palmas ásperas tocando-a. Manteve a ducha dirigida justo debaixo do umbigo, um lugar especialmente sensível. A água golpeou sua pele repetindo o batimento irregular de seu coração e começou a acariciar com os dedos um mamilo hipersensível.

Gemeu de prazer ao notar a onda de sensações quando puxou um pouco do botãozinho tenro, roçando-o com uma unha. A leve fricção provocou um espasmo inesperado em sua vagina, assim que o fez de novo.

— Nossa... — Sussurrou e acariciou o outro seio. Imaginou Devon, com seus olhos dourados fixos nos dela e metendo o mamilo na boca. Agarrou sua própria carne e há retorceu um pouco como se imaginava que o faria ele. Podia ver suas mãos sobre ela, ásperas, grandes e bronzeadas contra sua pele clara e via também sua boca fechando-se sobre ela e chupando.

Gemeu e apertou as coxas uma contra a outra quando começou a subir o calor. Imaginou sua cabeça que ia baixando, lhe roçando com a barba a pele sensível do torso e o ventre. Desejando sentir a sensação da barba de um dia sobre a pele, agarrou a esponja. Estremeceu-se ao acariciar-se com ela e imaginou que ele ficava de joelhos diante dela na ducha, sem afastar os olhos dos seus durante todo o tempo.

Sua respiração se havia feito ofegante e a cabeça dava voltas enquanto imaginava as mãos fortes de Devon em suas coxas, abrindo e colocaria um dedo em seu interior para sentir o calor e a umidade que se congregavam ali e lhe facilitavam a entrada. Sorrir-lhe-ia com aprovação antes de separar com cuidado a carne excitada de seus lábios exteriores e soprar.

Deu um pulo e seus quadris se sacudiram ao imaginar a sensação, que foi quase tão efetiva como o contato real. Sua excitação já tinha chegado ao ponto crítico: precisava alcançar esse orgasmo que já sentia quase a seu alcance. Projetou à pélvis para diante, abriu as pernas e baixou a ducha até que o jorro esteve dirigido diretamente a seus clitóris.

Gritou e seus quadris se sacudiram diante uma incrível onda de prazer. Depois de suas pálpebras fechadas viu Devon de joelhos, com sua língua ágil e forte rodeando seus clitóris inflamado, sugando com força e passando a língua em rápidas lambidas. Esteve a ponto de gritar quando seu orgasmo foi chegando ao ponto mais gélido e ficou ali, tão perto e tão frustrantemente longe de seu alcance. Gemeu com a imagem da cabeça dele enterrada entre suas coxas, passou a esponja pelas dobras sensíveis e inchadas de seu sexo e o orgasmo explodiu.

Quando voltou para a realidade, a água começava a sair fria. E tendo em conta que tinha uma caldeira que lhe permitia tomar banho de trinta minutos, supôs que levava ali, apoiada contra a parede, um bom momento.

Ficou em pé sobre pernas tremulas e fechou o grifo. Depois saiu com cuidado da ducha. Imersa nessa sensação tremendo posterior ao orgasmo e tremendo também pela água fria, não



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

tinha muito equilíbrio. Conseguiu alcançar a toalha de banho, envolver-se nela depois de duas tentativas e depois teve que ficar de pé um momento com os braços apoiados no lavabo. Sorriu ao espelho.

A opção dois era muito melhor, decidiu.



Meia hora depois saía do elevador do escritório local do FBI e quase tropeçava com Gordon.

— Ei! — Estirou ambos os braços tanto para apoiar-se para manter Gordon a um metro de distância, parecia que se banhava em colônia após barba barata, e se deteve ali mesmo, sobre os ladrilhos.

— Lacey, está aqui! Nossa, já está aqui. — Gordon se inclinou para frente com a face avermelhada pelo entusiasmo. Como era mais baixo ainda que seu pouco escultural metro sessenta escasso, teria acabado pego a sua garganta se ela não tivesse estendido a mão para detê-lo.

— Sim, Gordon, já estou aqui. — E lhe deu um suave empurrãozinho que fez que se balançasse sobre seus pés calçados com sapatos Oxford.

— Bem, está bem, bem. — Esfregou as palmas nas calças — Certo, o assunto, o que...

— Gordon! — Ele deixou de falar e ficou com a boca aberta e olhando-a espectador — É que me vai contar isso aqui, no corredor?

— Oh. — Disse olhando a seu redor e piscando — Oh, não. Deveríamos ir a meu escritório. O escritório será melhor.

Girou sobre seus calcanhares e trotou para o buraco sem janelas, sem quadros e sem cor que ele chamava escritório. Lacey o seguiu sacudindo a cabeça. Tinha conhecido Gordon no dia de apresentação das carreiras em um instituto perto do Lincoln Park. Ela tinha ido ali para falar de computadores e desenho web e ele, o representante local do FBI, estava ali para falar com os adolescentes sobre os departamentos de segurança do Estado.

Aos meninos tinha encantado. Parecia um pinguim balançando-se sobre seus sapatos Oxford reluzentes e esfregando-as palmas com as calças constantemente. A ninguém haveria surpreso ver que o tecido saísse ardendo de tanto esfregá-la. Para atrair às pessoas era um desastre total, mas era entretido lhe ver e obviamente ele estava desfrutando de seus minutos de fama.

Depois da apresentação houve café e bolos para os assistentes. Ali foi onde se aproximou dela para lhe perguntar algo mais sobre o negócio do desenho de páginas Web e suas habilidades informáticas. Quando descobriu que ela tinha sido um pouco pirata informática em seus anos de juventude, seu interesse aumentou. Ela não se deu nem conta de que lhe estava contando a um agente do FBI os truques e armadilhas que havia feito naqueles anos, piratear um computador do colégio para trocar as notas, penetrar na lista de entradas para ver a equipe de beisebol Chicago Cubs e marcar "pago" junto a seu nome... A verdade é que ele não atuava como um agente do FBI.

Não o pensou muito até uns dias depois quando a chamou por telefone. O FBI estava interessado em suas habilidades com os computadores, disse-lhe. Quando se recuperou da surpresa ao inteirar-se de que tinham investigado sua vida e seu passado, até o ponto de que se inteiraram de que estava acostumado a fingir ter tosse para que sua mãe, que odiava o açúcar,



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

desse-lhe um xarope para a tosse que tinha sabor de uvas, começou a sentir-se intrigada. Não tinha tido oportunidade de seguir com seus jogos já adulta. Quando cumpriu dezoito e se graduou no instituto, a ameaça de ir ao cárcere tinha sido suficiente para evitar que se dedicasse a violar a lei. A ideia de voltar para isso sem ter que cruzar a linha entre o bem e o mal a tentava como um canto de sereia.

— Certo. Ummmm... Certo. — Lacey levantou a vista e viu o Gordon na entrada de seu escritório, hesitando — Certo você fique aqui. Fique aqui enquanto vou procurar ao outro cara.

— O outro cara?

— Sim, o outro cara. Terá que trabalhar com ele, com o outro cara.

— Está bem, Gordon. — Sorriu-lhe e mentalmente fez uma careta quando o viu esfregar as mãos nas calças uma vez mais. Que sorte que não levasse veludo cotelê... — Esperarei aqui.

— Certo, certo, bem. — Dedicou-lhe um sorriso fugaz de um encanto surpreendente e se girou para cruzar o corredor.

— Deveria pensar seriamente em vestir-se de **Umpa Lumpa** no próximo Halloween. — Murmurou Lacey falando sozinha e se sentou a esperar em uma das incrivelmente cômodas cadeiras que havia diante do escritório de Gordon.

Capítulo 10

— Bom, pois essa é mais ou menos a situação. — O agente especial Ronald R. Jacobs, agente atribuído ao caso, se esparramou na cadeira de seu escritório. Uniu as mãos e tocou com os índices a ponta de seu nariz aquilino em um gesto que, Devon estava seguro, acreditava que era autoritário e intimidatório, mas não era nenhuma das duas coisas.

— Irá até ali com outra agente, terá que descobrir quem é o comprador e avisar a este escritório. O Departamento do Tesouro estará atento, depois de todo o caso entra em sua jurisdição, e então intervirão eles para fazer a detenção e recuperar as pranchas. É obvio se for necessário, você pode os ajudar. Mas sua função vai ser principalmente a de identificar e observar.

Devon manteve um sorriso educado na cara apesar da menção do Departamento do Tesouro. Começava lhe doer à mandíbula de mantê-la tanto tempo.

— Já informaram à outra agente?

— Ainda não. Avisaram-na esta manhã e chegará de um momento a outro. Farei que a informem e a ponham ao dia enquanto nós ultimamos os detalhes.

— Não faz falta. Parece-me que os detalhe já estão. — Seu sorriso se fez um pouco forçado — E eu preferiria estar presente quando a informarem.

O agente atribuído, que era como Devon começava a chamar a aquele cara em sua cabeça, uniu as sobrancelhas em um cenho contrariado.

— Não estamos acostumados a trabalhar assim aqui, agente Bannion.

— Pois essa é minha forma de fazer as coisas. — Devon arqueou uma sobrancelha, mas não trocou nem um ápice sua expressão — E, se não compreendi mal, agente Jacobs, o papel de seu escritório em tudo isto é o de apoiar e coordenar. E meu papel, segundo as ordens que recebi que próprio diretor, é dirigir o espetáculo.

Ao Jacobs lhe pôs a cara muito vermelha.

— Sim, é correto. — Disse quase mastigando as palavras — Você está a cargo da operação.

[A10] Comentário: Eram os anõezinhos que trabalhavam como mão-de-obra semi-escrava na fábrica do capitalista Willy Wonka no filme "A Fantástica Fábrica de Chocolates". Os Wompa-Lompas foram expulsos de sua terra natal, a Wompolândia, e foram "acolhidos" pelo mega-empresário Willy Wonka que passou a protegê-los a troco deles trabalharem como burro de carga para ele, auferindo-lhe altos lucros na produção de chocolate.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ao menos até que entre o Tesouro.

— Bom, como o Tesouro não está aqui agora mesmo, suponho que isso quer dizer que mando eu. — Devon abriu a pasta que tinha no colo — Enquanto esperamos a que chegue a outra agente, daremos uma olhada ao inventário da equipe.

Voltou-se ao ouvir passos que se aproximavam e depois ficou olhando: um homem que levava um traje de um marrom horrível, suspensórios vermelhos e sapatos Oxford negros girou a esquina derrapando e esteve a ponto de que o marco da porta o cortasse em dois. Era baixo, pálido, estava ficando calvo e tinha os olhos mais redondos e brilhantes que Devon tinha visto em sua vida.

Seus brilhantes sapatos voltaram a escorregar sobre os ladrilhos e teve que agarrar-se com todas suas forças ao marco da porta para poder endireitar-se.

— Já chegou. Chegou e está em meu escritório.

Devon piscou. A voz do tipo soava como se tivesse respirado hélio. Devon se voltou para o Jacobs.

— E este quem é?

Jacobs se tinha posto em pé e se estava estirando a gravata.

— Agente Bannion, este é Gordon Aggate. Participou de parte da documentação deste caso.

— É Bannion? Olá, eu me chamou Gordon. — O homenzinho entrou tropeçando na habitação, agarrou a mão de Devon e a estreitou vigorosamente — Gordon Aggate. Prazer em conhecê-lo, encantado de verdade. Uma honra, para ser sincero.

— Obrigado. — Devon conseguiu recuperar a mão tão discretamente como pôde — Também é um prazer te conhecer.

Gordon sorriu.

— Obrigado, muito obrigado!

Jacobs pigarreou.

— Perdoe agente Aggate. — Esperou a que Gordon lhe dedicasse sua atenção — Você disse que nosso agente para este trabalho já chegou?

— O que? Oh! Oh, sim! Está em meu escritório. O disse que esperasse ali. — Voltou-se para Devon — O levarei até ali. Se você quiser, eu lhe levo.

— Agente Aggate, acredito que todos estaremos mais cómodos se levar a senhorita Johnson à sala de reuniões. — Disse Jacobs com um gesto.

Gordon assentiu com a cabeça.

— Sim, claro. Sim, levá-la-ei ali. — Voltou-se para ir e se golpeou contra a parede ao escorregar em na soleira da porta.

Jacobs sorriu cordialmente.

— Agente Bannion, se for tão amável de me acompanhar...

Devon franziu o cenho e seguiu ao Jacobs. Algo não lhe quadrava em todo aquilo.

— A senhorita Johnson?

— Perdão?

— Você disse "a senhorita Johnson". — Repetiu Devon com os olhos entreabertos — Ela é a outra agente deste caso?

— Sim, correto. — Fez um gesto para que Devon entrasse diante dele na sala de reuniões — Tem a idade apropriada para este trabalho e umas habilidades técnicas notáveis.

— Mas não a chamou "agente" Johnson... — Devon apoiou o quadril contra uma esquina da mesa, cruzou os braços e atravessou ao homem com o olhar.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Bom, porque não é estritamente uma agente.

Devon sentiu que sua tensão arterial subia um par de décimas.

— E o que é ela, estritamente?

Jacobs engoliu seco. Pode que fosse um pomposo, mas tinha o suficiente sentido comum para saber que estava em uma confusão, notou Devon com uma pontada de satisfação.

— É, estritamente, uma assessora civil.

— Uma assessora civil? — A voz de Devon soava perigosamente tranquila. Jacobs assentiu como se fosse uma marionete — E sobre que assessora exatamente? — Devon seguiu com o mesmo tom regular e letal — Tráfico de armas, falsificação de moeda? — Jacobs negou com a cabeça — Que então?

Jacobs parecia estar ficando doente por momentos.

— Investigações cibernéticas.

— Computadores...

— Sim.

— Vejamos se entendi bem. Sua primeira opção para este trabalho é uma assessora civil especializada em investigações informáticas? Tenho curiosidade, agente Jacobs. Que demônios. — Seu tom fez que Jacobs se separasse de maneira evidente um pouco — O que o faz pensar que uma friki dos computadores, é mais, uma friki dos computadores civil, pode dirigir um trabalho potencialmente perigoso como este?

— E por que não? — A voz divertida que chegou da soleira fez que Devon girasse a cabeça imediatamente — Pude te dar uma surra, não?

[A11] Comentário: É o mesmo que hacker ou especialista em burlar qualquer sistema de computadores.

Capítulo 11

Lacey não estava segura de quem estava mais surpreso: Devon, ela ou o outro agente que havia na sala, que parecia que ia vomitar em qualquer momento.

Devon a olhava com a boca um pouco aberta pela surpresa. Ela piscou um olho só para confundi-lo.

— Não me dei conta esta manhã, mas seu nariz tem bastante melhor pinta hoje. Quase não se nota o inchaço.

Suas sobrancelhas se uniram imediatamente sobre a ponte de nariz.

— O que está fazendo aqui? — Disse virtualmente mastigando as palavras.

Ela deu de ombros despreocupadamente, embora as mariposas de seu estômago estivessem dançando um tango louco. Entrou na habitação assegurando-se de passar longe do outro agente ao que ainda se via algo verde.

— Gordon, aqui presente. — Fez um gesto para ele, que estava na soleira esfregando as palmas nas calças — Chamou-me para que viesse imediatamente. E isso fiz.

Sentou-se em uma das horríveis cadeiras que rodeavam uma mesa ainda mais horrível, cruzou as pernas e apartou com ar de chateio um fio que se via sobre seu joelho nu, que aparecia por um buraco de seu jeans. Levantou a vista e apesar da inquietação e os nervos de seu estômago diante sua feroz expressão, sorriu.

— E o que é que faz você aqui?

Ele a ignorou e se voltou para o homem que estava verde.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Jacobs, será melhor que saiba algo que eu não sei ou vou fazer que me traga sua cabeça em uma bandeja.

A mandíbula de Jacobs se moveu, mas não saíram palavras de sua boca e começou a pôr revirar os olhos. Enojado, Devon lhe pôs uma mão na nuca, fez que se sentasse em uma cadeira e lhe obrigou a colocar a cabeça entre os joelhos.

— Respire, por Deus. — Enquanto Jacobs respirava profundamente com inspirações afogadas, Devon se voltou para Gordon — Você! Diga-me o que está acontecendo.

— Certo. Certo. Lacey trabalha conosco às vezes. Coisas de pirataria informática normalmente; está acostumada a dedicar-se a encontrar onde se esconde o dinheiro e esse tipo de coisas. E como tudo isto surgiu assim de repente e ela é o melhor que temos, eu a propus para isto da ilha e Jacobs disse que sim. — Gordon inspirou fundo — Me disse que sim.

Devon se voltou para Lacey.

— Já sabia eu que ia me trazer problemas.



Deixaram-na sentada na sala de reuniões. Devon dirigiu a outros para a porta, ladrou-lhe que ficasse ali e fechou a porta atrás de si.

— Nossa sim que está furioso... — Não podia o culpar por isso. Fosse o que fosse para o que a tinha chamado Gordon, aparentemente implicava o Devon e, a julgar por sua reação, ele obviamente não esperava ter que trabalhar com uma externa. Sobre tudo não com uma externa que lhe tinha golpeado no nariz e depois havia fodido com ele até a extenuação a noite anterior.

Como estava sozinha, permitiu-se soltar uma risada ao recordar sua cara quando mencionou o de lhe dar uma surra. Estava segura de que não havia muitas pessoas que tivessem vantagem sobre Devon Bannion e não pôde evitar sentir-se um pouco arrogante pelo fato de que ela o tinha conseguido virtualmente desde que se conheceram.

Seu sorriso se desvaneceu. Desgraçadamente, seguro que quando voltasse não ia estar contente. Mordeu o lábio inferior enquanto pensava. Tinha curiosidade por saber por que a tinha convocado Gordon com tanta pressa. Curiosidade? Demônios, morria por saber o que estava acontecendo! Gordon havia dito algo de uma ilha. Que ilha? Onde? Poderia levar o biquíni?

Mas se a expressão da cara de Devon ao fechar a porta indicava algo, parecia-lhe que nem ela nem seu biquíni iam poder ir a nenhuma parte.



Devon estava a ponto de puxar os cabelos.

— Estão me dizendo que ela é a única opção?

Ainda parecia que Jacobs ia vomitar em qualquer momento, mas estava algo mais firme sobre seus pés.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Temo-me que sim. — Fez uma careta quando Devon soltou um juramento, mas prosseguiu decididamente — Olhe, todas as agentes de campo que temos e que poderiam ocupar-se disto estão comprometidas com outras investigações. E, embora pudéssemos afastar a alguém do que está fazendo, necessitaríamos tempo para conseguir alguém que a substitua, informar a da situação e situá-la. Já o temos tudo preparado para começar em qualquer momento e se não o fazemos pode que percamos a oportunidade com o Devereaux.

— Sei, sei. — Devon caminhava de cima para baixo, lutando com sua necessidade de dar um murro à parede — Devereaux já tem um comprador; temos que estar ali para vê-lo descarregar.

— Se lhe preocupar que sua relação pessoal possa pôr em perigo a operação...

— Não temos nenhuma relação pessoal, Jacobs.

— Mas já a conhece e você também parece conhecê-la a ela... Por isso pensei que...

— Deixe de pensar. — Aconselhou Devon com amabilidade e Jacobs fechou a boca com um golpe audível de seus dentes — Nos vimos uma vez e temos amigos em comum. Mas isso não pode qualificar-se de relação pessoal. E embora pudesse agente especial Jacobs... — Sorriu com malícia — Isso não afetaria a minha capacidade para levar a cabo esta operação, entendido?

Recebeu em resposta um assentimento de cabeça e esteve a ponto de sacudir a sua de puro desespero. Jacobs era um rato. Ele estava acostumado a mandar e a provocar certo respeito na gente com a que trabalhava, sua reputação o precedia e a tinha ganho, mas ao Jacobs só faltava ficar de joelhos. Tomou nota mental de que tinha que falar com o Smythe-White sobre isso: alguém a quem se podia intimidar com tanta facilidade, inclusive quando estava em seu próprio terreno, não deveria estar dirigindo um escritório local do FBI.

Afastou os pensamentos sobre o Jacobs e sua inépcia da mente e se centrou no problema que tinha entre mãos. Olhou fixamente a Gordon.

— É o suficientemente boa para isto?

— Oh, é obvio. Claro que o é. É a melhor técnica que temos. Pode fazê-lo, senhor Bannion... Quero dizer, agente Bannion. Sim, seguro que pode fazê-lo.

Devon suspirou.

— Não tenho muito onde escolher. — Murmurou e se girou — Tenho que falar com ela. Informá-la-ei. A sós. — Advertiu quando viu que Gordon pretendia segui-lo.

— Mas sou eu quem tem que informá-la. — Protestou Gordon e seus olhos que pareciam contas de azeviche se abriram como pratos pela decepção — Eu sou seu contato. Sou eu quem deve lhe dizer o que tem que fazer.

Ao Devon custou não revirar os olhos. O homenzinho era um aporrinho, mas ao menos era sincero e estava ansioso por ajudar, o que não se podia dizer de Jacobs.

— Não se preocupe Gordon. Eu me ocuparei de informá-la desta vez. — Agarrou a pasta da mesa onde a tinha arrojado — Obrigado, Gordon.

O homenzinho sorriu.

— Obrigado, senhor. Obrigado. Diga a Lacey que lhe desejo muita sorte, certo? Diga o de minha parte.

Devon assentiu.

— Precisar. — Murmurou.

Para quando a porta da sala de reuniões voltou a abrir-se, Lacey estava a ponto de ter um ataque de ansiedade por saber o que estava acontecendo. Não tinha ouvido nada, nem um grito e isso que as paredes dessa habitação eram muito finas. Inclusive tinha pego a orelha a uma delas, mas o único que tinha ouvido era ao agente do escritório do lado ao telefone lhe dizendo a sua



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

mulher que ia trabalhar até tarde e depois chamando a alguém chamada Cherrie a que lhe disse que comprasse mais nata montada.

Depois de passar um par de minutos desejando que Cherrie tivesse tão poucas luzes como parecia por seu nome e que por isso comprasse a nata montada vencida, sua mente havia tornado a ocupar-se de Devon.

Não tinha medo de que fosse machucá-la. Se fosse esse tipo de cara, haveria feito quando ela brandia a garrafa de champanhe e se isso lhe punha, o teria tentado quando ambos estavam encetados na cama. Mas o certo era que, durante um segundo naquela sala, quando parecia que ia fazer pedacinhos ao pobre Jacobs, tinha aparecido diante ela o guerreiro da foto de Ian. Ali, justo diante de seus olhos, em carne e osso. E supôs que tinha que lhe passar um pouco realmente mau, porque agora mesmo tinha as calcinhas tão úmidas que poderia escorrer. Aparentemente um sexo excepcional e uma sessão com o Raul não eram suficientes para enfrentar-se a um espetáculo de testosterona por toda parte.

— Talvez seja que sou uma viciada no perigo. — Disse a si mesma justo quando se abria a porta.

— O que dizia?

— Eu? Nada. — Deus, que bonito. Ainda estava no que a ela começava a lhe parecer seu "modo super espião": duro, resmungão e nada de sorrisos. Só trabalho. Revolveu-se no assento e notou a umidade da tanga.

Ele fechou a porta a suas costas e depois simplesmente cruzou os braços e ficou olhando-a.

— O que?

— Por que não me disse que trabalha para o FBI?

Ela deu de ombros com fingida despreocupação e voltou a revolver-se na cadeira.

As calcinhas úmidas não eram nada cômodas.

— Não trabalho para o FBI. Às vezes colaboro com eles como externa em algum projeto, isso é tudo.

— Isso é trabalhar para o FBI. — Informou — Ian não sabe, não é?

Ela franziu o cenho, confusa.

— Não, por que ia sabê-lo?

— Não sei. — Colocou uma grossa pasta de papel manilha sobre a mesa e depois tirou a cadeira que estava a sua esquerda e se sentou — Você o conta a Jane e ela a Ian...

Lacey revirou os olhos. Seu aroma masculino a rodeou e fez que sentisse vontades de subir a seu colo.

— Não sabe muito sobre o que são as amigas, verdade? — Como ele franziu o cenho, ela explicou — Se eu digo algo a Jane em confiança, ela não o vai dizer a Ian. Não o diria a ninguém.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Parece muito segura disso.

— E você muito cínico. — Disse sacudindo a cabeça — Olhe, só diria a Ian algo que eu lhe contei em confiança se pensasse que estou em perigo ou que posso sair ferida.

— E não pensou que trabalhar para o FBI pode ser perigoso?

— Assessorar ao FBI. E provavelmente o pensaria, mas como não o contei, nunca tem suposto um problema.

Agora arqueou ambas as sobrancelhas.

— Não o contou? Nenhuma vez?

— Não.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Por que não?

Ela o olhou como se nesse mesmo momento lhe estivessem crescendo chifres na testa.

— Porque se trata do FBI, idiota. Quase o fazem jurar que guardará o segredo!

Ele sorriu de repente.

— Bom.

Ela piscou assombrada da mudança repentina de comportamento. A intensa seriedade de seu modo super espião era difícil de assumir, mas se trocava ao modo encantador, todo o sistema a deixava louca.

Estava tão concentrada em tentar encontrar a forma de neutralizar essa repentina sobrecarga de hormônios, que se perdeu o que ele disse justo depois. Quando se deu conta de que tinha falado e esperava a que ela respondesse, procurou freneticamente em seu cérebro uma resposta não comprometedora.

— Ah... — Disse ao fim.

— Vejo que te dá bem reagir rápido. — Disse ironicamente e ela lhe mostrou a língua — Olhe se vamos trabalhar juntos nisto, e parece que não temos outra escolha, vou necessitar um pouco de profissionalismo amadurecido de sua parte.

Ela bufou e levantou o queixo.

— Posso ser tudo quão amadurecida faça falta.

— Bem. — Então se centrou na pasta que tinha diante — Certo, teremos que ir logo porque o objetivo já está na localização. Quero sair esta mesma tarde. — Levantou a vista para olhá-la — Suponho que isso não é um problema.

Ela deu de ombros.

— Trabalho para mim e não tenho mascotes. Embora sim que pensei em adotar um cachorrinho. Talvez um basset hound. O que pensa dos basset hound? São bonitos e adoráveis. E parecem preguiçosos, mas Julie Metz, minha melhor amiga do instituto tinha um e não parava! Comeu o vestido do recital de classe e sua mãe se zangou muito. Mas são muito bonitos e como eu trabalho em casa, acredito que... — Deixou a frase sem terminar quando se deu conta de que a estava olhando — O que? Você não gosta dos basset hound?

— Ontem à noite não parecia tão atordoada.

— Perdão? — Olhou-o com os olhos entrecerrados — Eu não sou atordoada. Só estava fazendo um comentário sobre minha vontade de ter um cão.

— Sim, certo. — Abriu a pasta enquanto se recordava que devia trabalhar com ela. E por muito fantástica que fosse na cama, essa não era a situação ideal — A situação em que temos que nos introduzir não é tão... Volátil. Há um perigo inerente, já que vamos de incógnito e sempre existe a possibilidade de que nos descubram, mas você não entrará em contato direto com os suspeitos. Por isso é por quão único aceito me levar a uma aficcionada comigo.

— Por quê?

— Por que, o que?

— Por que não vou entrar em contato direto com os suspeitos?

— Porque é uma aficcionada e eu não lhe vou permitir isso.

Ela deu de ombros.

— Certo.

Pareceu um pouco surpreso pela facilidade com a que tinha aceitado que a chamassem aficcionada, mas seguiu.

— O primeiro que temos que tratar é a identidade secreta. Eu não gosto do que nos



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

prepararam, assim fiz algumas mudanças. Acredito que será mais fácil de manter para os dois se nos apresentarmos como...

— Ouça! — Esperou até que ele levantou a vista — Tenho fome; não tomei o café da manhã. Gordon me pilhou justo quando entrava pela porta esta manhã e depois... Já sabe. — Disse fazendo um gesto vago com as mãos — Me encontrei com tudo isto.

— E?

— E por que não saímos a tomar o café da manhã?

— Tomar o café da manhã?

— Sim, tomar o café da manhã. Isso que se faz pela manhã ao levantar-se. — Olhava-a sem expressão — Ouça, não estava tão sério esta manhã. Não pensa mais que no trabalho, né?

Ele deu uns leves golpes com o dedo à pasta.

— Isto é muito sério, Lacey.

— Sei. E te prometo que estou tomando isso muito a sério. Mas tenho muita fome, assim me deixe te convidar a tomar o café da manhã. Prometo-te que acabaremos com isto depois.

Ele ficou calado tanto tempo que ela começou a pensar que tinha cometido um engano. Mas de repente fechou a pasta e ficou de pé.

— Certo.

Ela sorriu e reprimiu um suspiro de alívio.

— Fantástico. Veem, conheço um bom lugar.

Capítulo 12

Vinte minutos depois estavam em uma mesa para dois junto à janela no café West Egg da Rua Monroe. Lacey tinha sentado olhando à porta, lhe deixando a ele de costas ao resto do café para que não se sentisse incômodo.

— O que acontece?

Ele se voltou depois de examinar a habitação e a encontrou observando-o com curiosidade e com um leve cenho enrugando sua cara infantilizada.

— O que?

— Está nervoso, como se visse assassinos em todas as esquinas.

Ele dedicou um sorriso sardônico.

— É o que faço para permanecer vivo.

— Bom seguro que ninguém vai entrar como uma tromba no West Egg, assim pede o café da manhã. — Sorriu à garçonete que se aproximava — Olá. Eu quero tortinhas com pedacinhos de chocolate, bacon e dois ovos. Mexidos. Oh, e uma torrada de pão de trigo com mel e um copo grande de suco de laranja.

— Deus, é que é um caminhoneiro? — Perguntou-lhe pela quantidade de comida que acabava de pedir.

— É que o de ontem à noite me deu bastante fome.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu tomarei o mesmo. — Disse à garçonete — Mas que minhas tortinhas sejam com orégano e em vez de um suco de laranja, prefiro um café. — Devolveu-lhe a carta e esperou a que tivesse ido voltar a olhar ao Lacey.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Deus, era tão linda... Não lhe ocorria nenhuma outra palavra que o fosse melhor que aquela. Como estava ocupada colocando o guardanapo no colo, ele teve um momento para estudá-la a prazer.

Seu cabelo, limpo já sem laquê que punha as mechas de ponta a noite anterior, era claro como um raio de sol e fino como o de um bebê. Uma franja muito tênue roçava umas sobrancelhas delicadas de um loiro um pouco mais escuro. Levava-o curto, justo lhe roçando a nuca, o que remarcava o ar de duende de suas feições. Tinha o nariz pequeno, com umas quantas sardas espalhadas até a ponta, o queixo redondo e a boca como um arco de cor rosa.

Era a cara de uma juvenzinha bonita, mas vazia; até que chegava a seus olhos, teve que reconhecer. De cor marrom aveludada, viam-se muito ardilosos e inteligentes, ao menos quando não estavam empanados pelo champanhe, e teve a sensação de que muita gente se perdia o que havia nesses olhos e cometia o engano de subestimar Lacey Johnson. Mas ele não ia voltar a cometer esse engano.

— E bem. — Esperou que ela levantasse a vista e fixasse seu olhar penetrante como um laser em sua cara — Como te viu envolta com os estirados do FBI?

Ela sorriu.

— Chamou-os alguma vez à cara? Odeiam-no. — Bebeu um gole de água com gelo — A verdade é que é uma história curiosa. Conheci o Gordon quando fui dar um bate-papo em um instituto, o dia de apresentação das carreiras.

— O dia de apresentação das carreiras?

— Sim, já sabe. Quando os profissionais da cidade visitam os institutos locais e descrevem as profissões que escolheram para mostrar aos adolescentes as oportunidades que terão depois de sua graduação.

Ele riu.

— Parece um folheto.

Ela deu de ombros.

— Isso punha na carta que me enviaram. Uma amiga minha é professora. Quando decidiu dar aulas particulares, fiz-lhe uma web e ela pensou que levar a uma desenhista web ao dia de apresentação das carreiras podia ser uma boa ideia. Assim aceitei. — Dedicou-lhe um amplo sorriso à garçonete quando trouxe as bebidas e deu um bom gole ao suco — Foi muito interessante. — Continuou — E um pouco horripilante também.

— Horripilante? — Disse ele agarrando o açúcar — E isso por quê?

— O instituto... — Explicou e estremeceu de uma forma que não era totalmente fingida. Depois deu outro gole revigorante no suco.

— Oh, vamos. — Exclamou ele sorrindo enquanto removia o café — Arrumado a que foi das legais no instituto. Deixe-me adivinhar: capitã das animadoras, membro do conselho escolar, parte do comitê de graduação e a que deu o discurso no baile.

Ela riu e esteve a ponto de expulsar o suco pelo nariz.

— A do discurso, sim. Mas com o resto, nem se aproxima. Eu era um zero à esquerda. Da banda dos frikis, os cerebrados. A única vez que me falou uma das animadoras foi quando necessitou que lhe trocasse uma nota.

— Ah, sim, sua faceta de pirata informática. E quanto lhe cobrou?

Lacey sorriu.

— Oh, nada de dinheiro. Isso era muito fácil para elas porque suas mães e seus papais o teriam dado a suas brotas sem lhes fazer nenhuma pergunta. Não, orgulho-me de ser mais sutil



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que todo isso.

Devon esperou uns segundos e depois não pôde resistir mais.

— Oh, vamos, não me deixe em brasas.

Ela riu.

— Fiz que a rainha do baile renunciasse a sua coroa porque era patriarcal, sexista e degradava às mulheres.

Pôs-se a rir.

— Está de brincadeira?

Ela suspirou ao recordá-lo.

— Não. E tinha que fazê-lo justo depois de que a coroassem ou se não eu não trocava sua nota de trigonometria. Eu mesma lhe escrevi o discurso; era um texto magnífico sobre os tetos de cristal, os julgamentos das mulheres trabalhadoras e a trágica queda da Emenda pela Igualdade de Direitos. Todo um momento, com lágrimas e tudo.

— Chorou?

— Sim, lágrimas de raiva e de ódio, mas mesmo assim ficou fabuloso. Mas ouça. — Protestou — Eu não a obriguei a fazê-lo. Esse era meu preço. Se ela tivesse estudado para o maldito exame em vez de atirar-se ao Bobby McLane sob os degraus, não teria tido que me pagar.

Ele deixou escapar um sorriso, rápida e brilhante.

— Odiou-me por aquilo.

— Estou seguro. — Olhou-a, avaliando-a — A Emenda pela Igualdade de Direitos?

— Solidariedade entre irmãs. Embora acredite que Ainsley tem parte de razão.

— Quem é Ainsley?

— Ainsley Hayes. Assessora da Casa Branca. Republicana. Acredita que a Emenda pela Igualdade de Direitos é um pouco redundante.

— Conhece uma assessora da Casa Branca?

Ela o olhou fixamente.

— Deus, não. É da Ala Oeste da Casa Branca.

— Oh. — Disse compreendendo — A série da televisão. Nossa. Pouco realista.

— Eu adoro essa série. O que quer dizer com que é "pouco realista"?

— Vivi e trabalhei em Washington. Acredite-me, os verdadeiros políticos não são nem preparados, nem bonitos e sobre tudo não têm nenhum interesse em estar ao serviço da gente.

— Não siga. — Disse levantando uma mão — Está destroçando meus sonhos. Meu objetivo na vida é fazer algo o suficientemente interessante para que Stockard Channing faça o papel de mim quando rodarem o filme sobre minha vida.

— Bom o da rainha do baile foi um bom começo. Possivelmente o trabalho que temos entre mãos te aproxime um pouco mais a esse objetivo.

Ela sorriu.

— Sim, será um dos episódios que inclua em minhas memórias. — Deu outro gole ao suco — Bom, e do que vai o trabalho?

Devon esperou a que a garçonete deixasse os pratos sobrecarregados e se afastasse antes de responder.

— A versão resumida é que temos que deter um conhecido traficante de armas antes que atue um conjunto de pranchas para falsificar dinheiro, muito sofisticadas.

Lacey estava concentrada em conseguir a quantidade justa de açúcar sobre suas tortinhas e não levantou a vista.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Moeda americana?
— Sim, também libras britânicas e euros.
— Nossa. Isso, nas mãos equivocadas, poderia provocar um caos na economia mundial, verdade? — Meteu uma parte de tortinha na boca e fechou os olhos pelo êxtase — Oh, o que boas estão.
— Sim, o caos.
— Mmmmm... — Murmurou enquanto tragava o bocado de tortinha. Assinalou o prato dele — Não come. É que não está boa a comida?
— Com certeza que sim. É que não estou acostumado a ver comer às mulheres. — Agarrou o garfo.
Lacey deu de ombros.
— O que se perdem. Estas tortinhas estão estupidas.
Devon provou um pouco.
— Sim, estão bastante boas.
Comeram em silêncio uns minutos e depois interveio Lacey.
— Assim se supõe que temos que deter esse cara... Como se chama?
— Não precisa saber isso. Lacey revirou os olhos.
— Certo. O chamemos Ignácio. Assim que o que temos que fazer é conseguir que Ignácio não enfaixa as pranchas, não?
— Não pode o chamar Ignácio.
— Tenho que o chamar de algum jeito. Não posso dizer o homem mau da falsificação, porque isso soa muito óbvio.
— Certo, está bem. Chama-o Ignácio.
Ela sorriu.
— Obrigado. O que temos que fazer é evitar que Ignácio enfaixa as pranchas a esses compradores? Por certo, sabemos quem são?
Ele negou com a cabeça.
— Só que seremos um casal.
— Certo, então os chamemos Tiffany e Sheldon. Ou seja, que se supõe que...
— Espera, espera. — Interrompeu levantando uma mão — Tiffany e Sheldon?
— A capitã das animadoras e o **quarterback** da equipe de rúgbi. O casal mais repugnante do mundo. Agora têm três meninos e uma casa nos subúrbios. Ele vende seguros de vida e ela lhe põe os chifres com o cara que os corta a grama. Mas dá igual. — Continuou ela quando Devon esteve a ponto de afogar-se com as tortinhas — Como se supõe que vamos evitar que se façam com as pranchas?
Devon bebeu um gole de café.
— Ele vai se encontrar com eles em um complexo de férias. É um lugar muito popular e haverá muita gente ali. Nós o encontraremos a ele, ele imaginará quem somos e a partir daí já veremos.
— Assim sabe que pinta tem esse cara?
Assentiu.
— Encontramo-nos antes.
Lacey franziu o cenho.
— E isso não impossibilita que vamos de incógnito? O que quero dizer é que se esse cara o reconhecer, estamos fodidos.

[A12] Comentário: Jogador de futebol americano.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ele negou com a cabeça.

— Não será um problema. Eu sempre estive atrás de tudo. Não me viu a cara.

— E a voz?

— Não falou nunca comigo.

— Ah, certo, Então qual é o plano?

Devon comeu o que ficava de suas tortinhas e deixou o garfo.

— Bom, o FBI planejou que seremos um casal em uma viagem romântica. E se fizesse isto com uma agente de campo experimentada não teria problema com isso, mas como você não tem feito trabalho de campo antes...

Lacey comeu o que ficava da torrada.

— Acredita que não posso fazê-lo?

Ele deu de ombros.

— Não sei se pode ou não. Mas pode ser muito estressante fingir que somos casal em circunstâncias como estas. Prefiro não correr riscos.

— Certo. — Ela acabou o suco e se recostou na cadeira com um suspiro de satisfação — Então essa é a parte que decidiu mudar?

Ele deixou o guardanapo sobre o prato vazio.

— Sim. Acredito que será melhor que finjamos que somos sócios em um negócio.

— Sócios? Em um complexo de férias? — Ela enrugou o nariz — Não sei...

Ele suspirou.

— Sim, estou de acordo em que não é o ideal. Mas fingir que somos amantes é muita pressão.

— Por quê? — Perguntou — Se de verdade somos amantes...

Ele piscou assombrado pela forma despreocupada em que tinha introduzido o tema em meio da conversa.

— Certo... Mas não sabemos nada um do outro.

Lacey assentiu.

— Sim, mas o dos sócios em um lugar de férias como esse soa completamente ilógico. Vamos ver. — Disse inclinando-se para frente — Em onde diz que levemos juntos muito tempo? Tem mais sentido que finjamos que só nos estivemos vendo uma temporada e que agora vamos fazer uma viagensinha de fim de semana para nos conhecer melhor.

— É uma boa ideia.

— Sei. E, além disso, podemos arrumar os detalhes no caminho. — Olhou seu relógio—. São dez e meia. Aonde vamos exatamente para esta aventura? Gordon disse algo de uma ilha. Podemos fazer todo o de conhecer-se próprio de um primeiro encontro no avião.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, nada de aviões.

Ela franziu o cenho.

— Não vamos de avião? E como vamos chegar a uma ilha sem avião? Não iremos tomar um navio...

Ele sorriu de repente, um gesto travesso e divertido.

— Pela ponte Mackinac.

— Oh, não! — Exclamou atirando o guardanapo na mesa — Vamos à ilha Mackinac?

Ele revirou os olhos.

— Diga-o um pouco mais alto. Acredito que o cozinheiro não te ouviu...



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Isto eu não gosto de nada. — Grunhiu e cruzou os braços — Pensei que íamos a uma ilha tropical e em vez disso teremos que nos colocar nove horas de carro e cruzar uma ponte que pode não ser segura, para depois subir a um Ferry que não é mais que uma armadilha mortal, com o fim de chegar a uma ilha que não permite os motores de combustão interna.

Ele riu.

— Não teremos que cruzar a ponte; podemos pegar o Ferry da península. E eu conduzo rápido, assim provavelmente só necessitamos oito horas de carro. Além disso, é muito pitoresco.

— Pitoresco? — Riu ela sem humor — É um anacronismo. Mas fazem um doce de açúcar incrível — Disse e se sentiu algo mais contente.

— Se isso te consola... — Disse entre dentes. Lacey suspirou.

— Bom, e quando vamos?

Devon fez um gesto para pedir a conta.

— Pode fazer as malas e estar pronta em uma hora?

— Não.

Ele piscou surpreso de novo. Tinha a incômoda sensação de que isso lhe ia passar muito com ela.

— Como?

— Não; não posso fazer as malas e estar pronta em uma hora.

— Por que não?

— Que por que não? — Começou a enumerar as razões com os dedos — Um: porque não me disse para que tenho que fazer a mala: roupa informal, elegante, esportiva...? Preciso saber essas coisas. Dois: que tempo faz? Faz mais frio porque está em meio da água? Três: uma hora não é suficiente. Pode que tenha que acontecer a tinturaria ou que necessite sapatos. Quatro...

— Certo. — A deteve Devon — Já entendi. Quanto tempo necessita para preparar a mala para o fim de semana?

Ela deu de ombros.

— Ao menos duas horas.

— Doze e meia então?

— Ummm... — Disse pensando — Deixemos melhor na uma e meia. No caso de...

— No caso do que?

— Se por acaso surge uma emergência.

— Uma emergência fazendo a mala?

Ela o olhou muito seriamente.

— Será melhor não correr riscos.

— Está bem. — Procurou a carteira no bolso.

— Ouça, eu pedi que devêssemos tomar o café da manhã. Deveria pagar eu.

Ele mostrou um breve sorriso e deixou uma gorjeta muito generosa.

— Nada disso. Pagamento do Tio Sam.

Ela se levantou da mesa para segui-lo de caminho à saída do restaurante. Arqueou as sobrancelhas ao ver a quantidade de dinheiro que lhe tinha deixado à afortunada garçonete.

— Ouça, não tem que me impressionar. Já me teve, recorda?

— Oh, claro que o recordo. — Ela estremeceu adulada pelo repentino tom escuro de sua voz. Mostrou-se tão normal e profissional durante o café da manhã e no escritório do FBI que tinha estado a ponto de esquecer que haviam fodido como cães a noite anterior.

Ele segurou a porta, girou-se para deixá-la passar e a pegou olhando-o.

[A13] Comentário: Uma balsa (ou ferryboat) é uma forma de transporte, geralmente, um barco, mas às vezes um navio, utilizado para o transporte, principalmente de passageiros, e às vezes dos veículos e cargas, assim, através de um corpo de água.

[A14] Comentário: É um erro em [cronologia](#), expressada na falta de alinhamento, consonância ou correspondência com uma época. Ocorre quando pessoas, eventos, palavras, objetos, costumes, sentimentos, pensamentos ou outras coisas que pertencem a uma determinada época são erroneamente retratados em outra época.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— O que?

— Nada. — Disse encolhendo os ombros em resposta a seu arcar de sobrancelhas e saiu à rua — Certo, há algo. Parece trocar de faceta muito facilidade.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que de repente é o super espião, todo profissionalismo, e ao minuto seguinte é: "Oh, claro que me lembro". — Disse baixando a voz para imitar, bastante decentemente, seu ronrono grave. Viu que as comissuras de seus lábios se elevavam para cima antes que pudesse suprimir o movimento. Deu de ombros de novo e se sentiu algo tola — É um pouco desconcertante, isso é tudo.

Ele riu.

— Sinto muito. É um costume. — Quando ela levantou a vista para olhá-lo inquisitiva, ele explicou — Levo já um tempo neste trabalho. E se aprende muito cedo a se manter centrado no trabalho quando é necessário ou alguém acaba morrendo.

Ela fez uma careta de dor.

— Nossa, que ideia mais lúgubre.

— Ouça. — Deteve-a lhe pondo uma mão no cotovelo e situando-a diante dele. Seus olhos estavam muito sérios — Não é um negócio agradável. A situação com a que vamos a encontrar no Mackinac não tem por que ser perigosa, mas nunca se sabe, assim preciso saber se você puder com tudo isto.

Ela franziu o cenho.

— Se eu puder com isso? Em plano agente da CIA como Sydney Bristow, treinada para dar um chute no traseiro aos maus? — Sacudiu a cabeça — Olá? Sou desenhista de páginas web, não uma garota Bond. O que quero dizer é que estou em boa forma e posso sair correndo como alma que leva o diabo diante dos maus, mas isso é tudo, assim se para isto necessita à Mulher Maravilha...

Devon negou com a cabeça com um sorriso sardônico nos lábios.

— Não, não é isso o que quero dizer. É provável que não cheguemos nem a nos ver cara a cara com deste tipo, assim não vai necessitar um laço mágico nem tampouco braceletes.

— Um laço mágico dourado. — Corrigiu. Devon ficou olhando-a.

— Certo. O que quero saber é se vai desmoronar se as coisas ficam difíceis. Se pôr histérica, agitar as mãos... Essas coisas que fazem as garotas.

Franziu o cenho.

— Sou uma garota. Mas isso não me converte em um bolo de nata, pedaço de enganador chauvinista.

Piscou.

— Pedaço de enganador?

— Sim. — Cruzou os braços — Só porque seja uma mulher já assume que me vou converter em uma inútil panaca? O que vou estorvar a danificar o assunto e foder tudo? É um idiota. — Quase lhe cuspiu a palavra e depois girou sobre seus calcanhares e se afastou.

Ele a agarrou do cotovelo antes que desse tempo a dar dois passos e a girou para que o olhasse à cara. Se não tivesse estado furiosa, pode que a tivesse impressionado sua expressão tormentosa.

— O que? — Espetou-lhe.

Ele inspirou fundo, ela quase pôde ouvir como lhe chiavam os dentes, e disse:

— Não é isso o que quis dizer.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Tá. — Não estava muito convencida.

Tentou-o de novo.

— Queria dizer... Olhe às vezes as coisas ficam complicadas. Se nos metermos em alguma confusão, não vou ter tempo de te explicar o assunto e te apresentar uma lista de opções. Teremos que agir e rápido e preciso saber se é capaz de obedecer ordens ou se for urinar nas calcinhas ali mesmo.

— Nossa, que linguagem! — Exclamou e soltou seu braço de um puxão — Assim que o que precisa saber é se posso fugir dos maus?

— Ummm...

— Porque acredito que acabo de te dizer exatamente isso. E para que saiba, sou perfeitamente consciente de que sua experiência neste campo supera com muito à minha e não tenho nenhum problema em fazer o que me diga. Não sou tola e eu não gosto da ideia de que me façam mal. À dor não é o meu estilo.

Ele fez uma careta ao notar o veneno de suas palavras.

— Não queria dizer...

— Não acabei ainda, super espião. — Cravou-lhe o dedo no peito — Não me dá medo fazer perguntas e não vou discutir com a autoridade, mas não me trate como a uma menina. Tenho cérebro e sei usá-lo. Compreendeu?

Ele pigarreou.

— Sim, entendi. Sinto muito. — Pegou-lhe o dedo que estava utilizando para lhe perfurar o peito — O sinto muito. Sei que tem cérebro e não queria dar a entender outra coisa.

— Mmmm...

— De verdade. Mas tenho que me assegurar. Quem está ao mando disto é algo que não é negociável e as vidas dos dois dependem disso.

Ela deu de ombros já mais calma.

— Sei. E como não me conhece tão bem, suponho que posso perdoar que dê por fato algumas coisas errôneas.

— Bom, o FBI apostou por você.

— A verdade é que o grupinho do escritório não inspira precisamente muita confiança.

Assentiu.

— Gordon... E o idiota do agente atribuído.

— Certo. Bom, perdoo-te o ceticismo.

— E não acredito que seja uma menina. De verdade.

Ela mostrou um sorrisinho.

— Sei. Uma menina não teria podido ganhar cem paus ontem à noite.

Ele sorriu também.

— Tem razão. Deveria ter te deixado pagar o café da manhã.

— Tá! Muito tarde, casulo.

— Sim, este trabalho vai como a seda... — Disse rindo.

— Oh, não seja tão pessimista. — Repreendeu ela e começou a caminhar — Posso te perguntar algo?

Ele a alcançou e ficou a seu lado, reduzindo o passo para adaptar-se ao dela.

— Claro.

— Não se vê muito emocionado com isto.

Ele esperou um segundo e depois a olhou.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Isso parece mais uma afirmação que uma pergunta.

Ela revirou os olhos.

— Mas que homem mais gracioso... Por que não se vê muito emocionado com este assunto?

— Porque se supunha que me ia retirar e passar ao negócio da segurança associado com Ian e basicamente me chantagearam para que faça este último trabalho para o Tio Sam antes de deixar ir.

— Nisso investem o dinheiro de meus impostos... — Disse ela sarcástica.

Ele se pôs a rir de uma vez que alcançavam o carro.

Subiram e Lacey entrou no denso tráfego de um sábado pela manhã. Dispôs-se a lutar com as obras e as hordas de gente que tentava chegar ao lago para passar o fim de semana, de repente dolorosamente consciente do homem que tinha sentado a seu lado.

Agora que não falavam de negócios nem discutiam quem tinha membro maior, de novo se encontrou pensando em... Bom, em seu membro. Olhou de esguelha seu colo, o que resultou não ser uma boa ideia. A parte da frente de suas calças estava um pouco avultada, o que provocou uma inundação no meio da perna de seu jeans.

— Posso te fazer outra pergunta?

Olhou-a com a expressão inescrutável.

— Sim, claro.

— Sempre vai por aí assim... — Disse assinalando com a cabeça a braguilha de suas calças — Ou há algo no ambiente atual que lhe provoca isso?

Ele sorriu. Mas não com o sorriso que tinha estado mostrando toda a manhã, e sim com um que estirou sua boca de uma forma lenta e sexy que fez que Lacey lhe fizesse a boca água.

— Não é o ambiente atual. É você.

Ela engoliu seco.

— Isso acreditava, mas não queria dizê-lo se por acaso isso me fazia parecer presunçosa.

— Não é presunção se for verdade.

Ela pigarreou.

— Sim, claro, sim.

— Está se pondo nervosa... — Acrescentou encantado e se girou em seu assento para poder olhá-la bem.

— Pode que um pouco. — Admitiu ela odiando o calor que sentia que começava a subir pelo pescoço.

— E uma merda um pouco... Está muito nervosa. E está se ruborizando? — Ela franziu o cenho diante seu sorriso — Não o entendo. Ontem à noite foi do mais atrevida, nada de gagueiras, nem rubores, nem dúvidas. Por que faz de senhorita tímida hoje?

Ela revirou os olhos.

— Senhorita tímida... Já quisesse...

— Bom, ruboriza-se, não me pode olhar...

— Não me olho porque estou conduzindo. Tenho que olhar à estrada.

— E também tem os lábios tão apertados que parece que acaba de chupar um limão, assim que te acontece algo. O que acontece? Não quer voltar a se deitar comigo?

— Não! — A negativa lhe saiu com um pouco mais de intensidade do que pretendia. Ruborizou-se ainda mais e ele riu — Não, não é isso. É que...

— É que o que? — Perguntou-lhe quando ficou um momento calada.

— Está me custando um pouco te seguir, isso é tudo. Totalmente profissional na rua e



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

depois lança ao besta no carro. É um pouco difícil de assimilar!

— Sinto muito. — Se desculpou, embora parecesse estar reprimindo uma gargalhada.

— Se vamos passar os próximos não sei quantos dias fingindo que somos amantes, suponho que vai ser melhor que me explique às normas. — Estacionou diante de seu edifício e apagou o contato do carro.

— Parece-me justo — Concedeu. Esperou a que ela o olhasse e sorriu — Mas está muito graciosa quando se ruboriza.

— Bobo. — Disse rindo.

— Isso está melhor. Certo, normas básicas. O primeiro de tudo é que, a menos que me diga o contrário, não vamos estar "fingindo" que somos amantes. Seremos amantes. — Olhou-a espectador.

Ela sorriu.

— Não, não te vou dizer o contrário.

— Bom. — Disse virtualmente em um grunhido e pôs uma mão na nuca para puxá-la e lhe dar um beijo brusco — Segundo. — Disse depois enquanto tentava recordar como se chamava — Sei que já discutimos isto, mas é importante, assim não me importa repeti-lo. Eu estou no comando.

Ela assentiu.

— Certo. Certo. Você está no comando, você tem o membro maior, hurra para o Diabo. — Riu e revirou os olhos, mas ela seguiu — Mas, pode me dar alguma pista para que saiba quando é o momento de jogar e quando o de trabalhar? Recorda, sou uma aficionada. Assim que me diga que já é hora de trabalhar e ficar sério, não passa nada, fá-lo-ei, mas necessitarei um momento para trocar o chip.

— Parece-me bem.

— Genial. — Ela olhou o relógio e depois a sua braguilha, onde sua ereção não parecia haver baixado nada — Ummmm... Ainda quer que vamos em duas horas?

— Sim, temos que chegar a Mackinac City antes que se faça de noite. Estando as coisas como estão, agarraremos o Ferry à ilha pela manhã. Por quê?

— Porque só tenho tempo para uma coisa: te seduzir ou fazer a mala. Você escolhe: trabalho ou jogo?

Olhou seu relógio.

— Merda! Trabalho.

Ela fez um gesto de desgosto e abriu a porta do carro.

— Temia que foste dizer isso.

— De verdade vai levar tanto tempo fazer a mala? — Perguntou enquanto saía do carro e caminhava para a porta principal.

— Sim. — Respondeu enquanto colocava a chave na fechadura — E ainda não me disse o que tenho que meter na mala. — Parou-se justo antes de entrar e o olhou espectador.

Devon suspirou.

— De verdade vai passar as seguintes três horas fazendo a mala... Certo, roupa informal. Coloca um par de coisas elegantes se por acaso queremos ir à cidade ou para jantar a algum lugar fino e também um par de jérseis e ao menos uma jaqueta.

Assentiu.

— Certo, não há problema. — Abriu a porta e o olhou por cima do ombro. Ele estava ali de pé, olhando-a como se acabasse de afogar a seu mascote — O que?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Olhou-a incrédulo.

— Tenho o membro como um míssil de cruzeiro e você vai pôr a fazer a mala.

— Carinho. — Disse levantando a mão e lhe acariciando a bochecha com a mão — É grande, mas nem tanto. E, além disso... — Acrescentou sorrindo e lhe dando uns tapinhas no rosto — Foi você o que disse "trabalho".

— Não me recorde isso. — Se queixou e se voltou para subir as escadas com a risada dela ressoando em seus ouvidos.

Capítulo 13

Exatamente três horas depois ele estava chamando a sua porta.

— Lacey, está preparada?

— Entra. — Gritou de dentro — A porta está aberta.

Devon abriu a porta e entrou, olhando a casa com interesse. O espaço no que vive uma pessoa está acostumada dizer muito sobre ela. Por exemplo, a quantidade de cor e o gosto extravagante quanto à arte de Jane lhe diziam que era excêntrica, seus lençóis de algodão egípcio de mil fios falavam de sua sensualidade e os querubins jogando boliche no teto... Bom, não estava seguro de que o que significava isso, além de que não era aborrecida.

Quanto ao lugar onde vivia Lacey... Olhou a habitação em que se encontrava. Havia pilhas de livros com títulos que iam desde "Em defesa da pornografia", talvez lhe pedisse esse emprestado, parecia interessante... A "Hamlet" ou "Asfixia". Também havia meia dúzia de novelas românticas espalhadas por ali. Tudo isso falava da variedade de seus gostos e interesses. Havia um par de sapatilhas de esporte junto à porta de entrada: ou corria ou ia ao ginásio com regularidade. Viu uma jaqueta dos Chicago Cubs atirada sobre o respaldo de uma cadeira e uma taça dos Blackhawks no bordo da mesa, assim que gostava dos esportes. A publicidade de um supermercado compartilhava uma almofada do sofá com uma vasilha de cereais e ainda por cima da mesinha do café havia uma cesta de lavanderia cheia de roupa, limpas? Suja?

Voltou-se quando Lacey surgiu do corredor levando uma bolsa de viagem de couro do tamanho de Rhode Island pendurada do braço e puxando uma mala com rodas.

— Acredito que levo tudo. — Disse pondo a mala sobre um montão de tecido impossível de identificar que havia em meio do chão — Só me falta pegar a jaqueta. — Levantou a vista para olhá-lo e ficou parada — O que?

— Meu Deus. — Disse olhando o apartamento uma vez mais — É um desastre!

— Ouça, isso é de muito má educação. — Disse franzindo o cenho.

— Mas é certo... O que é isso? — Disse assinalando. Ela olhou por cima do ombro.

— Meu penhoar e a toalha que usei esta manhã.

— E por que estão no chão?

Olhou-o.

— Porque tenho que levá-los a lavanderia; se os pendurar me esquecerei e voltarei a usá-los e, como já disse, necessitam uma lavagem.

— E por que não os mete no cesto da roupa suja?

— Porque não tenho um desses. Tinha um, mas me esquecia que tinha que fazer a recolha. Agora simplesmente o coloco tudo no cesto da lavanderia. — Abriu o armário do corredor e tirou



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

uma jaqueta de couro. Ele pôde ver durante um segundo o caos de roupa revolta que havia no chão do armário antes que ela fechasse de novo a porta.

— Então por que não os coloca na cesta da lavanderia? — perguntou assinalando à cesta que estava sobre a mesinha do café.

— Porque o que há aí agora é roupa limpa.

— E por que segue na cesta, em vez de estar dobrada e guardada?

Ela se aproximou com os olhos entrecerrados e o olhou muito de perto.

— O que? — Disse ele.

— Estou-me perguntando como conseguiu sua mãe meter-se em sua cabeça e tomar o controle de seu cérebro.

— Certo, não é meu assunto. — Concedeu. Esteve em silêncio um momento e depois seguiu

— Mas olhe este lugar! — Estendeu os braços — Como pode viver assim?

— Pois vivo bastante bem.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não o entendo.

Ela revirou os olhos.

— Bom, mas é que a menos que esteja planejando se mudar a viver comigo, não tem por que entendê-lo...

Quando ele seguiu plantado ali, olhando, ela pigarreou com força.

— Não tínhamos um pouco depressa, Cinzenta?

— Sim. — Sacudiu a cabeça outra vez e se voltou para ela — Isso é tudo? Essas duas malas?

— Sim. — Passou-lhe a bolsa de viagem e ele grunhiu surpreso pelo peso.

— Deus, mas o que colocou aqui? — Murmurou enquanto a ajustava sobre o ombro.

— Sapatos.

— Uma mala inteira cheia de sapatos? — Seguiu-a até a porta e esperou a que fechasse com chave — E só uma mala de roupa para combinar com todos esses sapatos?

— Ouça, pode-se transformar completamente o que se leva só trocando-se de sapatos. — Disse enquanto cruzava a porta que ele estava segurando para ela — E por que está agora tão resmungão?

— É que estou frustrado sexualmente. — Disse diretamente enquanto caminhavam para o carro alugado que estava estacionado na calçada. Jogou a bolsa de viagem ao assento de atrás e se voltou para pegar a mala de rodas — Não posso acreditar que tenha necessitado duas horas para encher duas míseras malas.

— Fazer malas é toda uma ciência e à ciência não se pode colocar pressa. — Subiu ao assento do acompanhante e ficou o cinturão.

— Acreditava que era à arte ao que não podia colocar pressa. — Disse enquanto subia no assento a seu lado.

— A isso tampouco. — disse e reclinou o assento. Apoiou comodamente a cabeça no descanso e estirou as pernas diante dela — Desperta quando chegarmos a Michigan, tá? — Bocejou e fechou os olhos.

Quase podia senti-lo olhando-a fixamente no interior do carro.

— Este trabalho já começa a ser uma merda. — Comentou e ela sorriu ao sentir que ligava o motor e ficava a conduzir.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02



Quatro horas depois a sacudiu para despertá-la.

— Acorda bela adormecida. Já estamos em Michigan.

Lacey bocejou e abriu um olho.

— Quanto tempo estivemos conduzindo?

— Eu estive conduzindo durante mais de quatro horas. Você esteve dormindo.

Ela atirou da alavanca para pôr o assento em sua posição e piscou para afastar o sono de seus olhos.

— Nossa não me inteirei que nada. E não me despertei ao passar por Gary...

— Sim, não me podia acreditar isso. Que mal cheira esse lugar.

Ela riu e soltou outro bocejo que ameaçou lhe desencaixando a mandíbula.

— Me acredito. — Olhou ao redor — Estamos parados.

— Tenho que chamar o escritório de Washington e tem que ser com um fixo. — Assinalou com a cabeça um restaurante para caminheiros que havia justo ao lado de onde tinham estacionado.

— Oh, bem. — Disse soltando o cinto — Você vá procurar uma cabine e eu vou ao banheiro.

Deixou-o junto a uma fileira de cabines de telefone justo à entrada do restaurante e se encaminhou ao banheiro. Teve um momento de confusão quando entrou no banheiro masculino para caminhoneiros por engano, mas um deles, chamado Lem, que usava um brinco no nariz e uma serpente tatuada ao redor do pescoço, assinalou-lhe a direção correta. Utilizou o serviço rapidamente, jogou um pouco de água na face para afastar o que ficava do sono e saiu em busca de Devon.

Seguia inclinado sobre o telefone com a vista fixa na porta. Revirou os olhos, embora ele não pudesse vê-la porque lhe dava as costas, e começou a bisbilhotar pelo lugar. A área de descanso estava dividida em duas partes: uma a ocupava um restaurante dos anos cinquenta, assentos corridos de vinil gretado e garçonetes em patins. A outra metade era uma loja cheia até os batentes de tudo que um caminhoneiro pudesse necessitar e muitas coisas que estava segura de que ninguém no mundo podia necessitar para nada. As duas partes estavam separadas por um comprido balcão com um cartaz reduzido e um pôster que punha: "Peça nosso sorvete caseiro".

Encantada com o tanto de artefatos inúteis e camisetas caipiras, perdeu a noção do tempo. Estava olhando uma camiseta com uma curiosa receita para cozinhar animais atropelados na estrada, pensando em comprá-la para dar de presente a Jane, quando lhe puseram uma mão forte no ombro.

— O que faz?

Lacey mal pôde controlar o grito que lhe saiu automaticamente pela surpresa e o susto.

— Ter um ataque ao coração. — Disse voltando-se para Devon — Não aborde assim a pessoa.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Sinto muito. Podemos ir?

Ela franziu o cenho.

— Isso, como desculpa, é uma merda. E não, não podemos ir porque vou comprar a



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

camiseta.

Ele entreabriu os olhos ao ver o objeto.

— Vai comprar uma camiseta rosa com instruções para cozinhar animais mortos por atropelamento?

— É um presente para Jane. — Disse encaminhando-se à caixa — E quero um sorvete. — Sorriu à mulher do caixa — O que me recomenda?

A mulher, cujo crachá de identificação dizia que se chamava Beverly Ann, disse mascando chiclete.

— Bom, eu diria que o melhor é o de nozes. Mas isso só se o vai tomar em um cone de barquinha. Também os fazemos aqui, sabe?

— E se falarmos de milk-shakes? — Seguiu perguntando Lacey.

— Ummm... — Beverly Ann fez uma bola com o chiclete enquanto pensava — Então ficaria com o de chocolate.

— Sim, os clássicos nunca saem de moda. — Lacey procurou no bolso e tirou uma nota de vinte — Quero um Milk-shake grande de chocolate. — Olhou a Devon — Você quer algo?

Olhou o pôster escrito à mão que havia sobre a cabeça de Beverly Ann.

— Eu quero um milk-shake de morango, pequeno.

Beverly lhes serviu os milk-shakes e colocou a camiseta em uma sacola. Quando lhes deu os copos, Lacey riu: o seu era tão grande que quase não podia agarrá-lo e o de Devon era tão pequeno que parecia de brinquedo em sua enorme mão.

— Perdão. — Murmurou ela quando ele a olhou reprovador. Seguiu-o até o carro e entrou, mantendo o milk-shake em equilíbrio entre as pernas enquanto se fechava o cinto.

Quando entraram de novo na autoestrada, ele a olhou.

— Vai voltar a dormir?

Ela negou com a cabeça.

— Não, agora estou totalmente acordada. Normalmente não durmo assim de dia, mas as últimas semanas foram frenéticas. Ser dama de honra dá muito mais trabalho do que acreditava.

— De verdade? Tudo o que tem que fazer o padrinho é organizar a despedida de solteiro.

— Bom, eu também tive que fazer isso. A despedida de solteira quero dizer. — Se estremeceu — Ia fazer uma combinação de festa e ducha, mas a mãe de Jane quase lhe dá um ataque. Assim tive que organizar duas festas. Além de todo o planejamento que tive que suportar.

— Esse planejamento é em que te entretinha olhando minha foto?

Suspirou.

— Sim e deveria te dar as obrigado por isso. Essa foto é a única razão pela que não fiz que sequestrassem à senhora Denning.

— Ah, pensei que me estava agradecendo o de ontem à noite...

Ela reprimiu outro estremecimento diante o tom lascivo de sua voz e tentou parecer séria.

— Está brincando comigo em uma autoestrada interestadual?

— Sim. — Sorriu.

— Oh. — Tentou ficar a beber o milk-shake enquanto pensava como responder a isso, mas ainda estava muito congelado para passar pelo canudinho.

— Que tal está seu milk-shakes? — Perguntou ele.

— Bom. — Disse surpreendida — Mas bem congelado ainda. — Pensava que ele ia seguir com a brincadeira, não que fosse trocar de repente a uma conversa normal.

Ele notou que o observava cautelosamente e sorriu.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— O que? É que pensava que ia seguir dizendo coisas desagradáveis durante o resto do caminho até Mackinac?

— Bom sim, isso acreditava. Quer dizer que não vai fazê-lo?

— Merda, não...

Lacey franziu o cenho.

— Por que não?

— Porque já tenho meia ereção só por ter estado cheirando sua pele durante as últimas quatro horas e como não temos tempo de procurar um motel e descansar umas horas, não tenho intenção de seguir me pondo nervoso.

— Oh... Tem sentido. — Lacey sorriu.

— Você gosta da ideia, não?

— Qual? A de que tem problemas para manter suas mãos afastadas de meu corpo? Claro que eu gosto. Não sou tola. Mas se não vai dizer coisas ruins, como vamos passar o tempo? Fica o que, outras quatro horas?

— Como mínimo. — Assegurou ele.

— Certo, então será melhor que encontremos algo do que falar que não tenha que ver com o sexo. — Lacey pensou um segundo — Pode me contar algo sobre seu último trabalho?

Dedicou-lhe um olhar que dizia "é uma piada" pela extremidade do olho.

— Certo, não é um bom tema. E se me fala de sua família?

— Não tenho família.

— Todo mundo tem família. — Disse ela — Embora estejam todos mortos, tem que ter família.

— Bom, pois meus estão mortos. Sou filho único, minha mãe me criou sozinha depois de que meu pai morreu no Vietnã e ela morreu quando eu estava na universidade.

— Sinto-o. — Disse Lacey com um fio de voz, algo incômoda pela forma despreocupada que utilizava para falar de sua mãe.

Ele sorriu.

— Não passa nada, Lacey. Aconteceu há muito tempo. Ainda sinto falta dela, mas não há problema.

— Sigo-o sentindo. — Disse encolhendo os ombros.

— Obrigado.

Ela assentiu.

— Certo, fiquei sem coisas corriqueiras sobre as que falar, a não ser que queira me falar do cara ao que devemos buscar.

Devon deu de ombros, incapaz de encontrar uma boa razão para não contar-lhe a essas alturas.

— Chama-se Devereaux.

— Esse é seu primeiro nome? — Lacey voltou a tentar com o milk-shake e conseguiu que um pouco passasse pelo canudinho desta vez.

— Simon.

— Simon Devereaux. — Lacey fez uma careta — Soa como contador francês. Acredito que eu gosto mais de Ignácio. E qual é seu problema?

— OH, é o típico traficante de armas padrão: um assassino psicótico com delírios de grandeza e complexo de Deus.

— Que bonito. E agora decidiu passar ao negócio da falsificação?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Isso parece.

— E como se supõe que vamos detê-lo exatamente?

— Não vamos detê-lo. Não, a menos que nos vejamos obrigados a isso. Nossas fontes dizem-nos que já encontrou um comprador. Assim só temos que observar, tentar identificar o comprador e avisar o Tesouro quando eles possam intervir. — Notou certa ironia quando pronunciou a palavra "Tesouro".

— Suponho que com "o Tesouro" quer dizer "o Departamento do Tesouro".

— Sim. O Serviço Secreto, para ser exato. Os temas de falsificação são de sua jurisdição.

— E então por que colocaram a você nisto? Você não trabalha para o Tesouro, não é?

— Não.

Lacey franziu o cenho.

— Como se viu comprometido o FBI?

— O FBI está coordenando, nada mais. Tampouco trabalho para eles exatamente.

— Não entendo. Para quem trabalha você?

— Tecnicamente trabalho para uma agência da que seguro que não ouviu falar nunca, porque não existe oficialmente.

— Então o que? Contratarem-lhe para isto? — Ele assentiu — E por que você?

Ele fez uma careta.

— Isso é uma longa história.

— Ah... É que tinha planejado ir a algum lugar? — Disse olhando pela janela à paisagem que passava rapidamente por seu lado.

Devon suspirou.

— Vamos ver. O Tesouro sabe que já tive entendimentos com o Devereaux antes. Como realmente seu Serviço Secreto não tem muita informação sobre ele, consultaram com o FBI para saber o que esperar e decidiram que, em vez de treinar a algum agente durante um período curto, era melhor encontrar a alguém com experiência. E para este caso, esse era eu.

— Nossa. E você está furioso por que...?

— Porque me chantagearam para que o fizesse. Não me deixavam me retirar se não me fazia cargo disto. E como no Departamento do Tesouro me odeiam, estou seguro de que o estão passando muito bem com tudo isto.

— Todo o Departamento do Tesouro te odeia? De verdade?

Ela viu fascinada como se avermelhavam as bochechas. Murmurou algo entre dentes.

— Perdoa não te ouvi.

— Eu disse que o que me odeia é o diretor do Departamento do Tesouro.

— Oh, parece-me que vai ter que me dizer algo mais que isso. — Disse Lacey, desfrutando imensamente — Seguro que há fez algo. O que? Ou, melhor dizendo, quem? — Perguntou maliciosa.

Quando suas bochechas ficaram ainda mais vermelhas, ela soltou uma gargalhada.

— Não posso acreditar nisso! Deitou-se com quem não devia, não é? — De repente franziu o cenho — Não seria a mulher de ninguém, não?

— Não! — Ele pareceu espantado com que só tivesse chegado a fazer a pergunta.

— Ah, certo. — Começou a rir de novo — Quem então? A filha de alguém? Sua irmã?

Devon permaneceu um segundo em silêncio e depois murmurou:

— Sua sobrinha.

Lacey não pôde evitar seguir rindo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— A sobrinha de quem?

Devon suspirou.

— Do diretor.

— E é que ele não queria que se visse com um espião ou algo assim?

— Isso é que acredito que ficou um pouco impressionado quando nos pegou no chão do salão de sua casa da praia.

— Ups. — Disse Lacey sem poder parar de rir — Suponho que isso deteria a ação.

Ele a olhou.

— Você está passando bem?

— Oh, genial. — Disse risonha.

Ele sacudiu a cabeça.

— Mudemos de tema, por favor.

— Desmancha prazeres.

— Acreditei que queria saber coisas de Devereaux.

Ela suspirou.

— Bom, se não for contar os detalhes picantes, suponho que esse é o seguinte tema interessante. — Bebeu um pouco de milk-shake — O que ia me contar de Devereaux? — continuou.

— É um homem baixo, um e setenta mais ou menos. Cabelo loiro que clareia artificialmente, assim se vê quase branco, e olhos azuis claros.

Lacey revirou os olhos.

— Devon, há uma foto na pasta e também uma ficha onde detalham tudo isso. Conte-me algo de sua personalidade.

Devon deu de ombros.

— É preparado, encantador e está completamente louco. Viu o fim da Guerra Fria como a oportunidade de sua vida, com todas essas armas que sobravam às superpotências. Como já não havia nada que fazer com elas, muitos funcionários governamentais com pouco sentido cívico, de ambos os lados da Cortina de ferro, começaram a procurar compradores. E Devereaux esteve encantado de oficial de agente que proporcionava os contatos.

Lacey fez uma careta.

— Não recordo ter visto isso nas notícias. Homem estava na universidade e me interessavam mais as séries da televisão que as notícias da noite, mas mesmo assim acredito que me teria gostado de saber que as nações estavam vendendo armas nucleares ao melhor comprador.

— Não deram publicidade, Lacey. E a maioria desses entendimentos se abortaram antes que pudessem realizar-se. Ao menos os que implicavam armas potentes como mísseis e coisas assim. O que melhor dá ao Devereaux é passar armas pequenas: rifles de assalto, semi automáticas de grande calibre é um bom negócio para ele, sobre tudo em zonas de muita tensão. E, quando o preço é o adequado, também faz uso de seu próprio arsenal. Os dois últimos anos fomos conseguindo fazer suficientes buracos em sua rede para pô-lo nervoso. O ano passado inclusive chegamos a estar a ponto de agarrá-lo em uma jogada a rede, mas conseguiu escapar. Suponho que então pensou que tinha chegado o momento de sair desse jogo antes de acabar perdendo.

— E pensou que a falsificação era um bom mercado para ele... — Disse Lacey assentindo — Entendi.

— Mas não se engane. Pode que o jogo seja diferente, mas é igual de perigoso, se não mais. O dinheiro é o que move o mundo, depois de tudo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Acreditava que era o amor.

— Não na política, querida.

— Certo. — Lacey apoiou os pés no painel e inclinou um pouco o assento — Então se supõe que temos que vigiá-lo e avisar aos bons quando já puderem entrar em jogo.

— Sim, mais ou menos.

— Parece um último trabalho muito fácil. Um par de dias em um complexo de férias a gastos do governo. Por que te chateia tanto tudo isto?

— Eu não gosto que me apertem as porcas, isso é tudo.

— Já vejo. E por que quiseram que fosse você outra vez?

Ele deu de ombros.

— Eu sou o que mais experiência tem no trato com Devereaux. Tem sentido me atribuir isso, embora me faça tão pouca graça à ideia.

— Sim, mas parece tratar-se de um encargo bastante corrente. Somente querem a alguém que vigie o cara, não? Por que utilizar a um agente de campo com tanta experiência para isso, embora seja o que mais sabe do sujeito?

— Inclusive nas missões mais mundanas e rotineiras, sempre existe a possibilidade de que algo saia errado. — Explicou — Devereaux tem muitos amigos perigosos. Se algum deles está comprometido nesta nova aventura, eu não quereria que houvesse um novato no comando.

— É que acreditam que tem sócios nisto?

— Não há nada na informação que temos que indique que tenha sócios ou cúmplices. — Disse ele sacudindo a cabeça — Mas eu apostaria a que está com Felicity nisto.

— Oooh... Há uma mulher com ele. Quem é ela?

— Sua mulher, sua escrava e sua garota para tudo. Sempre está com ele, assim suponho que também andarás metida nisto.

— São amantes?

— Por isso sabemos, sim. Estão muito unidos; ele nunca faz nada sem ela.

— E não é estranho então que nem sequer a tenham mencionado no relatório de inteligência?

Franziu o cenho.

— Sim, é estranho. A menos que já não esteja com ele. No ano passado, depois de que estivéssemos a ponto de agarrá-lo, desapareceu por um tempo. Eu assumi que ela tinha desaparecido com ele.

— E o que? Simplesmente esperamos para ver?

— Não. Farei uma chamada mais tarde. Eu não gosto de surpresas.

Lacey se manteve em silêncio enquanto Devon pensava com o cenho franzido nas lacunas que havia no relatório de inteligência que lhes tinha proporcionado o FBI. Essas lacunas começavam a preocupá-lo a ela também; era nova neste assunto da espionagem, mas a sua mente lógica parecia razoável que se o mal tinha uma namorada, isso era informação que resultava útil saber. Sobre tudo se a namorada era mal também.

— Só temos que observar então? — Perguntou Lacey depois de pigarrear.

Devon não tinha abandonado o cenho.

— Sim.

— E o que vamos fazer o resto do tempo?

— Suponho que foder até a extenuação. O que te parece?

O calor tinha voltado para sua voz e de repente tudo o que ele queria fazer era encarapitar-



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

se a seu colo e o morder.

— Não sei. — Disse tentando soar indiferente — Eu esperava poder me dar algum tratamento. Talvez uma máscara de algas ou uma pedicura. — Bebeu desesperadamente pelo canudinho para ver se o milk-shake gelado lhe baixava o calor, mas o único que conseguiu foi uma dor de cabeça provocada pelo frio do sorvete.

Ele afastou os olhos da estrada para olhá-la um momento.

— Senhorita, se acredita que não vou tombá-la de barriga para cima na primeira oportunidade que tenha, é que está completamente louca. Esteve me provocando todo o dia.

Lacey fez tudo o que pôde por reprimir o calor que lhe alagava e substituí-lo por indignação.

— Isso é mentira! Diga-me uma só coisa sexual que fiz desde que saí da cama esta manhã.

— Sorriu, riu e, além disso, cheira tremendamente bem.

— Mas não é minha culpa que você seja suscetível a essas coisas. — Cruzou os braços sobre o seio para que não pudesse ver seus mamilos se sobressaindo sob a camiseta.

— E necessitou três horas para fazer a mala.

— Mas isso tampouco é minha culpa. Essas coisas levam o tempo que levam.

Ele riu um som grave e explosivo que encerrava uma promessa sensual.

— Espero que recorde tudo isso depois, quando te tiver debaixo de mim com os joelhos apoiados em meus ombros.

Lacey engoliu um gemido diante a imagem que acabavam de conjurar suas palavras.

— Isso é muito pouco politicamente correto.

— Sim. — Reconheceu ele.

Ela inspirou fundo.

— Quando vamos fazer a seguinte parada?

— Pararemos quando chegarmos ao Mackinac City. — Disse Devon sorrindo.

— Certo. — Outras quatro horas no mínimo. Passou os dedos trêmulos pelo cabelo e respirou fundo para acalmar-se — E que tal se pusermos música? — Perguntou e estendeu a mão para a rádio.

— Boa ideia. — Disse ele quando ela já alcançava o botão de ligar e o ar se encheu do potente tangido do violão elétrico. Ele agarrou seu milk-shake e se resignou a comprida viagem que ficava pela frente.

Capítulo 14

Quatro frustrantes horas depois paravam no estacionamento de um motel de Mackinac City. Devon desligou o motor e olhou para Lacey. Ela o olhava com a face avermelhada e a respiração acelerada e ele teve que fazer um importante esforço para recordar que tinha coisas que fazer.

— Tenho que fazer uma chamada. — Disse.

— Sei.

— Não acredito que devamos ir à ilha esta noite.

Ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Não, eu tampouco. Deveríamos tomar um pouco de tempo para descansar da viagem.

— Bem. Então entraremos e pedirei uma habitação. Depois farei a chamada.

— Certo. — Disse ela e sua voz soou anti naturalmente alta dentro do carro em silêncio.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— E só para que fique claro, depois de fazer a chamada, vou fodê-la até que fique louca.

Ela deixou escapar o ar com um vaio.

— Fala muito... — Sussurrou e ele grunhiu. Inclinou-se sobre ela e apanhou a boca em um beijo breve e brusco. Quando se afastou, ambos respiravam com dificuldade. Procurou apressado a maçaneta da porta e saiu do carro.

Registrou-os no motel em um tempo recorde e, quase antes que Lacey se desse conta, estava de pé na soleira da habitação 24 esperando que ele fizesse as comprovações de segurança. Ela não sabia o que é o que ele estava comprovando, mas se ninguém sabia onde estavam Por Deus! Mas agradeceu o tempo que lhe dava isso para recuperar o controle de seus sentidos.

Deus, as últimas quatro horas tinham sido intermináveis. Depois de falar de tudo o que lhes ocorreu respeito ao caso, tinham estado comentando tolices: o que punham na rádio, as notícias esportivas, se podia ou não dizer que o beisebol era o esporte nacional... Mas durante todo o tempo, enquanto falavam de política internacional ou de hóquei, notava-se entre eles uma corrente de tensão sexual tão grossa que nenhuma serra mecânica teria podido cortá-la. Tinha passado mais tempo com as calcinhas úmidas nas dezoito horas que fazia que o conhecia que nos últimos anos e estava bastante segura que só com que ele ficasse olhando fixamente seus clitoris, este exploraria.

— Já pode entrar. — Disse. Ela levantou a vista e o encontrou de pé a uns metros, observando-a. Tinha esse olhar escuro e perigoso que dizia "tome cuidado porque estou me reprimindo" que lhe provocou calafrios.

A seu olhar penetrante não lhe escapava nada.

— Tem frio?

Ela sacudiu a cabeça e viu que ele entreabria os olhos maliciosamente.

— Excitada então...

Sua voz era apenas um sussurro e ela a sentiu como uma firme carícia sobre a pele. Assentiu lentamente e fechou a porta a suas costas.

Ele ficou onde estava a vários metros dela e com as mãos convertidas em punhos junto aos lados.

— Tenho que fazer a chamada. — Seu tom de voz expressava claramente que preferiria fazer outra coisa.

— Sei. — Disse ela, engoliu seco e assinalou o banheiro — Me... Refrescarei um pouco enquanto chama.

— Não tranque a porta. — Disse com a voz tensa pelo calor e a antecipação.

— Não o farei. — Prometeu e foi ao banheiro antes que esquecesse tudo e se lançasse sobre ele ali mesmo.

Fechou a porta do banheiro e se apoiou contra ela com uma mão sobre o peito para tentar reduzir a velocidade de seu acelerado coração.

— Deus. — Disse — Nem sequer me tocou e já estou tão perto do orgasmo que posso até saboreá-lo.

Ergueu-se e foi ao lavabo, abriu o grifo da água fria, esperou até que estivesse gelada e molhou a face com ela até que se sentiu meio normal. Depois simplesmente ficou ali e se esforçou por respirar com normalidade.

Na habitação, Devon marcou o número de telefone com mãos tremulas. Deus, se não lhe punha as mãos em cima logo, ia perder o controle completamente. Ouviu água correndo no banheiro e imaginou na ducha, a espuma correndo por seu corpo enquanto se esfregava o sabão



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

com as mãos, criando mais espuma sobre sua pele sedosa.

Começou a sentir-se tonto e teve que sentar-se. Para quando conseguiu apartar essa imagem de sua mente, alguém agarrou o telefone ao outro lado da linha.

— Sim?

— Jack, olá, é o Devon.

— Devon! O que acontece, cara? Que tal está te tratando à aposentadoria? — A voz de seu velho amigo passou de taciturna a amistosa assim que se inteirou de com quem estava falando.

Devon fez uma careta.

— Nada bem. Enredaram-me para que aceite um último trabalho.

— Nossa, necessita ajuda?

— Não, mas me viria bem um pouco de informação. Gosta de te pôr a xeretar?

— Para você? Não há problema. — Ouviu um ruído de papéis e então seu amigo disse — Dispara.

— Me diga o que há por aí do Devereaux.

Produziu-se um silêncio ao outro lado da linha e depois um assobio baixo.

— Outra vez com isso, cara?

— Não me deram escolha. — Devon olhou por cima do ombro para a porta do banheiro. Já não se ouvia a água e sua cabeça se encheu de imagens de Lacey secando-se com a toalha. Só isso pôs seu pênis impossivelmente duro ao pensá-lo e lhe custou concentrar-se de novo na conversa.

— Ah, certo... Mas acreditava que se afastou do jogo.

— Encontrou um novo. Estes dias se dedica ao dinheiro de pega e preciso saber quem está com ele nisso.

— Felicity?

— Ela especificamente, mas também qualquer outro jogador que tenha podido encontrar pelo caminho.

— É que seu instinto te diz que há algo diferente?

— Algo me diz, mas ainda não estou seguro do que. Pode me buscar algo rápido?

— Claro. Suponho que te interessa à atividade mais recente...

— Algo dos últimos doze ou dezoito meses. Preciso saber com quem anda estes dias. Você liga depois e me conta. — Disse a seu amigo mantendo um olho fixo no banheiro.

Preferia que Lacey não escutasse essa conversa. Primeiro porque era uma civil e quando menos soubesse, melhor para ela e segundo porque se ela saía antes que acabasse de arrumar esse assunto, certamente não poderia terminá-lo. Acabaria dentro dela antes que desse dois passos.

— Certo, feito. — Jack fez uma pausa e depois disse — Tome-o com calma, tá? E se decidir que necessita alguém de apoio, já sabe onde me encontrar.

— Obrigado, cara. Agradeço-lhe muito.

— Quando quiser.

Jack cortou a comunicação e Devon desligou. Se algo faltava ao arquivo do FBI, Jack o encontraria. Passou as mãos pela face, incrivelmente cansado de repente. Estava desejando ter uma vida civil tranquila em algum lugar no que não tivesse que perguntar-se constantemente o que ou quem se escondia atrás de cada esquina.

Ao ouvir que se abria a porta do banheiro, girou a cabeça bruscamente e tudo deixou de existir exceto a mulher que estava de pé na soleira.

Estava completamente vestida e com o cabelo seco.

— Pensei que estava tomando uma ducha.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Sacudiu a cabeça e retorceu as mãos.

— Pensei-o, mas me pareceu um desperdício.

— Por quê? — Perguntou ele levantando-se lentamente.

Ela deu de ombros com uma sombra de sorriso em sua boca sem pintar.

— Porque estamos a ponto de suar e nos pôr pegajosos. — Os olhos brilharam ao lhe olhar cheio de paquera feminina e o controle que tinha conseguido manter todo o dia se escapou das mãos.

Aproximou-se dela com o passo medido e deliberado. Viu como seus olhos se abriam muito quando o viu aproximar-se e notou o passo atrás cauteloso que tentou dar antes que ele a alcançasse. Deteve-se justo diante dela, tão perto que quase lhe roçava com o peito os duros mamilos que se viam claramente através da camiseta.

— Sua última oportunidade para dizer que não. — Disse com a voz profunda e tão grave que apenas se distinguiam suas palavras.

A Lacey começavam a pesar as pálpebras pela excitação e tirou a ponta da língua para umedecer os lábios. Ele seguiu com a vista o movimento desejando que fosse sua língua a que fizesse esse caminho, a que se afundasse até o fundo de sua boca. Mas esperou que lhe respondesse, porque sabia que se começava já não ia poder parar.

Ela estendeu as mãos e as colocou sobre seu peito.

— Não tenho intenção de dizer que não. — afirmou. Agarrou-lhe a camisa e puxou, aproximando sua cabeça a dela — Quero que me foda. — Declarou em um gemido e pegou sua boca a de Devon.

O pouco que ficava do controle de Devon desapareceu com um grunhido grave e lhe rodeou as costelas com as mãos enquanto devolvia o beijo colocando a língua na boca. Ela gemeu, enredou a língua com a sua e sugou, mas ele liberou sua boca.

— Deus, — Murmurou entre ofegos. Levantou-a no ar — me rodeie com as pernas. — Ordenou e ela obedeceu cegamente. Ele moveu as mãos, rodeando a parte baixa das costas com um braço e enredando a outra mão em seu cabelo de que puxou para inclinar a cabeça da forma que vinha melhor e voltou a apanhar sua boca.

Ela estremeceu diante o arremesso e ele de repente não pôde esperar mais. Voltou-se e caminhou às cegas até onde sua memória dizia que estava à cômoda que havia contra a parede.

Tinha um abajur, um balde para o gelo e folhetos de viagens que anunciavam as fabulosas atrações de Mackinac. Com uma passada do braço o atirou tudo ao chão. Lacey se sobressaltou para ouvir o ruído e afastou a boca para olhar. Ele agarrou o cabelo com mais força evitando que apartasse a face. Olhou-o com os olhos cheios de desejo e os lábios úmidos e inchados pelo beijo.

— Quero estar dentro de você. — Murmurou enquanto a apoiava na borda da cômoda. Agarrou-lhe os quadris com ambas as mãos e a atraiu para si.

— Sim. — Sussurrou ela e soltou a camisa para arrancar a roupa. Tirou a camiseta pela cabeça e depois jogou as mãos às costas para soltar o sutiã. A posição projetou seus seios para frente enquanto lutava por tirá-lo ele aproveitou essa vantagem momentânea para colocar uma mão no meio de suas costas com o fim de manter a curvatura de sua coluna e, em quando conseguiu desprender-se dele, meteu um de seus duros mamilos na boca e chupou.

Lacey soltou um grito rouco e deixou cair à cabeça, que chocou contra a cômoda com um golpe seco. Enredou os dedos em seu cabelo para manter sua boca contra sua carne enquanto empurrava à pélvis contra a dele. Ele baixou as mãos e trocou de posição para que seu muito duro pênis entrasse em contato direto com seus clitóris desejoso através da roupa.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Oh, Deus. — Gemeu Lacey. Devon podia sentir seu calor através da grossa costura de seu jeans e se aproximou mais a ela. Notava o coração dela a mil por hora sob seus lábios. Levantou a cabeça, deixando o mamilo vermelho e úmido por sua boca e a olhou na face. Tinha os lábios separados, os olhos muito abertos, mas cegos e não deixava de empurrar com seus quadris desesperadamente contra o seu. Viu como o calor subia por seu peito quando seus ofegos começaram a converter-se em gemidos estremecidos.

— Vai gozar para mim, neném? — Sussurrou roçando com os dentes a clavícula. Ela gemeu e moveu os quadris com mais força — Vai gozar?

— Se subir um pouco mais acima... — Indicou entre gemidos. Agarrou-lhe as mãos que seguravam os quadris para tentar aproximar-se mais a ele e conseguir fricção no ponto crítico.

Ele sorriu encantado e agarrou com força os quadris para fixar-lhe onde estavam.

— Seguro que vai gozar? — Incitou.

— Deus! — Quase gritou e cravou as unhas nas mãos — Quase estou! Por favor!

— Ah... — Foi quão único pôde articular com os olhos quase cegos pelo desejo. Soltou-lhe o quadril para lhe abrir os jeans, de repente desesperado por sentir o calor úmido de seu sexo sem nenhuma barreira. Puxou o zíper e desceu as calças, as meias e as calcinhas até a parte superior das coxas, deixando justo o espaço suficiente para colocar uma mão entre eles.

A cabeça deu voltas quando o aroma de seu desejo o golpeou totalmente, escuro, úmido e terroso, e já não pôde esperar mais. Colocou a mão no oco entre suas coxas, que o tecido de seu jeans mantinha muito juntos. Os lábios de seu sexo estavam inchados e quentes e seu clitóris, aumentado de tamanho, começava a se sobressair. Sentiu a suavidade do fluido que lhe cobria os dedos. Abriu-lhe os lábios e se enterrou entre eles.

Estava tão úmida e disposta que pôde colocar dois dedos em seu interior facilmente. Gemeu quando as paredes de sua vagina se fecharam sobre eles.

— Ah, você gosta, não é, neném? — Tirou os dedos quase de tudo e voltou a colocá-los de novo. Ela gritou com um som muito agudo e sacudiu os quadris.

— Oh, sim! Oh, justo aí! Oh, por favor... Um pouco mais forte!

— Assim? — Voltou a colocar os dedos desta vez com um pouco de brutalidade, flexionando-os um pouco para roçar e acariciar suas sensíveis malhas internas. Ao mesmo tempo apoiou a borda da palma da mão sobre seus clitóris e ela explodiu com um grito.

A visão de Lacey estremecendo-se pelo orgasmo, com a face avermelhada pelo prazer, unida à sensação das paredes de sua vagina pulsando ao redor de seus dedos era mais do que Devon podia suportar. Abriu o fechamento de suas calças de um puxão com uma mão e tirou os dedos dela à contra gosto e só porque necessitava as duas mãos para procurar uma camisinha e colocá-la. Não se incomodou em tirar do todo os jeans a ela, mas sim simplesmente há girou um pouco sobre o quadril, apoiando seus dois pés sobre seu ombro esquerdo. Essa postura elevava seu traseiro e a suave e úmida carne de seu sexo ficava exposta e vulnerável. Devon não perdeu tempo.

Ela abriu os olhos de par em par quando sentiu que aproximava a larga ponta de seu membro a sua sensível abertura. O sexo ainda se sacudia com os últimos estremecimentos do orgasmo, leves tensões e batimentos que fizeram que ele tivesse que apertar os dentes para aguentar. Não havia nada que desejasse mais que afundar-se nela, enterrar-se tão fundo que fosse impossível dizer onde acabava ele e começava ela, mas queria que ela estivesse com ele.

— Me olhe. — Disse com a voz grave e áspera pelo esforço de reprimir-se. Podia sentir que sua vagina se umedecia ainda mais, seu corpo estava se preparando para ele, e esteve a ponto de



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

perder a cabeça — Lacey! — Quase gritou pelo desespero e ela ao fim fixou seus olhos nele. Deteve-se em momento saboreando a visão de Lacey justo ao fio da paixão.

Tinha o cabelo totalmente despenteado, as mechas loiras alvoroçadas e pegando-se o à pele pela transpiração. As pálpebras quase ocultavam os olhos marrons e as pupilas dilatadas pela necessidade. Ofegava e ele soube que ia necessitar o suave calor de sua boca rodeando o pênis logo.

Tinha o peito quente, os mamilos duros e levantados e ainda brilhando pelo contato com sua boca. Seu peito subia e descia em respirações pouco profundas e a suave curva de seu ventre se estremecia com cada uma delas.

Um gemido repentino que saiu de seus lábios fez que voltasse seu olhar para sua face. Olhava-o cobrindo-os seios com as mãos. Enquanto ele a observava, ela acariciou os mamilos, puxando retorcendo suas duras protuberâncias, o que arrancava gritinhos estremecidos de sua boca. Sentiu que sua vagina se apertava, puxando ele para dentro.

— Me diga o que quer Lacey. — Disse.

Sua única resposta foi outro gemido mais forte e uma investida cega dos quadris que o introduziu outro centímetro antes que ele pudesse segurar-lhe para deter seus movimentos. Ele também estava tremendo, suando pelo esforço que necessitava para não meter-se a fundo nas profundidades tensas de seu sexo.

— Diga-me. — Ladrou e ela levantou a cabeça da cômoda repentinamente.

Tinha os olhos exagerados e a boca, suave e cheia, curvada até quase formar uma careta.

De repente pensou que essa não era uma mulher acostumada a suplicar, a rogar a seu amante para obter prazer. Não, esta mulher era das que, apesar de sua óbvia desvantagem física, estava desejosa de brigar para conseguir o que queria. E o que queria nesse momento era seu pênis em seu interior.

— Foda-me. — Disse meio vaiando, meio gemendo e puxou forte de seus mamilos. Esse gesto arrancou um estremecimento e voltou a sacudir os quadris — Foda-me forte! Agora!

Devon lhe agarrou as coxas com força e murmurou:

— O que quiser neném. — E introduziu o pênis até o fundo em uma investida brutal.

Lacey gritou e arqueou as costas, mas ele não parou. Nem sequer reduziu a velocidade. Dessa vez estabeleceu um ritmo duro e acelerado que o levava até o mais profundo dela com cada investida. Devon grunhiu, sentiu que esticavam os testículos e que chegava ao clímax vergonhosamente logo. Ela o apertava tanto com seu sexo que se sentia como se tivesse preso com um envoltório de veludo quente. A posição de suas pernas, segura muito juntas pela restrição que impunham seu jeans, faziam que a união entre eles fosse mais tensa, o que provocava que cada investida parecesse à primeira.

Estava decidido a conseguir que ela gozasse de novo antes de deixar-se perder completamente na pressão quente de sua carne. Agarrou-lhe as pernas e puxou-a para que seus quadris ficassem mais à frente da borda da cômoda e assim ele pudesse inclinar-se mais sobre ela. Essa postura apoiava suas pernas contra seu peito e lhe elevava os quadris de forma que pôde deslizar-se ainda mais profundamente nela.

Logo pôde ouvi-la gritar e suas súplicas só fez que lhe desse mais porque estava completamente centrado em levar a ambos ao orgasmo. O suor caía a jorros pela face e gotejava sobre os montes trêmulos de seus seios. Esses pálidos montículos com suas pontas duras e avermelhadas o chamavam gritos e com um grunhido se inclinou mais e capturou um bico cheio.

O movimento o levou mais para dentro de sua vagina tensa e com um grito que dava medo,



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

ela alcançou o clímax. Seu sexo se agarrou a seu pênis com força, ordenhando sua dura carne enquanto o corpo dela se arqueava e se sacudia. Ele soltou o mamilo, emitiu um grito grave, investiu-a uma vez mais, duas, e ao fim a seguiu no orgasmo.

Esteve gozando-se sem fim, com seu corpo pego ao dela enquanto descarregava em seu interior até ficar seco. Os puxões rítmicos de seu corpo, que seguia ordenhando-o, o fizeram sentir como se a tampa de seus miolos fosse sair despedida e voando pela habitação. Quando tudo terminou, ele caiu sobre ela com seus corpos fundidos. Os espasmos que ainda percorriam o corpo de Lacey e esticavam sua vagina mantiveram sua ereção e, apesar da sensação de fadiga prazenteira que um bom orgasmo forte sempre lhe deixava, sentiu que não podia esperar para o segundo assalto.

Aguentando a respiração, incorporou-se sobre os cotovelos e a olhou. Ela estava caída sobre a cômoda, lânguida e com os olhos fechados. Respirava em soluços estremecidos. De repente Devon se deu conta que tinha os joelhos virtualmente pegos ao queixo, o que lhe dificultava a respiração.

Levantou-se e grunhiu porque o movimento o introduziu mais em seu interior involuntariamente. Ela estremeceu e seu sexo também o fez convulsivamente; ele teve que apertar os dentes diante a sensação. Saiu dela fazendo todo o possível por ignorar a queixa e o tremor de seus quadris quando a embargou um novo turno de convulsões. Endireitou-lhe as pernas lentamente, colocando-a melhor sobre a cômoda para que pudesse as apoiar. Acariciou-lhe os músculos trêmulos de suas coxas para tentar evitar as câibras que pudesse ter e ela suspirou.

— Está bem? — Murmurou.

— Ummmmmmmm... — Foi sua resposta. Nem se incomodou em abrir os olhos e ele sentiu uma espécie de orgulho primitivo pela satisfação que lhe provocava seu tom.

— Não se mova. — Disse inclinando-se sobre ela para dar um suave beijo em sua boca quente — Volto em seguida.

— Aqui estarei. — Disse com um suspiro e ele se foi rindo para o banheiro para limpar-se. Desfez-se rapidamente da camisinha e sorriu a seu reflexo no espelho que havia em cima do lavabo enquanto tirava a roupa e se lavava. O bom sexo sempre o fazia sentir vivificado, quase como se tivesse uma força sobre-humana. Agora mesmo se sentia como se pudesse enfrentar um tanque.

Ficou a pensar na última vez que o tinha passado tão bem na cama com uma mulher. Como tantas coisas em sua vida ultimamente, o sexo se converteu em uma rotina, em algo quase aborrecido. As mulheres que habitavam seu mundo eram sempre parecidas: perigosas, de vida e afetos duros e que desapareciam assim que saía o sol. Era um acordo satisfatório a maioria das vezes, tendo em conta que não tinha nem tempo nem espaço para relações românticas. Dizer a uma mulher que tinha que ir-se para uma "missão de alto segredo" normalmente não acabava bem. Inclusive as vezes que acreditavam a maioria não estavam dispostas a suportar esse tipo de relação em que nunca sabiam onde estava nem tampouco quando, nem se ele poderia contatar com elas. Estava acostumado a ser mais do que se podia esperar de qualquer e ele tinha aprendido muito tempo atrás a distanciar-se emocionalmente de seus encontros sexuais, além de escolher casais que soubessem o que havia.

E isso lhe tinha proporcionado uma quantidade aceitável de sexo rotineiro durante anos. Lacey era a primeira mulher com a que tinha estado em muito tempo por uma razão que não fosse somente necessidade de liberação. Gostava. Deus gostava de foder com ela, mas era mais



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que isso. Seu senso de humor e sua aguda inteligência eram entretidos, sobre tudo para ele, que não recordava a última vez que tinha tido uma conversa casual com uma mulher.

Depois de passar o dia confinado com ela no carro, surpreendeu-se ao descobrir que desfrutava de sua companhia. Não podia recordar a última vez que tinha estado o suficientemente relaxado com outra pessoa, além de Ian, para desfrutar de uma simples conversa. E embora se passou a maior parte do dia com um princípio de ereção, divertiu-se de verdade falando com ela.

E todo isso era algo confuso. Fazia muito tempo que não tinha nada parecido a uma relação com uma mulher e agora se sentia fora de seu elemento com ela. Embora estivessem condenados a estar juntos para este trabalho, sabia que não podia tratá-la como a qualquer outra agente que conhecesse o jogo. E, gostasse ou não, era responsável por ela nessa missão e não tinha intenção de que sofresse nenhum dano.

Franziu o cenho enquanto se secava as mãos. Não acreditava que fosse surgir nenhum contratempo com o assunto de Devereaux, mas as lacunas no perfil do FBI sim que o preocupavam um pouco. Embora isso não fosse ser problema, porque tinha ao Jack trabalhando para as desculpar e se sentia muito agradecido por isso. Não gostava de deixar o lado vulnerável. Além disso, se este trabalho resultava ser tão fácil como acreditava que seria, ia ter muito tempo para tentar descobrir mais coisas sobre a senhorita Lacey Johnson.

Saiu do banheiro com os olhos entrecerrados enquanto cruzava a habitação para ela, que parecia não haver-se movido desde que a deixou. Ainda tinha os braços pendurando lânguidos junto aos lados, às pernas moles sobre a cômoda e as coxas apanhadas pelos jeans. Na penumbra que proporcionava o abajur da mesinha de noite pôde ver a leve capa de suor de sua pele e a pegajosa capa de fluidos que ainda cobria seu sexo exposto. Sentiu que seu pênis, que tinha permanecido com meia ereção, voltava a adquirir toda sua dureza.

— Segundo assalto. — Declarou antes de ficar a caminhar para ela e depois de uma pequena pausa para tirar a caixa de camisinhas de sua jaqueta e colocá-la na mesinha de noite.



Lacey jazia sem força sobre a cômoda, as extremidades pesadas e uma névoa na mente. Sabia que deveria mover-se, mas tinha essa sensação de que suas pernas eram feitas de gelatina que sempre provocava o bom sexo e não podia conseguir convencê-las de que se movessem.

Havia-a fodido muito mais que bem, pensou e não tinha nenhuma intenção de envergonhar-se por isso. Ao contrário, assim que conseguisse fazer que seu cérebro funcionasse de novo, planejava agradecê-lo amplamente. Sentiu que seus lábios formavam um leve sorriso. O dia tinha sido algo difícil, comprido e aborrecido, sem nada que fazer além de escutar uma rádio muito má e fantasiar sobre as coisas que gostaria de fazer nua com Devon. Não tinha ocorrido esta situação e embora tivesse as costas dolorida de estar tombada sobre a dura cômoda e câibras nas coxas por levar tanto tempo apertados nos jeans, não ia se queixar. Suspirou muito cansada para movê-lo suficiente para sair das calças, e se perguntou se poderia ficar adormecida ali e não cair da cômoda. O estava pensando seriamente quando o ouviu voltar do banheiro. Disse algo entre grunhidos que ela não pôde distinguir e de repente voltou a lhe pôr as mãos em cima.

Gemeu muito baixinho quando sentiu que deslizava as mãos por suas coxas ainda tremulas e



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

soltou um gemido de desconforto quando começou a lhe baixar as calças pelas pernas.

— Calma. — ele murmurou enquanto os tirava. Um momento depois, suas mãos voltaram para suas coxas para massagear-lhe com firmeza — Melhor?

— Ummm... — Abriu os olhos com pressa para encontrá-lo inclinado sobre ela e, a seu pesar, ficou sem fôlego diante a imagem decadente de satisfação sexual que ele apresentava.

Tinha as pálpebras pesadas, quase fechados de tudo pela saciedade, embora havia uma faísca de interesse em suas profundidades âmbar. A face se via relaxada, seus ângulos normalmente duros e fortes apareciam curiosamente suavizados, como se tivesse desfeito de todas as preocupações e tensões que pesavam sobre os ombros. E a boca... Oh, sua boca. Sua sensual firmeza habitual se mostrava um pouco mitigada, o que lhe dava um aspecto satisfeito e quase arrogante.

— Parece muito satisfeito consigo mesmo. — Conseguiu articular. Teve que reprimir um estremecimento quando lhe dedicou um sorriso lento.

Viu que tremia e seu sorriso aumentou.

— Não pensará que já acabei contigo, verdade?

Seus olhos se abriram muito e um gritinho saiu de seus lábios quando sentiu que lhe agarrava a parte de atrás das coxas e a levantava no ar. Ela se agarrou a seus ombros em um ato reflexo e se esforçou por enfocar a habitação. Um segundo depois a atirou sobre a cama.

— Devon!

— O que? — Disse e posou seus lábios sobre a curva de seu ombro para depois utilizar a língua e os dentes sobre a pele sensível.

Sentiu que revirava os olhos quando um calor renovado alagou seu sexo. Dois minutos antes teria podido jurar que não ficavam impulsos sexuais, mas só com uma mordidinha no ombro já estava de novo pronta para seguir.

— Oh, meu Deus. — Disse deixando cair à cabeça, enlaçando os dedos em seu cabelo e agarrando-se como se ele fosse a vida nisso — Como pode me fazer isto?

A habitação começou a dar voltas de novo enquanto ele a trocava de postura. Quando sentiu que deixava de mover-se, deu-se conta de que a tinha colocado escarranchado sobre seu quadril e ele se tombou na cama. Baixou a vista e o encontrou olhando-a.

— O que? — Disse quase sem fôlego.

Ele arqueou uma sobrancelha com seu sensual sorriso ainda ali.

— Não acredito que você tenha acabado comigo tampouco.

Ela engoliu seco, não muito segura do que responder. Ele a viu hesitar e, em uma ação preventiva, deslizou um dedo através das escorregadias dobras de seu sexo e o introduziu diretamente em seu interior.

Ela deu um pulo e seu corpo se arqueou com força enquanto lutava contra a tormenta de sensações que esse comprido dedo tinha despertado.

— Poderia ter acabado. — Disse entre ofegos. Ele riu.

— De verdade? — Perguntou e flexionou o dedo para frente para acariciar a sensível parede dianteira de sua vagina.

Sentiu que seu corpo se esticava e que seus músculos apertavam com força esse dedo mágico. Ouviu que ele soltava uma maldição entre dentes, sentiu que as bordas de seu campo de visão se obscureciam uma vez mais e começou a aproximar-se ao orgasmo.

Lacey se retorceu pelo desgosto quando ele tirou o dedo de repente e seus quadris se moveram às cegas, procurando seu contato. Obrigou-se a enfocar sua visão brumosa e a guardar o



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

equilíbrio quando ele se girou para alcançar a mesinha de noite. Viu-o agarrar uma camisinha da caixa que tinha deixado aí, abrir o pacote e desenrolá-lo sobre seu membro com movimentos atropelados e frenéticos.

Quando esteve em seu lugar, levantou-a segurando-a pelos quadris, a segurou no ar sobre ele e começou a baixá-la lentamente.

— Espera. — Disse ela entre ofegos e apoiou as mãos sobre seu estômago. Ele se deteve imediatamente e a segurou aí, penetrando-a apenas, a ponta de seu pênis só roçando sua tenra abertura.

Ela ficou quieta um momento, toda sua atenção centrada na tensão e o estiramento de sua vagina enquanto tentava acomodá-lo. Era uma combinação deliciosa de prazer abrasador e ligeiro desconforto. Mordeu o lábio para suportar o dobro assalto.

— Está bem, neném? — Perguntou e ela baixou a vista para lhe olhar à cara. Olhava-a com cara de predador, dura e implacável, mas havia uma sombra de preocupação em seus olhos e ela soube que se lhe dizia que estava morta, ele pararia.

E isso fez que tivesse ainda mais gana de seguir.

— Sim. — Respondeu — Mas quero fazê-lo eu. — Moveu uma mão, apoiando-se sobre a outra e lhe agarrou o pulso. Puxou sua mão para cobrir um seio com ela e a apertou com força contra sua carne.

Ele entendeu e com um gemido grave de aprovação afastou a outra mão para assim poder lhe cobrir ambos os seios, massagear-lhe e acariciar. Ela se apoiou firmemente com as mãos sobre os tensos músculos de seu abdômen e lentamente para poder alargar a sensação o mais possível, começou a descer por toda sua rígida longitude.

Seu comprido suspiro de satisfação se misturou com o gemido dela enquanto descia, introduzindo-o inteiro em um só movimento deslizante e atroz. Sua cabeça começou a dar voltas pela incrível sensação de plenitude. Estava tensa e excitada desde antes, mas agora sentiu que a enchia até o limite.

Levantou-se, encantada com a deliciosa fricção que produzia seu pênis roçando suas terminações nervosas já sensíveis. Foi tirando-o dela até quase fazê-lo de tudo antes de reverter o movimento e voltar a descer. Pareceu-lhe tão prazenteiro que o fez de novo. E outra, e outra vez, até que ambos gemiam com cada mínimo movimento.

A pele ficou escorregadia de suor pelo esforço de manter o movimento rítmico e constante. Parte dela queria acelerar o final, aproximar-se ao orgasmo que sabia que a estava esperando ali, muito perto, mas, Oh, a deliciosa sensação de seu pênis em seu interior, a plenitude, a fricção, o aroma e o som enquanto cavalgava sobre ele eram muito maravilhosos para render-se.

Assim aguentou e quando ele agarrou os quadris e sentiu que começava a levantá-la, a tomar o controle, não o deixou.

— Não. — Ordenou lhe arranhando o abdômen com as unhas enquanto seguia com o movimento lento e constante — Quero fazê-lo eu.

Ele grunhiu e lhe apertou tanto o quadril que ela soube que teria novas marcas à manhã seguinte.

— Deus, está me matando. — Disse, mas a deixou continuar estabelecendo o ritmo.

— Não se preocupe. — Respondeu ela — Já quase terminei. — Podia sentir a tormenta que se estava criando em seu interior, a espiral de tensão que se apertava mais e mais cada vez que descia sobre ele.

— Graças a Deus. — Disse e a olhou com uns olhos brilhantes que não se perdiam nada.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Sabia que podia ver o enrijecimento em sua pele que antecipava o orgasmo e o tremor de seu ventre quando começavam as contrações.

Estremeceu e nublou a vista quando o orgasmo a golpeou de uma forma não menos poderosa porque tivesse chegado tão lentamente. Desesperada de repente por sentir sua boca sobre a sua, inclinou-se para frente.

Ele a encontrou a meio caminho, suas mãos abandonaram a sujeição selvagem de sua cintura para enredar-se em seu cabelo e enterrou a língua em sua boca tão profundamente como tinha o pênis enterrado em seu corpo. As contrações latentes de sua vagina úmida eram muito e o ordenhavam sem piedade. Gozou-se com um grito rouco que ficou amortecido pela boca dela.

Lacey caiu sobre seu peito e separou suas bocas quando a cabeça lhe resultou muito pesada para sustentá-la. Enquanto tentava recuperar o ritmo de sua respiração, apoiou o nariz em um lado de seu pescoço; adorava o aroma de sua pele.

Também lhe custava respirar e ela de repente se deu conta de que possivelmente o estava dificultando com seu peso. Deslizou-se a um lado, aconchegando-se contra ele enquanto tirava a camisinha. Atirou-a ao cesto de papéis que havia junto à cama e se voltou para ela.

— Veem aqui. — Disse quase em um sussurro e a agarrou nos braços. Voltou a deitá-la sobre o peito e ela se acomodou com um suspiro feliz.

— Peso muito para você. — Disse sonolenta, já caindo às pálpebras.

Sentiu mais que viu sua risada.

— O que diz... Não pesa nada.

Lacey bocejou.

— Mas isto não deve ser cômodo para você. Posso me mover.

— Estou bem. — Assegurou enquanto acariciava prazerosamente as costas acima e abaixo, uma carícia relaxante que a aproximava ainda mais ao sono.

— Se não me mover agora, vou ficar adormecida em cima de você. — Advertiu e sentiu que ele apertava os braços a seu redor.

— Não passa nada. — Disse e ela ficou adormecida com um suspiro.

Capítulo 15

Lacey despertou à manhã seguinte ainda tombada em cima de Devon. Sua cabeça descansava contra seu ombro e tinham as pernas enredadas. Um braço musculoso lhe rodeava as costas para mantê-la em seu lugar e o outro aparecia estirado sobre a cama. Seu peito subia e descia com sua respiração. Ainda estava completamente alheio ao mundo.

Ela se estirou com cuidado porque não queria despertá-lo. Sentia-se fabulosa. Descansada e satisfeita. Fez uma careta quando sentiu que tinha a pele pega a dele. Quando se separou ouviu um leve som de ventosa. Estava pegajosa, muito pegajosa.

Fez um gesto de desagrado ao dar-se conta de que ontem à noite se dormiu antes de limpar-se um pouco. A combinação de suor e sexo tinha sido muito divertida a noite anterior, mas se secou formando uma capa pegajosa sobre sua pele e agora uma ducha era o primeiro em sua agenda. Moveu-se um pouco para sair de debaixo do braço que a segurava, tentando o deixar seguir dormindo, mas ele deveu sentir o movimento. Abriu os olhos e a olhou.

— Olá. — Sussurrou Lacey.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Olá. — Bocejou ele passando uma mão pela mandíbula a que já apareciam os cabelos da barba — Aonde vai?

— A me dar uma ducha. — Disse e fez um gesto de asco — Estou pegajosa.

— Vou contigo. — Disse e se incorporou.

Lacey o viu passar as pernas pelo lado da cama e levantar-se para depois esticar-se. Era fascinante observá-lo, com todos esses músculos destacando-se e movendo-se sob a pele. Só isso foi suficiente para lhe fazer pensar em uma nova sessão de sexo com ele. Ela se levantou depois, fazendo um gesto de dor quando os músculos do interior de suas coxas protestaram.

— Nossa. — Disse enquanto rodeava a cama em direção ao banheiro — Mas guarde isso para você. — Anunciou assinalando sua ereção matutina que ia por diante dele como um mastro de bandeira.

Devon sorriu e a seguiu

— Ah... É que alguém está um pouco dolorida esta manhã?

— Sim. — Disse lhe lançando um olhar torcido por cima do ombro enquanto abria o grifo. Ajustou a temperatura e se meteu sob o jorro — Não me queixo, mas mesmo assim. Não vamos brincar de esconder a salsicha esta manhã.

Ele entrou atrás dela e fechou a cortina.

— E que tal chupar a salsicha?

Ela riu e lhe salpicou a cara com um pouco de água.

— Não, isso tampouco.

— Bom, tinha que tentá-lo. — Agarrou o vidro de xampu do hotel e jogou um pouco no cabelo.

— Obrigado. — Disse ela um pouco seca e começou a massagear a cabeça para criar espuma. Afastou-se a um lado para que ele pudesse molhar a cabeça também e sorriu quando ele soltou um juramento ante quão quente estava à água.

— Deus, não a podia pôr mais quente? — Queixou-se massageando o cabelo com energia.

Ela o afastou.

— Tenho os músculos doloridos, lembra? O calor é bom para eles. — Suspirou quando ficou sob o jorro de novo para tirar o xampu. Estendeu a mão em busca do botinho da duchinha — Se tivesse o Raul, poderia eliminar os dores com mais facilidade.

— Ah, sim, o infame Raul. — Devon inspirou fundo antes de meter-se sob o jorro para tirar o xampu do cabelo e saiu o mais rápido que pôde. Tirou o papel a uma pastilha de sabão e a esfregou entre suas mãos — Neném, não necessita ao Raul.

Ela revirou os olhos enquanto tirava os nós do cabelo massageando o aparelho da duchinha.

— Quero dizer que seria útil ter uma ducha com hidromassagem para relaxar os músculos doloridos de minhas pernas.

— Oh. — Disse ele passando a pastilha de sabão e deixando espaço para que se apartasse e ele pudesse enxaguar-se — Sim, pode que para isso fosse útil, mas não o vai necessitar para nada mais enquanto eu esteja por aqui.

O tom arrogante e fanfarrão de sua voz a teria irritado se não tivesse provado amplamente o que acabava de dizer. Várias vezes. Mas não pôde resistir a lhe provocar um pouco.

— Bom, é possível que não o necessite durante uma temporada. — Disse estirando-a bochecha do interior com a língua — De todas as formas, a sessão de ontem me servirá durante um tempo.

Ao meter-se sob a ducha de novo sorriu e aguardou para ouvir a explosão. Não teve que



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

esperar muito.

— O que quer dizer com "a sessão de ontem"?

Tinha baixado grandemente a voz, convertendo-a quase em um grunhido. Ela abriu um olho e o encontrou olhando-a.

Deu de ombros como se não importasse e fez mais espuma com o sabão.

— Com "ontem" quero dizer, ontem. O dia de antes de hoje...

— Ontem quando?

— Ontem pela manhã, quando voltei para meu apartamento.

Ele franziu o cenho.

— Por quê?

— Porque quis, por isso. — Sorriu-lhe. O estava passando muito bem — Lhe disse que o faria.

— Mas eu não te acreditei.

Ela reprimiu uma risada diante seu cenho profundo.

— Passa-te algo?

— Sim, passa-me. — Respondeu. Parecia zangado com ela — Eu passei todo o dia de ontem tremendamente frustrado sexualmente enquanto você se arranhava sozinha o que te ardia. — Lacey não pôde evitar uma risada.

— Você podia haver feito o mesmo, sabe?

— Tinha pressa por chegar a uma reunião. — Recordou nada aplacado.

Ela deu de ombros e se ensaboou as mãos com despreocupação.

— Bom, podia havê-lo feito enquanto eu fazia as malas. Já sabe, levou-me trêêêêê horas...

Ele cruzou os braços e trovejou:

— Não me ocorreu.

— Bom, pois isso não é minha culpa. — Assinalou razoavelmente e acabou de tirar o sabão. Ele fechou o grifo e saiu atrás dela da ducha.

— Vou me vingar por isso.

— Que mesquinho por sua parte. — Respondeu ela embora suas palavras soassem amortecidas sob a toalha que estava utilizando para secar o cabelo.

Ele se envolveu o quadril com outra toalha e passou a seu lado.

— Deveria me masturbar diante de você só para te fazer sofrer.

Ela riu e saiu ao quarto.

— De verdade está zangado por isso?

Sentou-se na cama com uma expressão teimosa na cara.

— Não é muito considerado de sua parte. — Murmurou.

— Oh, me perdoe... O que desconsiderado por minha parte me ocupar de minhas próprias necessidades, em minha casa, sem ter em conta o ego masculino de meu parceiro de uma noite.

— Não sou o parceiro de uma noite. — protestou.

— Agora não, mas ambos o fomos e os dois nos considerávamos assim, não trate de me convencer do contrário. — Ele abriu a boca para protestar, mas ela seguiu — Além disso, não o chateia que me masturbasse sem você, está chateado porque eu o fiz e você não.

Ele teve a deferência de parecer compungido.

— Certo. Certo. Mas vou me vingar de todas as maneiras. Deixar-me sofrendo todo o dia quando você já te tinha arrumado o seu... — Disse entre dentes.

— Ooooooh, pobrezinho. — Disse lhe dando uns leves golpes na bochecha enquanto ele a



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

olhava com o cenho franzido — Se quiser e isso acerta as coisas, a próxima vez que dita tomar essas liberdades, deixá-lo-ei olhar.

Iluminou-lhe a face como a um menino pequeno com um brinquedo novo.

— De verdade?

Lacey sacudiu a cabeça.

— Homens...! — Exclamou e se deu por vencida indo em busca de sua mala.



Encontraram um restaurante perto do hotel que se especializava, como todos os restaurantes de estrada, em uma comida gordurosa, nada saudável, mas fabulosa. Ambos estavam mortos de fome porque Lacey tinha esquecido jantar a noite anterior. Enquanto Lacey limpava o prato de sua segunda porção de tortinhas de banana, Devon foi fazer uma chamada.

— Jack. — Disse quando o telefone deixou de soar ao outro lado — Tem alguma resposta para mim?

— Mais perguntas que respostas neste momento. — Devon notou a frustração na voz de seu amigo — Estou puxando de vários fios. Vai me levar um pouco mais de tempo conseguir o que me pediu.

Devon tamborilou os dedos pela impaciência.

— Faz o que possa. — Disse — Te chamarei outra vez esta noite.

— Espero ter algo para então. Até mais tarde, cara.

— Sim, até mais tarde. — Devon desligou o telefone da cabine com o cenho franzido. Se Jack estava tendo problemas para conseguir a informação, Devereaux tinha coberto muito bem seus rastros. E provavelmente com ajuda de alguém.

Refletiu sobre o que isso significava enquanto voltava para a mesa. Lacey levantou a vista quando o viu aproximar-se.

— O que ocorreu? — Perguntou ela e então Devon se deu conta de que tinha o cenho franzido.

— Nada. — Assegurou pegando a conta da mesa. Olhou o total e tirou alguns bilhetes que pôs sobre a conta — Pronta para ir?

Ela o olhou com curiosidade.

— Sim. — Ficou de pé e pendurou a bolsa do ombro. Ele pôs uma mão na parte baixa de suas costas quando saíram do restaurante, guiando-a de uma forma que era de uma vez protetora e íntima. Repreendeu a si mesmo em sua cabeça. Agora claramente estavam em modo "trabalho", assim tinha que apartar os pensamentos de sua entre perna.

— Então agora vamos à ilha, não? — Perguntou-lhe ao subir ao carro de aluguel.

— Esse é o plano. — Respondeu ele, que seguia examinando o estacionamento procurando, supôs algum sinal de perigo, embora não lhe ocorria que perigo podia encontrar no que se considerava a parte silvestre de Michigan.

— Esteve alguma vez? — Perguntou enquanto saíam do estacionamento — Na ilha Mackinac, quero dizer.

— Claro.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— De verdade? — Inquiriu olhando-a surpreso.

— Um par de vezes quando era menina. — Deu de ombros — A minha família gostava muito as viagens de acampamento. No verão acampávamos e eu conheço a maior parte dos campings de todo o Meio Oeste.

— Ah, sim? — Sorriu — Acampar com barracas e toda essa merda? Fazendo cachorros quentes na fogueira? E torrando essas coisas?

— Essas coisas?

— Sim, essas coisas, já Sab. — Disse fazendo um gesto vago — Essas coisas com nuvens de caramelo, chocolate e bolachas rangentes.

— S'mores? — Perguntou sem poder acreditar que ele não soubesse como se chamavam — Sim, fazíamos essas coisas. Não tem sentido fazer uma fogueira se não poder torrar s'mores...

— Suponho que seria divertido. — Disse soando muito sentimental. Ela riu.

— Claro, se para você é divertido que lhe comam vivo os mosquitos, brigar com os irmãos e primos constantemente e dormir sobre o duro chão.

Freou em um semáforo e a olhou.

— Não lhe passava isso bem?

Lacey sorriu.

— Não, sim que nos passávamos isso bem. Só que naquele momento era uma tortura, sabe? Colocar as coisas no carro, montar a barraca, discutir sobre quem ia fazer o que, quem tinha que fazer isto ou o outro. Seguro que não foi fácil para meus pais com todos esses meninos correndo por toda parte, gritando, montando brigas e... Bom, sendo meninos. — Olhou-o — Mas, agora que o penso, esses verões foram fantásticos. Quando nos juntamos para algumas bodas, um batismo e alguma reunião familiar é algo do que nós gostamos de falar com todos.

— Soa bem. — Comentou ele e o tom apagado de sua voz lhe recordou que sua infância provavelmente não tinha sido nenhum caminho de rosas.

— Não foi de férias com sua mãe quando era pequeno? — perguntou-lhe.

O semáforo ficou em verde e ele acelerou para atravessar o cruzamento antes de responder.

— Fazíamos coisas juntos continuamente: íamos às partidas de beisebol ou comíamos pizza na cidade.

Lacey tinha suficientes amigos nesta costa para saber que quando diziam "a cidade", queriam dizer a cidade de Nova Iorque, assim se arriscou.

— Viviam em Nova Iorque?

— Em Nova Jersey. — Disse girando à esquerda — Íamos à cidade várias vezes ao mês para procurar um pouco divertido que fazer. Minha mãe era capaz de converter tudo em uma aventura.

— Essa é uma boa habilidade para uma mãe. — Comentou ela.

— Sobre tudo para uma mãe com um menino que não fazia mais que crescer e que sempre estava interessado em tudo — Disse ele e girou para a direita para o Lake Street — Era genial para isso, sabe? Muitos dos meninos que eu conhecia tinham mães que queriam que os meninos se calassem e estivessem quietos e tranquilos. — Sacudiu a cabeça — Ela sempre encontrava formas de me animar.

— Sim que soa genial. — Reconheceu Lacey.

— Sim, era-o. — Deteve o carro. Lake Street acabava no lago Furão — Ali está o embarcadouro do Ferry. — Disse assinalando à direita, ao outro lado da rua.

Ela olhou a seu redor.

[A15] Comentário: Os s'more são uma guloseima tradicional dos acampamentos nos EUA e no Canadá, que consiste em uma nuvem de caramelo torrada no fogo sobre uma capa de chocolate entre duas bolachas parecidas com as de barquinha.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— O que vamos fazer com o carro?

— Têm um estacionamento vigiado para a gente que vai se passar a noite à ilha. — Acendeu a luz de alerta, cruzou ao outro lado da rua, entrou no molhe e se deteve diante uma caixa que esperava — Deixaremos o carro aí. É de aluguel, assim, se tivermos que abandoná-lo, qualquer que vá atrás dele, não conseguirá chegar até nós.

Ela se mostrou alarmada.

— E por que íamos ter que abandoná-lo?

Agarrou o ticket de mãos da caixa e saiu. Ela o seguiu e rodeou o carro para ficar a seu lado enquanto ele tirava sua bolsa do assento de atrás.

— E por que íamos ter que abandonar o carro? — Voltou a perguntar em voz baixa.

Ele a olhou um segundo e assinalou com os olhos à caixa espectador. Ela compreendeu a mensagem: "se cale até que possamos falar em privado", assim se guardou suas perguntas. Esperou impaciente até que deu gorjeta ao homem e depois ficou a caminhar a sua altura enquanto o operário se afastava com o carro e Devon se encaminhava para o barraco onde vendiam os bilhetes do Ferry.

Comprou os bilhetes do navio, pagando em dinheiro, notou Lacey, e lhe fez um gesto para que se sentasse em um banco de cimento que havia frente à água. Ela se sentou, esperou a que ele fizesse o mesmo e depois lhe perguntou:

— O que quis dizer com isso de "se tivermos que abandonar o carro"? Acreditava que se supunha que só tínhamos que vigiar o sujeito.

— Diga-o mais alto, Lacey. Não acredito que aquela família dali tenha ouvido bem.

Ela revirou olhos.

— Perdão. — Murmurou e olhou por cima do ombro com cautela para assegurar-se de que ninguém a estava escutando — Mas é que soou como se esperasse problemas, muitos problemas, e isso é um pouco contraditório com o que me estiveste dizendo até agora.

Devon se apoiou no respaldo. Parecia muito tranquilo e despreocupado com seu jeans desgastado e a camiseta azul. Sorriu-lhe e estirou um braço, apoiando-o no banco, e brincou com as pontas de seu cabelo que dançavam na brisa.

— Não espero que haja problemas. — Mentiu decidindo justo nesse momento que não lhe ia contar a estranha sensação que tinha diante a falta de informação precisa sobre os sócios de Devereaux.

Ela o olhou claramente incrédula.

— Então a que vem isso de "se tivermos que abandonar o carro, não conseguirão chegar até nós"? Essa não é a forma de falar típica de uma pessoa que não está preocupada.

Manteve o sorriso na cara, mas entrecerrou os olhos.

— Só é um hábito, carinho. Estou acostumado a pensar a forma mais rápida de sair fugindo se for necessário. Levo muito tempo fazendo isto, sabe?

Viu que seu cenho se fazia menos profundo e que relaxava os ombros.

— Ah, seguro que é isso?

Parecia tão confiada que sentiu uma leve pontada em seu interior por ter que lhe mentir. Só uma mentira piedosa, disse.

— Sim, seguro.

— Certo. — Lacey se acomodou de forma que apoiou a cabeça em seu ombro — Quando sai o Ferry?

Ele olhou o relógio.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Em uns cinco minutos. Deveríamos ir subindo.

Discutiram um pouco sobre se Lacey ia ou não a levar suas próprias bolsas e ambas estiveram a ponto de acabar no lago.

— Certo feixe de mula de carga. — Capitulou ao fim Lacey e ambos os ficaram na cauda com a multidão de turistas que esperavam para subir ao Ferry.

Subiram em pouco tempo; as pessoas se moviam rápido. O vento fazia que a água salpicasse e por isso a maioria dos viajantes madrugadores se encaminharam faz a cobertura inferior, que estava coberta, para fazer a viagem à ilha. Lacey tinha intenção de segui-los, mas Devon a guiou para as escadas que levavam a cobertura superior, aberta.

Caso que procurava um pouco de privacidade para falar de seus planos quando chegassem à ilha Mackinac, subiu pela escadinha apoiando uma mão no corrimão para guardar o equilíbrio. Ao chegar ao último degrau, inspirou fundo o fresco ar da manhã. Voltou à face para o sol.

— Nossa. — Disse suspirando — A cidade não cheira assim. Ouça! — Voltou-se para olhá-lo com o cenho franzido e esfregando o traseiro onde ele tinha empurrado com uma das bolsas — Se importa? Estou tomando um momento aqui.

Ele pôs revirou os olhos.

— Estou apanhado na escadinha, que é muito estreita para uma mula de carga. — Voltou para empurrá-la com a bolsa — Poderia tomar seu momento em meio da cobertura?

— Não tem nem um grama de poesia na alma. — Se queixou ela e entrou na cobertura.

— Havia uma vez um homem do Nantucket... — Começou e ela riu.

Ele atirou as bolsas em um dos bancos que havia junto ao corrimão e lhe sorriu.

— Vê? Poesia.

— Dou-me por corrigida. — Riu e se voltou para olhar para a água.

O lago estava agitado, cheio de pequenas ondas coroadas de espuma branca que se lançavam umas sobre outras para acabar golpeando contra o casco do navio. As gaivotas se lançavam em picado e se metiam na água, pescando seu café da manhã quando as ondas o deixavam à vista. Lacey separou um pouco as pernas; a postura de navegar tinha voltado para ela facilmente, embora fizesse pelo menos uma dúzia de anos ou mais da última vez que esteve em um navio.

Estremeceu na fresca brisa porque sua camiseta do verão não era um bom casaco contra o vento robusto. Sentiu que os braços de Devon a rodeavam de trás e ela se aconchegou na calidez de seu amplo peito com um suspiro.

— No que pensa neném? — Perguntou-lhe ao ouvido.

Ela permaneceu um segundo em silêncio e ao fim disse:

— Passa algo por que esteja totalmente entusiasmada com tudo isto?

— Com o trabalho?

— Sim. — Voltou-se em seus braços, pôs-lhe as mãos no peito e se tornou um pouco atrás para lhe olhar à face — Sei que é algo importante, um assunto de segurança nacional e bla, bla, bla, mas sigo estando entusiasmadíssima. Isso é mau?

Ele riu.

— Primeiro: se lhe disser isso de "assunto de segurança nacional e bla, bla, bla" a meu chefe quando tudo isto acabe, compro-te um carro novo; e segundo: não, não é mau. É adrenalina.

Ela franziu o cenho.

— Não sou uma viciada no perigo.

Ele sacudiu a cabeça.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Não era isso o que queria dizer. É uma reação química, a resposta humana básica diante o medo ou o perigo. Embora esta situação não seja tão perigosa, para você é nova, incomum e excitante. O truque está em saber quando a adrenalina ajuda e quando é o momento de assustar-se.

— E como se supõe que vou saber isso?

Deu-lhe um beijo na testa.

— Em seu caso? Eu lhe direi isso.

Ambos se sorriram. Lacey arqueou as sobrancelhas quando sentiu que o navio se movia baixos seus pés.

— Acredito que vamos zarpar.

Devon olhou por cima do ombro e viu os empregados do Star Line soltando as amarras e empurrando o navio para afastá-lo do mole. O rumor do motor de hidropulsão quase afogou o grito das gaivotas.

— Isso parece. — Confirmou.

Lacey voltou a girar-se em seus braços para olhar a água de novo, apoiou-se em seu abdômen e colocou as mãos sobre as dele. O navio começou a tomar velocidade e a salpicar espuma enquanto começava a sulcar as ondas.

Lacey riu de pura satisfação para ouvir o som do motor. Sentia-se tão viva, tão preparada para o que estivesse esperando na ilha, que não pôde evitá-lo.

Ouviu a risada do Devon junto a sua orelha.

— É verdade que está entusiasmada.

— Sei! — Voltou a rir encantada com o que o fazia sentir e levantou os braços no ar — Me sinto como se pudesse fazer tudo. Tenho um montão de energia e não sei em o que empregá-la.

Devon apertou seu abraço.

— Energia, né? — Ela sentiu seu quente fôlego na nuca e se estremeceu — Quanto dura a viagem deste Ferry? — Murmurou-lhe baixinho na orelha.

Lacey sorriu.

— Não o suficiente. — Assegurou ela esfregando seu traseiro contra a pélvis dele. Seu membro passou de meio ereto a completamente duro em segundos. Poderia jurar que sentia seu pulso através dos jeans.

Ele a apertou um pouco mais.

— Quanto?

Ela levantou os braços para lhe rodear o pescoço.

— Quinze ou vinte minutos máximo. — Ele grunhiu e enterrou a cabeça em seu ombro — Não o suficiente, vê?

— Senhorita. — Disse girando-a bruscamente e apertando-a contra o corrimão — Obviamente não sabe com quem está tratando.

Lacey soltou uma risada e arqueou uma sobrancelha.

— Como me disse que se chamava?

— Tá. — Apanhou sua boca em um beijo brusco e o repentino matagal de línguas e dentes a fez sentir como se tivesse perdido pé de repente.

— Ah... Acredito que já te recordo. — Disse ela ofegando quando ele apartou a cabeça. Sorriu-lhe.

— Quinze minutos é tempo mais que suficiente para o que tenho em mente.

Ela revirou os olhos.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Talvez seja suficiente para você, rapidinho, mas não poderia me levar nem até a metade do caminho à terra prometida em quinze minutos.

Ele se afastou um pouco dela e uma de suas sobrancelhas quase desapareceu no nascimento do cabelo.

— Isso soa a provocação... — Disse em tom lento e tranquilo.

Ela encolheu os ombros, secretamente entusiasmada, mas tentando desesperadamente não demonstrá-lo.

— Eu só estava constatando um fato.

Agora entreabriu ambos os olhos e sua face se encheu de duras linhas. Soltou-a para cruzar os braços sobre o peito.

— Quer apostar?

Agora foi o turno do Lacey de olhá-lo com os olhos entrecerrados.

— O que pretende? Recuperar espertamente o dinheiro que perdeu na outra noite?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não estava pensando em apostar dinheiro. Referia-me, mas bem a algo assim como um acordo de servidão.

Ela imitou sua postura e também cruzou os braços.

— Acordo de servidão? — Perguntou delicadamente.

— Sim.

— Se explique.

Ele sorriu com um gesto selvagem e predador que deixava patente que a tinha em suas mãos.

— Muito simples: o perdedor tem que passar uma noite fazendo tudo o que queira o ganhador.

Essa ideia fez que lhe umedecesse a roupa interior de novo. Bom, que se o umedecesse mais. Ela tragou com dificuldade.

— E no que consiste a aposta? — Perguntou aliviada ao descobrir que sua voz soava normal, embora um pouco forçada.

Seu triunfante sorriso lhe deixou claro que ele havia tornado a ganhar.

— Arrumado a que sou capaz de fazer que goze antes que o Ferry chegue a seu destino. Eu posso fazer algo que não faça que nos prendam e você quão único tem que fazer é se reprimir.

Ela assentiu lentamente, dando tempo a sua língua para que lhe separasse do paladar.

— E o que inclui esse "tudo" que teria que fazer o perdedor? Ele estendeu as mãos.

— O que queira o ganhador, claro.

Ela franziu o cenho.

— Soa um pouco perigoso. — Disse imaginando-se nua no restaurante de um hotel, dançando no colo do Devon — Não há aposta.

Ela se deu conta de que o tinha surpreendido, mas ele se recuperou logo.

— Muito para você?

Lacey sorriu sutilmente.

— Seria tola se aceitasse há um pouco tão amplo como "tudo". E você também.

Ele assentiu.

— Tem razão. Que tal se esse "tudo" exclui atos em público, dolorosos ou humilhantes?

— E o perdedor será quem dita o que entra dentro dessas categorias.

— Sempre e quando o perdedor seja sincero e não tente escapar.



Pensou-o um segundo.

— Certo. Aposta aceita. — Estendeu a mão e a estreitou com a dele para selar o trato — Bem... — Disse e se apoiou no corrimão com um sorriso — Me seduza.

Capítulo 16

Lacey não podia fazer mais que manter o sorriso e conseguir que seu corpo estivesse relaxado. Deus, o que lhe provocava era tão potente que com apenas compartilhar espaço com já lhe dava vontade de lançar-se a seu pescoço ali mesmo. Não tinha nem ideia de como ia aguentar os seguintes quinze minutos, porque só o ouvindo falar de fazê-la correr-se já estava excitada e pronta para tentá-lo. Amaldiçoou mentalmente sua alma de jogadora. Nunca lhe tinha provocado problemas de dinheiro; era muito esperta e cuidadosa para isso. Além disso, o jogo não era um assunto de dinheiro para ela; era algo que tinha mais que ver com a emoção, a provocação de tentar a sorte. E, pelo brilho nos olhos de Devon, parecia que estava a ponto de enfrentar-se à provocação de sua vida.

Devon deu um passo para frente e a esmagou contra o corrimão. Baixou a cabeça e seus lábios roçaram os dela, a um milímetro escasso dos seus. Ela começou a reduzir a distância entre eles, de fato já se estava pondo nas pontas dos pés para juntar suas bocas, quando recordou que se supunha que tinha que resistir. Recuou apoiando-se nos calcanhares e tentou controlar o rubor.

Ouviu-o rir e soube que não tinha tido êxito. Ele baixou a cabeça para olhá-la diretamente na face e o triunfo cheio de satisfação de seus olhos fez que ela desejasse arrancá-lo.

— Calma gatinha. — Riu — Não me ponha isso muito fácil.

Ela afastou o cabelo da face bruscamente.

— Um reflexo. Esqueci-me por um momento o que estava passando. Não conte com que vá acontecer de novo.

Ele piscou um olho e ela apertou os dentes e grunhiu.

— Não se preocupe. Agora será melhor que se situe. — Agarrou-a pela cintura e a girou de forma que ficou de novo olhando a água agitada. Empurrou-há um pouco para frente agarrou-lhe as mãos e as colocou no corrimão diante dela. Pôs um pé entre os seu e o joelho entre suas pernas um pouco separadas — Aí está bem. — Deu-lhe um doloroso açoite no traseiro — Cômoda?

Olhou-o por cima do ombro.

— Não estou nem remotamente excitada. — Assegurou.

Ele soltou uma breve gargalhada.

— Mentira. — E se inclinou para lhe dizer ao ouvido com voz grave — Virtualmente posso cheirar o líquido que sai de você. Está tão quente que quase não pode suportá-lo. Mas vai ter que aguentar um pouco mais.

Ergueu-se e se moveu atrás dela, de forma que se Lacey queria olhá-lo tinha que girar completamente o pescoço ou dar a volta. Como tinha aceitado que ele podia fazer tudo que quisesse para conseguir seu objetivo, tinha que ficar onde a tinha deixado ou perderia a aposta.

Optou por olhar à frente porque não queria acabar com um puxão no pescoço para saber o que fazia. Logo averiguaria o que estava tramando; não ia descobrir nada do que planejava a menos que isso fosse o que queria e, embora o contasse lhe ia dar igual.

Tentou distrair-se o provocando.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— E por que vou ter que suportá-lo um pouco mais? Não consegue que levante? — Ele riu impassível diante essa punhalada a seu ego masculino.

— Confia em mim, carinho. Isso não vai ser um problema.

Sentiu que lhe colocava os dedos entre o cabelo para depois baixá-los por toda a longitude de suas costas em uma carícia prolongada e ela não pôde evitar estremecer-se. Sentiu mais que viu sua risada silenciosa e triunfante, seus dedos dançando sobre as curvas de seu traseiro e descendendo pela parte de atrás das coxas. Seu contato seguia sendo leve, acariciando e deslizando-se por suas coxas, seu abdômen, a parte baixa e sensível de seus seios... Os jeans e a camiseta de algodão não eram uma barreira eficaz; em vez disso a roupa parecia conduzir o calor de suas mãos, deixando atalhos que lhe formigavam à pele por onde passavam.

— Eu já disse que eu adoro sua pele? — Sussurrou-lhe ao ouvido e ela deu um pequeno pulo. Estava tão concentrada em manter sua respiração regular e suprimir suas reações, que não tinha notado que o tinha quase pego às costas — Eu adoro. — Continuou e sua voz era veludo negro. Seu fôlego lhe roçava o pescoço e acariciava os braços e os ombros com as mãos — É como seda quente, suave, flexível e de aroma doce. — Pegou o nariz a sua nuca e inalou para aspirar seu aroma. Depois emitiu um grunhido que fez que esticassem os músculos da vagina — E debaixo tem todos esses maravilhosos músculos. — Prosseguiu enquanto suas mãos desciam por seus lados. Apertou-lhe as coxas com mãos suaves — Sinto os músculos aí, sólidos e fortes. A força é tão sexy...

Lacey deixou que fechassem os olhos, permitindo-se perder por um momento no prazer de seu tato. Formigava-lhe a pele e já podia sentir que o calor começava a subir por seu corpo. Também notava que estava umedecendo mais e mais; provavelmente, a este ritmo, já teria a roupa interior empapada. Reprimiu com muitas dificuldades um gemido e tentou recuperar sua prudência.

Devon tirou a língua e apenas lhe roçou a sensível parte exterior da orelha enquanto suas mãos se deslizavam pela parte dianteira de suas coxas.

— Mas sabe qual é minha parte favorita de seu corpo?

Parecia estar esperando uma resposta, assim conseguiu emitir um som parecido a fazer gargarejos que ele interpretou como: "Não, qual é sua parte favorita de meu corpo?".

— É esta daqui. — Murmurou, arranhou-lhe com os dentes o lóbulo da orelha e colocou ambas as mãos sobre a parte inferior de seu abdômen. A camiseta tinha subido um pouco pela posição um pouco inclinada e pôde sentir suas ásperas e calosas mãos sobre a pele. E isso era quase mais pelo que podia suportar.

— Meu ventre? — Conseguiu perguntar. Seu corpo quase vibrava sob suas mãos. Deus, apenas a havia tocado e já sentia como se a cabeça o fosse explodir.

— Mmmmm... — Respondeu e lhe acariciou com uma mão o abdômen, de um lado ao outro de o quadril, em uma carícia prolongada que fez que tivesse que morder a língua para reprimir um gemido — A pele daqui é tão suave. — Explicou colocando um dedo brevemente no burquinho de seu umbigo sem deter as carícias — E esta leve curva, sutil e doce que tem aqui... É tão feminina e tão sexy que poderia passar horas plantando dentadas nela. — Seguiu com um dedo a linha de seu jeans de cintura baixa — Eu gostaria de te lambar bem aqui. — Disse e rodeou com esse dedo descarado seu umbigo.

Lacey inspirou fundo e tentou recuperar o controle de seus sentidos. Sentia como se seu corpo estivesse iluminado do interior. As carícias e o contato permanente, o som de sua voz muito perto de seu ouvido e o penetrante calor de seu corpo em suas costas se combinavam para



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

aproximá-la cada vez mais ao orgasmo.

Não podia acreditar. Não havia tocado os seios, nem se tinha aproximado de seu sexo, que pulsava intensamente rogando sua atenção. Nem sequer lhe tinha feito carícias fortes e intensas, algo que normalmente necessitava durante o sexo. Em vez disso tinha mantido um contato leve e lento e o inesperado de tudo isso a estava deixando louca.

— Se acaba o tempo. — Conseguiu dizer. Já se distinguia a ilha na distância e começavam a ver-se mais navios segundo se foram aproximando.

— Bom, então será melhor que me aplique. — Murmurou e com a mão que ainda tinha apoiada em seu ventre a atraiu para si de uma vez que se erguia.

Ela soltou o corrimão e deixou que as mãos caíssem inertes aos lados enquanto ele a segurava contra seu corpo, com suas costas pega ao peito dele. Suas coxas pareciam feitas de rocha contra os sua e a tensão que acumulava neles parecia contradizer a forma despreocupada com que a agarrava. E as coxas não eram o único tinha duro.

Quase perdeu o equilíbrio quando a girou em seus braços; teve que segurar-se aos músculos que lhe sobressaíam nos antebraços para evitar cair. Quando levantou a vista para olhá-lo na face esteve a ponto de perder a cabeça, ali e então.

Tinha os olhos acesos, chamejantes de desejo e as pupilas convertidas em minúsculos putinhos. As bochechas se viam avermelhadas e respirava pela boca com os lábios um pouco separados. Olhava-a como se ele fosse o lobo grande e mau e ela a pobre Chapeuzinho que ele poderia tragar-se de um só bocado. Claro que seria melhor se tomasse seu tempo e utilizasse muitos salgadinhos, devorando-a pouco a pouco até que ela não pudesse suportar mais...

Seus pensamentos se fizeram pedacinhos quando ele de repente deslizou suas fortes mãos sob seu traseiro. Olhou-o à cara enquanto a levantava no ar e lhe cravou as unhas nos braços para manter o equilíbrio.

— Como ficam poucos minutos. — Grunhiu — Será melhor que os aproveite ao máximo.

— O que...?

Isso foi tudo o que conseguiu sair de sua boca antes que a de Devon se lançasse sobre a dela e já não pôde pensar mais.

A diferença dos roces suaves e sedosos, o beijo foi o típico de um malfeitor. Lançou-se diretamente, colocando a língua entre seus dentes e no interior de sua boca. Tomou a boca como não podia fazê-lo com seu corpo justo ali: com um só propósito, bem definido e cheio de paixão.

Ela gemeu e levantou os braços para lhe rodear o pescoço enquanto tentava apertar-se contra ele. Sua língua se enredou com a dele, sugando instintivamente e sentiu que lhe afundava os dedos na tenra carne de seu traseiro em resposta.

Tentou encarapitar-se sobre ele para poder entrelaçar suas pernas ao redor de sua cintura e conseguir um pouco de fricção sobre seus clitorís ansioso, mas ele a segurou em seu lugar com brutalidade.

Ela gemeu mais alto dentro de sua boca, lutando contra sua sujeição e sem compreender por que não lhe dava o que necessitava.

Devon despreendeu sua boca da dela, ofegando para recuperar o fôlego antes de pegar sua boca a suave carne de debaixo de sua mandíbula. Lambeu-lhe com a língua, abrindo um caminho até sua orelha e lhe sussurrou.

— Muitos navios. Alguém se daria conta.

Lacey piscou sem compreender e deixou escapar um princípio de soluço suplicante.

— Devon... — Disse agarrando-se a ele com mãos se desesperadas.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Quer gozar, neném? Isso é o que necessita? — Mordeu-lhe o lóbulo da orelha com tenra ferocidade e ela deu um salto diante a repentina sensação.

— Sim... — Respondeu meio louca pela necessidade de liberação e ainda tentando conseguir a fricção que necessitava.

Devon seguiu quase lhe grunhindo na orelha.

— Quanto o necessita, neném? Quanto?

— Oh, Deus. — Quase gritou incapaz de fazer que seu cérebro funcionasse o suficiente para saber o que estava dizendo. Só podia ouvir o tom da voz dele e sentir o calor, o desejo e a força.

— Diga-me. — Pediu e colocou uma dura coxa entre as suas. Ela fechou as pernas para mantê-lo aí e começou a esfregar-se contra sua perna.

Ele a animou utilizando as mãos que agarravam com força seu traseiro para guiar seus movimentos, para obrigá-la a mover-se mais rápido e mais forte e apertar seus clitóris contra a costura de seu próprio jeans ao esfregar-se contra ele.

— Oh, Deus, oh, merda, oh, Deus... — Ofegou e sua cabeça caiu para trás quando as ondas do orgasmo romperam sobre ela — Oh, sim! — Gemeu e não pôde dizer mais porque já não tinha fôlego para isso. Os espasmos a golpearam rápido e forte, fazendo que seu sexo enviasse convulsões que agitavam seu corpo contra o dele enquanto suas mãos se abriam e se fechavam sobre sua camisa.

Ele se mostrava implacável, mantendo uma mão em seu traseiro e apertando-a forte contra ele quando já não pôde manter a cadência. Enredou os dedos de sua outra mão no cabelo do Lacey, voltou-lhe a cara para a sua e apanhou sua boca para afogar seus gritinhos irregulares. Quando ao fim se tranquilizou, com os quadris quietos e o corpo caído em suas mãos, ele afastou o cabelo da face.

— Tudo bem? — Murmurou.

— Oh, sim... — Disse entre ofegos. Levantou a cabeça e o olhou divertida — Você conseguiu. Soava incrédula e ele riu.

— É que não acreditava que pudesse?

— Não, o certo é que não.

— Bom, pois agora já sabe que não deve me pôr a prova em certos temas. — Deu-lhe um tom de orgulho pomposo a sua voz — Recorda-o esta noite quando for minha escrava.

Ela revirou os olhos e conseguiu emitir uma leve risada.

— Não recordo que tenhamos falado nada de escravos...

— Metáforas... — Fez um gesto para que ambos os se sentassem no banco — Acordo de servidão. É o mesmo...

Lacey entrecerrou os olhos.

— Excluindo atos em público, dolorosos ou humilhantes.

— Sei. — Disse com uma sorrisinho na face — Confia em mim. Já sei o que vai fazer e será na privacidade de nosso quarto e não te doerá nada. Bom, pode ser que te arda um pouco o orgulho, mas acredito que o superará.

Ela franziu o cenho.

— Que bom vencedor é.

— Certo.

Disse-o com tal flagrante satisfação no tom, que ela não pôde evitar rir. Apoiou-se em seu ombro com os olhos fechados.

— Não vai ficar adormecida, não é? — Perguntou-lhe.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ela sacudiu a cabeça e se esfregou contra ele como uma gata.

— Não, só é que... — Se interrompeu porque lhe surgiu um enorme bocejo.

— Ouça! — Exclamou lhe cravando um dedo no ombro.

— O que? Não estou dormindo. — Murmurou abrindo um olho para olhá-lo com uma expressão algo turva.

— Bem, porque já estamos atracando. — Fez um gesto por cima do ombro e ela olhou para ver o porto da ilha Mackinac.

— Isso significa que vou ter que me mover, não é?

— Sim.

Suspirou.

— Certo, mas vai ter que me ajudar.

Devon riu.

— Vamos. — Disse e a soltou para que se apoiasse em seus pés.

Levou-lhes o dobro do que esperavam chegar a seu hotel, principalmente porque Lacey parecia não poder evitar parar a olhar tudo como uma turista mais. Disse que a loja de aluguel de bicicletas era "muito Mona para poder descrevê-la", acariciou a todos os cavalos que se cruzaram e comprou uma quantidade incrível de doce de açúcar de todos os sabores imagináveis de quatro lojas diferentes.

— Deus, o doce de açúcar pesa mais que sua bagagem. — Se queixou ele.

— Por que acredita que levo tão pouca bagagem? — Perguntou com a boca cheia de um doce de chocolate com hortelã — É que vou levar um montão disto a casa.

Ele revirou os olhos.

— Já podemos ir ao hotel? — Perguntou — Recorda por que viemos aqui, verdade? A segurança nacional e a missão secreta? Isso te diz algo?

Lacey observava a uma família de quatro membros que se lançava sobre um pacote de doces que acabavam de comprar. Os dois meninos pequenos, quase bebês, riam e gritavam de júbilo enquanto se enchiam as caras do pegajoso caramelo.

Ela riu e se voltou a olhá-lo.

— O que dizia?

Ele a olhou exasperado e agora foi ela a que revirou os olhos.

— Certo. Certo. Vamos ao hotel. Que resmungão está...

— Sim e me pergunto por que. — Se queixou agarrando as bolsas enquanto começavam a caminhar.

— É como um menino pequeno. — Repreendeu — E foi sua culpa, já sabe. Você fez a aposta e ganhou. Deveria estar contente.

— Sei e eu gostaria de te arder um pouco com isso, mas não fica sangue na cabeça e tenho medo de que o esforço faça que me enjoie.

Lacey riu.

— O compensarei. — Prometeu e lhe lançou um beijo.

— Seguro que o fará. — Assinalou uma carruagem puxada por um cavalo estacionado a um lado da estrada — Aí está nossa carruagem. Pedi que nos estivesse esperando uma.

Ela sorriu diante o carro antiquado e o cavalo.

— Impressionante... Por certo, onde nos vamos alojar?

— No Grand Hotel. — Disse subindo as bolsas à carruagem. Deu-se conta de que ela havia deixado de caminhar quando se voltou para ajudá-la a subir a carruagem e viu que não estava ali.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— O que faz? — Perguntou voltando onde ela estava de pé, imóvel como uma pedra em meio da estrada— Te passa algo?

— O Grand Hotel? — Perguntou. Sua voz soava rouca — Você disse que nos vamos alojar no Grand Hotel?

— Sim. — Respondeu confuso — Por que ficou aí de pé?

— De verdade vamos dormir no Grand Hotel?

— Sim. — Sua paciência já pendia do mais fino dos fios — Se você não gostar, posso tentar encontrar outro hotel. Mas estamos em temporada alta e pode que não tenhamos sorte. Embora possa fazer umas chamadas...

— Está louco? — Uivou virtualmente Lacey e se lançou a seus braços — Oh, meu Deus, nós vamos alojar no Grand Hotel!

Ele fez uma careta porque o grito dela fez que lhe apitassem os ouvidos.

— Suponho que isso é bom... — Aventurou.

— Carinho, não tem nem ideia de quão bom é. — Disse sorrindo de orelha a orelha — Vamos!

Sacudiu a cabeça quando ela pôs-se a correr para a carruagem que esperava e subiu. Ele a seguiu e apartou a bagagem para ter um pouco de espaço para os pés.

O condutor açulou ao cavalo e ficaram em caminho. Lacey estava tão emocionada que não podia reprimir e quase saltava no assento.

— O que é o que faz ao Grand Hotel tão especial? — Disse surpreso.

— Que é fabuloso! Tem uma piscina que leva o nome da Esther Williams, o alpendre dianteiro é o mais comprido do mundo e todas as habitações são diferentes. Oh, e fazem essa sobremesa que só se serve aí: chama-se Bola da Banana Grand. — Revirou os olhos — Mmmmmm! Dizem que é o melhor do mundo. Não posso esperar para provar um. — Olhou-o a tempo para ver como revirava os olhos — Se não sabia nada do hotel, por que o escolheu?

Ele deu de ombros.

— É famoso, único e exclusivo. Provavelmente é o lugar que terá escolhido Devereaux. Ele gosta dos luxos.

— Oh. — Para ouvir que provavelmente foram compartilhar hotel com um antigo traficante de armas reconvertido em falsificador, o entusiasmo de Lacey ficou um pouco apagado.

— E por que se chama Esther Williams a piscina? — Perguntou Devon.

Lacey afastou as visões de encontrar-se ao Devereaux no restaurante e explicou:

— Porque um de seus filmes se rodou aqui e se utilizou essa piscina. Mas não recordo qual...

— **This Teme for Keeps.**

— Como?

— O filme era “This Teme que for Keeps”. — Explicou Devon — Fazia o papel da Nora Cambaretti, uma corista em um espetáculo aquático que se apaixona pelo Dick Johnson...

— Dick Johnson? — Repetiu Lacey incrédula.

—... Que acaba de deixar o exército e decide que quer começar uma carreira na música popular. Há um balé aquático verdadeiramente espetacular ao final.

Voltou-se e encontrou ao Lacey olhando-o com a boca aberta.

— O que?

Ela começou a rir.

— Como sabe tudo isso?

Ele deu de ombros.

[A16] Comentário: Filme de 1947, não emitida na Espanha e, portanto sem título em espanhol.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Eu gosto dos filmes musicais. Ouça, é um bom filme! — Protestou ele e ela riu mais alto.

— Seguro que é. — Afirmou ela tentando deixar de rir — O que outros filmes musicais você gosta?

— Não vou dizer isso porque vai rir de mim.

Lacey teve que ocultar seu sorriso diante o tom resmungão de sua voz e fez que sua cara se mostrasse tudo quão sincera podia.

— Não, não vou rir. Parece-me fantástico que você goste dos filmes musicais. Também eu gosto.

Olhou-a com suspeita.

— E qual é seu favorito?

Lacey rebuscou em seu cérebro para encontrar o nome de um filme musical. Depois de uns dez segundos do mais tenso encontrou um:

— Eles e elas.

Ele se relaxou e assentiu.

— Sim, essa é boa. Embora acredite que a versão teatral era muito melhor que o filme, mas não se pode competir com o Brando e Sinatra.

— Certo. Completamente de acordo. — Concedeu muito séria.

Ele se voltou no assento para olhá-la.

— O que outros filmes desse gênero você gosta?

— Bem... — Lacey ficou a pensar freneticamente — Bom, eu gosto Do mago de Oz. E... Sete noivas para sete irmãos.

Devon assentiu.

— Os clássicos. Viu Ao sul do Pacífico?

— Essa é a da canção "I'm gonna wash that man right outta my hair"? — Ele assentiu — Essa é uma das favoritas de minha mãe.

— Acredito que é minha favorita. — Assentiu ele — Bom, essa é **Ao Chorus Line**.

Lacey se salvou de ter que fazer algum comentário porque chegaram ao hotel, o que foi um alívio porque não tinha nem ideia do que dizer.

A carruagem subiu a colina em cuja cúpula se assentava o hotel e se encontraram diante uma vista impressionante do alpendre do mesmo. Rodeado por milhares de gerânios cujo vermelho destacava contra o branco puro do edifício, era uma imagem para recordar.

— Nossa. — Disse em voz baixa e com reverência.

— Sim, miúda choça, né?

Ela lhe cravou um cotovelo nas costelas.

— Se cale. Estou-me tomando um momento.

Ele fez um gesto de dor e se esfregou o flanco.

— Tem os cotovelos afiados... — Se queixou.

Lançou-lhe um olhar paralisante enquanto a carruagem se detinha no centro do alpendre diante um jovem uniformizado que se adiantou com um sorriso e lhe ofereceu uma mão.

— Oh. — Demorou um minuto em dar-se conta de que estava esperando para ajudá-la a descer e colocou uma mão sobre a sua enluvada — Obrigado — Disse e sorriu. Depois franziu um pouco o cenho quando ele se ruborizou e gaguejou um "de nada" para depois apressar-se a voltar para sua posição.

Devon desceu atrás dela com a bagagem e lhe disse ao ouvido:

— Não sorria ao pobre homem assim.

[A17] Comentário: Filme de 1985 que se emitiu na Espanha com seu título em inglês.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Assim como?

— Como se ele fosse a resposta a todos seus sonhos infantis do Príncipe Azul.

— Bom, ajudou-me a descer de uma carruagem puxada por um cavalo, o que é mais do que posso dizer de você. — Disse com cara de ofendida.

Ele franziu o cenho.

— Eu estava dentro do carro contigo. Como se supunha que ia ajudar-te se ainda estava dentro?

— Deveria ter descido primeiro. — Disse e começou a subir as escadas — Isso é o que deveria fazer um cavalheiro.

Devon olhou o jovem com um cenho franzido que o fez retroceder e pensar-se duas vezes sua oferta para lhe ajudar com as bolsas e depois seguiu a Lacey pelas escadas de entrada.

Registrar-se e conseguir sua habitação levou quase tanto tempo como chegar até o hotel porque Lacey não podia deixar de soltar “oooooh” e “aaaaah” diante tudo.

Quando ao fim subiram as escadas e chegaram à suíte, ele pensou que lhe ia dar algo de tanta excitação. Esperou junto à porta e contou para trás desde cem, tentando não escutar a conversa que estava tendo com o carregador.

— Assim que o alpendre tem seiscentos e sessenta e seis metros de comprimento?

— Sim, senhora. — Assentiu o carregador enquanto lutava com a chave e a fechadura — E há mais de dois mil e quinhentos gerânios plantados nos vasos de barro.

— De verdade?

Ele assentiu.

— E cem cadeiras de balanço.

— Isso é fascinante. — Disse e abriu a boca para perguntar o que Devon estava seguro que era a enésima pergunta sobre o hotel quando o carregador conseguiu abrir a porta e ela ficou momentaneamente sem fala ao ver a suíte.

Igual a ele, mas por razões totalmente diferentes.

— Oh! A suíte de vime! — Gritou Lacey e bailou um pouco na porta.

Devon deixou cair à cabeça contra o marco da porta de desespero.

— A suíte de vime...

A habitação era preciosa, tinha que reconhecê-lo. Luminosa e espaçosa, com uma grande janela. E todos os móveis eram feitos de vime branco. Havia uma cadeira de balanço de vime e um banco de vime sob um quadro de uma janela. Não ia poder sentar-se em todo o tempo que passassem ali.

O carregador estava enumerando as características da habitação.

— Ao dormitório se vai por ali. — Disse abrindo uma porta que dava a mais vime — E o banheiro está ao outro lado.

— Oh, fantástico, Bernard. — Disse Lacey encantada. Olhou a Devon que estava de pé na soleira, com a testa apertada contra o marco da porta e os olhos fechados — Ummmm... Acredito que tudo está bem. Pode deixar as bolsas. — Disse assinalando um sofá de vime.

Bernard fez o que lhe pediu, mas levantou uma mão quando Lacey ficou a procurar em sua bolsa para lhe dar uma gorjeta.

— Não é necessário, senhora. A política do hotel.

— Oh, bem. Bom, pois muito obrigado, Bernard. Foi que grande ajuda.

— Um prazer. — Tocou o chapeuzinho, dedicou um olhar precavido a Devon e saiu pela porta.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey revirou os olhos.

— Oh, pelo amor de Deus. — Exclamou puxando-o para que entrasse na habitação e fechando a porta — Tem que ser tão dramático?

— Dramático? — Olhou-a sem acreditar do tudo o que estava dizendo, com sua mochila ainda pendurada do ombro — Toda a habitação está mobiliada com vime!

— Sim, e o que? É encantador.

— Suponho que eu também pensaria que é encantador se não existisse o grande risco de que acabe rompendo-o.

— Oh, por favor. — Mofou ela — Não é tão delicado. Estão feitos para que a gente se sente neles.

— Que seja, que seja. Espero que a cama não esteja feita também de vime, porque se não terei que dormir no chão.

Ele parecia que estava sendo ridículo, mas foi comprovar o de todos os modos.

— Salvou-se. — Disse da porta do quarto — É de molas e de tamanho extragrande.

Ele deixou escapar um exagerado suspiro de alívio.

— Graças a Deus.

Lacey se girou, apoiou-se no marco da porta, dedicou-lhe um olhar de "vamos, campeão" e perguntou hesitantemente de uma vez que agitava as pestanas:

— Quer prová-la?

Ela viu que o interesse que iluminava os olhos e acreditou por um breve momento que ia aceitar sua oferta, mas ao final sacudiu a cabeça e apoiou a bolsa.

— Por muito que goste, acredito que é hora de trabalhar.

Capítulo 17

Lacey o observou enquanto deixava sua mochila em uma mesinha de vime e a abria. Começou a tirar coisas dela: uma grossa pasta, uma lanterna de um palmo que acendeu e apagou várias vezes para provar as pilhas, uma pequena caixa prateada com uma antena e uma série de luzes, um aparelho com forma de varinha que Lacey identificou como um detector de metais de mão e uma caixa de luvas de borracha. Ela piscou ao ver as luvas.

— Perverso. — Disse em voz baixa e ele a olhou com um sorriso.

— Sinto muito, pulso, é parte do kit de espião. Mas podemos improvisar algo, se quiser.

As comissuras de seus lábios se dispararam para cima, divertida diante o movimento malicioso das sobrancelhas de Devon.

— Acredito que vamos bem com o programa previsto. Não precisamos improvisar.

— Bom, no caso de...

Lacey cruzou os braços e se apoiou contra a porta.

— Só por curiosidade, que se pode fazer com uma luva de borracha que não se pode fazer sem ela?

Devon lhe lançou um olhar que provocou um estremecimento involuntário.

— Oh, carinho. — Disse arrastando as sílabas, com a voz baixa e rouca que encerrava uma promessa em seu tom — Não tem nem ideia das coisas que poderia te ensinar.

Se alguma mulher sobre a terra era capaz de permanecer imune a potente sexualidade



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

desse olhar, ela comeria um chapéu. Se tivesse um, claro.

— Ah... Certo. — Disse e tentou controlar sua libido selvagem.

Ele piscou um olho e seguiu esvaziando a bolsa. Um computador portátil, uma caixa negra pequena do tamanho de um pacote de cigarros aproximadamente, um matagal de cabos e arames e uma pistola.

Lacey não sabia muito de armas. Bom, a verdade é que não sabia nada de armas, além do que se vê na televisão e nos filmes e o único contato que tinha tido com elas se reduzia à escopeta de tiros que seus irmãos utilizavam para disparar a vários objetos inanimados até que sua mãe os pegou fazendo buracos a seus melhores lençóis quando os estendia para secar. Assim ver uma arma há impressionava um pouco.

— Leva isso com você todo o momento?

Ele olhou para onde ela assinalava.

— A arma? Claro.

— E não pensou que poderia ser importante que eu soubesse?

Ele franziu o cenho, confuso pela tensão de sua voz.

— Não. Por quê?

— Oh, não sei. — Disse empapando todas as palavras de sarcasmo — Talvez porque sou parte de toda esta missão secreta e se for haver armas implicadas, possivelmente eu deveria sabê-lo?

Ele deixou de rebuscar na bolsa e cruzou a habitação para plantar-se diante dela.

— Sinto muito, é que pensei que sabia que levo uma. — Acariciou-lhe os braços e lhe agarrou os dedos com os seus — Não se perguntou por que não deixei que o carregador levasse minha bolsa?

— Sim, mas pensei que era mais dessa sua paranoia de controle.

Ele riu.

— Sim, provavelmente o era, embora seja mais exato dizer que não queria que isso estivesse em mãos de ninguém mais. — Apertou-lhe um pouco os dedos — Fica nervosa com as armas?

Ela deu de ombros e de repente se sentiu um pouco tola.

— Não exatamente. Mas não sei as usar e nunca tive uma na mão. Nesse sentido sim me pões nervosa.

— Sinto muito, não me dava conta. Posso te ensinar a utilizá-la, se quiser.

Ela fez uma careta e lançou à arma um olhar furtivo. Inclusive aí, apoiada contra o vime branco da borda da mesa, ou talvez precisamente por isso, parecia ameaçadora e de mau agouro.

— Não, obrigado. — Disse — Eu não gosto da ideia de ter o poder de tirar uma vida entre minhas mãos.

Devon suspirou. Ela levantou a vista e o encontrou olhando-a com uma tranquila resolução que não augurava nada bom quanto a seu desejo de permanecer ignorante no que a armas de fogo se referia.

— Vai ensinar de todas as formas, não é?

— Está em uma situação estranha, carinho. — Disse aproximando a mesa — Não é que ache que vai haver problemas e tentarei me assegurar de que não nos topemos com o Devereaux diretamente, mas sempre há uma possibilidade de que tudo acabe em uma confusão. E eu gostaria saber que poderá usar uma arma se tiver que fazê-lo.

— Mas não vai me fazer dispará-la, não é? — Perguntou.

Devon lhe acariciava o braço acima e abaixo com sua mão em um movimento calmante e



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

tranquilizador.

— Não, porque duvido que possamos fazer isso em algum lugar da ilha e seguir mantendo a imagem de casal de férias. Mas sim vai segurá-la.

Lacey o olhou enquanto pegava a arma, com as mãos às costas para não as pôr em meio acidentalmente. Ele a estendeu para que a visse.

— É uma nove milímetros. — Explicou — Tem quinze balas. Quatorze no carregador, que está aqui. — Disse dando um golpezinho no cabo da pistola e depois fez algo que provocou que o carregador saísse e caísse em sua mão estendida. Ele mostrou e ela o olhou obedientemente.

Parecia estar esperando algum tipo de reação, assim disse:

— Estão muito bem metidas.

Ele ficou olhando-a.

— O que? — Perguntou ela.

— Nada. — Concluiu e voltou a dedicar sua atenção à arma. Deixou o carregador sobre a mesa — A bala número quinze está na antecâmara. — Explicou e puxou a parte superior da arma. Ouviu-se um som de deslizamento e uma bala saiu de repente. Caiu na mesa, junto ao carregador.

— Supõe-se que tem que sair voando dessa maneira? — Perguntou ilustrando-o com as mãos.

— Sim.

— Oh. Certo. — Esfregou as mãos nos jeans nervosamente — E agora o que?

— Deixa de fazer isso. Recorda a esse tal Gordon.

— Oh, nossa. — Murmurou e meteu as mãos nos bolsos dianteiros.

— Não, tampouco as meta no bolso, porque tem que pegar a pistola.

Fez uma careta que não pôde evitar.

— Me repita por que tenho que fazê-lo. — Pediu sem afastar os olhos da pistola.

— Para que possa utilizá-la se te vê obrigada.

— Certo. — Concordeu inspirando fundo — O que tenho que fazer?

— O primeiro é não apontar a arma a algo ou a alguém a quem não vá disparar. — Estendeu-lhe a arma apontando ao chão — Tanto se está carregada, como se não. De fato, tem que pensar sempre que está carregada e sem a trava.

Assentiu.

— Entendo. Como a pego?

— Assim. — Disse estendendo a mão para pegar uma das suas e então se deteve — É mão direita ou canhota?

— Mão direita.

— Certo, então me dê à mão direita. — Pôs a pistola em sua mão, lhe apoiando a palma contra o cabo e fazendo que o envolvesse com os dedos. O dedo indicador o colocou sobre o seguro do gatilho.

— Quando a segurar assim, apontando ao chão, deve manter o dedo longe do gatilho. — Mostrou ele situando o dedo—. Não ponha o dedo no gatilho a menos que vá disparar.

— Certo.

— Olhe, o seguro está aqui. — Moveu seu polegar por cima de um pequeno interruptor — Agora está posto e tem que empurrá-lo para tirá-lo. — Fê-la empurrá-lo duas ou três vezes — Como se sente?

— Estranha. — Reconheceu — Estranha e pesada. E não pesada pelo que pesa a arma, se não pelo que me pesa, sabe? — Girou a cabeça e o encontrou olhando — Sabe o que quero dizer?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sei. — Disse com tom tranquilizador — É algo muito importante saber que tem nas mãos o poder de tirar vida de alguém.

Lacey engoliu com dificuldade.

— Sim.

— Já se sente mais cômoda?

— A verdade é que não, mas acredito que não vou me sentir cômoda nunca.

— Surpreender-se-ia. — Murmurou.

Lacey começava a sentir-se um pouco tola ali de pé com a arma apontando ao chão.

— Vai me ensinar já como dispará-la?

Ele riu.

— Está desejando soltá-la, não é?

— É horripilante. — Disse ela — Quero que volte para mãos de alguém que saiba o que demônios fazer com ela.

— Certo, nos ponhamos a isso então. — Moveu-se para ficar de pé atrás, com as costas dela apoiada contra seu peito — Eu gostaria que pudesse disparar de verdade com ela, porque uma nove milímetros tem bastante retrocesso e você não está acostumada às armas, mas teremos que nos conformar. E como não vamos falar de todas essas coisas da pontaria, saltaremos toda a parte de baixar o canhão para apontar e fazê-lo sempre à cabeça.

— Não acredita que pudesse atirar a alguém na cabeça se lhe apontasse? — Perguntou um pouco ofendida.

— Não é isso o que disse. — Começou.

— Porque poderia. — Murmurou ela — Poderia disparar a alguém na cabeça se quisesse.

— Não disse que não possa. — Disse tranquilamente — Mas como não temos muito tempo, centraremos na primeira lição somente: disparar para deter.

— Disparar para deter?

— Isso. Se tiver que disparar, será para deter seu agressor, não necessariamente para matá-lo. Assim não é importante apontar à cabeça. E como é óbvio que você não gosta das armas, será melhor que não o tente.

Lacey soltou um grunhido, mas assentiu.

— Então aonde devo apontar?

— À parte mais ampla do corpo: ao torso.

— Ao torso, certo. — Lacey se mordeu o lábio inferior e o olhou por cima do ombro — Como?

— Olhe, faz-se assim. — Devon girou os dois de forma que ficaram olhando ao espelho que pendurava junto à porta do banheiro.

Lacey riu ao ver seu reflexo no vidro. Ela, pequena e loira, parecia incomodadíssima; ele, alto e castanho claro, estava muito sério. Viu que arqueava uma sobrancelha e obrigou a suas feições a adotar uma expressão mais séria.

— Perdão.

Ele suspirou.

— Se concentre um pouco, certo? Como é mais baixa que a média...

— Sou delicada. — Protestou.

— E baixa. Por isso provavelmente vai ter que apontar um pouco mais alto para dar onde quer. Terá que levantar os braços. — Passou suas mãos baixos seus cotovelos e os elevou ao nível do ombro — Ao menos até aqui, dependendo de quão alto seja o alvo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Certo. Tenho que bloquear os cotovelos?

Ele sacudiu a cabeça.

— Deixa-os um pouco relaxados. Isso ajudará a absorver o impacto do disparo.

— Entendido.

— Pode usar a mão esquerda de apoio para a direita se estiver incômoda ou te pesa muito a pistola. — Esperou até que ela fez o que dizia e depois prosseguiu — Aponta a arma ao alvo, tira do percussor com o polegar...

— O que é o percussor?

— Isto. — Disse, pôs-lhe o polegar sobre o percussor e puxou-o ao mesmo tempo em que ela — Se tiver pressa não tem que fazê-lo. É uma arma semi-automática de dupla ação, assim se puxe o gatilho um pouco mais forte, o percussor saltará sozinho.

Lacey assentiu.

— Certo.

— Então, uma vez que puxou o percussor e já apontando à pessoa que se supõe que vai disparar, põe o dedo no gatilho e puxe.

Como ela não fez nada, ele ordenou de novo.

— Puxe.

Ela se sobressaltou e seus olhares se encontraram no espelho.

— Oh, sinto muito. — Fechou os olhos e apertou o gatilho, dando um pulo ao ouvir o forte clique na habitação em silêncio.

Sentiu mais que viu o profundo suspiro de Devon.

— Lacey, tem que ter os olhos abertos quando dispara.

— Tá. — Abriu os olhos, inspirou fundo e apertou de novo.

— Outra vez.

Clique.

— Outra vez.

Clique.

— Outra vez.

— Quantas vezes vai me fazer repetir isto?

Clique.

— Só um par de vezes mais. Quero que se sinta cômoda. Outra vez.

— Já te disse que não me vou sentir nunca cômoda com isto.

Clique.

— Certo. Como se sente?

— Espantosamente — Disse e tentou lhe devolver a arma.

— Espera. Quero que aprenda a carregá-la.

— Por quê? — Inquiriu ela — Me disse que já estaria carregada. Por que vou ter que carregar uma arma já carregada?

— Se tranquilize. — Disse com calma — Só quero que aprenda a colocar e tirar o carregador, no caso de precisar.

Ele fez repetir várias vezes até que esteve satisfeito.

— Certo, já está. — Estirou a mão e soltou a pistola de sua mão com o canhão para baixo — Encontra-se bem?

— Sim. — Engoliu seco e passou as mãos pelo cabelo — Me sinto muito estranha. Espero não ter que usá-la nunca.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Devon voltou a pôr o seguro e colocou a arma na mesa junto a suas coisas. Voltou-se para olhá-la.

— Eu também o espero, neném. — Deu-lhe um rápido beijo na boca — Mas está muito sexy segurando a arma.

Isso a surpreendeu tanto que se pôs a rir. Lacey enterrou o nariz em seu peito e o rodeou com seus braços.

— É um perverso.

— Fique segura disso. — Disse e lhe deu uma palmada no traseiro.

Isso fez que risse ainda mais. Levantou a cabeça e sorriu.

— Significa isso que o tempo de trabalhar se acabou?

— Por desgracia, não. Tenho que comprovar o equipamento e fazer umas chamadas.

Ela suspirou.

— Que droga! Precisa-me para fazer isso?

Devon sacudiu a cabeça.

— Quero repassar algumas coisas com você mais tarde, mas agora mesmo não.

— Bem, então irei explorar.

Ele franziu o cenho.

— Não quero que vá por aí sozinha.

Ela piscou.

— Por quê?

— Por que...

— Por que... O que? Não sairei do hotel, só chegarei até o alpendre dianteiro. E só estarei fora uma hora. — Olhou seu relógio — Depois podemos ir comer e a trabalhar jogando a ser o parzinho feliz.

— Mas o que vai parecer se a metade do par feliz vai vagabundear por aí quando não levamos nenhuma hora de escapada romântica juntos? A gente falará.

— Bom, direi que minha meia laranja tinha que ocupar-se de uns cabos soltos de seu trabalho antes que pudéssemos começar com nossa escapada. — Disse e agitou as pestanas.

Ele fez uma careta.

— Poderia não me chamar meia laranja?

Ela riu e lhe deu uns tapinhas na bochecha.

— E que tal ursinho amoroso? É suficientemente masculino para você?

— Não, realmente não. — Viu-a agarrar a chave da habitação e encaminhar-se à porta — Sério: não saia do hotel. Sei que só estamos aqui para observar, mas eu não gosto da ideia de que ande sozinha pela ilha.

Lacey se deteve na porta e lhe sorriu.

— Não se preocupe tigre. Só vou sentar-me no alpendre.

Lançou-lhe um beijo e saiu ao patamar reprimindo uma risada quando lhe ouviu repetir com um tom um pouco molesto:

— Tigre?





Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Depois de um breve passeio pelo hotel, Lacey encontrou uma cadeira de balanço vazia no alpendre e se acomodou para desfrutar da vista. O tempo estava perfeito: quente, com só uma leve brisa que vinha da água e zero de umidade, um pouco muito típico de Chicago no verão.

Esteve-se balançando um momento, observando os navios que cabeceavam no porto e respirando o aroma dos gerânios que bordeavam o alpendre. Apoiou a cabeça na cadeira de balanço, fechou os olhos e inspirou fundo deixando que sua mente vagasse sem rumo.

Indevidamente foi para o homem que atualmente estava catalogando seus brinquedos de espião na suíte que havia escada acima. Revolveu-se na cadeira e um suspiro resignado escapou de seus lábios ao sentir que seu corpo começava a responder só pensando nele. Deus estava-se enganchando tanto! Pensou ao sentir a familiar tensão na pélvis. Não podia fazer outra coisa que sair da habitação e lhe deixar trabalhar. Só levava fora cinco minutos e já se estava perguntando quanto tempo ia dar antes de voltar e lançar-se a seu pescoço.

Olhou seu relógio.

— Provavelmente necessita mais tempo. — Murmurou e tentou desesperadamente pensar em algo que não fosse Devon e o sexo selvagem.

— Fala sozinha?

Lacey voltou à cabeça diante a pergunta divertida e sorriu à morena esbelta que se acomodou na cadeira de balanço que estava a sua esquerda.

— Só me preocupo quando começo a me responder também. — Respondeu Lacey — É que não me dei conta de que havia alguém aí.

A morena fez um gesto com a mão.

— Não se preocupe. — Disse com um leve sotaque — Só estava desfrutando da vista.

Lacey se voltou para olhar para a água.

— Sim, é impressionante. — Concedeu.

— E do que falava consigo mesma, se não importar que lhe pergunte?

Lacey soltou uma breve gargalhada e voltou a balançar-se.

— Oh, estava-me perguntando quanto tempo deveria dar a meu namorado para que acabe com uns assuntos de negócios que está arrumando antes de voltar a subir e me lançar a seu pescoço.

A morena riu.

— Está aqui com seu namorado?

Lacey assentiu. Decidiu que não tinha por que fazer nenhum mal falar disso, sempre e quando seguisse à história que tinham acordado.

— Não somos namorados há muito tempo. Só umas semanas. É nossa primeira viagem de fim de semana juntos.

— E está trabalhando?

Lacey deu de ombros.

— Tinha um par de coisas que não pôde arrumar antes que saíssemos ontem e agora está fazendo umas chamadas.

— Bom você é mais pormenorizada que eu. — Disse a mulher afastando uma cascata de cabelo da cor dos visons atrás do ombro com um gesto da cabeça — Seguro que eu estaria a ponto de comer cristais se meu homem estivesse trabalhando em algo que não fosse em mim durante uma viagem de fim de semana para dois.

Lacey riu.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Oh, estou segura de que me compensará isso. Por certo, meu nome é Lacey.

— Corrine.

— Prazer em conhecê-la. — Disse Lacey — E o que te traz para o Mackinac?

— Oh, simplesmente precisava me evadir. — Explicou Corrine. Sua bonita face formou um cenho e seus impactantes olhos azuis se escureceram — Levo um par de anos mais bem maus.

— Nossa, sinto muito. — Disse Lacey que não queria entremeter-se. Durante um segundo o rosto sereno de Corrine pareceu decididamente hostil e Lacey se disse que fosse qual fosse o problema, era um grande.

Algo de sua curiosidade deve mostrar-se na face porque a outra mulher seguiu contando.

— Meu chefe morreu faz um ano e meio. — Explicou e sua voz se encheu de tristeza. Lacey fez um gesto de dor.

— Oh, sinto muito. — Disse e, seguindo seu instinto, pôs uma mão no braço à outra mulher

— Estavam muito unidos?

Corrine se sobressaltou um pouco ao sentir o contato de Lacey, mas depois pareceu relaxar-se.

— Sim, estávamos. Trabalhamos juntos perto de dez anos. Fiquei afundada quando o mataram.

Lacey piscou.

— Mataram-no?

Corrine assentiu.

— Era um homem brilhante, um inovador. Um de seus competidores no negócio o mandou matar.

— Nossa... E a polícia o pegou?

Corrine sacudiu a cabeça, o que fez que mechas de cabelo saíssem voando por todos os lados.

— Não, a polícia não pôde provar que o que passou não foi um acidente. Acredito que não quiseram. — Seu sotaque se ia fazendo mais pronunciado enquanto falava — É mais cômodo para eles arquivar os informe e seguir adiante. Não lhes importava Paul.

Lacey franziu o cenho.

— Oh, é horrível.

— Sim, certo. — Corrine inspirou fundo — Assim, como vê, levou-me muito tempo me recuperar da tragédia.

— Com razão... — Disse Lacey — E todo isso ocorreu na Europa? — Ante o olhar curioso de Corrine, Lacey explicou — Tem um pouco de sotaque e não recorde ter ouvido nada desse caso e isso chama bastante atenção às notícias. Assim tenho suposto que ocorreu ao outro lado do Atlântico.

A outra mulher assentiu.

— Sim, estávamos na Europa nesse momento, trabalhando em um novo projeto de Paul. Teria sido algo revolucionário se lhe tivessem deixado continuar com seu trabalho. Mas seu gênio ficou extinto pelos que estavam ciumentos de seus dons.

Lacey teve que esforçar-se para reprimir um sorriso diante o dramatismo da voz da mulher. Não queria parecer insensível, dado que era óbvio que a morte de seu chefe tinha tido um potente efeito nela.

— E a que negócio fazia? — Perguntou levada pela curiosidade. Corrine agitou uma mão.

— Oh, interessavam-lhe todo tipo de coisas. Era um homem com muito talento. Desfrutava



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

de muito vendo algo em sua mente e depois utilizando seu cérebro para fazê-lo realidade.

Lacey abriu a boca para perguntar no que trabalhava quando morreu, mas um movimento no alpendre lhe chamou a atenção. Quando levantou a vista viu a inconfundível silhueta de Devon ao pé das escadas da entrada principal.

— Suponho que já acabou de trabalhar. — Disse e assinalou com a cabeça em direção ao homem quando Corrine lhe dedicou um olhar inquisitivo.

Corrine se voltou a olhar e arqueou uma sobrancelha delicada.

— Esse é seu namorado?

— É esse. — Disse Lacey enquanto o observava subir os degraus e olhar na direção oposta onde estavam sentadas.

Corrine se voltou para sorrir a Lacey.

— Deve ser muito pomenorizada, de verdade. Se eu tivesse um homem como esse a minha disposição, asseguro-te que não lhe deixaria trabalhar.

Lacey riu e o som chegou até Devon que girou a cabeça. Viu-a no final do alpendre e começou a caminhar em sua direção.

Ela deixou escapar o ar ao vê-lo caminhar, decidido e com o quadril solto.

— Espero de verdade que tenha acabado de trabalhar. — Disse e Corrine riu enquanto se levantava.

Estendeu-lhe uma mão.

— Foi agradável te conhecer, Lacey. Deixo-te para que comece seu fim de semana romântico. — Olhou rapidamente por cima do ombro a Devon e se voltou para dela com uma piscada — Parece que tem planos para o resto do dia.

— Isso espero. — Disse Lacey lhe estreitando a mão que estendia — Encantada de ter te conhecido também. Talvez nos vejamos por aí logo.

— Seguro que nos encontramos por aí. — Disse Corrine com um sorriso e se afastou pelo alpendre.

Devon parou diante de Lacey justo quando Corrine começava a descer os degraus.

— Quem é sua amiga? — Perguntou-lhe.

Lacey olhou por cima do ombro e viu que a morena desaparecia pelo caminho do jardim.

— Outra turista, nada mais. — Sorriu-lhe da cadeira de balanço — Parece que sou muito pomenorizada por te deixar trabalhar em nosso primeiro fim de semana romântico.

Devon franziu o cenho.

— O que lhe disse?

Ela revirou os olhos.

— Unicamente que só somos namorados faz umas semanas, que este é nossa primeira viagem juntos e que você tinha uns cabos soltos que atar antes que pudéssemos começar a desfrutar das férias.

Como ele não abandonava o cenho enquanto olhava o lugar pelo que acabava de desaparecer Corrine, lhe cravou um dedo no estômago.

— Ouça. — Disse quando ele baixou a vista — Não se preocupe. Não me aparte da história.

Ele se esfregou o estômago no lugar onde lhe tinha parecido o dedo.

— É melhor que tudo seja muito simples.

— Sei e isso tenho feito. De todas as formas não é mais que uma turista e se alguém perguntar por nós por aí, já introduzimos a história.

Ele voltou a olhar para o atalho do jardim uma vez mais e depois pareceu desprezar o que



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

estivesse pensando. Sentou-se na cadeira de balanço que havia a seu lado e lhe agarrou a mão.

— Já fez suas chamadas? — Perguntou-lhe para tentar evitar saltar em seu colo quando ele começou a brincar com seus dedos.

Devon assentiu.

— Falei com meu contato no FBI. Está-lhe custando muito encontrar informação sobre os sócios conhecidos de Devereaux.

— E isso o preocupa?

— Sim. Não é próprio dele não ter uma multidão de admiradores a seu redor, sobre tudo Felicity.

A forma distraída em que estava acariciando os dedos a estava deixando louca. Depois de um olhar rápido a todo o comprimento do alpendre para comprovar que não houvesse meninos ao redor que pudessem traumatizar, ela se levantou da cadeira. Viu que seus olhos brilhavam pela surpresa quando situou-se em seu colo, ficando escarranchado sobre suas pernas e deslizando os joelhos junto a seu quadril.

Ela sorriu, agarrou-lhe a outra mão e entrelaçaram os dedos.

— Me fale de Felicity — Disse.

Ele riu.

— Supõe-se que tenho que falar de trabalho enquanto te tenho sentada em meu colo?

— É um profissional. Pode fazê-lo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Parece uma provocação, carinho.

Ela soltou uma gargalhada tão forte que quase caiu de onde estava sentada.

— Não! Nada de provocações! Ainda não me recuperei da última.

— E ainda me deve uma noite de servidão sexual. — Disse agitando as sobrancelhas.

Lacey riu.

— Sim, sim, já. Vai me falar do Felicity ou o que?

— Claro. — Fez que a cadeira de balanço adquirisse um movimento fluido e suave — Por onde começo?

— Pelo princípio, lerdo.

— Lerdo? — Ele sacudiu a cabeça — De verdade que às vezes parece que tem treze anos.

— Tem sorte de que não os tenha ou o prenderiam agora mesmo. — Sorriu quando ele fez uma careta ao pensá-lo e a cadeira de balanço deteve seu suave movimento.

— Ugggg... Nem o mencione.

— Felicity? — Recordou-lhe ela e ele começou com o movimento de novo.

— Felicity Merriweather. — Começou — Inglesa, educada em Oxford e Harvard. Seu coeficiente intelectual é de ao redor de duzentos. Graduou-se em Harvard quando tinha nada mais que dezessete anos.

— Nossa... E como se viu envolta com o Devereaux?

Devon se acomodou melhor na cadeira, apoiando os pés para controlar o balanço e lhe agarrando as mãos para puxá-la para ele. Isso inutilizou as mãos de Lacey, que perdeu seu ponto de apoio, assim não ficou mais remédio que reclinar-se mais sobre ele para manter o equilíbrio. Deu um pulo quando seus mamilos hipersensíveis entraram em contato com seu peito. Viu-o sorrir um pouco com os olhos entrecerrados e quando continuou sua voz soava um pouco mais grave.

— Sua mãe era inglesa, de sobrenome Merriweather. Mas seu pai era alemão. Da Alemanha



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

do Oeste quando existia tal coisa e um indivíduo bastante ativo politicamente.

— Um comunista? — Perguntou Lacey intrigada pelo conceito. Para quando ela alcançou o instituto, o comunismo já estava virtualmente erradicado do planeta, além da China, Coréia do Norte e pouco mais e ela mal podia recordar os detalhes da Guerra Fria.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, estava totalmente contra do comunismo. De fato, a maior parte de sua atividade a desenvolveu nos movimentos clandestinos que promoviam a violência contra o governo da Alemanha Oriental.

Lacey o tentou, mas não conseguiu encontrar nenhuma falha a esse argumento.

— Suponho que se me houvesse tocado viver ao outro lado da Cortina de ferro a maior parte de minha vida, haveria me sentido igual.

— Estou de acordo. — Disse Devon — Desgraçadamente o que mais gostava a ele era a parte violenta do assunto. Uma vez que caiu o Muro, supôs que havia um mercado para esse tipo de habilidades e começou a dar-se a conhecer de uma forma muito agressiva.

— Suponho que não olhava muito os trabalhos que aceitava. — Disse Lacey.

— Conseguiu fazer trabalhos por livre para algumas das melhor assentadas e mais destrutivas organizações terroristas do mundo. Em cinco anos estava na lista dos mais procurados de Grã-Bretanha e os EUA e Europa

Ela deu de ombros.

— Suponho que depende do tipo de atenção que procure.

Ele soltou as mãos, deixando que as apoiasse em seus ombros, enquanto deslizava suas palmas pela parte exterior de suas coxas e ao fim as deixava repousando em seus quadris.

— Para dizê-lo em poucas palavras, tinha atraído toda a atenção que podia.

Lacey se revolveu um pouco para assentar-se mais comodamente em seu colo e tentou ignorar seus dedos, que tinham apertado levemente seus quadris. Quem ia dizer que os quadris eram tão sensíveis e erógenos? Para distrair-se decidiu concentrar-se no que falavam.

— E o que aconteceu?

— Bom, depois de vários incidentes bastante importantes na Europa, morreu em um acidente de carro no centro de Londres em 1991.

— Um acidente? De verdade? — Não fez nenhuma tentativa por ocultar seu ceticismo e ele não pretendeu persuadir a da veracidade de sua afirmação tampouco. Simplesmente encolheu os ombros.

— Essa é a versão oficial. Atropelo-o um táxi enquanto cruzava a rua. A versão não oficial diz que o tiraram do meio. Quem? Não estou seguro e realmente não importa. Felicity tinha quinze anos naquele momento e já estava no Harvard. Não tomou muito bem.

— Com certeza.

— Assim que chegou a Londres procedente dos Estados Unidos, começou a fazer investigações sobre a morte de seu pai. Tentou encontrar ao taxista e, claro, não pôde.

— Não é de estranhar.

— Tentou chegar à Câmara dos Lordes para obrigar a realizar uma investigação oficial. Bom, tentou que qualquer que queria escutá-la fizesse algo oficial. Desgraçadamente tinha uma visão um pouco enviesada de seu paizinho e estava convencida de que era uma espécie de agente duplo que trabalhava em segredo para os bons. Levou-lhe um tempo, mas ao fim deixou de fazer investigações, embora nunca abandonasse sua ciumenta defesa do homem. Nem quando sua mãe, quem, por certo, havia tentando evitar que Cari tivesse contato com sua filha, mostrou-lhe



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

provas de sua implicação com o terrorismo. Isso só conseguiu que se separasse totalmente de sua mãe.

— A menina do papai até o final. — Apontou Lacey.

— Muito mais que isso. — Prosseguiu Devon — Quando por fim pareceu chegar a acreditar que seu pai havia estava envolto em assuntos de terrorismo, assassinatos a salário, etc. Ela decidiu que se isso era bom para seu papai, também era bom para ela. Ficou a medir o terreno em busca da gente que o conhecia ou que tinha trabalhado com ele e acabou encontrando a um tipo chamado Claude Batiste.

Lacey franziu o cenho.

— Esse nome é novo para mim.

Devon sacudiu a cabeça.

— É um dos esbirros de Devereaux. Ou ao menos era. Por isso sei o assassinaram em algum momento dos últimos dezoito meses. Ele foi o primeiro contato que teve com a gente de Devereaux...

— Um momento. — Disse Lacey levantando uma mão — Por que nunca o chama por seu primeiro nome?

— A quem?

— A Devereaux. Nunca o chama por seu nome, sempre é Devereaux. Chama-se Simon, não? Devon franziu o cenho como se não entendesse o que importava isso.

— Sim.

— Certo, continue. — Disse por que ele continuava olhando-a com o cenho franzido.

Ele encolheu levemente os ombros.

— Isso, que Batiste foi seu primeiro contato... — Só pôde chegar até aí antes que ela interrompesse-o de novo.

— Já está outra vez com os sobrenomes. — Disse — Não são jogadores de hóquei, nem de futebol, nem recrutas do exército, por que não os chamas por seus nomes?

— Porque isso ajuda a que a gente identifique melhor. — Explicou, embora parecesse falar com os dentes apertados — Pode que ha dois John, por exemplo, assim utilizar seus sobrenomes ajuda a distinguir de quem está falando.

— Oh. — Isso tinha sentido — Mas não o faz com as mulheres. Não chama Felicity por seu sobrenome... Merriweather, não? Por quê? Mas por que bate a cabeça contra a cadeira agora?

Ele deixou de esmurrar a madeira com a cabeça e a olhou, claramente exasperado.

— Não sei por que o fazemos assim, mas isso é o que fazemos. Assim nos treinam e assim o fazemos. Levo fazendo-o assim durante quase vinte anos, assim, se não se importar, seguirei fazendo-o assim.

Lacey deu de ombros.

— Por mim está bem. Somente era uma pergunta.

— Tem mais pergunta ou posso continuar?

Ela bufou e tentou que não lhe afetasse seu tom claramente irônico. Estava suportando muita pressão, recordou-se. Seria melhor que lhe deixasse falar.

— Segue, por favor.

— Como dizia Claude... — A olhou com intenção ao dizer o nome — Foi o primeiro contato de Felicity com o grupo de Simon. Sua prova para ver se realmente estava comprometida. Se passasse, conheceria "homem" em pessoa.

— E seguiu os passos de seu papai.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Houve alguns episódios mais no caminho, mas sim.

— Ela e Simon são amantes?

Devon encolheu um pouco os ombros.

— Nunca tivemos provas concretas, mas sempre o demos é obvio.

Lacey franziu o cenho.

— E seu amigo não encontra nenhuma pista dela?

Ele sacudiu a cabeça.

— É possível que depois de que quase o agarrassem ele decidisse desfazer do excesso de bagagem, mas me custa acreditá-lo. Era virtualmente sua mão direita e não fazia um movimento sem ela. Mas Jack não encontra nada sólido depois de que tudo voasse pelos ares faz dezoito meses.

— É possível que a mataram? — Aventurou ela.

— Suponho. — Admitiu — Só sei que escapou do tiroteio; viram-na em Budapeste a semana seguinte. Mas essa é a última informação que temos dela. Embora, tendo em conta sua profissão, é possível que a tenham matado em outro momento.

— Pobrezinha. — Disse Lacey em voz baixa e lhe cravou o olhar, incrédulo.

— Como diz?

— Bom, não digo que seja completamente inocente nem nada disso...

— Não é inocente absolutamente. — Murmurou ele.

— ... Mas tem que ser difícil seguir sendo a menina de papai quando seu pai é um assassino.

Devon sorriu para ouvir isso e curvou as mãos firmemente sobre seu traseiro.

— Você também foi à menina de papai?

Ela se sorriu.

— Oh, claro. Minha mãe não podia comigo, mas papai só tinha que me olhar com cara de zangado e eu me punha firme. — Riu — Uma vez a ouvi dizer com um tom de voz furioso e perplexo: "a menina te adora". Não podia entender por que lhe obedecia sem pigarrear quando me negava sistematicamente a escutá-la.

— Oxalá me obedecesse assim. — Resmungou em brincadeira.

— Bom você não é meu pai, não é? — Sussurrou-lhe. Ela passou as mãos de seus ombros a seu pescoço e se inclinou sobre ele para lhe dar um beijo — E graças a Deus que não está aqui porque então não poderia fazer isto. — Aproximou a boca à sua, passou-lhe a língua pela comissura de os lábios e a introduziu um pouco entre eles. Meteu seu lábio inferior na boca e o chupou com cuidado antes de liberá-lo com um suave pop!

— Mmmmm. — Murmurou Devon aproximando-a mais e seus olhos cor âmbar brilharam — Nesse caso, também me alegro de que não esteja aqui. — Moveu as mãos que tinha sobre seu traseiro, trocando a posição de sua pélvis e atraindo-a para que tivesse um contato total com o montículo duro que constituía seu membro.

Lacey conteve a respiração diante o contato e o desejo, que tinha sido um fervor lento durante toda a manhã, de repente se disparou até chegar bulir a fervuras em um segundo.

Deixou que fechassem os olhos quando ele pôs de novo a cadeira em movimento com um ritmo suave que fazia que seu sexo necessitado se aproximasse e afastasse dele alternativamente: cada vez que se balançavam para trás, ele subia a coxa e seu clitóris golpeava a dura curva que sobressaía em sua entre perna; quando se balançavam para frente, ela se deslizava para trás e o clitóris esfregava toda a longitude de sua perna.

Era uma fricção quase constante e em segundos estava gemendo. Apertou os dedos junto ao



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

pescoço de sua camisa e enterrou a face no oco de sua garganta para camuflar o ruído. Abriu a boca sobre seu pescoço e tirou a língua para saboreá-lo. Incapaz de deter-se fechou a boca sobre sua carne, chupando um pouco enquanto o acariciava com a língua e lhe agarrava com os dentes. Com um grunhido estrangulado, ele se levantou bruscamente.

Capítulo 18

Ela soltou um grito e levantou a cabeça de sua garganta enquanto ele ficava em pé.

— Mas o que faz? — Disse com voz aguda lhe rodeando a cintura com as pernas e segurando-se como se o fosse a vida nisso enquanto ele começava a caminhar com passos largos e decididos para a entrada do hotel.

— Estou nos tirando ambos do alpendre antes que a foda ali mesmo. — Disse com uma voz tão rouca e gutural que ela sentiu que reverberava através de seu peito.

— E não acredita que deveria me descer? — Disse ela ofegando e tentando evitar gemer mais alto, porque com cada passo seu clitóris dolorido se apertava de novo contra seu pênis cada vez mais duro — Acredito que estamos chamando a atenção.

— Não me importa. — Disse quando chegou às escadas do alpendre. Subiu-as de dois em dois e ela esteve a ponto de perder o conhecimento pela deliciosa e constante fricção.

— Ao menos... Deveria... Levar-me nos braços... De outra maneira... — Disse quase sem fôlego agarrando-se a ele com dedos se desesperados. Movia-se tão rápido que era como estar montada em uma atração de um parque temático, dessas nas que se tem que segurar para não cair — Poderíamos lhe dizer... As pessoas... Que estou doente.

Já estavam cruzando o vestíbulo e Devon passou por diante do elevador para as escadas; ela supôs que ou não queria esperar ao elevador ou preferia torturá-la com mais escadas. Não baixou o ritmo de seu passo, subindo as escadas como um corredor de distância em meio de um treinamento, e ela se limitou a enterrar a cabeça em seu pescoço e aguentar.

Para quando chegaram à suíte, ela estava tremendo de pura necessidade. Sentia que o clitóris queimava como se estivesse em chamas, mas se mantinha justo ao limite. Se não gozasse logo, estava segura de que ia perder o pouco que ficava de sua razão.

Um golpe seco de madeira contra suas costas fez que abrisse os olhos e se encontrou embutida contra a porta da suíte de vime.

— Oh, graças a Deus. — Gemeu — Abre a porta, rápido.

— Tenho as mãos ocupadas. — Disse enquanto sua boca atacava a suave curva de seu pescoço.

Ela sentiu a dentada, a carícia de sua língua e tentou desesperadamente permanecer consciente.

— Onde tem a chave?

— Em o... No bolso dianteiro. — Conseguiu articular. Separou os dedos de uma mão do pescoço de sua camisa o suficiente para tentar tirá-la. Colocou a mão entre seus corpos, lutou contra o apertado das costuras de seu jeans e agarrou a velha chave.

Extraiu-a com dedos trêmulos e esteve a ponto de tirar um olho com ela.

— Toma. Fá-lo você. Eu não posso. — Conseguiu dizer entre ofegos.

Ele agarrou a chave, conseguiu colocá-la na fechadura na terceira tentativa e a girou com



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

tanta força que ela chegou a preocupar-se um pouco de que rompesse a fechadura. A porta se abriu de golpe, pegando contra a parede oposta e ao fim estavam dentro. Devon fechou a porta de um chute e cruzou o salão para a cama.

Ela brigou com a camiseta dele para tirá-la dos jeans e pelos braços. Não podia tirá-la pela cabeça estando pega seu peito, assim se contentou lhe enchendo de beijos o peito e lhe morder os bicos do peito com os dentes.

Devon ao fim alcançou a cama e a atirou no meio. O impacto fez que o soltar e ele aproveitou para livrar-se de sua roupa. Inclusive lhe deu tempo a tirar uma camisinha de seu bolso antes de voltar sua atenção a ela, que tinha tirado a blusa e o sutiã em cinco segundos e os jeans, as meias e os sapatos em dez. Ele a agarrou justo nesse momento e a voltou para que ficasse de barriga para baixo sobre seu estômago.

Puxou seus quadris para cima e a pôs de joelhos. Ela mal teve tempo de afastar o cabelo da face e apoiar-se nas mãos antes que a investisse sem avisar.

Gritou e o som atravessou o tranquilo ar da suíte enquanto ele entrava até o fundo dela, lhe golpeando o traseiro com o púbis e mantendo-se ali. Ela voltou a gritar e se sentiu pulsar ao redor de seu duro pênis. Seu corpo lutava por ajustar-se à repentina invasão.

— Está bem? — Conseguiu perguntar ele entre ofegos. Ela se voltou a olhá-lo por cima do ombro. Devon tinha a face avermelhada e os olhos brilhavam grosseiramente enquanto se mantinha em seu lugar sem mover-se, esperando sua resposta.

— Sim. — Gemeu — Foda-me.

Seus olhos cintilaram, seus lábios formaram uma careta parecida com um sorriso e ele começou a investir de novo.

Lacey se agarrou à colcha, apertando a testa contra o dorso de suas mãos enquanto ele empurrava. Nessa posição, com os quadris altos e os ombros junto à cama, podia sentir cada centímetro firme e feroz de seu pênis quando entrava e golpeava seu ponto G com cada investida. Podia notar o nó de tensão que se apertava mais e mais em seu ventre enquanto ele empurrava mais forte e mais rápido. Em segundos ficou a gritar.

Pareceu seguir e seguir, suas contínuas investidas mantinham seus espasmos até que ele deixou escapar um grito rouco. Manteve-se firme em seu interior enquanto as pulsações e os estremecimentos de seu orgasmo o ordenhavam até lhe deixar seco. Ficaram ali suspensos durante um comprido momento até que ele finalmente se deixou cair sobre ela.

Lacey sentiu que os joelhos falhavam e ele caiu sobre ela pelo repentino desamparo, o que fez que seu pênis, ainda semi rígido, introduzisse mais dentro. Gemeu quando essa ação provocou uma nova onda de espasmos em sua vagina.

— Deus. — Disse ele quase sem voz enquanto seu pênis se agitava um pouco em seu interior — Vai me matar.

Ela riu baixinho.

— Acredito que isso tinha que dizê-lo eu.

Ambos ficaram ali tombados ofegando. Ele afastou o cabelo do pescoço para lhe dar um beijo.

— Não estou muito pesado?

— Não. — Suspirou — Ao menos ainda não.

— Bom, será melhor que me afaste de todas as formas... — Saiu dela, provocando mais estremecimentos quando seu pênis roçou sua carne sensível. Sentiu que rodava para um lado, ouviu-o mover-se enquanto se ocupava da camisinha e depois a puxava para seu corpo de forma



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que ambos ficassem aconchegados sobre a colcha.

Lacey suspirou, acomodando-se melhor no casaco de seus braços.

— Que bom...

— Mmmmm.

— Sabe o que o faria ainda melhor?

Ele afastou-lhe mais o cabelo para beijá-la na orelha.

— O que, neném?

— Um sanduíche de dois andares.

A sua declaração seguiu um momento de silêncio e depois a cama começou a sacudir-se com sua risada.

— O que? — Disse ela e se voltou para olhá-lo enquanto ele se derrubava na cama partido de risada — Tenho fome!

— Que forma de matar o romantismo! — Disse virtualmente dobrado pela metade.

— Ouça, dentro de um minuto meu estômago vai começar a grunhir. Resulta-te isso muito romântico? — Perguntou-lhe lhe cravando um dedo nas costelas, o que só lhe fez rir mais.

Ela sorriu.

— Nossa... Olhe o que temos aqui. — Voltou a fazê-lo, encantada quando do viu retorcer-se convulsivamente — Tem cócegas!

— Isso não é... Ouça! — Agarrou-lhe as mãos, amaldiçoou quando conseguiu escapar e soltou todos os juramentos que conhecia quando ela começou a lhe fazer cócegas por todo o lado.

— Muitas cócegas! — Repetiu rindo e se dedicou a isso de pleno.

Devon uivou para protestar e começou a defender-se de forma agressiva, amaldiçoando cada vez que ela conseguia saltar-se seu agarre. Lutaram rodando pelo colchão e o ar se encheu de risadas, grunhidos e ofegos. Ele finalmente conseguiu segurá-la contra a cama, com as mãos agarradas junto a suas orelhas. Ambos estavam sem fôlego.

Ela puxou suas mãos.

— Me solte.

— Promete-me que não me fará cócegas?

Ela engoliu uma risada que ameaçava escapar e tentou parecer séria e sincera.

— Prometo-o.

Ele franziu o cenho, suspicaz obviamente, e ela piscou com cara de inocência.

— Certo. — Disse muito lentamente. Ainda não confiava nela, mas lhe soltou as mãos.

Estava tenso e espectador, esperando obviamente que ela voltasse a lançar-se para o ponto vulnerável de suas costelas. Mas Lacey colocou as mãos atrás da cabeça e sorriu.

— O que vamos fazer para comer? — Perguntou e lhe custou conseguir não rir diante a expressão aliviada de sua face.

Deu-lhe um breve beijo nos lábios antes de incorporar-se para acabar sentado a um lado da cama. Agarrou seu celular da mesinha e olhou o relógio.

— Deus, já são duas e meia.

— Não é de estranhar que tenha fome. — Rodou para um lado e reprimiu um bocejo — Escuta como temos o jantar incluído esta noite no restaurante principal...

— Ah, sim?

— Claro! Está no folheto. De todas as formas... — Prosseguiu — Como vamos jantar aqui esta noite, vamos procurar outro lugar para comer.

— Certo. — Ele se retorceu para colocar beijos no seu pescoço — Acredito que antes



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

deveríamos nos dar uma ducha.

— Mmmmm... — Inclinou a cabeça para lhe dar mais espaço que beijar — Mas antes disso quero fazer algo.

Ele levantou um pouco a cabeça com uma sobrelance arqueada.

— Sim? — Disse em um ronrono. Acariciou-lhe todo o lado com a palma da mão e sorriu levemente quando ela estremeceu — E o que é?

Ela levantou a cabeça e aproximou sua boca a um milímetro da de Devon.

— Isto. — Sussurrou e, levantando uma perna, enterrou os dedos de um de seus pés nas costelas.

Ele deu um salto e soltou uma maldição enquanto ela explodia em gargalhadas.

— Agora você conseguiu. — Advertiu ele e se lançou sobre ela.



Levou-lhes outra hora preparar-se para sair a comer, porque a batalha de cócegas prosseguiu na ducha que compartilharam. Ele conseguiu que ela concordasse com uma trégua depois de mantê-la um bom momento sob o jorro de água fria até que ao fim se rendeu.

Encontraram uma cafeteria onde comeram uns sanduiches enormes e de sobremesa tomaram sorvete de casquinha.

Para quando voltaram para hotel, Lacey não deixava de bocejar. Devon ria dela enquanto colocava a chave na fechadura.

— Mas o que está acontecendo? — Perguntou-lhe enquanto a agarrava por cotovelo porque tinha estado a ponto de estampar-se contra a parede.

Fechou a porta atrás deles e a guiou até o dormitório.

— Por que não tira uma sesta? — Sugeriu — Não temos que ir a nenhuma parte e eu posso me ocupar de umas coisas que tenho que fazer e comprovar se Jack tiver já algo bom sobre Felicity enquanto você dorme.

— Está seguro? — Perguntou ela embora já se estivesse tirando os sapatos e lançando-se sobre a cama.

Ele riu e sacudiu a cabeça.

— Sim, estou seguro. Veem aqui. — Disse segurando-a e puxando-a para a parte superior do colchão — Tudo bem?

— Bem... — Reconheceu — Me passa uma manta? — Perguntou sonolenta.

— Claro neném. — Desdobrou a manta que havia aos pés da cama e a tampou com ela — Está cômoda?

Como não respondeu, olhou-a a cara.

— Lacey? — A única resposta foi um suave ronco. Sacudiu a cabeça — Que estranho... Nem os roncos conseguem que deixe de me pôr duro. — Disse com sarcasmo observando à silhueta que dormia. Fechou a porta do dormitório com cuidado e se acomodou com precaução sobre uma das cadeiras de vime do salãozinho.

Quando esteve seguro de que aguentava seu peso, agarrou suas coisas e ficou a trabalhar. Tinha um dossiê detalhado de Devereaux, mas decidiu começar com Felicity. Havia algo sobre ela



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que o estava aporrinhando, rondando pelas bordas da consciência, mas que não acabava de identificar. Esperava que repassando os detalhes de sua vida pudesse dar com isso.

Embora conhecesse a maior parte de cor, voltou para o básico e foi lendo toda a informação de fundo sobre ela. O que incluía o dossiê era um eco do que lhe tinha contado há Lacey umas horas antes: a morte de seu pai, sua subsequente busca de algo que desse validade à vida desse homem a olhos do mundo e, ao não encontrá-lo, como ela adotou sua mesma forma de vida.

Havia notas dos peritos em psicologia que lhe tinham feito perfis ao longo dos anos, muitos e de diferentes agências. A conclusão a que chegavam à maioria deles é que tinha compensado a falta de amor e carinho de seu pai com a crença de que ele estava fazendo um trabalho importante, salvando o mundo dos monstros. Quando saiu à luz que ele era um dos monstros, ela se negou a acreditar na maldade do homem e simplesmente trocou suas lealdades.

Sua associação com Devereaux seguia o mesmo padrão. Um homem dominante em uma posição de autoridade e que lhe dava a atenção que sempre quis obter de seu pai, mas que nunca teve. E tendo em conta que Devereaux estava essencialmente no mesmo negócio que seu pai, tinha-lhe resultado virtualmente irresistível a Felicity.

Devon franziu o cenho enquanto observava as fotos do arquivo. Havia muitas fotos instantâneas dela e Devereaux em diferentes posturas e lugares. Era uma garota muito bonita, com um bom arbusto de cabelo ruivo e uns olhos azuis que ele sabia que podiam brilhar pela calidez ou voltar-se gelados. Tinha enganado a muita gente com sua bonita e alegre cara, por isso era um elemento tão importante para Devereaux e sua gente.

Devon passou a página e se deteve o encontrar-se com uma foto em branco e negro de Felicity e Simon em Paris. Estava algo imprecisa, com muito grão e tomada de longe: ambos estavam ao pé da Torre Eiffel. Essa foto a havia feito ele e era a única vez que os tinha visto atuar de uma forma remotamente íntima um com o outro. Não se tocavam, mas estavam perto, olhando-se nos olhos da mesma forma em que o fazem os casais quando se conhecem.

Havia dito a verdade a Lacey sobre que não tinham nenhuma prova de que ambos eram amantes. Sempre o tinham suposto já que nenhum dos dois parecia manter nenhuma outra relação, mas ele nunca tinha chegado a acreditar de tudo nessa história. Os dois estavam unidos, sim, mas sempre lhe tinha parecido que era mais uma relação de irmãos que uma romântica. Tinha dado sua opinião mais de uma vez, mas sempre tinha sido rechaçada por seus superiores ou outros agentes da investigação; parecia-lhes irracional, inocente incluso, pensar que não estavam "trocando fluídos", segundo a expressão que utilizou um espião novato uma vez.

A maioria dos membros da comunidade de inteligência pensavam o mesmo. Viviam na mesma casa na Espanha, trabalhavam lado a lado. Era bastante natural assumir que deviam ser amantes, mas Devon nunca o tinha tragado. Todo mundo estava de acordo com que a adoração heroica que Felicity sentia por seu pai se transformou em amor pelo Devereaux e ele não acreditava fosse provável que ela chegasse a ter intimidade com uma figura paterna. Existia a possibilidade, claro, mas ele tinha passado os últimos dez anos de sua carreira lhes observando e não acabava de vê-lo.

Pegou o telefone e marcou o número de Jack.

— Jack, sou eu. — Disse quando ele atendeu — Me diga que encontrou algo.

— Devon, cara, eu gostaria.

Devon passou uma mão pelos olhos e soltou um juramento.

— Ainda nada?

— Revisei todos os dados sobre Devereaux desde o de Praga, o pouco que há, e, além de



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

uma aparição em Budapeste, não há nada de Felicity.

— Maldição... Não tem sentido. — Grunhiu Devon.

— Mas essa é a menor de suas preocupações. — Continuou Jack — Que tipo de informação lhe deram de Devereaux?

— O que quer dizer?

— Você me diga, quanta informação tem de suas atividades no último ano?

Devon tirou a pasta de sua bolsa e a abriu.

— Tudo: localizações, atividades...

— Há muita informação ou só pinceladas?

— Bom, não há muito sobre seus sócios, o que me resulta estranho tendo em conta que não está acostumado a fazer nenhum movimento sem Felicity. Mas, além disso, é um relatório completo.

Jack soltou um juramento.

— Temia isso.

— Mas de que demônios está falando?

— Devon, mergulhei um pouco nos arquivos desse sujeito...

— Pirateou o FBI? Deus, Jack, será melhor que cubra bem seu rastro.

— Está bem coberto, certo? Mas escuta: quando me meti no arquivo, dei uma olhada ao registro de dados e isso mostrava que noventa por cento dos dados sobre o último ano se acrescentaram nas últimas seis semanas. Alguém esteve preenchendo os ocios.

Devon esperou um momento e depois disse:

— Estou esperando a que me diga que é brincadeira...

— Não estou brincando. Alguém se dedicou a preencher esse arquivo conscientemente: aparições, comunicações interceptadas, trabalhos, o dessa confusão da falsificação... Tudo acrescentado em um intervalo de duas semanas faz um mês e meio.

A mente de Devon ia a toda velocidade.

— E que razão poderia ter alguém para inventar tudo isto?

— Só me ocorre uma possibilidade e não é boa.

— Acredita que o fizeram deliberadamente para me colocar nisto.

— Isso.

De repente estava muito nervoso para ficar sentado, assim Devon se levantou para percorrer de cima a baixo a habitação.

— Devereaux foi sempre um de meus casos ativos e virtualmente meu único trabalho durante quase um ano. Passei seis meses me dedicando nada mais que a organizar o da Praga.

— E por que não seguiu com isso depois da Praga?

Devon fez uma careta.

— Primeiro, porque me culpavam de não ter podido pegá-lo naquela jogada a rede. E segundo, não era nenhum segredo que eu queria sair de tudo. Estava pondo ao dia a um par de agentes e depois iria. Esse foi sempre o plano.

— Mas você foi o que mais experiência tinha com ele, não?

— Sim.

— Então talvez procurassem garantir que te envolvesse nisto. E se não o fazia por si mesmo, aqui há suficiente para que alguém te obrigasse a fazê-lo.

— Merda! — Exclamou e depois lançou um olhar culpado para o dormitório. Baixou a voz — Tenho que dar uma olhada aos arquivos não retocados.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Tem acesso a algum computador? Posso escrever isso em um rascunho de um correio eletrônico.

Voltou a olhar para o dormitório. Não queria que Lacey soubesse o que estava ocorrendo, não até que ele soubesse ao menos.

— Sim, mas não quero fazê-lo daqui. Há um cybercafé há uns dez minutos daqui. O olharei dali. Dê-me a informação da conta.

Tirou uma caneta e um papel e Jack lhe ditou um nome de usuário e uma contra-senha.

— Certo. Voltarei a chamar quando tiver dado uma olhada.

— Estou escrevendo isso agora mesmo. — Assegurou Jack — Espero sua chamada, Devon.

— Conta com ela. Devon desligou.

— Merda!

Que alguém tomasse tantas moléstias para fabricar uma situação que obrigasse o participar dela não era nada bom. Significava que quem quer que estivesse puxando os fios tinha dinheiro, contatos na comunidade de inteligência e uma enorme conta pendente com ele.

O que era bastante para que se preocupasse, mas também estava Lacey. Era uma friki dos computadores, não uma agente, e não estava treinada para uma situação como essa. Demônios, a única razão pela que tinha aceitado a levá-la nessa viagem era porque se supunha que se tratava estritamente de observar. Identificar Devereaux, alertar o escritório de Chicago, que a sua vez avisaria o Tesouro e então eles entrariam e se ocupariam.

Agora enfrentava a uma situação muito mais séria, uma que podia fazer que ambos acabassem em uma posição incômoda. Amaldiçoou baixo odiando essa sensação de impotência que o embargava. Precisava ir ao cybercafé e dar uma olhada ao correio de Jack para ver exatamente quão elaborada era a história que tinham montado. Depois já se preocuparia de encontrar a melhor maneira de tirar Lacey da ilha para evitar qualquer dano enquanto ele se ocupava disso.

Rebuscou na bolsa em busca da nove milímetros, carregou-a e a meteu nas calças, às costas. Guardou o telefone no bolso dianteiro e caminhou para a porta do quarto. Abriu-a com muito cuidado e viu que Lacey se pôs de barriga para cima. Tinha uma mão sobre o estômago, à outra junto à face com a palma para cima e os dedos levemente curvados. Sentiu uma leve opressão no peito ao vê-la e de repente ficou furioso com quem fosse que tinha idealizado aquilo. Ele estava acostumado a correr riscos em sua vida; era parte de seu trabalho e sempre o tinha aceitado como a face má de sua atividade. Mas ela era inocente, só uma desenhista de páginas web a que lhe dava bem o pirateio informático e não tinha nem o caráter nem o treinamento para tratar com uma coisa tão séria como o que ele temia que lhes vinha em cima.

Olhou o relógio. Não queria interromper seu sono, mas tampouco que despertasse e se encontrasse sozinha, perguntando-se onde teria ido. Mas se livrou de ter que tomar uma decisão quando ela começou a estirar-se.

Bocejou e estirou os braços para a cabeceira, o que provocou que a manta se deslizesse por seu corpo e que a camiseta subisse deixando exposta uma estreita tira de ventre sedoso.

Abriu os olhos e piscou para enfocá-lo.

— Devon? — Murmurou — O que faz?

— Observava-te despertar. — Disse despreocupadamente, embora lhe custasse manter a voz tranquila. Estava furioso, mas ela não sabia que não tinha nada que ver com ela e além não queria alarmá-la — Não queria sair sem despertar antes.

— Aonde vai? — Perguntou de uma vez que voltava a bocejar.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Preciso fazer uma visita ao cybercafé daqui perto. — Disse por que tinha decidido manter as coisas o mais perto da verdade possível. Ela era muito observadora quando estava acordada e não queria preocupá-la até que fora necessário — Jack me enviou certa informação e não quero usar meu portátil.

Ela franziu o cenho, incorporou-se e se esfregou os olhos.

— É igual de perigoso acessar o correio de um cybercafé. O correio é o correio, depois de tudo. Se o podem localizar aqui, também podem fazê-lo no cybercafé.

Ele deu de ombros.

— Realmente não chegou a me mandar o correio. Tem-no escrito e guardou um rascunho, mas não chegou a enviá-lo. Eu só tenho que acessar a conta e ler o rascunho. Não se manda nada, assim não se pode localizar nada. E criou essa conta só para isso, assim que ninguém além de nós sabe que existe.

— Certo. Mas me dê um beijo antes de ir. — Disse sorrindo, sonolentemente sexy.

Ele sorriu e se agachou para lhe cobrir a boca com a sua. Ela soltou um gemido de prazer quando lhe introduziu a língua em sua boca. Tinha sabor quente e picante e Devon soube que se não saía de ali imediatamente, não o faria.

— Tenho que ir. — Disse abandonando sua boca e riscando a linha da mandíbula com uma fileira de beijos.

Lacey suspirou.

— Certo. Traga-me um pouco mais de doce de açúcar, importa-se?

— Se já tem como dois quilogramas...

— Sei. — Disse — Mas isso é só uma reserva de emergência. Não quero tocá-lo se não me vejo obrigada.

Ele riu apesar da preocupação.

— Certo, trarei mais. De algum sabor em particular?

— Tenta encontrar de xarope bordô, mas sem frutos secos. — Franziu o cenho — Por que danificá-los pondo frutos secos?

Ele sacudiu a cabeça maravilhado pela forma em que funcionava seu cérebro.

— Não tenho nem ideia. O que vai fazer enquanto estou fora?

— Acredito que vou tomar um banho. — Disse — Há por aí uns sais de banho de lavanda, assim que acredito que agarrarei uma revista de moda e me encharcarei um pouco.

— Ah, sim? — Sorriu — Não acabe com a água quente; colocarei-me contigo quando voltar.

— De verdade? — Agora foi ela quem sorriu — Não ameaça sua masculinidade cheirar a lavanda e se colocar em um banho de bolhas?

— Claro que não. — Disse — O óleo de lavanda se utilizou durante séculos para aliviar os músculos doloridos, os dores de cabeça e a tensão.

Ela piscou.

— Ah, sim?

— Sim. — Devon lhe tocou a ponta do nariz e sorriu — É uma erva forte. Muito masculina.

Ela riu e lhe deu um empurrão.

— Sai daqui, espião falso.

— Certo, certo, vou. — Separou-se da cama e se encaminhou à porta — Xarope de bordô sem frutos secos, não?

— Isso. E um pouco de baunilha também!

Despediu-se por cima do ombro e desapareceu pela porta.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey voltou a deixar cair na cama e tentou respirar com normalidade, mas isso não obteve controlar as mariposas de seu estômago. Começava a sentir-se muito enganchada com esse agente secreto. Não gostava da ideia de que ambos tomassem caminhos diferentes quando voltassem para Chicago; só pensando nisso sentia uma pontada de temor no estômago.

Fez uma careta. Não era um bom sinal ficar triste ao pensar em romper com um cara que só conhecia desde fazia menos de três dias e com o que não estava saindo, tecnicamente.

Deitar-se com alguém não cria uma relação; ela não tinha mais que acordar-se do que lhe tinha passado durante seus anos de universidade.

Mas o certo é que não pareciam só amigos com direito a roce... Parecia... Parecia uma relação. Levantou-se da cama franzindo um pouco o cenho. Encaminhou-se ao banheiro e pôs o plugue na banheira antiga com quatro patas em forma de garras. Agarrou os sais de banho efervescentes, jogou um generoso punhado, abriu os grifos e ajustou a temperatura até que quase queimava. Enquanto olhava como a banheira se ia enchendo de bolhas, obrigou-se a ser sincera consigo mesma sobre seus sentimentos pelo Devon.

Sentiu um nó no peito quando se deu conta de que a pura verdade era que queria estar com ele. Gostava: seu humor, seu sentido de contrária responsabilidade para o governo, embora este já se levasse uma boa parte de sua vida... E Deus sabia que gostava de sua aparência e que adorava sua capacidade sexual.

— Bom isso me faz parecer superficial. — Murmurou para si e depois deu de ombros: era certo. Gostava que estivesse em contato com sua própria sensualidade e que não temesse parecer lascivo, tolo, saído ou dominante, que Deus a ajudasse se ele alguma vez a ouvia dizer isso. Não era uma mulher com fantasias do tipo "me ate forte, papaizinho", mas quando ele a olhava com essa luz nos olhos, essa que a fazia sentir que se não estava nua e tombada de barriga para cima em cinco segundos, ele a obrigaria pela força, quão feminista haviam nela desaparecia e a gata no cio colocava a pança acima a rogar atenção.

Estremeceu-se ao pensá-lo e fechou o grifo. Acabava de começar a tirar a roupa quando ouviu que seu celular soava na outra habitação. Saiu correndo a responder pensando que Devon teria esquecido algo.

— O que esqueceu? — Disse diretamente ao agarrá-lo.

— Lacey? — A voz do telefone soava baixa, mas inconfundível.

Ela franziu o cenho.

— Gordon?

— Sim, sou eu. Sou eu, Gordon.

— Gordon, por que me liga? — Lacey não sabia muito do negócio dos espões, mas estava bastante segura de que as chamadas do FBI enquanto se estava tecnicamente em uma missão de incógnito não eram parte do procedimento habitual.

— Escuta, tenho que falar contigo, certo? Tenho que falar contigo. — Soava mais nervoso do habitual, o que era como dizer que as animadoras dos Dallas Cowboys estavam mais animadas do normal.

— Por quê? — Lhe ocorreu algo de repente — É que aconteceu algo?

— Sim, passou algo, isso. Pode se reunir comigo?

— Me reunir contigo? Quer dizer que está aqui? — Já estava começando a alarmar-se. Por que ia estar Gordon ali a não ser que algo ia verdadeiramente mal?

— Sim, estou aqui, acabo de chegar. Vim no Ferry. Não me gostou de nada o Ferri, me enjoou. Enjoou você no Ferri? Pois eu sim. Tanto saltinhos e balanço...



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Gordon! — Disse Lacey quase gritando — O que está fazendo aqui na ilha? O que aconteceu?

— Bem? Não, por telefone não. É... É mau, certo? É algo mau. Pode se reunir comigo?

Ela já se estava pondo as sandálias.

— Onde está?

— Bem... Espera. — Quase pôde ouvir como girava a cabeça para procurar algo que lhe servisse para lhe indicar onde estava — É uma loja de doce de açúcar.

Lacey soltou um juramento enquanto procurava uma caneta no escritório.

— Qual Gordon? Há dúzias na ilha.

— Ah, sim? Por que acredita que comerão tanto doce de açúcar aqui? Talvez seja porque em inverno faz muito frio e...

— Gordon!

— Perdão. Está justo junto ao lugar onde me deixou o Ferry. Tem um toldo azul com raias vermelhas, mas não vejo o nome.

— Não se preocupe, te encontrarei. — Procurou a seu redor para encontrar algo onde escrever. Agarrou o folheto do forte do Mackinac e ficou a escrever por trás — Estarei aí em dez minutos.

— Certo, mas ande pressa, tá? Deveria te dar muita pressa.

— Está bem. — Pendurou o telefone e escreveu uma breve nota a Devon, o amaldiçoando por não lhe haver dado seu número de seu celular. Não tinha nem ideia do tempo que lhe ia levar ver o correio de seu amigo, mas não queria esperar a que voltasse antes de ir ver o Gordon e descobrir o que o deixava tão nervoso. O homem não era um agente de campo, assim se algo era o suficientemente importante para tirar o do escritório e trazê-lo até ali um domingo, não queria esperar. O cybercafé estava a uma quadra da loja em que Gordon a estava esperando, assim, com sorte, poderia chegar até o Devon com rapidez se o necessitava.

Meteu a segunda chave da habitação no bolso e se voltou para a porta. Então viu a bolsa de Devon sobre a mesa. Hesitou um momento mordendo o lábio inferior e depois olhou dentro.

A arma com a que tinha estado praticando já não estava; supôs que a levaria ele consigo.

Mas havia outras armas ali. Enquanto comiam havia dito que todas seguiam mais ou menos o mesmo procedimento, que se carregavam e disparavam igual. Tinha-lhe explicado que lhe tinha feito praticar com a mais pesada para que se acostumasse ao peso no caso de, mas que, se metiam em algo perigoso, preferiria que ela utilizasse uma das pequenas.

Olhou o mostruário. Ele tinha comentado algo de uma banhada em níquel com a que queria que praticasse mais tarde, assim escolheu a única prateada que havia no grupo e fez um gesto de asco ao agarrá-la com a mão. Recordou isso de que todas as armas se carregavam igual e decidiu que seria melhor que o comprovasse. Só necessitou uma tentativa para conseguir tirar o carregador, viu que estava cheio de umas balas pequenas que lhe davam repulsão só de vê-las e voltou a introduzi-lo. Comprovou que o seguro estava posto, como lhe tinha ensinado Devon por precaução e inspirou fundo.

Não estava segura de por que tinha querido pegar a arma, mas tinha o pelo arrepiado da nuca de uma forma que tinha aprendido a não ignorar; a última vez que o sentiu assim tinha sido justo antes de pegar Matt Fisher sob os degraus com a Melanie Redding no dia antes do baile de graduação ao que, supostamente, Matt ia com ela, assim fazia bastante tempo. Mas sua mãe não a tinha educado para ser uma estúpida e só uma estúpida ignoraria o pelo de sua nuca.

Colocou a arma com cuidado no bolso dianteiro de seu jeans, por sorte havia trazido uns



cômodos e soltos, em vez dos escuros e sexys, e se encaminhou à porta, rezando para não estar exagerando.

Capítulo 19

Devon cruzou o vestíbulo em direção a sua suíte tentando controlar seu gênio. Não queria que Lacey soubesse quão terrível era a situação até que tivesse algumas respostas, assim se estava controlando até então. Mas quando se inteirasse de quem estava atrás desse embrulho, ia se assegurar de duas coisas: que não voltasse a trabalhar para o FBI ou nenhum departamento de segurança federal, estatal ou inclusive local nunca mais e de que necessitasse muletas durante pelo menos um mês.

Colocou-se totalmente em um embrulho enorme. "Melhor dizendo, colocaram-me em um embrulho enorme", pensou. O arquivo que tinha o escritório de Chicago, e inclusive o que lhe havia dado o diretor pessoalmente, tinham sido profundamente alterados e, por isso parecia, noventa por cento da informação era inventada. Jack tinha tirado tudo o que tinha podido encontrar nos registros de dados e toda a informação que detalhava as supostas atividades de falsificação de Devereaux, os possíveis compradores para as pranchas e inclusive o fato de que se estabeleceu no Canadá era uma patranha.

Os únicos dados que tinham sido introduzidos da forma regulamentar segundo o que Jack tinha sido capaz de verificar, eram algumas aparições na Europa que datavam de mais de um ano atrás e a informação que havia sobre eles era escassa. A aparição de Felicity em Budapeste depois da operação errada de Praga estava entre esses dados e ele sabia que isso era certo porque por então ainda estava trabalhando no caso. Além disso, o arquivo inteiro, todos os dados de inteligência recolhidos sobre o Devereaux, pareciam não ser mais que uma cortina de fumaça.

Devon engoliu uma maldição quando se deteve diante a porta. Tinha que acalmar-se antes de entrar ou Lacey saberia que algo ia mal. Não era estúpida, nem tampouco uma mulher paciente e ele sabia que não o deixaria em paz até que lhe dissesse o que estava ocorrendo.

Inspirou fundo, mas isso não conseguiu acalmar nem sua raiva nem sua preocupação. Tanto ele como Jack somente tinham encontrado uma razão para que alguém se tomasse tantas moléstias para alterar os arquivos: fosse quem fosse quem estava atrás, ia a por ele especificamente. Só pensá-lo fez que um calafrio de temor lhe percorresse as costas.

E não temia por ele. Estava furioso pelo engano, e por saber que alguém dentro do FBI ou do Departamento do Tesouro era o responsável, e se tivesse estado sozinho simplesmente se haveria arrojado atrás desses bodes com a arma por diante. Quão único o freava era a mulher que certamente estaria metida em um banho de bolhas ali ao lado.

Lacey não tinha nada que ver com qualquer rancor que ninguém pudesse lhe guardar, e tinha que ser muito importante para que essa pessoa se esforçasse tanto para lhe estender uma armadilha, e a só ideia de que ela acabasse exposta a um perigo desnecessário fazia que lhe fervesse o sangue de raiva. Tinha que encontrar a maneira de tirar a da ilha e rápido. Franziu o cenho ao colocar a chave na fechadura, tentando encontrar uma razão pela que ela tivesse que ir-se sem ele. E tinha que ser boa, porque Lacey não ia se acreditar uma desculpa tola como que já não a necessitava. Podia tentá-lo, mas estava seguro de que lhe daria um murro no nariz, dir-lhe-ia que se fosse ao inferno e voltariam aonde começaram.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Girou o pomo incapaz de pospor sua entrada mais tempo. Estava bastante avançada a tarde e se queria que ela agarrasse o último Ferry, ia ter que inventar algo rápido. Se era necessário, utilizaria sua identificação do FBI para conseguir ajuda das autoridades locais. Fez uma careta mentalmente diante a ideia de obrigá-la a abandonar a ilha ou a noção não menos preocupante de pô-la sob proteção. Não ia gostar. De fato o mais provável é que montasse um escândalo e tentasse lhe arrancar os olhos, mas ao menos estaria segura. Já se ocuparia depois de reconciliar-se com ela, quando o perigo tivesse passado.

Apartou os pensamentos de todas as humilhações que ia ter que suportar para consegui-lo, e não duvidava de que seriam muitas, e cruzou a porta. O salão estava vazio, mas havia certa umidade no ar e pôde cheirar a lavanda, assim deixou a chave em uma mesa auxiliar e disse em voz alta:

— Lacey, cheguei. Ainda está na banheira?

Não respondeu, mas ouviu ruído de água que chegava do dormitório, assim supôs que assim seria. Tirou-se a arma da cintura das calças e a deixou na mesa junto a sua mochila. Já se estava voltando-se para ir ao banheiro a reunir-se com ela quando algo de sua mochila lhe chamou a atenção. Olhou-o e franziu o cenho. Estava desordenado e todo seu conteúdo misturado, o que fez que lhe arrepiasse o pelo da nuca.

— Lacey. — Voltou a chamar esta vez com um tom de urgência em sua voz. Estendeu a mão em busca de sua arma quando uma voz a suas costas o deixou gelado.

— Oh, acredito que teve que sair correndo.

Devon sentiu que o estômago caía aos pés. Conhecía essa voz, tinha ouvido seu sotaque britânico em numerosas fitas de vigilância e o fato de que estivesse em sua habitação de hotel e que Lacey não a visse por nenhuma parte não pressagiava nada bom.

Voltou-se para olhá-la com na face completamente inexpressiva.

— Olá, Felicity.



Para quando Lacey chegou à loja de doce de açúcar já tinha desenvolvido virtualmente um ataque de pânico. Todo tipo de situações lhe enchiam a mente e nenhuma delas era boa. A arma, metida em seu bolso, parecia pesar uma tonelada.

Encontrou a loja com o toldo azul com raias vermelhas e entrou, afastando a um casal de garotas adolescentes que não deixavam de rir e que levavam pendentes no umbigo e extensões no cabelo. Encaminhou-se à caixa. Viu o Gordon imediatamente. Levava o que estava segura que era seu traje habitual no verão: bermuda, sandálias com meias de esporte e uma camiseta com a que parecia Jimmy Buffet a ponto de cantar Margaritaville. Tinha na mão um punhado de doces e os estava provando com deleite.

— Gordon!

Ele se voltou para ela e sua face redonda se iluminou com um sorriso em que mostrou seus dentes manchados de caramelo.

— Lacey! Provou os doces daqui? São geniais, melhores que os que fazia minha mãe em casa. Mas isso não o posso dizer a ela, nunca o diria por que então...



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Gordon!

O homenzinho piscou.

— O que?

Ela ficou olhando-o.

— Pediu-me que venha aqui para me dizer algo...

— Oh, sim! — Limpou-se as mãos apressadamente e colocou o resto do caramelo em uma bolsa de papel — Sim, tinha que falar contigo porque há um problema. Um problema com... — Se interrompeu, olhou a seu redor e baixou a voz até convertê-la em um sussurro que todo mundo podia ouvir perfeitamente — Com a missão.

Lacey conteve sua impaciência com esforço, agarrou-o pelo cotovelo e o tirou da loja.

— O que ocorre, Gordon? É que Devereaux está atrás de nossa pista?

Ele assentiu agitando sua cabeça redonda tão rápido que um se enjoava ao olhá-lo.

— Sim, vai atrás de você, de você e desse cara, assim temos que ir. Temos que ir agora.

— Certo, irei a pelo Devon e iremos. — Girou-se para encaminhar-se para o cybercafé, mas não lhe deu tempo a dar dois passos quando uma mão se fechou sobre seu pulso.

— Não, temos que ir agora mesmo, Lacey. — Gordon tinha a cara vermelha e os olhos se saíam das órbitas. Começou a puxá-la com uma força surpreendente para o porto esportivo — Devon já está a bordo, assim temos que ir já.

Lacey teve que acelerar o passo para manter-se à altura de Gordon, que seguia lhe segurando o pulso com a força suficiente para lhe machucar. Guiou-a mais à frente do mole de madeira onde se alinhavam iates, navios de vela e navios esportivos que cabeceavam na água.

— A bordo? Onde?

— Aí. — Disse e assinalou um navio que havia ao final do mole, no último atracadouro, justo ao lado da bomba de combustível. Ali tinha amarrado um bonito navio de vela, um precioso balandrau com cobertura de teca.

— Devon já está aí? — Perguntou — Deve havê-lo encontrado assim que sai do hotel.

— Sim, justo então, justo à saída. O ummmm... Outro agente o viu e o trouxe aqui.

Ela franziu o cenho.

— E então por que demônios não voltou a entrar para me buscar?

Gordon se deteve junto ao navio.

— Porque quase o vê. O mau, Devereaux, esteve a ponto de vê-lo. Tínhamos que tirá-lo dali.

Lacey franziu o cenho.

— E onde estava Devereaux? E por que não o prenderam ali mesmo?

— Não sei só me disseram que te chamasse. Temos que ir, Lacey, de verdade que temos que ir. — Assinalou ao navio — Temos que ir já.

— Certo. Certo. — Murmurou. Subiu no navio passando agilmente por cima da corda de salvamento que rodeava a cobertura e apoiando-se em um banco que flanqueava a ponte de comando. A escotilha estava aberta, assim entrou na ponte e olhou pelo oco da escotilha, mas o interior estava muito escuro para que ela pudesse ver nada.

— Devon? — Perguntou em voz o suficientemente alta para que ele pudesse ouvi-la, mas não tanto como para que o som viajasse muito longe. Não obteve resposta.

Olhou por cima do ombro a Gordon que se agarrava com tanta força à corda de salvamento que ela acreditou que a ia quebrar. Esperou até que ele chegou onde estava ela.

— Onde está Devon? — Voltou a perguntar.

— Está aí abaixo, já está a bordo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— E por que não me responde quando o chamo? — Inquiriu. De repente se tinha posto muito nervosa. O pelo da nuca lhe tinha arrepiado de novo.

— Provavelmente não te tenha ouvido. É um navio muito grande.

Lacey se voltou para olhar a Gordon com os pés firmes sobre a coberta e os joelhos relaxados para absorver o balanço e a sacudida de cabeça do navio.

— Não tem mais que quinze ou vinte metros de comprimento do navio, Gordon. É grande, mas não o suficiente para que não possa me ouvir. O que é o que está ocorrendo?

— Sinto muito, Lacey, sinto muito, mas há um problema, um grande e não sei o que fazer. — Parecia aflito, com a face de abatida e tensa e Lacey sentiu que começava a lhe invadir o pânico.

— Gordon, se não me disser que demônios está ocorrendo, vou descer imediatamente deste navio e vou procurar um policial. — Esperou cinco segundos e se voltou com a intenção de descer do navio.

Conseguiu pôr um pé sobre o banco e então ouviu algo que se movia a suas costas. Voltou à cabeça um pouco e viu o brilho do sol sobre algo metálico. Depois uma dor tremenda explodiu em sua cabeça. Cambaleou-se tentando afastar as estrelas que via, mas sentiu outra vez a mesma dor e se fez a escuridão.

Capítulo 20

Devon caminhou até o molhe sem deixar de castigar-se mentalmente por haver-se deixado pegar despreparado. Felicity caminhava a seu lado, mas se mantinha um pouco por detrás dele, com as mãos comodamente metidas nos bolsos. Ambos sabiam que tinha a mão na pistola que levava em um dos bolsos de suas largas calças chinesas.

Poderia tombá-la, não lhe custaria muito. Pesava ao menos quarenta e cinco quilogramas mais e poderia obter vantagem física em questão de segundos. Mas ela tinha Lacey.

Ao vê-la na habitação do hotel, apoiada tranquilamente no marco da porta com uma pistola na mão, lhe tinha gelado o sangue. Reconheceu-a como a mulher que tinha estado falando com Lacey no alpendre essa manhã. Trocou a cor do cabelo, obscurecendo seu vermelho fogo para convertê-lo em camadas. Mas sua face era a mesma e não havia forma de que pudesse disfarçar a maldade que havia em seus gélidos olhos azuis.

— O que te traz por aqui, Felicity? — Perguntou-lhe cruzando os braços despreocupadamente sobre o peito — Vem procurando doce de açúcar?

Ela deu de ombros delicadamente com um leve sorriso que curvou seus lábios, mas não chegou aos olhos.

— É um lugar tão bom como qualquer outro.

— Para que? — Perguntou com voz tranquila.

— Para a vingança, é óbvio. — Disse e sua voz se esfriou alguns graus.

— Vingança por que, Felicity? Eu não te fiz nada.

— Oh, aí é onde se equivoca, senhor Bannion. Ou posso chamar Devon?

Ele sorriu sem um pinga de humor.

— Só meus amigos me chamam Devon. Ela deu de ombros.

— Bom, pois nesse caso ficaremos com senhor Bannion. E sim que me fez algo. A verdade é que me fez muitas coisas, mas só nos vamos centrar no mais importante.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— E o que é o mais importante?

Ela entrecerrou um pouco os olhos.

— Simon. — Soltou o nome entre dentes — Ele é o mais importante.

Devon arqueou uma sobrancelha em uma pergunta que pretendia ser casual.

— E onde está ele? É de estranhar que não esteja aqui contigo.

— Estaria. — Disse virtualmente lhe cuspidando as palavras — Se não o tivessem matado. Ah...

— Disse ao ver a surpresa que ele não pôde evitar que aflorasse a sua cara — Vejo que não conhecia o detalhe de que sua pequena armadilha de Praga teve êxito.

— Não temos provas de que tivesse resultado morto ali.

— Porque não morreu em Praga. Consegui tirá-lo dali e o levei a Budapeste antes que seus homens pudessem fechar o cerco. Mas suas feridas eram graves.

— Nossa...

Devon manteve suas feições inexpressivas enquanto ela prosseguia.

— Não deveria ser tão parco em palavras, senhor Bannion. Não conseguimos levá-lo a um médico. Como você e sua agência nos seguiam perseguindo, não podíamos nos arriscar. Assim estive sofrendo mais de uma semana antes de sucumbir a suas feridas.

— Tudo isto é muito interessante. — Interveio — Mas o que tem que ver comigo?

— É que acredita que não sei que era você quem ia atrás de Simon? É por você pelo que teve que sofrer tudo aquilo e por isso você vai sofrer quanto mesmo ele.

— E como acredita que vai conseguir isso? — Perguntou Devon. Manteve o tom de voz leve, um pouco aborrecido — Tenho a altura, o peso e a vantagem quanto às armas. — Disse, fazendo um gesto para a mochila que tinha atrás dele. — Me provoca curiosidade saber como acredita que me vai fazer sofrer.

Ela sorriu e seus olhos pareceram pedaços de gelo enquanto ele sentia que se o fazia um nó de frio medo nas vísceras.

— Sim, é certo que tem todas essas coisas, mas eu tenho Lacey.

Devon manteve a cara impassível e a voz sem mudanças.

— Não tenho nenhuma prova disso. E, embora assim fosse, o que te faz pensar que isso me ia importar o mais mínimo?

— Terá provas logo, não se preocupe com isso. E sei que se importa, porque o conheço.

— Ah, sim?

— Sim. Já vê, todo o tempo que você passou estudando a nós, nós também o estudávamos. Tem um traço de personalidade muito desafortunado que, sinto lhe dizer, vai ser sua perdição: é um herói.

— Como? — Devon conseguiu lhe injetar uma nota de sutil diversão a seu tom, mas lhe custou bastante esforço.

— Um herói. Tem essa desafortunada afeição que é muito comum entre os membros das forças da ordem: não seria capaz de seguir vivendo consigo mesmo se Lacey encontrar a morte por culpa sua. Faria tudo que esteja em sua mão para evitar isso, sobre tudo tendo em conta que alberga certo tipo de sentimentos por ela.

Devon permaneceu em silêncio, todos os seus esforços derrubados em manter sua fachada de calma indiferente.

Felicity riu baixo.

— Não o vai negar com esforço? Sim, sei que tem sentimentos por ela e por isso confio em que querará cooperar.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sigo sem ter nenhuma prova de que a tem. — Disse e assim que pronunciou as palavras, soou seu telefone.

Ela o olhou e uma cruel imitação de um sorriso lhe curvou os lábios.

— Talvez devesse responder.

Tirou o telefone de seu bolso sem apartar os olhos de sua cara.

— Sim?

— Devon? Devon, o que está acontecendo? — A voz de Lacey soava débil e cheia de dor. Caiu-lhe o coração aos pés para ouvi-la.

— Lacey, está bem? — Perguntou incapaz e de uma vez sem vontades de afastar a tensão de sua voz.

— Dói-me a cabeça. — Choramingou — Se supõe que tinha que estar aqui, onde está? — Perguntou. Então ouviu um ruído na linha e uma voz de homem substituiu a de Lacey.

— Faça o que Felicity disser. — Disse a voz, que lhe soava vagamente familiar — Ou ela sofrerá.

A comunicação se cortou. Devon fechou o telefone e voltou a meter-lhe no bolso.

— Aonde vamos? — Perguntou.

Ela mostrou esse terrível sorriso de novo.

— Vamos fazer uma excursão em navio.



Devon se amaldiçoou de novo ao recordar a conversa. Não havia nada que tivesse podido fazer de outra maneira, mas se estava castigando por não escutar antes a seu instinto. Desde o começo algo lhe tinha parecido estranho, mas se tinha deixado distrair. Deveria ter estado mais alerta e ter recordado que qualquer trabalho, até o que parecia mais inócuo, podia voltar-se em seu contrário.

Deteve-se quando sentiu uma mão que o segurava pelo cotovelo. Estavam junto à bomba de combustível e um veleiro de uns quinze metros de comprimento do navio cabeceava brandamente na água diante deles. Felicity lhe deu um empurrão bastante brusco nas costas.

— Suba a bordo. — Ordenou. Ele o fez e desceu pela escadinha em penumbra com Felicity justo detrás dele.

Encontrou-se em uma pequena cozinha, com um camarote justo a sua direita e diante um salão com um banco deslocado para sentar-se. Sabia que provavelmente a porta fechada que havia a um lado do salão levaria a camarote de proa e a que havia; frente a ela, ao outro lado da estreita estadia, comunicam provavelmente à proa. Não se via Lacey por nenhuma parte. Voltou-se.

— Onde está ela?

— No camarote de proa. — Voltou a lhe empurrar — Siga andando, herói.

Ele engoliu um grunhido e fez o que dizia, colocando os ombros em diagonal para passar pelo estreito corredor. Abriu a porta do camarote e lhe caiu a alma aos pés. Lacey estava tombada na cama que enchia por completo o pequeno espaço, com as mãos e os pés atados e uma mordaca na boca. Tinha os olhos fechados e não se movia. Sua pele se via pálida e suada. Devon



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

sentiu uma onda de raiva que não se incomodou em controlar.

— Que demônios fez com ela? — Gritou-lhe. Apoiou um joelho na cama e estirou mão para lhe tocar a cara. Sua pele se notava quente ao tato e sua respiração débil, mas regular e ele não pôde evitar um suspiro de alívio.

— Oh, que comovedor... — Felicity sorriu quando ele se voltou a olhá-la.

— O que lhe tem feito? — Repetiu todo seu temperamento pendurando de um fio.

— Só foi um leve golpe na cabeça, senhor Bannion, nada do que preocupar-se. — Ela arqueou uma sobrancelha — Meu sócio teve muito cuidado com ela, o asseguro.

— Seu sócio?

— Sim, acredito que já o conhece. — Levantou um pouco a voz e chamou — Onde está querido?

A porta que dava ao minúsculo banheiro se abriu de repente revelando contato de Lacey no escritório de Chicago.

— Gordon... — Disse Devon entre dentes e com um grunhido. A raiva ameaçava lhe afogando.

— Olá, senhor Bannion, olá. Está bem, prometo-o. Não lhe teria feito dano, de verdade que não queria. Mas despertou e ficou meio louca. Nunca conheci a uma garota que soltasse umas maldições como essas, de verdade que não, e temi que acabasse soltando-se de tudo o que estava lutando, assim tive que golpeá-la de novo. Mas está bem, de verdade que o está.

Deixou de falar e ficou a ofegar um pouco pelo discurso. Algo do que Devon sentia devia mostrar-se em sua cara, porque o homenzinho abriu os olhos como pratos e deu um tremente passo atrás. Golpeou-se contra a parede, tropeçou com uma saliência do chão na porta do banheiro e caiu.

Felicity não afastou os olhos de Devon enquanto tirava a arma do bolso. Apontou-a diretamente a seu peito e disse por cima do ombro:

— Querido, está bem?

— Sim, estou bem, sim.

— Bem. Por que não soltas amarras para que possamos nos mover?

— Certo claro. Certo. — Gordon conseguiu sair do banheiro e, com um último olhar por cima do ombro a Devon, dirigiu-se a escadinha.

— Que demônios te faz pensar que vou deixar fazer isto? — Disse Devon com a voz tensa para poder controlá-la.

Ela inclinou a cabeça como se estivesse refletindo sobre suas palavras.

— Não vejo que tenha muitas opções. — Disse e atirou do percussor da arma.

Depois dele, na cama, Lacey despertou, revolveu-se e gemeu levemente. Ele voltou à cabeça diante o som e quase imediatamente sentiu uma espetada no quadril.

— Maldição. — Exclamou girando-se de novo, mas Felicity já se afastou longe de seu alcance com a seringa de injeção na mão levantada como um troféu.

Sorriu.

— Como já disse, senhor Bannion, não acredito que tenha muitas opções.

Devon grunhiu e tentou dar um passo para ela, mas de repente a habitação começou a girar perigosamente e ele cambaleou. Sacudiu a cabeça violentamente e o tentou de novo, mas desta vez caiu sobre a cama enquanto a habitação dava voltas como louca a seu redor.

— O que me deu? — Conseguiu dizer, pestanejando várias vezes para tentar esclarecer sua visão. Tentou apoiar as mãos para levantar-se, mas de repente suas extremidades pareciam de



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

chumbo e lhe caíam inertes aos lados.

Sem prévio aviso a face de Felicity apareceu em seu campo de visão com as feições imprecisas enquanto a droga ia percorrendo seu sistema.

— Só uma coisinha para me assegurar de que não me dará problemas. — Disse, mas sua voz soou longínqua e débil por debaixo do assobio que enchia seus ouvidos.

— Se... Se lhe faz mal... A Mato. — Conseguiu dizer antes de deixar-se vencer pela inconsciência.

Pôde ouvir uma leve risada.

— Temo, senhor Bannion, que não está em posição de negociar.

Quão último viu antes que as luzes apagassem foi à porta que se fechava atrás dela.



Ao despertar, Lacey se encontrou deitada sobre um lado e olhando o casco do navio. Despertou-se de repente, mas estava completamente mole, como se ela fosse uma marionete e alguém tivesse puxado de uma corda invisível. Imediatamente foi consciente de duas coisas: primeiro, que tinha uma dor na cabeça de mil demônios e segundo, que o navio já não estava atracado. Pelo ângulo de inclinação da embarcação e pelo ritmo do tamborilar das ondas contra o casco pôde adivinhar que estavam cruzando a água a bastante velocidade.

Levantou os braços para tocar o lugar que doía na parte de atrás da cabeça onde esse bode do Gordon lhe tinha golpeado com algo, provavelmente com a manivela.

Então notou que tinha as mãos atadas. E muito mal, por certo. Tinha suficiente corda lhe rodeando os pulsos para fazer uma rede e o nó tinha o tamanho de um punho. Girou a cabeça, fez uma careta diante a pontada de dor que lhe provocou o movimento e viu uma corda atada de forma similar ao redor de seus tornozelos.

Voltou à atenção a suas mãos.

— Menos mal que Gordon não foi nunca um marinheiro. Nem **boy scout**. — Murmurou e ficou a trabalhar com os dentes no pomposo, mas ineficaz nó. Levou-lhe uns dez minutos soltá-lo e tirar as cordas e imediatamente se sentou com a intenção de dedicar-se a corda que lhe atava os pés, mas se deixou cair de novo em posição fetal quando o batimento agudo de sua cabeça se converteu em um rugido ensurdecedor.

—Merda! — Disse com os dentes apertados pela dor. Ficou de barriga para cima antes de tentar voltar a sentar-se de novo, esperando que a falta de torção no movimento a ajudasse a evitar a dor da cabeça. Levantou-se sobre os cotovelos e quando lhe pareceu que sua cabeça respondia bem, colocou as mãos sob seu corpo para levantar-se e esteve a ponto de soltar um grito quando notou que uma de suas mãos se apoiava sobre carne quente.

Girou a cabeça antes que lhe desse tempo a pensar que não podia e o resultado foi uma onda de náuseas que a obrigou a apertar os dentes de novo para manter a comida em seu lugar. Quando conseguiu voltar a respirar de novo sem vomitar, pestanejou para esclarecer sua visão desejando que o que havia junto a ela não fosse um corpo morto a algo igual de desagradável.

— Oh, merda. — Sussurrou quando se deu conta de que quem estava deitado junto a ela no colchão era Devon. Não estava atado, mas tampouco se movia, e tinha a aparência pálida e suada

[A18] Comentário: Escoteiro.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que sempre se via nos corpos mortos da televisão. Lacey sentiu náuseas de repente, mas desta vez por uma razão que não tinha nada que ver com seu crânio machucado.

Ficou de joelhos como pôde, ignorando seus pés atados e a dor de sua cabeça.

— Por favor, oh, por favor, por favor, por favor, por favor, que não esteja morto. — Repetiu enquanto colocava dois dedos no pescoço. Sentiu o batimento lento e constante do pulso sob seus dedos e quase desmaiou pelo alívio enquanto os olhos lhe enchiam de lágrimas. Piscou para afastá-las e fixou a vista em sua cara.

— Devon. — Sussurrou — Devon, acorda.

Ele não moveu nem um músculo e ela franziu o cenho. Pensou que talvez o tivesse atacado por trás e golpeado na cabeça como a ela, assim se inclinou para lhe tocar atrás da cabeça e comprovar se tinha alguma ferida aberta. Não havia nada ali: nem galos, nem sangue, nada que indicasse que lhe tinham deixado inconsciente. O que significava que provavelmente lhe tinham drogado com algo.

—O que lhe deram carinho? — Murmurou e lhe levantou uma pálpebra. Fez uma careta ao ver o tamanho de sua pupila — Fosse o que fosse, deram-lhe uma boa quantidade... — Apontou.

Tinha que conseguir despertá-lo. Não tinha nem ideia de onde estavam, nem a quem se enfrentavam, além desse inseto traidor do Gordon, mas de alguma forma supunha que ele era o menor de seus problemas, e começava a entrar o pânico. Não tinha forma de saber quanto tempo fazia desde que Gordon a tinha ligado, mas supôs que tinham acontecido várias horas; por uma pequena claraboia que tinha a habitação não entrava a luz do sol, e o ar, inclusive nesse pequeno camarote, era frio, o que indicava que fazia muito que se havia feito de noite. A pesar do calor do verão, as noites eram grandemente mais frio ali, na parte norte de Michigan e especialmente no meio do lago. Se levavam navegando várias horas, provavelmente estariam já a caminho do Canadá.

Lacey se obrigou a reprimir seu pânico crescente e tentou pensar o que fazer. O primeiro era desatar de tudo. Jogou-lhe um último e prolongada olhada à cara impassível de Devon e voltou a sentar-se. Inclinou-se para frente para alcançar seus pés e algo duro lhe cravou no quadril. Tornou-se atrás de novo, colocou uma mão sobre o bolso e seus dedos encontraram a dura silhueta de arma que se colocou no bolso.

— Um golpe de sorte. — Murmurou embora sentir a arma lhe fez querer sair correndo. Gordon não devia havê-la revistado antes de colocá-la no camarote pensando que como não era uma agente, não levaria uma arma. E teria tido razão se ela não tivesse sofrido um ataque repentino de paranoia por culpa de sua estranha chamada de telefone.

Colocou a arma a seu lado e ficou a trabalhar com as cordas de seus tornozelos. Desta vez levou muito mais tempo desatar-se porque não deixava de olhar de vez em quando a Devon, esperando que despertasse por arte de magia e se fizesse cargo da situação. Ela não estava preparada para enfrentar-se a toda essa merda e daria todos os sapatos do Ferragamo e os saltos de Prata que havia em seu armário para que ele despertasse imediatamente.



Para quando conseguiu soltar as cordas já estava perto do pânico total outra vez, assim teve

[A19] Comentário: Salvatore
Ferragamo foi um [artista](#) em sintonia com o [clima](#) cultural de seu tempo. Inspirado, dedicou sua vida à arte dos [sapatos](#). [Perfumes](#) e acessórios merecem destaque na elegante [coleção](#) do [estilista](#), caracterizada por [sophistication](#), [beleza](#), [conforto](#) e [arte](#). O [italiano](#) calçou deusas como [Sophia Loren](#), [Greta Garbo](#) e [Marilyn Monroe](#). O italiano foi o primeiro a utilizar a [cortica](#) na criação de [saltos](#).



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

que colocar a cabeça entre os joelhos uns momentos. Quando a habitação deixou de girar e as náuseas pararam, voltou a centrar-se em Devon.

Franziu o cenho. Moveu-se? Parecia que tinha trocado um pouco de postura, girando-se de lado, mas isso podia atribuir-se o ao movimento do navio. Agachou-se sobre ele e lhe abriu uma pálpebra.

— Devon, está acordado? — Perguntou um pouco mais alto desta vez porque sabia que o som da água bloquearia qualquer outro ruído que não fosse um grito. Ele piscou para que o soltasse a pálpebra.

— Por que está observando meus olhos? — Murmurou. Levantou uma mão, provavelmente para afastá-la, mas se deu com ela no nariz.

— Por que bateu no meu nariz?

— Não, carinho, golpeou-se sozinho. — Agarrou-lhe ambas as mãos para apoiar-lhe no peito e depois voltou a inclinar-se sobre ele — Carinho vê-me?

Ele piscou repetidamente.

— Sim, claro. — Seu suspiro de alívio ficou talhado quando ele disse a seguir — Vejo as duas perfeitamente.

— Maldição. — Disse — Devon, me escute. Escute-me atentamente. — Mostrou-lhe dois dedos — Quantos dedos estou mostrando?

Ele olhou fixamente.

— Quatro.

Lacey quase gritou de desespero.

— Merda, merda, merda. — Repetiu com voz fica.

— Ouça. — Devon se incorporou um pouco e olhou a seu redor com os olhos empanados — Onde estamos? O que passou? Onde foi Felicity?

— Felicity? — Lacey franziu o cenho. Talvez lhe tivessem golpeado na cabeça também, além de o drogar — O que tem ela que ver com tudo isto?

— Estava me esperando, em nossa habitação. Era a mulher com a que estive falando no alpendre.

Lacey necessitou um momento para compreender.

— Felicity era a mulher com a que estive falando no alpendre? A morena? — Ele assentiu com energia — Puta mentirosa...

Devon assentiu de novo.

— Sim, mente muito bem. Mas não me mentiu sobre você.

— O que quer dizer com que não te mentiu sobre mim?

— Disse-me que estava aqui e aqui está. — Esforçou-se por fixar a vista em sua cara — Por que está aqui? Por que não ficou esperando a que voltasse?

— Gordon me ligou assim que foi. — Explicou — Disse que havia um problema, que nossa cobertura se danificou e que tínhamos que ir. Disse-me que você viria se encontrar conosco aqui. — Deu de ombros — Não me dei conta de nada até que chegamos ao navio. E então ele me golpeou na cabeça com algo.

Olhava-a fixamente, fazendo um esforço exagerado por tentar concentrar-se.

— Golpeou-te?

— Sim, mas estou bem. — O tranquilizou ao ver que sua expressão se obscurecia. Isso não o acalmou.

— Golpeou-te mais de uma vez, não é? — Perguntou. Como ela não respondeu, ele



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

continuou — Disse que depois de que me ligou e me deixou falar contigo, teve que te golpear de novo para que "cooperasse".

Ela deu de ombros outra vez.

— Nunca pude manter a boca fechada.

A expressão de Devon se voltou sombria.

— Vou matá-lo. — Tentou ficar de pé, mas cambaleou sobre seus pés como um bêbado. Ela revirou os olhos, agarrou-o pelo braço e puxou-o para que voltasse para sentar-se na cama.

— Mata-o depois. Agora precisamos um plano.

— Certo. — Sacudiu a cabeça para esclarecer — Sabemos onde estamos?

Soava mais lúcido, seus olhos pareciam enfocar melhor e ela sentiu que se relaxava um pouco e que uma tensão que não sabia que estava acumulando abandonava pouco a pouco seus músculos.

Sacudiu a cabeça.

— Não, mas estamos no meio do lago e o mais provável é que nos dirijamos ao norte.

Olhou-a inquisitivo.

— Só o suponho. — Disse — Se eu fosse sequestrar a alguém e fugir do FBI, tomaria a rota mais rápida para sair do país.

— Bem pensado. — Reconheceu enquanto se esfregava as têmporas com ar ausente — Viu alguém mais a bordo, além de Gordon?

Negou.

— Só a ele. Quantas pessoas vieram contigo?

— É o espetáculo de Felicity. — Explicou — Acredito que são só ela e Gordon. E o mais provável é que se dele desfaça assim que já não lhe necessite.

— Mas, do que vai tudo isto? Disse-te por que o estava fazendo?

— Culpa-me por ter causado a morte de Devereaux.

Lacey piscou.

— Nossa? Acreditava que estava levando um negócio de falsificação.

Devon negou com a cabeça e fez um gesto de dor por culpa do movimento.

— Eu também, mas aparentemente isso não era mais que uma elaborada patranha para fazer que me atribuíssem o caso. Devereaux morreu atrás de minha última missão, faz dezoito meses.

— E ninguém se inteirou disso?

— Não. Parece que Felicity se esforçou ao máximo para dar provas do contrário. Embora teve um pouco de ajuda de seu amigo Gordon...

— Bode! — Exclamou tocando os galos da parte traseira da cabeça e fazendo um gesto de dor.

Devon viu o que fazia e lhe apartou a mão.

— Me deixe ver. — Tocou-lhe as feridas com muito cuidado — Nossa, neném. Sinto muito.

— Murmurou.

A tenra preocupação em sua voz foi sua perdição e o pouco controle que ficava desvaneceu.

— Oh, merda. — Sussurrou enquanto enterrava a cara em sua camisa.

— Bem, o que acontece? — Perguntou-lhe com um tom de preocupação evidente enquanto a abraçava.

Ela fungou pelo nariz junto ao peitilho de sua camisa.

— Nada em realidade. É uma estupidez. É só... Deus, é que me assustei tanto ao ver-te aí



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

caído! Pensei que estava morto e não sabia o que fazer.

Ele acariciou o cabelo e as costas, lhe sussurrando palavras tranquilizadoras, mas ela não podia deixar de falar. Era como se lhe tivessem aberto as comportas e agora não pudesse parar a maré de palavras.

— Não sei nada de todo este assunto da espionagem, não posso fazê-lo sozinha, mas acreditei que teria que fazê-lo. Contigo morto e os dois no meio deste maldito lago, tendo em conta que faz mais de quinze anos que não navego... Inclusive se tivesse encontrado uma maneira de sair desta confusão, não acredito que fosse capaz de pilotar esta coisa! — Inspirou fundo — E estava ficando louca de verdade, porque não queria que estivesse morto, já que estava segura de que ia sentir falta sua. — Levantou a cabeça e o olhou com olhos implorantes — Sei que só faz umas trinta e seis horas ou um tempo igualmente ridículo que nos conhecemos, mas sinto algo por ti e não acredito que vá desaparecer, assim que ia ficar furiosa que morresse.

Devon lhe acariciou as bochechas com os polegares, lhe enxugando umas lágrimas das que ela mesma não era consciente.

— Já o tirou tudo? — Perguntou-lhe.

Inspirou fundo.

— Sim, acredito que sim.

— Bem. Agora me escute. — Esperou até que o olhou aos olhos — Vamos encontrar uma forma de sair daqui. Tudo vai estar bem. E me alegra saber que sente algo por mim porque eu tampouco acredito que pudesse te deixar ir agora.

— De verdade? — Lacey respirou ruidosamente — Não estava segura de se tudo isto não era mais que o modo espião habitual.

— O modo espião habitual?

— Sim, já sabe, como se te atasse com sua companheira em todas as missões e fizessem o amor de forma louca e apaixonada e depois lhe dissesse algo brega como: "Tudo isto foi real, neném", para depois abandoná-la. — Sentiu que ficava à defensiva diante seu olhar incrédulo — Ouça, como quer que saiba? Só te conheço há trinta e seis horas!

— Bom, meu companheiro em muitas destas situações foi Ian e suponho que me conhece o suficientemente bem para saber que não faria com ele as coisas que tenho feito contigo.

— Oh. — Disse sorrindo — Acredito que posso imaginar isso.

— Deus, espero que não... — Murmurou — Deixemos algo claro, certo, nunca me atei com uma companheira ou membro de minha equipe. Esta vez foi primeira e por sorte é meu último trabalho, porque isto destroça minha concentração. Tinha que me haver dado conta de que algo ia mal desde o começo. Merda, dava-me conta, mas me distraí com seu delicioso corpo e todas as coisas que queria fazer com ele.

— Não está me culpando, verdade?

Ele revirou os olhos.

— Por Deus, não!

— Certo, só para saber. — Olhou-o fixamente — E o que fazemos agora?

— Temos que encontrar a forma de sair desta confusão. — Disse. Deu-lhe um beijo na boca com força — Temos que descobrir onde estamos.

— Boa sorte com isso. — Disse sarcástica — Não se vê nenhum sinal por aqui.

— Meu telefone móvel tem GPS.

— Bom, pois então deixa de resmungar. — Olhou-o tirar o telefone do bolso e marcar uma sequência de números — Como certo, dá-te conta de que talvez tudo isto poderia haver-se



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

evitado se me tivesse dado seu número de móvel?

Ele sorriu enquanto esperava a que o telefone lhe proporcionasse as coordenadas.

— Como já disse, não deixa de me distrair.

Lacey bufou.

— Distrai-se facilmente.

— Quando as distrações têm a pinta que você tem, claro que sim. — Grunhiu de satisfação quando os números apareceram na tela — Tem algo com o que escrever?

Sacudiu a cabeça.

— Não agarrei a bolsa quando saí. — Olhou a seu redor no pequeno camarote — Talvez haja algo por aqui.

Procuraram durante uns minutos, mas as gavetas e as estantes embutidas tinham sido limpas por completo.

— Provavelmente não quiseram deixar nada que pudéssemos utilizar como arma. — Murmurou Devon.

— Pois lhes passou isto. — Disse lhe mostrando um minúsculo lápis — Estava sob o colchão.

— Bem. — Procurou nos bolsos e tirou um recibo enrugado. Apontou rapidamente os números e lhe deu o papel — Guarda isso no bolso. Vi um rádio no lado de bombordo, justo ao lado da cozinha. Assim que possa, chama por rádio a guarda costeira e lhes dê as coordenadas. Diga que o navio foi roubado, que está sequestrada e qualquer outra coisa que te ocorra para que venham correndo.

Agarrou o papel e o meteu no bolso dianteiro.

— Certo. E agora o que vamos fazer?

Sua expressão era pensativa.

— Eu vou me ocupar de Felicity e do pequeno bode do Gordon.

— Espera. — Levantou uma mão e se girou para olhar atrás dela. Procurou pela colcha até que encontrou o objeto de metal — Toma. — Estendeu-lhe a arma com o cano para baixo.

— De onde tirou isso?

Deu de ombros.

— Gordon me assustou com sua chamada, assim que me meti isso no bolso antes de sair a me reunir com ele. Certamente não me revistou antes de me colocar aqui.

Ele sorriu e agarrou a arma, que se meteu na cintura dos jeans.

— Acredito que poderia me apaixonar por você, senhorita Johnson. — Disse arrastando as palavras. Ela o olhou com os olhos entrecerrados.

— O que é isso? Algum tipo de confissão provocada pela adrenalina? Porque, aviso-te, se vai me dizer algo como isso, dá-me igual a tenha um urso polar sentado no peito e que toda sua vida te esteja passando diante os olhos. Se o disser, mais vale que o diga a sério.

Ele agarrou o queixo e aproximou sua face da dela. Seus olhos flamejavam um fogo dourado.

— Digo-o a sério. — Disse e uniu suas bocas.

Ela gemeu dentro de sua boca, abrindo-a imediatamente diante a invasão de sua língua. Ele lançou-se com força, grunhindo baixinho no fundo de sua garganta e ela curvou a língua ao redor da sua em um inconfundível convite.

Ele se afastou. Respirava com dificuldade.

— Maldição, eu gostaria que tivéssemos tempo para terminar com isso. — Sussurrou e passou a língua por seu lábio inferior inchado.

— A mim também. — Murmurou ela. Lambeu-se os lábios desfrutando de seu sabor que



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

ainda permanecia ali — Te direi algo: quando terminarmos com isto teremos essa noite de servidão sexual que te devo.

O calor de seus olhos aumentou e voltou a apanhar sua boca em um beijo duro mais rápido.

— Neném, trato feito.

Desceu da plataforma onde se apoiava o colchão puxando sua mão para que ela se mantivesse pega a suas costas no estreito espaço entre a plataforma e a porta. Deu-lhe um apertão tranquilizador.

— Sabe o que fazer, não é?

— Encontrar a rádio e chamar a guarda costeira.

— Certo, pronta?

Assentiu tentando transmitir valentia e resolução, mas algo de seu pânico ou inépcia devia mostrar-se em sua cara, porque ele se levou sua mão aos lábios e lhe beijou os nódulos.

— Tudo vai sair bem, neném. Prometo-o.

— Sei. — Disse sorrindo de orelha a orelha para ocultar o retorno das náuseas. — Estarei bem. Já podemos sair. — Ele abriu a porta e começou a puxá-la pelo estreito corredor, mas de repente lhe agarrou pelo braço.

— Espera.

— Carinho, não podemos nos sentar aqui a esperar a que nos levem aonde demônios que se dirijam. — Protestou lhe dando um puxão a sua mão — Temos que seguir.

— Sei, sei, mas olha. — Disse lhe agarrando a mão e concentrando — Nós estamos parando.

Ele se deteve e escutou intensamente.

— Tem razão.

O navio tinha diminuído grandemente sua velocidade e o rumor do casco cruzando as ondas se converteu em um suave tamborilar da água contra a fibra de vidro até que quase detiveram-se.

— É que perdemos o vento? — Perguntou Devon em voz alta, embora mantivesse seu tom muito mais baixo que o som da água que o camuflava tudo.

Lacey escutou com toda sua atenção.

— Não, não acredito. — Sussurrou — Ouve isso? Isso é o foque ondulando ao vento. — Voltou-se para olhá-lo com um sorriso na cara — Não acredito que nossos anfitriões sejam muito bons marinhos.

Ele ia dizer algo, mas se deteve quando ouviu vozes elevadas que chegavam da cobertura.

— Mas tem alguma ideia do que está fazendo aí acima? — A voz de Felicity chegou claramente da popa do navio. Seu tom era zangado e estridente.

— Não! — Foi à resposta que chegou igualmente frustrada, de em cima de suas cabeças.

Ambos olharam para a escotilha de proa, onde viram um pé plantado em meio da cobertura do Plexiglás — Eu não sou do tipo de gente que sabe navegar. Já te disse que eu não gosto das atividades ao ar livre.

— Pois será melhor que descubra como vai isso. E tenta fazê-lo sem te estrangular com uma corda. Não quero andar dando tombos em meio deste maldito lago toda a noite.

— Faço o melhor que posso, mas já te disse que isto não me dá bem. — Se ouviram mais roce sobre suas cabeças e depois um golpe seco—. Ai!

Devon franziu o cenho.

— Está saltitando? — Perguntou-lhe em um sussurro e Lacey sorriu enquanto ambos escutavam o inconfundível pof, pof, pof de Gordon saltando sobre um só pé.

— Acredito que deu um chute no manche.

[A20] Comentário: Um tipo de plástico, usado nas janelas.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Ao que?

— Ao que sobe a âncora. — Explicou — Shhhh, escuta.

— Acredito que tenho quebrado o pé. Tenho-me quebrado isso! Preciso um médico! — O grito de dor de Gordon fez que Devon fizesse uma careta. Estava quase seguro de que Felicity não se ia a mostrar pomenorizada.

— Pequeno roedor, não me importa se o pé te apodrece e cai. Não vamos dar nenhum rodeio para ir a um hospital! Tenho que chegar a Sault Sainte Marie a meia-noite e você está danificando meu horário!

Ouviram como Felicity subia mais a voz e a acompanhava com o clac-clac de suas sandálias de salto ao caminhar de popa a proa até que esteve junto a Gordon, justo em cima de suas cabeças.

Devon olhou a Lacey com os olhos iluminados pela diversão.

— Se os dois estiverem aí acima... — Sussurrou assinalando — Quem está conduzindo o navio?

[A21] Comentário: é uma cidade localizada na [provincia canadense de Ontário](#). A sua área é de 715 km², sua população é de 74 566 habitantes, e sua [densidade populacional](#) é de 110,3 hab/km² (segundo o [censo](#) canadense de 2001). A cidade foi fundada em 1683, e [incorporada](#) em 1887. Não confundir com a cidade [americana](#) de Sault Ste. Marie, Estado de [Michigan](#), localizada na margem oposta do Rio St. Marys. Localiza-se a 192 metros acima do [nível do mar](#).

Capítulo 21

Lacey quase não pôde reprimir uma risada.

— Os navios não se conduzem, pilotam-se. — Inclinou a cabeça enquanto escutava a bronca que se desenvolvia acima — Nossa... O que é capaz de soltar quando está furiosa, né?

Devon soltou uma risada silenciosa.

— Sim, é uma fera.

— Deitou-se com ela?

Girou a cabeça tão rápido que quase perdeu o equilíbrio.

— O que? — A pergunta lhe saiu em um sussurro estrangulado.

Ela deu de ombros olhando-o com os olhos muito abertos.

— Curiosidade. É muito bonita.

— É uma gata selvagem. — Rebateu sem abandonar os sussurros — Não me atiraria isso nem que fosse a última mulher do mundo.

Ela fez uma careta.

— Certo. Não me fale assim.

— Pois não me faça perguntas estúpidas!

Revirou os olhos.

— Não me ia pôr ciumenta se o tivesse feito, sabe? Teve toda uma vida antes de me conhecer.

Tinha uma expressão muito estranha na cara, como se estivesse tentando conter-se para não estrangulá-la.

— Muito obrigado, agradeço-te que o reconheça. Mas é certo que não me deitei com ela.

— Certo, bem. É só para que saiba que não sou das ciumentas. O que não quer dizer que se te pegar flertando com outra mulher, não te vá arrancar o coração e fazer lhe comer isso, porque isso é justo o que aconteceria. Mas não me perei nervosa se nos encontrarmos pela rua com alguma de suas ex-namoradas.

Agora sim que parecia que queria estrangulá-la.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Entendo-o, Lacey. Não é ciumenta, certo. Podemos deixar já de falar disto?

— Claro. — Permaneceu em silêncio um momento, escutando a discussão da cobertura que ia subindo de volume. Então lhe deu um golpezinho nas costas — E você?

— E eu o que? — Perguntou e pareceu que chiava os dentes.

— É ciumento?

Fechou os olhos um segundo.

— Sim.

Lacey piscou pela surpresa.

— Ah, sim?

— Sim.

— Ah. — Mordeu-se o lábio — Ciumento do tipo de lhe dar uma surra a um cara por tentar flertar comigo ou do tipo que fica resmungão só com que me olhem os homens? Ou do tipo super zeloso, que tem intenção de não me deixar sair de casa? Porque ser um pouco ciumento não está mal... Quero dizer que garota não gosta que briguem por ela? Por Deus, isso é fabuloso. Mas eu tenho que poder ir e vir aonde queira assim se estamos falando desse tipo de cel... Mmmmm!

Ela piscou com os olhos muito abertos quando ele tampou a boca com a mão. Devon fechou os olhos um segundo e voltou a abri-los.

— Sim, daria uma surra a qualquer cara que tente flertar contigo. Não, não me poria resmungão porque outro homem te olhe. E, sim, te deixarei sair de casa. — Apartou a mão o suficiente para lhe dar um beijo brusco e depois a tampou de novo — Responde isso a todas suas perguntas? — Lacey assentiu — Seguro? — Ela voltou a assentir — Então acredita que podemos seguir com isto de nos libertar dos maus e depois viver felizes e comer perdizes?

— Mmm mmmm. — Foi quão único pôde dizer.

Afastou a mão.

— Diga-o outra vez.

— Sim, por favor. — Disse sorrindo. Ele devolveu o sorriso e lhe deu outro beijo.

Quando ambos estavam sem fôlego, ele se afastou.

— Depois. — Prometeu e se lançou para a porta.

Caminharam com muito cuidado pelo estreito corredor e cruzando o salão, Lacey pisando nos calcanhares de Devon. Ainda podiam ouvir as vozes de seus sequestradores na proa do navio, discutindo sobre a melhor forma de assegurar a vela que ondulava. Passaram por diante da minúscula cozinha e Lacey atendeu aos gestos silenciosos de Devon sobre a rádio que comunicava com terra que estava em um pequeno oco justo ao lado da escadinha.

Ele se inclinou e colocou a boca muito perto de sua orelha.

— O canal dezesseis é o canal de emergências. — Disse muito baixo — Dê-lhes as coordenadas do GPS que te tenho escrito. Não nos afastamos muito dali; ainda poderão nos encontrar.

— Digo-lhes que é do FBI?

Ele sorriu.

— Não sou do FBI, mas sim, diga-lhe e fará tudo mais fácil. Diga que Felicity está armada e é perigosa e que está na lista dos mais procurados pela maioria dos governos dos países ocidentais.

— E Gordon? Digo-lhes que também ele está armado e é perigoso?

Devon sorriu sarcástico.

— Diga que tem um cúmplice e que é tão estúpido que é provável que faça que o matem a ele e a qualquer que esteja perto.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Ela o repreendeu com o olhar.

— Eu diria que é um pouco duro com ele, mas provavelmente tenha razão.

— Com sorte, para quando chegarem à guarda costeira nenhum deles suporá nenhum perigo. — Sopesou a arma que tinha na mão e lhe deu um breve beijo na boca. Assinalou o rádio — A guarda costeira. — Recordou.

— Sim. — Tirou o recibo do bolso e agarrou o microfone — Devon? — Sussurrou quando ele se voltou para subir os degraus. Ele se girou e forçou um sorriso — Tome cuidado. Se se ferir vou ficar muito furiosa.

Ele dedicou um sorriso brilhante e uma piscada descarada.

— Confia em mim, neném. — Disse e desapareceu pelas escadas.

Lacey inspirou trememente.

— Espero que saiba que demônios está fazendo. — Murmurou, sintonizou o canal dezesseis e falou com microfone — Vamos, guarda costeira. Isto é uma emergência. Vamos, guarda costeira...

Devon sorriu para si quando alcançou a ponte de comando e abaixou a cabeça para evitar o mastro que girava. Sabia o que fazia, ao menos normalmente sabia.

A noite tinha caído, embora fosse difícil de dizer por que Felicity tinha acendido todas as luzes de cobertura, incluindo a que estava no mais alto do mastro. Sorriu ao pensar o pouco discreto que resultava isso e depois voltou rapidamente sua atenção ao que tinha entre mãos. A temperatura tinha caído e além se notavam vários graus menos na água que em terra. Sentiu que lhe arrepiava os braços, mas o ignorou e se voltou para dirigir-se à proa. Ao princípio não podia vê-los porque a vela que Lacey havia dito que era o foque ondeava grosseiramente, lhe obstruindo a vista. Mas sim que podia lhes ouvir.

— Idiota! Não basta com que a segure com mais força! — Felicity estava gritando a Gordon — Tem que utilizar essa corda para apertá-la!

— Que corda? Não sei do que está falando e isto eu não gosto de nada. Prometeu-me que seria eu o que estivesse no comando! Disse-me que meu talento se estava desperdiçando no escritório, que eu tinha nascido para ser agente de campo, que eu...

— Oh, se cale, merdazinha!

Devon tirou as botas e as meias e caminhou descalço pela coberta com os dedos curvados sobre a madeira. Percorreu o lado de bombordo com uma mão na corda de salvamento para manter o equilíbrio. Bateu um dedo com um pedaço do mastro e fez uma careta de dor, mas seguiu caminhando para a proa em silêncio. Ia agachado porque não queria provocar uma sombra que alertasse de sua presença.

— Não me chame dessas coisas! É de má educação e se supõe que eu estou no comando. Disse-me que eu ia estar no comando! — A voz de Gordon subia progressivamente até que começou a soar como uma menina de doze anos.

Devon se aproximou; a vela ondeante cobria sua aproximação. Agora os via, um frente ao outro no estreito espaço da parte dianteira do navio. Felicity lhe dava as costas e ele podia ver a pistola que tinha metida na cintura das calças. Gordon estava frente a ela, com as mãos apoiadas no corrimão que tinha atrás e uma expressão de raiva petulante em sua cara pálida.

Viu como Felicity balançava o punho diante da face de Gordon.

— Olhe sapo pegajoso, não te vou deixar que me danifique isto. Escute-me. — Disse assinalando a vela que seguia agitando-se — Acerta essa... Vela e depois desça para se assegurar de que nossos hóspedes seguem dormindo. Quão último preciso é que esse filho da puta se



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

desperte antes que cheguemos onde está Dimitri.

Devon fez uma careta ao reconhecer o nome: Dimitri Ivanovich, um dos esbirros de Devereaux. Um antigo agente da KGB especializado em torturas. Não cabia nenhuma dúvida sobre o papel que este desempenhava nos planos de Felicity. Por sorte não tinha intenção de permitir que as coisas chegassem tão longe.

Avançou vários centímetros agachado para ficar fora da linha de visão de Gordon.

Precisava pegar Felicity de surpresa; ela era a perigosa realmente. Não havia dúvidas sobre se Gordon podia mostrar-se violento; tinha raptado Lacey e tinha golpeado várias vezes na cabeça. Mas Devon estava seguro de que se Felicity não dava as ordens, o homenzinho seria muito mais fácil de dirigir.

Gordon começou a protestar e Devon sorriu para si. O pequeno sapo estava mostrando mais guelra das que Devon teria acreditado. Aproximou-se um pouco mais.

— Eu disse, não sei o que fazer com essa corda! — Disse Gordon agitando uma mão para a vela que ondulava — Não sei navegar! Não sou marinheiro!

— Bom, mas tem cérebro, não? — Disse Felicity virtualmente em um grunhido — Pois usa-o e descobre como se faz!

Devon se aproximou uns centímetros mais pela cobertura. Já estava a um metro e meio aproximadamente de Felicity; só vinte centímetros mais e a vela já não o cobriria. Conteve a respiração e esperou.

Gordon não o decepcionou.

— Não pode me falar assim. — Choramingou — Sou um agente do FBI! Sou importante!

Felicity se inclinou para frente e isso fez que o homenzinho se visse empurrado contra o corrimão.

— É uma merda de agente do FBI, ignorante. E te falarei como me dou à vontade, porque sou eu quem está no comando desta operação e você tem que fazer o que eu te diga.

Gordon tremeu um pouco, mas inchou o peito. A voz lhe quebrou pelo esforço de parecer valente.

— E o que acontece se não o faço? — Conseguiu dizer.

Devon viu que esse era seu momento e ficou em pé.

— Suponho que te atirarei pela amurada. — Sorriu quando Felicity soltou um grito e se girou de repente — Está bem, Felicity? Não, não, não... — Disse quando viu que se levava a mão às costas — Nada disso. — Martelou a pistola com a que a apontava — Com dois dedinhos, Felicity. E com a mão esquerda. Depois a atira pela amurada.

— Como conseguiu sair? — Gritou enquanto obedecia e atirava a arma por cima do corrimão.

Devon riu.

— Sair? Não estava como que se diz preso, na verdade. E não me amarraram.

A face de Felicity ficou vermelha de raiva.

— Essa dose de barbitúricos devia te ter mantido fora do ar durante horas. — Disse entre dentes.

— Tenho uma constituição muito forte. — Disse e sorriu quando ela bufou — Agora está muito furiosa comigo, não é sim?

— Odeio-te. — Disse furiosa com a raiva lhe saindo por todos os poros — Você é a razão pela que morreu meu Simon!

— O certo é que poderia lhe carregar esse morto a muita gente: a CIA, o FBI, o MI-5... — Deu



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

de ombros — Eu só sou uma engrenagem da roda da justiça internacional.

— Justiça? — Cuspiu — Como se pode chamar justiça a que um homem bom e decente seja abatido por uns covardes? Estava fazendo um bom trabalho, um nobre, mas você e você governo decidiram...

A gargalhada sem humor de Devon cortou seu discurso e fez que Gordon, que seguia atrás dela, desse um passo atrás.

— Um trabalho nobre? Acredita que bombardear um colégio bósnio foi algo nobre? E para você o assassinato do Primeiro-ministro francês é algo bom? Está louca, Felicity.

Felicity elevou o queixo com um olhar desafiante e orgulhoso na cara que fez que a Devon lhe desse vontade de lhe jogar a âncora ao peito.

— Há baixa em qualquer revolução.

— Volta para a realidade. A única revolução que está tendo lugar se desenvolve somente em sua cabeça. E, sabe o que? Acabou-se. — Mostrou os dentes; a paródia de um sorriso — Agora você e seu pequeno sócio vão para a ponte de comando.

— Soltarão-me. — Fanfarronou e jogou para trás o cabelo com um gesto da cabeça. Seus olhos brilharam ao lhe olhar com o que ele supôs que era em parte ódio e em parte pura loucura. Devon assentiu e revirou os olhos.

— Sim, e vingará em nome de Simon e a revolução continuará bla, bla, bla. — Assinalou com o cano da arma—. Andando.

Em vez de lhes obrigar a passar pela frente dele, e dar a Felicity a oportunidade de lhe empurrar por cima da amurada, fez-lhes dar a volta por trás. Felicity passou por diante de Gordon caminhando pela cobertura tão rápido como o permitia a sacudida de cabeça do navio, que não era muito. O vento estava aumentando e sem as velas, que seguiam ondulando inutilmente, as ondas cada vez maiores faziam que navio girasse sobre si mesmo e cabeceasse como louco.

Gordon seguia agarrado à corda de salvamento da proa sem mover-se. Devon arqueou uma sobrelanceira.

— A que espera? — Fez outro gesto com a pistola — Caminha, Aggate.

O homenzinho engoliu seco e sua noz subiu e desceu de forma descontrolada. Tinha os olhos muito abertos e seu olhar não me separava das ondas que golpeavam contra o casco.

— Não sei nadar. — Gritou. Devon sorriu sem humor.

— Deveria havê-lo pensado antes de contribuir a uma trama de sequestro, tortura e assassinato que implicava um navio.

Os olhos de Gordon se abriram ainda mais, se é que isso era possível.

— Tortura? Assassinato? — Sacudiu a cabeça freneticamente — Não, não, não. Eu só... Se supõe que ninguém ia sair ferido, ninguém ia sofrer dano. Felicity disse... Disse que só precisava falar contigo... Falar contigo de seu amigo Simon.

Devon sentiu que começava a lhe ferver o sangue diante a enorme estupidez da afirmação.

— É uma conhecida terrorista internacional que está na lista dos mais procurados de, como mínimo, dez governos, incluído o nosso. — Gritou abatendo-se sobre o homenzinho até que este esteve algo mais que inclinado sobre o corrimão — Que caralho acreditava que ia a fazer quando nos subiu a bordo? Servir-nos margaridas e nos levar a fazer um cruzeiro de prazer?

— Eu... Eu não...

— Não o pensou, não é? — Gordon sacudiu a cabeça freneticamente — É um maldito agente do FBI e não me importa que não seja mais que um camundongo de escritório que só sai do arquivo para a festa anual de natal, deveria ter usado seu maldito cérebro e havê-lo suposto,



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

merda!

Gordon se tinha posto de uma interessante cor cinza.

— Não faria mal a Lacey, não o faria! Só queria falar contigo, te dizer...

— Nasceu assim de estúpido ou te treina? — Seguiu inclinando-se sobre o Gordon até que já ficou a poucos centímetros de sua cara e lhe mostrou os dentes—. Essa mulher é capaz de assassinar a sangue frio. Voou um ambulatório na Alemanha, Por Deus. Acredita que planeja deixar alguma testemunha disto, incluindo a você?

Uma vez mais os olhos de Gordon se abriram de par em par e se agarrou à camisa de Devon com suas mãozinhas rechonchudas.

— Não me matará, verdade? — Sussurrou-lhe.

Devon se aproximou um pouco mais.

— Nem pensar. — Respondeu.

— Oh, meu Deus, o que vou fazer?

Devon soltou um a um os dedos do Gordon de sua camisa.

— Vai caminhar para a ponte de comando, isso vai fazer. E quando chegarem as autoridades e lhe digam que coopere, fá-lo-á.

Gordon se esfregou as mãos nas pernas das calças.

— Sim, sim. — Disse assentindo freneticamente — Certo, e você me ajudará, verdade? Dir-lhes-á que eu estava secretamente trabalhando contigo e assim não irei ao cárcere, certo?

— Não. — A expressão de Gordon trocou e Devon sorriu — Mas não te matarei. Se alegre por isso. — Aconselhou — E agora, se mova!

Gordon trágou com dificuldade e começou a deslizar-se pela coberta com passos pequenos e afetados. Felicity ia bastante à frente deles e já estava perto da ponte de comando. Devon amaldiçoou baixo porque sabia que se Felicity pegasse Lacey por surpresa, era possível que ele se visse obrigado a fazer algo drástico.

Adiantou a Gordon, ignorando as mãozinhas do homem que lhe agarravam desesperadamente e suas súplicas de ajuda; no que a Devon respeitava não lhe importaria o mais mínimo que o pequeno Umpa Lumpa se afogasse. Apressou-se a cruzar a cobertura, mas só tinha chegado à metade do caminho quando Felicity começou a descer a escadinha.

— Não continue descendo! — Gritou e amaldiçoou porque o vento, que cada vez era mais forte, levou-se suas palavras. Começou a correr, mas a água fazia escorregadias as pranchas de madeira da coberta e Devon escorregou.

Caiu de joelhos e deslizou pela coberta quando o navio se inclinou violentamente. Ouviu o grito de Gordon que chegava de trás, mas o ignorou. Tentou incorporar-se agarrando-se ao corrimão e tentando não soltar a arma e evitar cair às na água.

Para quando conseguiu voltar a ficar em pé, Felicity já não a via por nenhuma parte. Amaldiçoou e, com uma mão na corda de salvamento para manter o equilíbrio, foi aproximando e agarrando velocidade quando alcançou os últimos metros que ficavam para chegar à ponte.

Olhou abaixo e viu o Felicity na escadinha, com o pé a ponto de acabar de descer o último degrau. Soltou um suspiro de alívio ao ver que não tinha dado tempo a nada mais e lhe apontou com a arma.

— Por que não se senta Felicity? Ponha-se cômoda.

Olhou-o por cima do ombro e depois se girou para acomodar-se no acolchoado banco de madeira de bombordo. Fez uma careta.

— O assento está molhado. — Disse e tentou levantar-se.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sobreviverá. — Disse — Não mova o traseiro daí.

Com um olhar sinistro dirigido à arma que levava, ela obedeceu à contra gosto.

— Algo mais? — Disse com mau humor.

Ele sorriu.

— Já te direi quando me ocorra algo. — Prometeu. Sem apartar os olhos dela, chamou a Lacey — Neném, como vai tudo?

Ela apareceu à cabeça pelo oco da escadinha.

— Tudo arrumado. — Disse quase sem fôlego pelos nervos — A guarda costeira disse que lhes levará uns vinte minutos chegar até aqui.

— Não teve problemas para convencê-los de que era urgente?

Negou com a cabeça.

— Não. Disseram-me já tinha chegado um aviso sobre ela. — Olhou a Felicity com cara de poucos amigos — Parece que a polícia prendeu a seu sócio, ao menos a um deles, em Sault Sainte Marie.

A cara de Devon mostrou surpresa.

— Ah, sim?

Lacey sorriu.

— Sim, por isso entendi estavam fazendo um controle em busca de um falsificador local, comprovando carteiras de motorista, certidão de nascimento e também passaportes americanos e canadenses. E seu amigo Dimitri tinha dois passaportes canadenses com os nomes do Douglas e Maryann Freeman. Um era obviamente para ele e o outro tinha a foto de Felicity. Suponho que surrupiaram o nome real dela, porque assim que o mencionei, tomaram a sério imediatamente.

— Nossa... — Disse Devon sorrindo à raivosa Felicity — Parece que Dimitri não suporta nada bem a pressão.

— Esse imbecil... — Bufou. A face de Felicity estava quase púrpura de raiva. Devon riu.

— Sim, suponho que a próxima vez deveria escolher a seus colaboradores com algo mais de cuidado. Embora, claro, a próxima vez que volte a ver a luz do sol terá que escolher companheiro te apoiando em se tiver dentes ou não.

Felicity apartou a face e Devon voltou a rir. Estendeu a mão para Lacey, atraindo-a até a ponte de comando e apertando-a contra seu lado.

— Está bem, carinho? — Perguntou-lhe e lhe deu um beijo na têmpora.

— Sim. — Suspirou fechando os olhos e lhe rodeando com os braços — Mas me dói a cabeça no lugar onde Gordon me golpeou. — Olhou a seu redor e franziu o cenho — Como certo, onde está Gordon?

— Oh, merda. — Grunhiu Devon — O esqueci na cobertura.

Lacey se voltou e apoiou um pé no banco para olhar a estribo.

— Nossa, acredito que não o está passando muito bem. — Disse e Devon se voltou para olhar também.

— Oh, merda. — Repetiu, desta vez seguido de um suspiro de resignação — Acredito que vou ter que ir resgatá-lo.

Lacey não pôde evitar uma risada. Gordon necessitava ajuda. Estava de barriga para baixo sobre a cobertura com as extremidades estendidas como uma estrela de mar e agarrando-se ao corrimão como um mexilhão. Enquanto o observava, ele levantou a cabeça. Ela estava segura de que gritava para pedir ajuda, mas o rugido do vento e as ondas afogavam qualquer som.

— Sim, vai ter que ir buscá-lo. — Suprimiu um sorriso quando ele a olhou com olhos



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

suplicantes — Tem que ir, Devon. Não lhe pode deixar morrer aí.

— Não morrerá... — Replicou, mas depois suspirou quando ela o olhou cortante — Tá, tá, vou buscá-lo. Mas só para me assegurar de que vá ao cárcere o resto de sua vida.

— Por mim tudo bem.

— Toma, pegue-a.

Lacey olhou a arma que estendia.

— Por quê?

— Porque eu tenho que sair a trazer o chorão e você tem que vigiá-la. — Explicou Devon assinalando a Felicity com o queixo.

Lacey pôs má cara, mas agarrou a arma.

— Só tenho que apontá-la?

— Sim. — Deu-lhe um breve beijo nos lábios e depois quadrou os ombros — Vou pelo Umpa Lumpa. Já volto.

Lacey o olhou afastar-se com um sorriso e voltou a fixar sua atenção em Felicity.

— Não parece uma terrorista. — Disse e isso arrancou um meio sorriso da outra mulher.

— Ah, não? E que pinta tem os terroristas?

Lacey deu de ombros.

— Não saberia te dizer. Não tinha conhecido a nenhum antes de hoje.

— Então como sabe que não tenho pinta de terrorista?

— Tem razão. — Lacey se sentou frente à Felicity — Assim que seu plano era atrair a Devon a investigar os rumores sobre a operação de falsificação de Simon para que você pudesse matá-lo.

Felicity não disse nada, mas seus olhos se converteram em pedra quando mencionou o nome de Simon.

— Não é um mau plano. — Prosseguiu Lacey como se não se deu conta, mas reprimindo um calafrio diante o olhar gélido dos olhos da mulher. Sim que dava bastante medo. Lacey agarrou a pistola com mais firmeza — Exceto porque não funcionou claro.

— Teria funcionado. — Resmungou Felicity — Teria funcionado se esse troll anão e insípido não se empenhasse em vir.

— E por que o permitiu? — Perguntou Lacey — Vamos ver, obviamente não é muito inteligente nem tampouco nada forte. Não poderia haver feito isto você sozinha?

— Não tenho por que responder a suas perguntas.

— Não, é certo. Mas eu só tenho curiosidade. Não é que nada do que diga vá ser utilizado em seu contrário nem nada disso. Já tem muitas coisas em seu contrário.

Felicity guardou silêncio um momento e depois murmurou algo.

— O que?

— Não podia deixar que esse bode o contasse. — Repetiu Felicity — Me ameaçou tirando tudo à luz se não o incluía. Tinha delírios pensando que ia ser o novo James Bond.

Lacey olhou por cima do ombro aonde Devon, agarrando as costas da camisa de Gordon, puxava dele pela cobertura. O homenzinho se negava a soltar o corrimão, o que fazia que Devon tivesse que puxar mais forte. Como isso não funcionava, pisou-lhe nos dedos que tinha agarrados com seu pé nu e Gordon uivou de dor e se soltou.

Lacey se voltou para o Felicity com um sorriso.

— Acredito que isso não vai acontecer.

Felicity franziu o cenho.

— Deveria havê-lo matado quando tive a oportunidade.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Se dar conta de que agora não te vai servir de muito. — Olhou por cima do ombro a Devon que seguia puxando Gordon. O homenzinho agora tinha um sorriso tolo na cara — Necessita ajuda carinho?

— Não, já o tenho, neném. — Respondeu — E você tudo bem?

— Oh, bem. — Lacey olhou a Felicity pela extremidade do olho só para assegurar-se de que não se tinha movido. Estava olhando as unhas, comprovando a manicura, assim pôde voltar a olhar ao Devon justo quando este se escorregava na cobertura molhada.

Ela se levantou de um salto quando Devon caiu de joelhos e soltou Gordon para poder utilizar as mãos para recuperar o equilíbrio, mas Gordon se agarrou como um marisco fazendo que ele perdesse ainda mais e ambos caíram dando tombos pela cobertura.

— Oh, merda. — Sussurrou Lacey e subiu ao banco para ver melhor — Devon está bem?

Devon levantou a cabeça e Lacey sentiu que lhe encolhia o coração ao ver que tinha sangue na testa. Tocou o corte com os dedos e soltou uma maldição.

— Sim, estou bem. — Assegurou. Voltou-se e tirou as mãos do Gordon — Você também está bem, idiota, assim deixa de me puxar!

Lacey sorriu pelo alívio.

— Seguro que não necessita que te dê uma mão?

Voltou a olhá-la com um sorriso como resposta. Abriu a boca para falar, mas sua expressão trocou de repente e seus olhos se encheram de horror.

— Lacey, cuidado!

— O que...? — Começou a dizer Lacey, mas então sentiu que o ar mudava atrás dela e se deu conta de que tinha afastado sua atenção de Felicity durante muito tempo.

Mais tarde o recordaria durante toda sua vida com uma clareza total, como se tivesse passado a câmara lenta. Mas o certo é que tudo ocorreu em um abrir e fechar de olhos.

Girou a cabeça, começou a voltar-se para apontar de novo a arma para o Felicity, mas a outra mulher já se levantou e se estava movendo. Tinha a manivela do manche na mão, levantada por cima de sua cabeça e caindo. Lacey soube que não ia poder apontar a arma a tempo.

Viu em câmara lenta como ia descendo o braço de Felicity e a luz que penetrava pelo oco da escotilha brilhando sobre o cromo da manivela. Ia dirigida a sua cabeça e um instinto de sobrevivência instantâneo fez que se movesse.

Recuou sem deter o movimento de levantar a mão, desejando contra toda esperança que lhe desse tempo a disparar antes que a golpeasse. A manivela baixou sobre ela com um brilho de metal brilhante e em seu desespero ela se lançou a um lado de forma que em vez de lhe alcançar a cabeça, o golpe o recebeu totalmente no antebraço.

Lacey sentiu uma pontada de dor quando os ossos cederam, viu que os dedos se relaxavam até ficar inertes e a arma que caía da mão para golpear com um ruído surdo o chão da ponte. Não notou a dor durante uns segundos breves, os justos para perguntar-se por que não o sentia, e então chegou.

A dor foi como um maremoto que caiu sobre ela com ondas negras e gordurentas. Nublou-lhe a visão e fez que subisse bôlis pela garganta. Durante uns segundos teve muito medo de desmaiar. Ouviu muito longínquo o grito de pânico de Devon, sentiu que lhe empurravam o ombro, o que a fez recuar e cair no chão da ponte, mas apenas se notou cair. Toda sua concentração estava fixa em não perder a consciência.

Devon sentiu que o coração caía aos pés quando viu que Felicity se abatia sobre Lacey com a manivela do manche. Gritou uma advertência rouca e tentou ficar em pé, mas com o Gordon



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

agarrado a ele só pôde olhar com horror como Felicity baixava sua arma improvisada.

E ali, sobre a cobertura, de onde não podia fazer nada, pôde estar seguro de que o golpe tinha quebrado o antebraço de Lacey.

Gordon seguia agarrado a sua perna com a tenacidade de um polvo, gritando como um menino de dois anos, e Devon acabou a paciência. Pegou impulso e com um só murro de perto o deixou inconsciente. Seus braços ficaram imediatamente sem força e Devon pôde levantar-se e sair de debaixo desse peso morto. Não se preocupou de assegurar Gordon; ficou imediatamente de pé e já se encaminhava para a ponte quase antes que Gordon estivesse de tudo inconsciente.

Viu Felicity procurando pelo chão a pistola que tinha caído da mão inerte de Lacey. Estava à só um passo dela quando ao fim a encontrou, levantou-a e a apontou para ele com mão firme e um brilho assassino nos olhos.

Ele se deteve amaldiçoando entre dentes e levantou as mãos. Olhou atrás de Felicity para a silhueta imóvel de Lacey que estava feita um novelo no chão da estreita ponte. Pareceu-lhe vê-la piscar, isso é que estava consciente, mas não podia permitir-se afastar os olhos de Felicity o suficiente para assegurar-se.

— Bom, bom, bom. — Cantorolou Felicity — Olha como trocaram as voltas...

Devon era dolorosamente consciente de que a borda da coberta do navio estava só a uns centímetros atrás dele; embora ela só conseguisse o ferir até disparando de uma distância tão curta, a força do disparo o lançaria por cima do corrimão diretamente à água. Começou a mover-se muito pouco a pouco para sua direita, girando-se de forma que suas costas desse para a cobertura em vez de a vasta extensão do lago Hurón.

Seu cérebro procurava freneticamente uma saída para essa confusão e por isso só conseguiu dizer:

— Estamos em meio do lago Hurón, Felicity. Aqui não há voltas.

— É uma maneira de falar, filho da puta. — Subiu ao banco e lhe apontou a arma no peito — Esta não é a forma em que o tinha planejado, sabe? Tinha um plano de torturas muito detalhadas desenhadas especialmente para você.

— De verdade? — Perguntou soando tranquilo. Seguiu caminhando para trás pela coberta, arrastando Felicity com ele. Quanto mais andasse pela cobertura, mais oportunidades tinha que ela escorregasse ou troçasse.

— Dá-me pena perder essa oportunidade. Suponho que poderia me inteirar de alguma coisa contigo. Com certeza que sim. Vocês, os do governo, não são nada bons neste jogo das torturas. São muito suaves, muito éticos. Têm todas essas leis e normas e gente ante a que responder se o prisioneiro morre durante o interrogatório. Por isso é muito melhor ir por livre... Se pode ser muito mais criativo.

— Sim, já vi os resultados de sua criatividade. — Devon deu outro passado atrás — Esse padre russo ortodoxo no Gstaad foi algo especialmente criativo. O destripamento foi uma pincelada de genialidade.

Felicity sorriu.

— Passei-me isso tão bem... — Murmurou com os olhos iluminados por uma espécie de febril excitação ao recordá-lo — Gritava tanto, tanto que ficou rouco. E depois só podia gemer enquanto suas tripas se esparramavam pelo chão.

Devon não se incomodou em evitar o asco em sua voz.

— Sim, isso é algo do que sentir-se orgulhosa...

O olhar de Felicity estava cheia de tristeza e tinham embaciado os olhos da emoção.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Sinto falta daqueles dias. — Voltou a centrar-se nele e seu olhar se endureceu — Ia repetir essa diversão contigo, mas parece que vou ter que me ocupar de ti aqui mesmo. Que pena.

Devon deixou de caminhar para trás. Não podia afastar-se mais porque já estava quase em cima do inconsciente Gordon. Olhou para a ponte, mas estava muito longe para poder ver Lacey, assim se voltou de novo para Felicity, que já tinha saído dali e estava de pé na estreita franja de cobertura que havia entre a ponte e o corrimão.

— Não posso te dizer quão decepcionado estou por isso. — Disse sorrindo. Baixou muito lentamente as mãos e as meteu nos bolsos. Ela entreabriu os olhos e deu um passo para ele — Vou desfrutar muito com isto. — Disse e levantou o braço com a arma para apontar diretamente a sua cabeça — Suas últimas palavras?

Devon viu movimento na ponte e teve que obrigar-se a não olhar. Podia ver Lacey que se movia no extremo de seu campo de visão, mas não se atrevia a dirigir o olhar para ela.

Querida que a atenção de Felicity se fixasse só nele.

— Ummm... Umas últimas palavras? — Disse e tirou uma mão do bolso para dar-se uns leves golpes no queixo pensativo — Tudo bem "Ainda não começou a luta"?

Felicity riu um som tenso e crispado que cortou o ar da noite.

— Oh, está acabado. — Disse e apertou o gatilho.

Devon se moveu assim que viu que seu dedo se esticava sobre o gatilho. Lançou-se para a direita, tentando chegar o pano da vela que havia sobre a ponte de comando. Ouviu o disparo e quase imediatamente sentiu uma explosão de calor no ombro. Grunhiu e soube o que significava essa dor assim que caiu contra a cobertura.

Aterrisou sobre o lado direito, com a metade de seu corpo sob o pano da vela. Ardia-lhe o ombro esquerdo e sabia que não poderia utilizar esse braço. Arriscou-se a dar uma olhada rápida a seu ombro para avaliar o dano. Saía sangue da ferida e a mancha se estava estendendo com rapidez, mas não saía a fervuras nem a jorro, assim emitiu um suspiro de alívio. Mesmo assim sabia que podia sangrar-se com certa rapidez se não aplicava pressão sobre a ferida. Mas estava seguro de que Felicity não ia dar a oportunidade de fazê-lo. Girou para apoiar-se sobre as costas e a encontrou a uns centímetros com a arma lhe apontando diretamente à cara. Tinha um sorriso feroz.

— Desta vez não falharei. — Assegurou — Vá ao inferno, senhor Bannion.

Ele devolveu o sorriso com os dentes apertados.

— Assegurarei-me de saudar Simon de sua parte quando chegar ali.

Viu que seus olhos se voltavam quase negros de raiva enquanto se aproximava ainda mais, reduzindo a distância entre os dois. Inclinou-se sobre ele, virtualmente pegando a arma à cara e ele amaldiçoou em silêncio. Querida-a ainda mais perto para tentar incorporar-se com o impulso de suas pernas e pegá-la despreparada tanto se conseguia lançar-se sobre ela com todo seu peso como lhe dar um golpe lateral que lhe arrancasse a arma da mão, mas ela estava virtualmente em cima dele e não havia forma de apoiar as pernas para incorporar-se e evitar o disparo.

Estava morto.





Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey choramingou lutando por não perder a consciência. A dor no braço superava algo que tivesse sentido em sua vida. Irradiava desde esse ponto e pulsava de uma vez que seu coração, chegando a todo seu corpo até que quão único sentia era um batimento enorme. Notou as mãos de Felicity sob seu corpo e se deu conta de que procurava a arma que tinha caído. Tentou ficar em pé, mas Felicity lhe deu um empurrão e ela voltou a cair com uma nova dor explodindo no braço.

Deve ter desmaiado uns segundos. Quando voltou para a realidade utilizou seu braço bom para apoiar-se e ficar de joelhos na ponte, respirando fundo para evitar as náuseas. Podia ouvir Felicity e Devon, mas não entendia as palavras. Acabava de ficar em pé e estava tentado se localizar quando ouviu o estalo de um disparo. O som a desconcertou tanto que se girou bruscamente antes de dar-se conta e teve que apertar os dentes pela dor intensa de seu braço.

Piscou para afastar as lágrimas e olhou segurando o braço direito com força contra seu flanco. Quão último queria fazer era batê-lo acidentalmente com algo e perder o conhecimento de novo. Fez um nó no estômago ao ver Felicity, de pé sobre a cobertura a só uns metros dela, com a pistola na mão e uma leve espiral de fumaça saindo do cano.

Com o coração na boca olhou para onde apontava a pistola. Gordon estava atirado na cobertura sem mover-se, mas não sabia se tinha disparado ou não e o certo é que não lhe importava.

Não pôde ver Devon durante um breve mais agônico momento e pensou que poderia ter caído pela amurada. Então ouviu o grunhido, seu som gasto pelo vento para onde estava ela, e o viu.

Estava caído de lado no chão com uma mancha escura estendendo-se o pelo ombro esquerdo. Então compreendeu que Felicity lhe tinha disparado e provavelmente não onde pretendia; Felicity não tinha parecido nada estúpida, além de suas lealdades questionáveis, e duvidava de que uma terrorista internacional cometesse o engano de jogar com um adversário tão bem treinado e com as habilidades do Devon.

O que queria dizer que tinha falhado ou que Devon era especialmente bom esquivando balas. Fosse como fosse, Lacey sentiu que o coração elevava um pouco. Mas Felicity seguia tendo a arma e ia para Devon. Lacey viu que ele rodava para ficar de barriga para cima; uma breve expressão de dor cruzou sua face antes que pudesse reprimi-la. Disse algo que Lacey não pôde ouvir porque o vento tinha mudado, mas que teve um efeito imediato em Felicity.

Viu que a mulher se inclinava sobre o Devon, aproximava a arma a sua face e ela soube que não havia maneira, por muito bom que fosse ele esquivando balas, de que conseguisse evitar esta.

Lacey procurou freneticamente algo que pudesse usar como arma, mas o único que havia por ali eram cilindros de corda e as almofadas dos assentos. A manivela do manche que Felicity tinha utilizado para lhe quebrar o braço estava no banco, mas não podia atirá-la com a mão esquerda nem tampouco correr para ela para golpeá-la com o objeto porque não havia tempo suficiente para salvar Devon.

Sentiu que o pânico começava a embargá-la e que as lágrimas amontoavam na garganta, mas se obrigou a traga-as, o braço lhe doía horrores e as náuseas seguiam rondando o estômago, mas ignorou ambas as coisas. Tinha que encontrar algo que usar como arma ou como distração para Felicity. Mas o que? O que podia utilizar? E então se fixou no pedaço do mastro que girava sem verificação. E em que Felicity estava justo em seu caminho.

Apertou os dentes para evitar o pânico que lhe causava mover-se, subiu no banco de bombordo e depois a cobertura. O mastro estava muito mal amarrado a bombordo, mas os cabos de estibordo não estavam o que fez que Lacey se perguntasse como demônios tinha conseguido



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Felicity fazer que esse navio navegasse.

Desatou rapidamente as amarras que ficavam com a mão esquerda e o pau começou a girar imprudentemente. O vento cobria o ruído e o levava longe antes que alguém o detectasse. Lacey dedicou um olhar rápido a Felicity. Não podia lhe ver a cara de tudo, a outra mulher lhe dava as costas e estava meio volta para o outro lado, mas via o suficiente para saber que não tinha trocado de opinião sobre o de disparar em Devon.

Agarrou o pau com força com a mão esquerda e jogou atrás o braço. Pesava e se tivesse tido o vento em contra não teria podido consegui-lo. Mas por sorte o vento pareceu trocar nesse momento e quando viu que Felicity levantava a cabeça com uma expressão definitiva na cara, lançou seu peso para frente e soltou o pedaço de mastro.

Felicity deve tê-la visto vir pela extremidade do olho, porque girou a cabeça e abriu a boca em um grito. Tentou afastar-se de sua trajetória, mas escorregou e o pau a golpeou enquanto caía.

Lacey deu um pulo e afastou a vista. Se Felicity tivesse estado de pé, o pau haveria batido no ombro ou na parte superior do torso. Teria saído despedida pela amurada ou teria vários ossos quebrados, mas teria vivido. Mas ao cair, sua cabeça ficou bem no caminho da coluna de alumínio e plástico endurecido. O impacto soou como um melão que golpeia a calçada ao cair de uma altura de quatro andares. Lacey não teve que olhar para saber que estava morta.

— Lacey, carinho, está bem?

Ouviu a voz de Devon que se aproximava e abriu um olho para vê-lo caminhar para ela, meio agachado para evitar o mastro solto. Vê-lo mover-se, embora tivesse o braço esquerdo pendurando inerte ao flanco, encheu-a de um sentimento de alívio tão entristecedor que toda a adrenalina a abandonou e caiu sobre cobertura.

— Estou bem. — Conseguiu dizer. Examinou-lhe a cara quando ele se sentou junto a ela — E você?

— Oh, bem. — Disse alegremente com um sorriso cansado na face — Só um dia mais de trabalho. — Pôs-lhe os dedos suavemente na bochecha — Que tal seu braço?

— Quebrado. — Disse e uma lágrima escapou antes que pudesse detê-la. Agora que sabia que tudo estava bem, começava a sentir a dor de novo — E seu ombro?

— Com um tiro. — Disse e ela emitiu uma risada chorosa.

— Nossa que casal, né? Seu braço esquerdo e meu braço direito inúteis.

— Por agora. — Disse — Mas enquanto possa seguir fazendo isto. — Disse lhe agarrando a mão esquerda com sua mão direita, entrelaçando seus dedos e levando-lhe aos lábios — Serei um homem feliz.

Lacey piscou para afastar mais lágrimas.

— Amo-te. — Murmurou.

Devon apertou mais os lábios sobre seus dedos e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, sua visão era clara.

— Eu também te amo.

Ela suspirou e se apoiou em seu ombro são.

— Só para que conste, vai deixar este trabalho imediatamente, ouve-me?

— Imediatamente.

— Bem. — Fechou os olhos — Porque eu gostaria que nossas próximas férias fossem um pouco mais tranquilas que estas.

Devon lhe deu um beijo na têmpora entre risadas.



— Trato feito.

Capítulo 22

A guarda costeira apareceu pouco depois, cobriram-nos com mantas e os levaram a sua lancha em um abrir e fechar de olhos. O médico do navio deu uma rápida olhada a suas feridas, proclamou que superavam suas capacidades e pediu um helicóptero para levá-los a terra para que recebessem tratamento médico.

Ambos acabaram compartilhando um espaço isolado por uma cortina nas urgências do Mackinac Straits Hospital. Lacey, que levava o braço em uma improvisada tipoia cortesia do médico da guarda costeira, observou enquanto o pessoal de urgências examinava e apalpava o ombro de Devon. Cada vez que tocavam a ele, era ela a que fazia um gesto de dor.

— Não te dói? — Perguntou-lhe ao fim depois ver como a enfermeira rebuscava no buraco com um instrumento metálico.

Ele sorriu. A via tão adorável sentada ali na maca com o braço sujeito sobre o estômago... Tinha o cabelo alvoroçado, círculos escuros sob os olhos e ia perdendo seu senso de humor conforme ia avançando a noite.

Mal pôde reprimir uma careta quando a enfermeira voltou a rebuscar na ferida. Tinha se negado a que lhe administrassem qualquer medicação para a dor, assim estava algo mais que incômodo. Mas não queria nada que embotasse os sentidos e sabia por experiência que os analgésicos, por muito suaves que fossem, descontrolavam-lhe muito.

— Sim, dói. — Disse.

— Então por que não deixa que lhe deem algo? Confia em mim, o Demerol é fodido de bom.

— Aconselhou-lhe sorrindo.

Ele riu. Apparently os analgésicos também transtornavam um pouco a ela.

— Neném, não está um pouco dopada?

Ela soltou uma risada que surpreendeu inclusive a si mesma por quão infantil soou.

— Não sinto nenhuma dor. O que é genial, dado que sentia uma mega dor antes. É que me doía o braço...

Ele ficou muito sério ao recordá-lo.

— Sinto muito, Lacey. Foi minha culpa.

Ela franziu o cenho e o olhou piscando como um mocho.

— Como?

— Supõe-se que tinha que te proteger e não o fiz. Sinto muito.

— Idiota...

Ele piscou, impactado pela veemência de seu tom. Embora soubesse que a havia vexado, esperava que o absolvesse da responsabilidade.

— Eu disse que o sinto.

— Sei, mas é um idiota. — Agitou a mão boa e quase atirou a bandeja do instrumental que tinha junto ao cotovelo — Mas como tem o ego tão grande para acreditar que tudo é responsabilidade ou sua culpa? — Sacudiu a cabeça e teve que agarrar-se ao enfermeiro que tinha acudido rapidamente em resgate da bandeja do instrumental — Ooooooh... Fiquei um pouco tonta.

Devon engoliu uma gargalhada e pôs cara séria quando ela se voltou para olhá-lo.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— O que estava dizendo?

— Que sou um idiota. — Respondeu solícito.

— Oh, certo, obrigado. Não é culpa sua que eu tenha saído ferida. Não deveria ter afastado os olhos dela. Pegou-me de surpresa.

Então suspirou tristemente e se deixou cair na maca com um golpe seco.

— Acredito que não estou feita para estas histórias de espões.

Devon ignorou as olhadas interessadas das enfermeiras.

— Não, provavelmente não, carinho. Mas não passa nada.

— Já lhe disse que não valia para isso, lembra? Você disse que sou uma friki dos computadores, não uma garota Bond.

— Poderia ser uma garota Bond, meu amor, me acredite.

— Não... — Disse fazendo um gesto de despreocupação com a mão que bateu no enfermeiro em plenos testículos. Ela voltou a suspirar enquanto o rapaz caía ao chão com um gemido — Não quero ser uma garota Bond... Se o pensar bem, James Bond é um mariquinhas.

Devon olhou a sua enfermeira enquanto um segundo enfermeiro se apressava a ajudar por compaixão a seu colega caído.

— Um mariquinhas?

— Sempre tem que depender de seus aparatinhos. Não me interprete mal... São uns aparatinhos muito fanfarrões, mas Q. é o verdadeiro cérebro que há atrás de tudo. Bond não fabrica nenhum dessas intrigas.

— Não, é que não é MacGyver. — Respondeu Devon.

— E M., ela sim que é o cérebro de verdade. Ela é a que move todo o albergue. — Lacey assentiu — Sim, é que terá que pôr uma mulher a dirigir as coisas para que tudo resulte acreditável.

— M. nem sempre foi uma mulher, sabe? — Disse e ela se girou para olhá-lo.

— O que quer dizer com isso? — Perguntou e voltou a sentar-se — Mas se a interpreta Judi Dench! Perdão, **Dame** Judi Dench. E leva saia e tudo. É uma mulher em toda regra.

— Sim, mas o personagem não foi escrito originalmente assim... Mas não importa.

— Já... E outra coisa sobre o James Bond: o que é isso de "misturado, não agitado"? Por favor... O único que consegue com um Martini misturado é a genebra aguada e danificada. — Sacudiu a cabeça — Estúpido...

O enfermeiro já se pôs de novo em pé, como pôde, e ia caminho da porta dizendo algo de colocar gelo. Devon sacudiu a cabeça: seu pequeno anjinho era capaz de tombar a mais de um. Ergueu-se quando o médico entrou no cubículo com as pastas na mão.

— Como se encontra, senhor Bannion?

— Como você acha? Tenho um buraco no ombro.

O médico, um homem jovem de uns trinta, olhou por cima dele para Lacey.

— Vejo que você sim aproveitou das vantagens dos analgésicos, senhorita Johnson.

— Assim que me ofereceram. — Disse isso lhe dedicando um sorriso um pouco torto.

Ele riu e voltou a olhar a Devon.

— Devo entender que você não quis tomar analgésicos? — Devon assentiu — Me parece bem e seguro que o homem zangado que agora mesmo não deixa de passear acima e abaixo pelo vestibulo com um traje caro e um mau corte de cabelo estará muito contente de ouvir isso. Parecia preocupado por esse tema quando falamos.

Devon grunhiu.

[A22] Comentário: O prefixo Deme, o equivalente feminino de Sir, usam-no as personalidades femininas que receberam a condecoração britânica da Ordem da Grande Cruz, outorgada a aqueles que tenham rendido importantes serviços ao Império Britânico em sua atividade profissional. , N. da T.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Não me diga que está aqui.

— Quem está aqui? — Perguntou Lacey.

Devon sentiu a necessidade de dar um chute em algo.

— Não há maneira de que tenha chegado aqui tão rápido. Devia estar já em caminho.

— Em caminho?

O médico estava estudando os informes.

— Acredito que veio da ilha em helicóptero.

— Merda, merda, merda! — Devon esfregou os olhos com a mão direita — Não quero ter que me enfrentar a tudo isto agora.

— Te enfrentar a que?

— Não acredito que tenha escolha. — Disse o médico afastando as pastas e começando a comprovar seus constantes — Não parece um homem paciente.

— E me diz isso... — Resmungou Devon piscando quando o doutor lhe enfocou a luz de sua lanterna nos olhos. Depois amaldiçoou e se afastou quando um hemostático esquivou por pouco ao médico para depois passar voando junto a sua orelha. Ficou olhando a Lacey com cara de incredulidade.

— Deixa de me ignorar! — Exclamou ela tirando o lábio inferior em uma careta — De quem está falando?

Seguia olhando-a fixamente.

— Você me atirou isso?

— Não me estava fazendo conta!

— Atirou-me um instrumento metálico?

Ela deu de ombros.

— Era o que tinha à mão. Acredito muito na improvisação.

Ele soltou uma risada e depois uma gargalhada quando viu a expressão rebelde de sua cara.

— Certo. Certo. — Se rendeu agitando a mão — Não me atire mais coisas.

Lacey agarrou um cilindro de gaze da bandeja.

— Não te prometo nada. Diga-me do que está falando ou te atirarei a gaze.

Ele a sorriu embora estivesse doendo uma barbaridade porque o médico mexia na ferida nesse momento.

— Nossa vida não vai ser aborrecida alguma vez, verdade?

Pode que estivesse um pouco drogada, mas não estava lenta. Arqueou uma sobrancelha.

— Nossa vida? Juntos?

O sorriso permaneceu em seu lugar, mas sua voz ficou muito séria.

— Oh, sim. Pode que ainda haja alguns detalhes que arrumar, mas sim que vamos ter uma vida juntos.

Lacey soltou uma gargalhada incrédula, mas não pôde evitar o sorriso.

— Quer deixar de trocar de tema? De quem estava falando?

Devon abriu a boca para responder, mas fez uma careta para ouvir o rangido da pele barata contra o linóleo.

— Acredito que o vai ver por si mesma. — Disse e se girou no mesmo momento no que a cortina se abria de repente.

— Agente Bannion, me informe da situação.

Devon revirou os olhos.

— Estou bem, Preston. Obrigado por perguntar.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Quem é este?

Devon fez um gesto de apresentação.

— Preston Smythe-White, diretor de... Bom, de uma agência que se supõe que não existe. É meu chefe... Tecnicamente.

— Ah. Está seguro que não é um estirado do FBI? Leva sapatos disso.

Preston ignorou essa referência nada adulatora a seus sapatos.

— Agente Bannion, pode me dizer o que ocorreu?

— Claro, assim que acabem de me curar. — Devon se queixou — Cuidado, doutor.

— Sinto muito. — O médico acabou a exploração e colocou uma vendagem de pressão sobre o ombro de Devon — Tem certo dano muscular, mas a bala o atravessou limpamente e acredito que não há nenhum tendão afetado. Mas quero uma ressonância para estar seguro.

— Simplesmente me costure, doutor. Estarei bem.

— Faremos que lhe costurem e lhe façam a ressonância em outra parte, doutor. — Preston dedicou o que Devon estava seguro que Preston acreditava que era um sorriso simpático, mas o que realmente parecia era um peixe com constipação.

O médico se limitou a encolher-se de ombros e acabou a vendagem. Sabia que algo estranho estava passando em sua sala de urgências, mas levava fazendo turno duplo desde que o outro residente permanente encarregado tinha tido um acidente no que tinha embutido o carro em um poste de telefones fazia uma semana e agora mesmo não tinha energia para ser curioso.

— Como queiram. — Disse e se voltou para ir — A vendagem de pressão aguentará até que cheguem aonde seja que vão, sempre e quando mantiver o braço imóvel. E quanto a você... — Disse dirigindo-se a Lacey — A vamos subir daqui a pouco para dar uma olhada a esse braço.

— Vamos imediatamente. — Disse Preston assim que o médico saiu — Necessito detalhes e aqui há uma civil presente. — Dedicou-lhe seu olhar perpetuamente desagradável a Lacey.

Ela lhe mostrou a língua.

— E uma merda, cara! Pode que eu não esteja na lista de nomes, mas não estou aqui como "civil". Sua maldita terrorista internacional me tem quebrado o braço e quero saber o que está acontecendo.

Preston se voltou para Devon, que seguia sentado na maca sorrindo.

— Do que está falando?

— Sua informação deve estar incompleta, Preston. — Devon piscou um olho a Lacey — Esta é Lacey Johnson. O escritório local de Chicago me atribuiu ela como companheira para esta missão.

— O que?

Lacey fingiu um estremecimento diante seu tom gélido.

— Ooooooh! Que medo?

Devon riu.

— Pode que tudo seja mais fácil se nos disser o que sabe Preston. Eu posso preencher o que te falte.

— O Tesouro nos advertiu que era possível que alguns dos dados tivessem sido manipulados.

Lacey riu.

— Isso é pouco dizer. — Murmurou.

Devon ficou de pé. Molhou uma parte de gaze e começou a limpar a mancha laranja de desinfetante que tinha ao redor da vendagem do ombro.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Para começar, Simon está morto.

— Como ocorreu?

— Nossa. — Interveio Lacey — Incrível... Conseguiu não dar nenhuma inflexão a sua voz!

Preston nem a olhou, mas seu olho esquerdo se entrecerrou um pouco.

— Devon, como morreu Simon?

Devon atirou a gaze na lata do lixo.

— No da Praga, faz dezoito meses. Pelo jeito estava ferido, mas conseguiu fugir a Budapeste.

Morreu ali. Felicity o ocultou principalmente para idear um elaborado plano de vingança. Encontraram Ivanovich, que a esperava em Sault Sainte Marie. Pelo que ouvi da guarda costeira, ainda está cantando.

Abriu a boca para dizer algo mais, mas Preston o interrompeu.

— Podemos tratar o resto na sessão para render informe da operação. Tenho um helicóptero esperando para nos levar a Langley. Faremo-lhe a ressonância e os exames de praxe e depois esclareceremos isto.

— Langley? — Lacey se incorporou. Soava preocupada — Se vai?

Devon sacudiu a cabeça em sua direção.

— Não, não vou não se preocupe. — E dirigindo-se a Preston esclareceu — Programa a sessão aqui, Preston. Não vou deixá-la sozinha.

— Agente Bannion, o procedimento...

— À merda o procedimento. Tem o braço quebrado. O romperam servindo a seu país, se quer que me ponha técnico. Pode que inclusive necessite cirurgia. Fico com ela.

Pareceu que Preston ia discutir, mas em vez disso assentiu brevemente.

— Está bem. — Afastou um pouco a manga para olhar o relógio — Estou esperando uma chamada. Desculpe-me.

Devon o viu sair.

— Odeio-o.

— Por quê?

Voltou-se para olhá-la e sorriu. Os medicamentos a estavam afetando; já tinha passado de dopada a sonolenta e quase não podia manter os olhos abertos. Cruzou a habitação para ficar a seu lado.

— Porque é um idiota e não confio nele. — Explicou. Lacey suspirou e lhe acariciou a testa com seus dedos frios.

— Promete-me que não vai a nenhuma parte? — Perguntou enquanto uma enfermeira e um carregador de maca começavam a levá-la.

— Prometo. — Disse e se inclinou para lhe dar um beijo terno.

— Amo-te. — Disse em um suspiro enquanto a levavam.

— Eu também te amo. — Disse e a viu sorrir até que desapareceu de sua vista.

Quando voltaram a trazê-la com um gesso no braço, ele não estava.



— O que faz?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey levantou a vista para ver Jane de pé na soleira do quarto.

— A mala.

— E aonde vai? Ouça, não baixe isso. — Ela se apressou a aproximar-se e baixou uma bolsa de viagem de couro de uma prateleira do armário — Te fará mal no braço. — Repreendeu.

Lacey sorriu e deu um sonoro beijo na bochecha de Jane.

— Certo, mamãe.

Jane olhou a Lacey pôr a bolsa sobre a cama com o cenho franzido.

— E para que faz a mala?

— Vou a Washington. — Explicou Lacey. Procurou na cesta de roupa limpa que havia sobre a cama e tirou um punhado de meias. Meteu-as na bolsa e foi até a cômoda.

Jane franziu o cenho.

— Por quê? Aconteceu algo? Acreditava que já tinha prestado contas no escritório local do FBI.

— Sim, fiz. — Lacey deu de ombros — Foi melhor do que esperava a verdade. Mantiveram-me em uma sala pequena com dois agentes que enganchavam um cigarro com outro e que me fizeram repetir todos e cada um dos detalhes mil vezes.

— Isso soa fatal.

Lacey riu.

— Foi como dedicar-se a olhar como se seca a pintura, mas sendo fumante passiva.

— Mas já acabou tudo, não?

— Sim.

Jane se sentou na cama e observou Lacey ir da cômoda à mala várias vezes durante uns minutos. Ao fim soltou:

— Não pude acreditar que nunca me contou que trabalhava também para o FBI.

Lacey sorriu.

— Quanto tempo leva ruminando isso?

Jane revirou os olhos.

— Desde que voltamos para casa e me contaram toda a sórdida história. E me fez muitíssimo não perguntar. Como pode não me contar isso. Eu lhe conto tudo.

— Sim... Passei muito bem ouvindo os detalhes da lua de mel. — Lacey arqueou ambas as sobrancelhas — Quem ia pensar que se podia fazer isso com o leite condensado?

Jane soltou uma risada.

— As arrumadeiras do hotel o passaram muito mal para poder separar os lençóis. Mas agora sério, por que não me disse isso?

Lacey se sentou na cama ao lado de sua amiga.

— Porque não podia Jane. — Deu de ombros — Sei que nossa regra é nos contar tudo: confiança total. Mas isto não lhe podia contar.

Jane assentiu.

— Sim, entendo-o. Quando me inteirei fiquei furiosa e lan me leu a cartilha. Mas até assim me é estranho que não me conte as coisas.

— Também me é estranho. — Concedeu Lacey.

— Bom, pois a partir de agora confiança total, tá?

— Tá. — Esteve de acordo Lacey — A menos que viole a lei federal.

— Sim, claro. E por que vai a Washington?

— Para ver Devon, claro.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey ficou em pé, colocou um último par de meias na bolsa e depois fechou o zíper. Ao levantar a vista encontrou Jane olhando-a fixamente e mordendo o lábio.

— O que?

Jane deu de ombros.

— Nada... Só que estava muito zangada com ele quando veio para casa. Sei que te explicou o que ocorreu, mas é que estava muito furiosa.

— Bom, mas assim que me inteirei do que aconteceu, estava furiosa, mas com esse Preston não-sei-que-mais.

— Não é de estranhar.

— É que, que tipo de idiota coloca soníferos no café a alguém? — Lacey sacudiu a cabeça — Aparentemente ninguém se surpreendeu se quiser saber quando o disseram. Os comandos desse lugar não se preocupam muito dos direitos individuais, só do assunto geral, e drogar a um agente para levá-lo aonde querem que esteja não lhes parece mal... Não é de estranhar que Devon não possa esperar para sair daí como alma que leva o diabo.

— Claro. — Jane enrugou a cara pelo desgosto — Como certo, nunca me disse exatamente para quem trabalha?

— Não. Diz que é melhor que não saiba.

— Odeio que Ian me diga isso. — Resmungou Jane — Provavelmente tem razão, mas mesmo assim... Quero sabê-lo.

Lacey deu de ombros.

— Como Devon não vai seguir trabalhando para eles, não me importa sabê-lo ou não.

— Qual é o plano para quando se mude aqui?

— Bom, tem muita vontade de trabalhar com o Ian e acredito que já está virtualmente decidido que viveremos em meu apartamento até que encontremos um lugar maior.

— Nossa, que estranho, não? — Exclamou Jane — Ambas vivemos neste edifício durante um montão de tempo e agora vamos nos mudar as duas.

— Sei. — Respondeu Lacey — Vai ser estranho, mas as coisas mudam. E custa esta triste quando a razão pela que mudam é tão emocionante. — Soprou — Se pudesse trazê-lo aqui, seria perfeito. Sei que falei com ele quase cada noite, mas sinto falta dele.

— Ele disse o que o está atrasando?

— Estão trabalhando no desmantelamento da célula terrorista, apanhando aos últimos membros, cortando os diferentes fornecimentos e todas essas coisas que têm que fazer.

— Bom, suponho que isso levará tempo.

— Não tenho nem ideia. — Disse Lacey — Não quero saber nada da espionagem internacional.

— Assustou-se? — Perguntou Jane em voz baixa.

Lacey assentiu.

— Sim, muito. Ao princípio não. Tudo parecia divertido, sabe? Algo novo. Mas ao final sim. Estava aterrorizada.

— Deus, não posso isso nem imaginar. Se houvesse alguém que tentasse disparar a Ian... — Sacudiu a cabeça.

— Por isso é pelo que o amo tanto.

— O que? — Perguntou Jane surpreendida.

— Isso. Embora não lhe disse, sabe que a razão pela que tive medo era porque acreditava que não ia chegar a tempo para evitar que Felicity disparasse em Devon.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— Claro. — Disse Jane — Porque o ama.

Lacey sorriu apesar das lágrimas que ameaçavam derramando-se.

— Sim, amo-o.

Jane fungou.

— Quando nos convertemos em um par de choronas?

Lacey soltou uma risada chorosa e agarrou um lenço da mesinha de noite.

— Não sei, mas melhor que não o digamos a ninguém tá?

Jane agarrou um lenço para ela também.

— Tá. — Soou o nariz — Está segura de que tem o braço suficientemente bem para viajar?

Estive te ajudando muito... Passei mais tempo aqui que em minha casa.

Lacey deu de ombros.

— Estou bem. Não me vou pôr a jogar beisebol amanhã mesmo, mas Devon pode me ajudar com as mesmas coisas que você, que é basicamente me ajudar a me lavar para não molhar o gesso. E, francamente, seguro que vai ser mais divertido com ele.

Jane sorriu.

— Suponho. Que planos tem para quando chegar a Washington?

— Não pensei nada. — Disse Lacey secando a face — Não vou dizer que vou, porque me dirá que fique e acabaremos brigando. Simplesmente me apresentarei ali. Depois, já veremos.

— Não se preocupe. — Disse Jane ficando em pé — Sei a quem podemos perguntar.

Subiram as escadas até o apartamento de Jane e encontraram ao Ian na cozinha comendo uma terrina de cereais. Levantou a vista quando entraram.

— Olá. — Disse. Olhou a uma e depois a outra e uniu as sobrancelhas preocupado — O que aconteceu?

— Precisamos sua ajuda. — Disse Jane inclinando-se para lhe dar um beijo — Mmmmm...

Tem sabor de laranja.

Ele assinalou a terrina de cereais.

— Ficamo-nos sem leite. — Disse — Assim que joguei suco de laranja nos cereais.

— Irei às compras amanhã. — Assegurou ela — Tem o endereço de Devon em Washington?

— Sim. — Assentiu olhando com cautela às duas mulheres — Por quê?

— Porque me vai dar. Vou para lá. — Disse Lacey.

— Espera. — Interrompeu Ian levantando uma mão — O que vai aonde?

— A Washington. Estou cansada de esperar.

— Lacey, está muito enalacrado agora mesmo. — Disse Ian afastando a terrina de cereais — Sei que queria vir antes, mas estão tentando acabar com tudo este assunto do Devereaux e ele é o melhor para isso. Voltará assim que termine, prometo-lhe isso.

Lacey o olhou com o cenho franzido.

— É que acredita que estou preocupada se por acaso não volta nunca? Não, esse não é o problema. Ama-me e virá. Mas estou farta de esperar. Não posso trabalhar por culpa do braço e passo o dia sem fazer nada mais que esperar. Estou até os narizes, assim que vou.

Quando Ian olhou a Jane em busca de apoio, só lhe sorriu.

— Vá a procurar o endereço, carinho. Acredite-me, vai ser o melhor.

Ian pareceu muito incômodo.

— Vai me matar.

— Amanhã quando for às compras trarei um pouco de leite condensado...

Ian afastou a cadeira.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

- Trarei o endereço. — Disse e saiu da habitação. Jane sorriu a Lacey que ria baixinho.
— Bom, não foi tão difícil. Necessita que te leve a aeroporto?

Capítulo 23

Devon entrou no apartamento depois de meia-noite e suspirou aliviado quando o ar condicionado refrescou seu corpo superaquecido. Washington estava em meio de uma onda de calor veraneio e a umidade era tão alta que caminhar só duas quadras era como nadar em um prato de sopa. Tampouco refrescava muito pelas noites.

Devon fechou a porta e atirou as chaves na mesa auxiliar que havia junto à porta. Sentia os ossos quebradiços pela fadiga e a mente muito ativa. Tinha estado trabalhando dezoito horas ao dia durante as duas últimas semanas, justo desde que havia retornado de Mackinac, e o único que queria agora era fazer um novelo na cama e não mover-se durante dois dias.

Bom, o que de verdade queria fazer era meter-se na cama com Lacey e não sair dali nunca, mas ela estava em Chicago. Sentou-se em sua poltrona reclinável favorita, jogou atrás a cabeça e fechou os olhos. Queria chamá-la, ouvir sua voz antes de dormir, mas era muito tarde. Embora em Chicago não fosse mais que passadas as onze, sabia que não tinha estado dormindo bem desde que saiu do hospital e não queria arriscar-se a despertá-la.

Franziu o cenho. Tinha-a chamado na hora do jantar, mas tinha saído à secretária eletrônica. Esperava que isso significasse que estava tirando uma soneca ou talvez que Jane e Ian a haviam levado a jantar a alguma parte. Por muito que soubesse que ela tinha que descansar e relaxar-se, sentia falta de ouvir sua voz.

Abriu um olho e olhou ao outro lado da habitação, para a cozinha. Podia ver sua secretária eletrônica desse ângulo e na pequena tela piscava o número um. Tinha uma mensagem lhe esperando. Seu coração se elevou um pouco ao pensar que podia ser Lacey que lhe devolvia a chamada.

Ficou de pé para cruzar a habitação e rebobinar a cinta. Não gostava das secretárias eletrônicas digitais; era muito fácil apagar acidentalmente algo que podia necessitar em algum momento, assim preferia usar uma velha máquina analógica com uma mini fita. Colocou a mão na geladeira enquanto esperava a que se rebobinasse a cinta, abriu uma cerveja e deu um comprido gole. Quando a fita parou, estendeu o braço e apertou o botão de play.

Ouviu-se a voz de Ian sussurrando na secretária eletrônica, muito baixo para poder ouvir as palavras. Devon franziu o cenho; não ocorria por que lhe teria chamado Ian. Voltou a rebobinar e subiu o volume.

— Olá, cara, sou eu. — A voz de Ian era apenas audível até com o volume do aparelho ao máximo — Escuta, talvez esteja arriscando minha vida fazendo isto, Jane é muito vingativa, mas acredito que deve sabê-lo. Eu estive tentando te chamar no celular, mas o tinha desligado e a caixa de mensagem cheia. Espero que ouça esta mensagem antes que chegue a casa esta noite por que... Merda!

Ouviu-se uma refrega ao outro lado da linha, parecia que estavam atacando o Ian, depois um grito forte e de repente era Jane quem falava.

— Olá, Devon, é Jane. Ian só te chamava para saudar e para te dizer que esperamos que possa voltar para Chicago para nossa festa do dia do trabalho. Morre por provar a nova



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

churrasqueira que meu pai lhe deu de presente pelas bodas. Falamos logo. Adeus!

Devon ficou olhando a máquina confuso.

— Que demônios era tudo isso? — Disse para si.

— Provavelmente se tratava de mim.

Devon soltou uma maldição, engasgou com a cerveja e se girou de um salto. Com os olhos lagrimejantes viu Lacey na soleira da cozinha. Tinha posto seu penhoar azul escuro e ia descalça e com o cabelo alvoroçado. Seus olhos se viam escuros e entrecerrados e seus lábios rosa e úmidos.

— O que? — Conseguiu articular entre tosses.

— A chamada telefônica. — Disse assinalando a secretária eletrônica com o queixo — Acredito que Ian tentava te dizer que eu vinha para cá e que me tinha dado o endereço de seu apartamento e uma chave e Jane tentava detê-lo.

Devon piscou.

— O que faz aqui?

— Sentia sua falta. — Disse em voz baixa com os lábios curvados em um sorriso. De repente o golpeou a realidade que tinha diante: depois de duas semanas sem ela, Lacey estava ali.

— Neném, eu tenho tantas saudades suas. — Exclamou e com um grito de alegria a agarrou em seus braços.

Ela gritou e riu enquanto lhe enchia a face e o pescoço de beijos e mordidinhas.

— Faz-me cócegas, bruto! Solte-me!

— Não. — Murmurou com a boca ocupada em lhe atacar a pele sensível que tinha atrás da orelha — Não vou te deixar ir outra vez.

— Vai machucar o ombro. — Apontou Lacey.

— Não me importa. — Respondeu contra seu pescoço — Que difíceis foram estas duas semanas sem você.

— Sei. — Gemeu e estremeceu quando ele colocou a língua na orelha — Para mim também.

— Sinto tanto ter te deixado sozinha em Michigan... — Disse enquanto lhe mordiscava a clavícula.

Ela deu um pulo quando notou sua língua no oco da garganta.

— Drogaram-lhe, Devon. Não teve escolha.

— Mas o sinto de todas as formas. E me alegro tanto de que esteja aqui. — Prosseguiu Levantou a cabeça para olhá-la à face — É como a resposta a minhas preces.

— Ah. — Disse muito baixinho, sobressaltada pelo amor que via em seus olhos — Eu também o amo, bonito. — Aproximou-se dele, beijou-o, prolongou o beijo até que esteve a ponto de perder o sentido e então se afastou.

— Tá, me desça. — Disse de novo.

— Por quê? — Perguntou ele — Ao fim te tenho onde queria.

— Se não me descer não poderei te dar seu presente.

— Você é presente suficiente.

— Oh, isso merece outro beijo. — Disse e o deu — Mas a sério, desça-me.

— Não quero. Eu gosto de onde está.

— Certo. — Concordeu encolhendo os ombros — Só quero que conste que estou desejando te pagar o que te devo. Para que depois não se queixe.

— O que quer dizer me pagando o que me deve? — Olhou-a confuso durante um momento e depois sua face se iluminou como se estivessem na Véspera de Natal — A aposta? Minha noite de servidão sexual?



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

— A isso referia. Mas como não quer, pois nada. Mas já lhe disse isso: depois não vale queixar-se.

— Oh, não. — Disse e a pôs sobre seus pés com tanta rapidez que quase ricocheteou — Não vou recusar isso. — Fez-lhe um gesto para que o precedesse — Depois de você, escrava.

— Ugggg... — Disse revirando os olhos — Que forma de matar o romantismo, besta.

Ele riu e a empurrou brandamente para que saísse da habitação.

— Romantismo... Tolices. Para que o necessito se tiver uma escrava sexual?

Ela riu e cruzou o corredor com ele lhe pisando os calcanhares. Entrou no dormitório com ele atrás dela e nada mais pisar na habitação ficou gelado.

— Nossa... — Disse surpreso, examinando o que normalmente era uma habitação simples e masculina — Como pode fazer tudo isto?

— Você gosta?

— É incrível. — Respondeu. E o era. Tinha convertido seu simples e funcional dormitório em um paraíso de esplendor. Sua simples roupa de cama de algodão tinha sido substituída por lençóis de seda de um vermelho brilhante e o único travesseiro tinha desaparecido em favor de meia dúzia de almofadas menores de seda de todos os tons empilhados contra a cabeceira de carvalho. Todas as luzes estavam apagadas, mas sua cômoda estava cheia de velas que projetavam na habitação uma suave luz e despediam um leve aroma exótico.

Ele se voltou para olhá-la.

— Quando fez todo isto?

— Meu voo chegou as quatro. — Explicou — Sabia que ia trabalhar até tarde e lan me disse que hoje tinha algo especialmente difícil, assim que fui fazer umas compras.

— Umas compras? — Perguntou olhando a seu redor assombrado — E que mais comprou?

— Oh, só isto. — Disse maliciosa e deixou que o penhoar caísse ao chão.

A Devon abriu a boca, o que Lacey pareceu uma reação satisfatória. Havia-lhe levado toda a tarde encontrar um disfarce de garota de harém que não parecesse de stripper nem de Halloween, mas ao fim o tinha conseguido.

As calças de gaze começavam bastante baixas em seus quadris e na cintura tinham uma longa faixa do mesmo tecido entretecido com fios de prata que ficava justo por cima do osso púbico. Eram de um violeta suave, abertos pelos lados do quadril ao tornozelo, e fechavam aí com faixa do mesmo tecido prateado da cintura. Os seios estavam recolhidos em um Top que parecia um sutiã, também do mesmo tecido, que os levantava de uma forma que fazia que quase se saíssem pelo decote. Como complementos levava uma corrente dourada ao redor da cintura e um gesso no braço direito.

Devon tinha a boca aberta enquanto admirava a fantasia, mas ficou um pouco parado quando viu o gesso. Sabia que ela tinha o braço quebrado e tinha contado que tinham tido que engessar-lhe, mas o penhoar o tinha estado ocultando até então e não sabia como, mas tinha chegado a esquecer por completo do gesso.

De todas as formas não ficava muito sangue na cabeça naquele momento...

— Seu... bem... Seu braço. Pode... Fazer isto?

Lacey não pôde evitar soltar uma risada.

— Meu braço está bem, carinho. E você? Que tal tem o ombro?

— Bem. — Disse com ar ausente. Parecia não poder afastar os olhos de seu ventre e da brilhante corrente que o separava em dois.

— Bom, pois como os dois estamos bem... — Deu um passo para ele, o que fez que a



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

corrente vibrasse e brilhasse com a luz — Por que não se senta? — Pôs-lhe as pontas dos dedos no centro do peito, lhe empurrando muito brandamente para trás até que se chocou contra a cama. Sentou-se nela automaticamente em resposta a outro empurrãozinho e seus olhos subiram por seu torso até sua face.

Sorriu de repente como se acabasse de dar-se conta do que estava acontecendo.

— Tem algo planejado, verdade?

— Oh, tenho muitas coisas em mente. — Disse em um ronrono e ficou de joelhos, o que acelerou sua pressão sanguínea alguns pontos — O primeiro e mais importante é que esteja confortável. Uma boa escrava sexual tem que assegurar-se de que seu amo esteja confortável.

Seu sorriso se ampliou.

— Ah, sim?

Ela sorriu, colocou-se em cócoras, assinalou-lhe o pé e disse:

— Ponha aqui, bonito. — Ele pôs o pé coberto por um sapato esportivo sobre seu joelho. Ela soltou os cordões e utilizou sua mão direita para tirá-lo levando a meia com ele.

Repetiu a ação com o outro pé e depois ficou de joelhos de novo.

— Pode que isto me resulte um pouco difícil. — Disse lhe roçando com um dedo a braguilha cheia de botões dos jeans. Não acreditava que fosse poder com isso com o braço engessado, mas estava decidida a fazer o que lhe pedisse em tudo que pudesse. Uma aposta era uma aposta

Depois de tudo e esse assunto da escrava sexual era bastante sexy.

— Eu desabotoo. — Disse isso e tentou ficar de pé.

— Não, espera. — Disse com a mão apoiada firmemente em sua braguilha — Quero fazê-lo eu.

— Carinho, vai machucar a mão. Deixe-me a mim.

— Não, não. — Repetiu — Eu sou a escrava. Tenho que fazê-lo eu. — Estudou sua braguilha um segundo com o cenho franzido enquanto pensava e depois sorriu — Já sei. — Disse olhando-o entre suas pestanas — Tenta não se mover, tá, carinho?

— Por quê? — Perguntou, mas antes que desse tempo a nada ela apoiou a cabeça no colo e ele não pôde mais que exclamar — OH, meu Deus!

Lacey agarrou a tira de tecido que cobria os botões da braguilha com os dentes, puxou-a e utilizou sua mão boa para desabotoar os botões. Ouviu-o grunhir quando o roçou com seu fôlego, que transpassou o fino algodão de sua cueca boxer ao abrir os jeans, e ela não pôde evitar e soprou um pouco quando o último botão se soltou.

Devon deu uma investida convulsa com o quadril e gemeu.

— Está me matando.

Ela riu e se afastou puxando os jeans com uma mão.

— Certo com esta parte sim que necessito ajuda.

— Graças a Deus. — Disse e se levantou apressadamente. Tirou os jeans e a cueca em um rápido movimento e depois tirou a camisa pela cabeça.

— Tá, já está. — Disse e voltou a sentar-se.

— Ouça... — Se queixou ela — Eu podia ter participado um pouco, sabe?

Ele olhou significativamente ao lugar onde seu pênis sobressaía duro como o mastro de uma bandeira.

— Neném, passaram duas semanas. Estou bastante cansado de utilizar a mão. Não necessito preliminares, me acredite.

— Parece-me muito bem. — Disse ela ficando em pé — Mas para mim também passaram



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

duas semanas e eu sim que necessito preliminares. — Empurrou-o para que se deitasse sobre a cama — E além eu nem sequer tive minha própria mão durante este tempo, assim vai ter que sofrer.

— E Raul? — Perguntou com um sorriso enquanto se retorcia um pouco pelo colchão para ficar completamente deitado sobre as almofadas.

Ela o olhou com o cenho franzido e levantou o braço engessado.

— Supõe-se que não posso molhar isto e sou mão direita. Assim estive castigada sem o Raul.

— Pobrezinha... — Disse sem abandonar o sorriso.

— Não zombe, porque posso alargar isto até na terça-feira se me obrigar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sabe? Isso não soou a escrava absolutamente.

Ela sorriu.

— É que é o estilo Lacey de escrava sexual. — Disse incapaz de reprimir uma risada.

— Não acredito que isto seja a noite de servidão sexual que me prometeu. — Disse resmungão.

— Ah, não? Tá. — Deu de ombros e se afastou com intenção de ir-se — Se não quiser que tenhamos sexo, vou fazer um sanduiche. — Conseguiu dar só meio passo antes de sentir sua enorme mão fechar-se sobre a cintura de suas calças.

— Aqui, quieta, calças de algodão de açúcar! — Disse puxando-a até que a jogou em seu lado na cama — Me prometeu uma escrava sexual e isso é o que quero.

Ela sorriu incapaz de reprimir-se.

— Então se cale e me deixe seguir com isso.

Ele deixou escapar um suspiro exagerado e soltou suas calças.

— Certo. — Disse e se deitou pondo as mãos atrás da cabeça — Mas se não o fizer bem, terá que começar de novo.

— Oh... — Exclamou Lacey abrindo muito os olhos com um medo fingido — Farei tudo o que esteja em minha mão para não lhes decepcionar, senhor. Tudo o que possa.

— Garota esperta. — Murmurou. Ela piscou um olho pícara.

— Logo te deixarei pôr as mãos em cima desta garota esperta. — Prometeu — Mas agora é meu turno.

Sentou-se em seu quadril e apoiou seu peso no braço sã enquanto se agachava sobre ele.

— Eu gostaria de te dar uma massagem por todo o corpo. — Murmurou lhe beijando a garganta — Mas não posso com este gesso.

— Tudo bem. — Disse pondo uma mão atrás da cabeça — Assim tenho algo com o que sonhar até que lhe tirem isso.

Ela levantou a cabeça.

— O que te faz pensar que vou voltar a fazer isto?

Ele riu.

— Mas se você adora!

— Não conseguirá prová-lo.

— Isso acredita? — Tirou a mão de seu cabelo, colocou-a entre suas coxas e a acariciou por cima do tênue tecido. Sua vagina se esticou e sua respiração se acelerou quando ele encontrou infalivelmente seus clitóris.

— Oh, sim. — Riu — É imune, sim. Deus está tão molhada que poderia me banhar aqui.

Lacey não pôde evitar a convulsão de seus quadris quando os dedos lhe tocaram a carne



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

sensível.

— Oh, sim, justo aí. — Ofegou aproximando-se da sua mão. Piscou quando se deu conta de que já não tinha a mão aí — Ouça!

Ele sorria divertido e colocou a mão depois da cabeça.

— Oh, sinto muito. É que queria que seguisse?

— Pois claro!

— Talvez depois. Mas só se for uma boa escrava.

Ela engoliu com esforço uma risada que ameaçava escapar e entreabriu os olhos.

— Oh, vai me pagar isso por isso. — Resmungou.

Ele soltou uma gargalhada.

— Tudo palavras... Por que não faz algo para me demonstrar isso?

— Quer ações, moço? Pois as terá. — Jogou as mãos atrás, soltou-se o sutiã e o deixou cair na cama. Inclinou-se sobre ele apoiando-se no braço são e baixou a cabeça lentamente. Não deixou de olhar nos olhos, que se foram fechando e subindo de temperatura segundo sua boca ia se aproximando de seu pênis. Viu que os fechava quando seu fôlego roçou a carne rígida e notou que se esticava pela antecipação desse primeiro contato, mas ela ignorou o batimento tentador de seu pênis e em vez disso colocou a língua na sensível concavidade do umbigo.

Ele vaiou e os músculos de seu abdômen se agitaram. Lacey o fez de novo, mas desta vez girou um pouco a cabeça para ficar olhando seu torso e que as suaves ondas de seu cabelo lhe roçassem o pênis. Ele gemeu e baixou as mãos, mas ela se afastou rapidamente antes que as enterrasse em seu cabelo.

Devon abriu os olhos e ela repreendeu empunhando um dedo.

— Não, não, não. Não mova um dedo. Eu sou sua escrava sexual, recorda? Assim se quiser que faça algo, só tem que me dizer isso.

Ele curvou os lábios em um sorriso sensual.

— Bem, isto se parece mais ao que imaginava. — Murmurou com a voz rouca e baixa pela excitação.

— E o que quer que faça, amo? — Perguntou-lhe em um sussurro.

— Quero que me chupe o pênis, escrava. — Ordenou pondo as mãos atrás da cabeça e abrindo as pernas — Agora.

"Graças a Deus", pensou Lacey. Morria por envolvê-lo com seus lábios desde que havia entrado pela porta. Aproximou-se de seu quadril e lhe agarrou a base do pênis com a mão. Enviou-lhe um olhar tímido através das pestanas e disse em um ronrono:

— Seus desejos são ordens para mim. — E rodeou a ponta com sua língua.

Ambos gemeram pelo contato. Voltou a passar a língua e sentiu que seu sexo se enchia de calor e de umidade diante seu delicioso sabor. Adorou ouvir seu gemido e ver o estremecimento de seus quadris quando ele instintivamente tentou aproximar-se mais do calor úmido de sua boca.

Deslizou a língua por toda sua longitude e seguiu com delicada precisão cada veia e cada depressão até que ele não deixava de gemer e empurrava para cima os quadris cada vez que o roçava com a língua.

Lacey voltou a passar a língua pela ponta de seu pênis e tragou com uma expressão de deleite as primeiras gotas de sêmen que se amontoavam ali. Apoiou-se para passar por cima de sua perna e colocar-se entre suas coxas. Sem soltar a base do pênis, apoiou o braço do gesso em sua coxa esquerda para manter o equilíbrio e baixou a cabeça pouco a pouco e, com muita suavidade e delicadeza, rodeou-lhe um testículo com a língua.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Devon ofegou e separou mais as pernas. Abriu os olhos com as pupilas dilatadas pela luxúria e baixou a mão para agarrar o lençol.

— Sim... — Disse.

Ela abriu os lábios e meteu o testículo na úmida caverna de sua boca com uma sucção delicada. Com cuidado de manter os dentes afastados, envolveu-o em uma úmida carícia que fez que ele golpeasse repetidamente a cabeça contra as almofadas e puxasse o lençol com as mãos. Ela repetiu o procedimento com o outro testículo, sugando com uma paixão contida até que ele se incorporou e lhe agarrou os ombros.

Lacey gritou quando a puxou para arrastá-la por todo seu corpo até que ficaram cara a cara.

— Ouça. — Disse com cuidado para não o golpear com o gesso — O que passou com isso de me dizer o que quer em vez de me agarrar?

— É que espera que seja capaz de falar depois de algo como isso? — Exclamou e atraiu a boca para a sua.

Ela gemeu dentro de sua boca e a abriu ansiosa por sentir a invasão de sua língua. Estremeceu quando ele investiu firmemente o interior de sua boca em uma imitação do sexo e sua língua se deslizou pela de Lacey, que rapidamente se enroscou com a dele e chupou. Ele afastou sua boca com um grito afogado.

— Sinto muito. — Ofegou — É uma fantasia muito bonita. E vou sentir falta dela. Ela piscou.

— O que? — Disse sem fôlego, tentando controlar seus hormônios o tempo suficiente para concentrar-se no que ele estava dizendo.

— Sinto muito. — Disse um momento antes de agarrar com força suas calças e puxar. Lacey soltou um grito surpreso quando o delicado tecido se rasgou e quase se desintegrou em suas mãos. Ele seguiu puxando até que conseguiu arrancar-lhe de tudo e jogou em um lado os restos do tecido.

— Agora te quero aqui acima. — Ordenou.

— Onde? — Perguntou e gritou outra vez quando lhe agarrou os quadris e a levantou.

— Aqui. — Disse e colocou os quadris sobre sua cabeça — Se agarre à cabeceira. — Disse e ele moveu os joelhos para que ficassem sobre os travesseiros, por cima de seus ombros.

Ela se inclinou, agarrou o cabeceira com os dedos da mão sã e apoiou o gesso na parte superior. Sentiu que lhe cravava a mão no traseiro para empurrá-la um pouco mais acima e depois seu cérebro ficou em branco com o primeiro contato de sua língua sobre a carne excitada de seu sexo.

Não se entreteve com lambidas e dentadas suaves, mas sim se lançou diretamente, lhe abrindo os lábios com os polegares e colocando a língua justo no núcleo de tudo com uma investida de veludo. Ela gemeu e apertou os dedos sobre a cabeceira com tanta força que lhe puseram os nódulos brancos. Estava tão excitada, tão necessitada depois de duas semanas de abstinência, que só necessitou que sua língua entrasse um par de vezes mais para alcançar o clímax.

Deixou cair à cabeça para trás quando o orgasmo explodiu em seu ventre e abriu os olhos para olhar o teto sem vê-lo. Pareceu durar e durar, os espasmos percorrendo seu corpo e os gemidos afogados saindo de sua garganta. Ele não deixou de mover a língua, embora trocasse de posição para lhe tocar o clitóris com o polegar e ela gritou quando a sensação voltou a começar de novo.

Passou muito tempo antes que ele permitisse que seu orgasmo decaísse e desaparecesse, deixando-a débil e tremente em seus braços. Soltou os dedos quase sem sangue da cabeceira e



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

lutou por controlar sua respiração. Surpreendeu-se quando ele a agarrou e voltou a descê-la sobre seu corpo até que estiveram de novo cara a cara.

— Acreditava que... Se supunha... Que eu tinha que ser sua escrava. — Conseguiu dizer ainda sem fôlego.

Ele riu.

— Da próxima vez. — Prometeu e uniu suas bocas.

Lacey notou seu sabor nos lábios de Devon e a combinação de seu próprio aroma e o profundo aroma único de Devon fez que um desejo renovado lhe corresse pelas veias. Arrancou sua boca do beijo, ofegando.

— Deus... — Gemeu agachando-se de novo para lhe lambe a boca — Como o faz? Eu explodi como se uma caixa inteira de foguetes tivesse em meu interior faz só dois minutos e aqui estou te desejando outra vez.

— É um dom. — Disse ele.

— Pois é um dom muito bom. — Ofegou ela — Te necessito desesperadamente dentro de mim.

Os olhos de Devon cintilaram e as mãos que lhe agarravam os quadris tremeram e a apertaram com mais força.

— Me diga que comprou camisinhas quando saiu às compras. — Disse com os dentes apertados.

— Na mesinha de noite. — Disse lambendo a pele de sabor salgado do pescoço. Sentiu que estendia o braço e ouviu como rasgava o papel. Levantou a vista quando sentiu que ele começava a deslizar as mãos entre eles.

— Me deixe colocar. — Pediu e ele passou a camisinha.

Agachou-se com cuidado de não bater com o gesso e se situou entre suas pernas. Sorriu, levantou a camisinha, o colocou entre os lábios e baixou a cabeça.

Rodeou-lhe a ponta do pênis com os lábios tensos para manter o preservativo em seu lugar. Ouviu-o gemer quando utilizou a boca para ir baixando lentamente a camisinha por todo seu pênis.

Sem deixar de usar a língua para acariciar, chupar e lambe. Utilizou a mão para baixar os últimos centímetros, sugando com a boca enquanto se retirava lentamente.

Jogou atrás a cabeça e ficou de joelhos. Ele tinha as mãos em seu traseiro e a empurrava para ele.

— O que quer que faça, amo? — Murmurou — Me diga o que tenho que fazer.

Devon a levantou segurando-a muito forte pelos quadris e a baixou sobre seu pênis.

Arqueou o quadril enquanto ela continuava descendo, incapaz de esperar para colocar seu pênis com uma única investida no interior do calor que o esperava. Quando já esteve completamente em seu interior, passou as mãos de seus quadris a suas coxas e as deixou descansar ali.

— Me monte. — Disse e ela começou a mover-se.

Elevou-se lentamente, aguentando a respiração ao sentir a deliciosa fricção que provocava seu pênis em suas sensíveis malhas e depois baixou com a mesma lentidão. Acima e abaixo, lento e constante, olhando-o com os olhos entrecerrados. Ele levantou as mãos até seus seios, pegou seus mamilos entre os dedos e os beliscou. A deliciosa pontada que sentiu fez que acelerasse o ritmo.

Tinha a pele escorregadia pelo suor, à respiração começava a fazer-se o difícil pelo esforço



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

de manter o ritmo constante quando o que queria era acelerá-lo até o final. Já podia sentir as mariposas no ventre e a espiral de tensão que se apertava mais e mais, mas não queria que se acabasse muito logo.

O quadril de Devon se elevava um pouco quando ela baixava e suas mãos lhe esfregavam os seios com firmeza conforme ia crescendo sua excitação. Ela gemeu; adorava essas carícias mais fortes. Sua excitação estava em um ponto tão febril que já não sentiria uma carícia mais suave, mas a forte pressão de suas mãos era perfeita e a fazia gemer mais alto e apertá-lo em seu interior com mais força.

Começou a mover-se mais rápido, agitando os quadris grosseiramente quando ele começou a empurrar debaixo dela. Gritou e jogou atrás a cabeça bruscamente quando a tensão de seu interior chegou a seu ponto máximo. Elevou-se e voltou a descer, uma vez, duas, e depois se deixou cair sobre ele enquanto explodia.

Apenas o ouviu gritar bem alto e depois sentiu que as mãos subiam a seus quadris e a mantinham aí enquanto o corpo de Devon pulsava e se estremecia. Ela se deixou cair sobre seu peito, suarenta e sem forças pelo cansaço. Ele a fez rodar para um lado e se ocupou da camisinha enquanto Lacey ficava quieta, sem energias nem para abrir os olhos.

— Está acordada? — Perguntou-lhe com voz rouca.

Ela suspirou um pouco e se apoiou quase inerte sobre seu peito.

— Nossa.

— Acredito que deveríamos ficar aqui o resto da noite. — Sugeriu enquanto ele acariciava as costas.

— Por mim, tudo bem. — Murmurou aconchegando-se contra ele. Podia ouvir seu coração contra sua bochecha e o ritmo contínuo foi estranhamente tranquilizador.

— Lacey?

— Mmmmm?

— Quanto tempo vai ficar em Washington?

Ela levantou um pouco a cabeça ao ouvir a pergunta.

— Vou ficar tanto quanto você. — Anunciou.

— Está segura? — Perguntou — Não sei quando vou poder terminar com este caso. Pode que tenha que ficar um mês ou dois.

— Ian me disse. — Explicou — Tenho meu computador portátil e Jane vai me enviar mais roupa e cuidará de meu apartamento enquanto esteja fora.

— De verdade quer ficar todo esse tempo?

— Claro! — Olhou-o franzindo o cenho — E você quer que fique?

— É obvio. — Se apressou a assegurar — Mas não estava seguro de que queria ficar uma longa temporada. Entenderia que preferisse voltar para Chicago. Pode vir os fins de semana e eu posso tentar escapar também algum.

— Não. — Disse ela — Não quero passar os próximos meses falando contigo por telefone. Quero estar contigo.

Ele roçou os lábios com os seus.

— Eu também quero estar contigo. E tenho algo para você.

— Um presente? — Disse ela incorporando-se um pouco — Eu adoro os presentes!

Ele riu e se moveu para ficar de barriga para cima. Estirou-se para alcançar a mesinha de noite e abriu uma gaveta.

— Ia dar isto quando voltasse para Chicago, mas agora está aqui.



Hannah Murray Segurança de Chicago 02

Lacey sentiu que lhe abria a boca ao ver a pequena caixa quadrada de veludo que ele tinha sobre o peito. Olhou-o nos olhos.

— O que é isso?

Devon revirou os olhos.

— Uma girafa... — Respondeu — Que acredita que é?

Ela lambeu-se os lábios, de repente muito secos, incapaz de afastar os olhos da caixa.

— Não me atrevera a especular.

— Oh, por Deus. — Murmurou. Pegou a caixinha, abriu a tampa e a girou para que visse o contido.

— Oh, nossa. — Disse sobressaltada — Devon, é lindo. — Um solitário de corte redondo engastado em um simples aro de platina. O anel refletia a tênue luz das velas e parecia brilhar do interior — É o mais bonito que já vi em minha vida.

Tirou o anel da caixa e pegou a mão esquerda.

— Quer se casar comigo? — Perguntou-lhe.

— Não posso acreditar. — Sussurrou isso com um nó de lágrimas na garganta enquanto ele punha o anel no dedo e uma onda de puro pânico lhe cruzava a cara.

— Por que chora?

Ela riu e fungou.

— Porque estou feliz, idiota. — Deu-lhe um suave beijo — Sim. — Respondeu em um sussurro — Casarei com você.

— Bem. — Murmurou Devon — Esteve a ponto de me dar um ataque ao coração... Não deveria chorar quando alguém te dá um anel de diamantes.

— Sinto muito. — Riu. Colocou a cabeça no ombro, apoiou a mão em seu peito e observou a forma em que o diamante refletia a luz — Eu gosto da sensação.

— E como é essa sensação?

— Real. — Explicou — Importante. Permanente.

Ele levou a mão dela aos lábios, deu-lhe um beijo na palma e depois nos nódulos, justo por cima do anel.

— É que é todas essas coisas. Amo-te, Lacey.

— Eu também te amo. — Respondeu ela.

— Mas não acredito que isto tenha sido um verdadeiro pagamento dessa aposta...

Ela riu.

— Bom, é que não fui nunca escrava sexual — Arguiu — Pode que necessite um pouco de prática.

— Aleluia!

Ela cravou os dedos nas costelas e riu quando ele amaldiçoou e se retorceu. Lutaram um momento, Devon teve muito cuidado com seu gesso, até que finalmente conseguiu lhe segurar a mão e colocar por cima da cabeça.

— Pede clemência. — Murmurou e ela conteve a respiração quando viu o calor renovado em seus olhos.

— Me render? Jamais! — Disse com uma ferocidade fingida.

— Posso fazer que se renda... — Advertiu.

— Ah, sim? — Sorriu-lhe e enredou suas pernas com as suas — Vai ter que se esforçar muito, Diabo.

Seu último pensamento antes que ele se lançasse sobre sua boca foi que a vida com ele



Hannah Murray
Segurança de Chicago 02

nunca ia ser aborrecida.
Graças a Deus.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Mediafire: <http://www.mediafire.com/tiamat>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>